3 1761 06184873 5

ESTUDOS DE LITTERATURA

Artigos, discursos e conferencias

TYP. DA EMPR. LITER. E TYPOGRAPHICA
Officinas movidas a electricidade
RUA DA BOAVISTA, 321 • PORTO • 1921

DO MESMO AUCTOR:

O Espirito Historico, 3.ª edição.
Historia da Critica Litteraria em Portugal, 2.ª edição.
A Critica Litteraria como Sciencia, 3.ª edição.
Historia da Litteratura Romantica.
Historia da Litteratura Realista.
Historia da Litteratura Classica, 2.ª edição.
Portugal nas guerra européas.
Caracteristicas da Litteratura Portuguesa, 2.ª edição.
Estudos de Litteratura, 3 vols.
Como dirigi a Bibliotheca Nacional.
Revista de Historia, 9 vols. (direcção e collaboração).

~~475e~~

FIDELINO DE FIGUEIREDO

Estudos de Litteratura

Artigos, discursos e conferencias

TERCEIRA SERIE

(1918-1920)

187149.
31.1.24.

LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE
A. M. TEIXEIRA
17, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 17

1921

Sob o mesmo titulo pouco exacto, das duas series anteriores, que só se justifica pelo evidente predominio da materia litteraria, publicamos hoje nova recopilação de escriptos dispersos. Nella figuram algumas peças produzidas no Brasil, unicas que deliberámos archivar de quantas alli fomos obrigados a improvisar por sollicitações benevolas e em agradecimento de gentilezas inolvidaveis.

12-920.

F. F.

Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses [1]

Em junho do corrente anno recebemos a honra dum convite para ir a Santander assistir á inauguração da Bibliotheca de Menéndez y Pelayo e nella realizar uma ou mais conferencias na nobre companhia do sr. D. Adolpho Bonilla y San-Martín, de Madrid, do sr. D. Antonio Rubió y Lluch, de Barcelona, e de Mr. Rodolpho Schevill, da California. [2] Temos tal convite por honroso, já pela sua intenção gentilissima, já porque permittia associar á homenagem prestada ao excelso mestre da critica peninsular o modesto nome de quem, como nós, tem empenhado as suas escassas forças em fazer progredir e dignificar no seu paiz a austera forma de actividade espiritual, que é a critica litteraria.

Havendo sido addiada essa solemnidade, passámos ao papel as considerações que alli fariamos acêrca da parte portuguesa da obra vasta e multiplice de Menéndez y Pelayo. Tributo de gratidão á memoria do grande santanderino, este ligeiro artigo

---

[1] Este artigo foi publicado a primeira vez na *Revista de Historia*, vol. 8.º, n.º 32, Lisboa, 1919, e traduzido para castelhano pelo sr. G. B. na *Revista de Libros*, vol. 4.º, Madrid, 1920. Delle se fizeram resenhas no *Boletin de la Biblioteca Menéndez y Pelayo*, n.º 1, 2.º vol. pelo sr. D. Miguel Artigas, Santander, 1920, pag. 49-50 e no *Estudio*, vol. 9.º, pag. 85-90, pelo sr. F. de A. R., Barcelona, 1920.

[2] Só Mr. R. Schevill chegou a realizar a sua conferencia, *Menéndez y Pelayo y el estudio de la cultura española en los Estados Unidos*, Santander, 1919, 32 pags.

pretende corresponder á gentileza de quem nos convidou e visa a não deixar que o importante acontecimento cultural, que é a abertura ao publico da livraria de Pelayo, passe despercebido em Portugal, paiz que o eminente critico nunca teve por estrangeiro e cuja actividade intellectual elle sempre considerou typica feição do genio peninsular.

É-nos duplamente sympathica a inauguração desta bibliotheca, como critico e como antigo bibliothecario, porque ella é um riquissimo repositorio da maior parte dos materiaes com que Menéndez y Pelayo ergueu a cyclopica construcção da sua obra, manuscriptos e edições raras, hespanholas e estrangeiras. [1] Como bibliophilo, Pelayo orgulhava-se de declarar que trabalhava principalmente com materiaes que possuia e defendia esses materiaes com afinco, crendo que por um livro emprestado se começa a dispersar uma bibliotheca, como por uma malha solta se desfia uma meia, segundo conta seu irmão.

Tendo legado á sua cidade natal essa opulenta livraria, com recommendações muito especiaes em seu testamento, alli se formou a *Sociedad Menéndez y Pelayo* para conseguir tornar essa bibliotheca num activo centro de estudos, num poderoso orgão do progresso das especialidades scientificas que o sabio cultivára. O architecto D. Leonardo de Rucabado dirigiu com carinho a restauração do edificio onde se installaram a livraria e a nova sociedade, e esta, como instrumento de propaganda e ligação com os meios intellectuaes, iniciou a publicação do *Boletín de la Biblioteca Menéndez y Pelayo*, excellentemente collaborado.

E' a estas homenagens que o presente escripto vem associar-se, pobre contribuição muito mais descriptiva do que critica, porque é como que uma enumeração dos titulos por que a me-

---

1 V. *La « Biblioteca Menéndez y Pelayo » — Conferencia leída por su bibliotecario Miguel Artigas y Ferrando...*, Santander, 1916, 29 pags. O sr. Artigas, nosso prezado consocio, vae publicar na *Revista de Historia* o estudo que fez dos manuscriptos portugueses que se guardam naquella bibliotheca.

moria do antigo director da Bibliotheca Nacional de Madrid deve ser grata aos estudiosos de Portugal.

Por ser endereçado tambem ao publico português, nelle se incluem noticias e particularidades que para o publico hespanhol seriam superfluas por demasiado conhecidas.

D. Marcellino Menéndez y Pelayo [1] produziu vasta bibliographia, de assumptos muito variados, uma verdadeira obra de polygraphia humanistica, em que se versam problemas de his-

---

[1] D. Marcellino Menéndez y Pelayo nasceu em Santander em 1856, filho dum professor do lyceu dessa cidade. Ahi fez com distincção os seus estudos secundarios, frequentando depois a Universidade de Barcelona, faculdade de philosophia e letras. Nessa escola foi discipulo de D. Manuel Milá y Fontanals, o illustre folclorista e critico de quem conservou sempre grata lembrança e cujas obras completas reuniu e prefaciou em 1888-1896, e de D. Francisco Javier Llorens, recolhido pensador que era como que o chefe da adaptação catalã da philosophia escocesa. Como só a Universidade Central conferia o titulo de doutor, D. Marcellino trasladou-se a Madrid, mas para evitar o ensino de Salmeron, mais conhecido como politico, frequentou algum tempo os estudos philosophicos da Universidade de Valladolid, onde conheceu D. Gumersindo Laverde y Ruiz, de cujo convivio aproveitou utilissimas suggestões, como declarou, e onde tomou o grau de licenciado em 1874. Em 1875 a Deputação e a Municipalidade de Santander concederam-lhe uma pensão para estudos durante dois annos, depois prorogada e elevada na sua quantia pelo Ministerio do Fomento, por onde então corriam os negocios da instrucção publica. Pôde assim viajar e residir com demora na Belgica e na Italia, onde escreveu algumas das suas primeiras obras. Foi por esse tempo que veio a Portugal, onde conheceu Latino Coelho, Theophilo Braga, Silva Tulio, Julio de Castilho, Ayres de Gouvêa, Antonio José Viale e Thomaz Ribeiro, e visitou as bibliothecas de Lisboa e Coimbra. Descrevendo as suas impressões, o escriptor notou o atrazo da cultura portuguesa e mostrou com o seu depoimento que do intenso movimento litterario operado já então pela chamada geração de Coimbra só conheceu os trabalhos do sr. Th. Braga. Essas impressões podem-se lêr a pag. 25 da Introducção do 4.º vol. de *Orígenes de la Novela*. Demorou-se em Portugal desde 7 de outubro ao fim de

toria litteraria hespanhola, hispano-americana e estrangeira, historia geral, litteratura comparada e latino-christã, historia religiosa, scientifica e philosophica, mas nesse conjuncto multimodo avulta com principal relevo o aspecto da critica litteraria. Pelayo é em Hespanha a propria personificação da critica, tão absorvidamente nella empenhou os seus melhores esforços, tão profundamente a renovou e tão fecundo foi o seu influxo determinante com a formação espiritual dum grupo de criticos eminentes, alguns dos quaes são já por sua vez centros de novas pleiades, como por exemplo os srs. Bonilla y San Martin, his-

---

novembro de 1876. Em março de 1883 voltou a Lisboa. Em 1878 concorreu á cadeira de Historia Critica da Litteratura Hespanhola, da Universidade de Madrid, vaga pela morte de Amador de los Rios, para o que foi necessario promulgar uma lei especial, que reduzisse a idade minima dos candidatos, porque Pelayo tinha apenas 22 annos. Os outros candidatos eram D. Antonio Sanchez Moguel, investigador que se occupou de assumptos portuguezes, entre elles um perfil de Herculano, D. José Canalejas, futuro homem de Estado, que morreu assassinado, e D. Saturnino Milejo, professor do lyceu de Toledo. Foi Menéndez y Pelayo o preferido por unanimidade. Em 1881 entrou para a Real Academia Hespanhola, succedendo a D. Juan Eugenio Hartzenbusch, dramaturgo e director da Bibliotheca Nacional, e em 1883 para a Real Academia de Historia. Succedendo a Tamayo, poeta, e por sympathica mediação da Duqueza de Alba, foi nomeado em 1898 director da Bibliotheca Nacional, que no seu vestibulo ostenta hoje uma formosa estatua do escriptor. A esse cargo andam inherentes as qualidades de chefe do corpo de archivistas, bibliothecarios e archeologos, e de director da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Residiu longo tempo no edificio da Academia da Historia, de que era director. Foi deputado e senador e militou no movimento catholico. Morreu em 1912. Sobre Menéndez y Pelayo tem-se escripto bastante no reino vizinho e na America hespanhola. Dessa bibliographia apenas enumeramos as especies que conhecemos da leitura directa e que se nos affiguram sufficientemente informadoras quanto á bibliographia e á critica das suas obras: D. Miguel Garcia Romero, *Apuntes para la bibliografia de D. Marcelino Menéndez y Pelayo*, Madrid, 1879, VI+136 pags.; varios auctores, *Homenaje á Menéndez y Pelayo en el año vigesimo de su professorado. Estudios de erudición española con un prologo de D. Juan Valera*, Madrid, 1899, 2 vols. XXXIV+869 pags. e 952 pags. (só o pre-

toriador da philosophia e director da *Revista critica hispano-americana*, [1] e o sr. Menéndez Pidal, philologo e director da *Revista de Filologia Española*.

Uma intenção fundamental dominou toda a obra de Pelayo, que foi rehabilitar dos prejuizos tradicionaes a cultura hespanhola, exaltar e revelar alguns seus aspectos desconhecidos, e nella infundir espirito historico, para que a mente nacional se retemperasse na absorpção da propria seiva e para que se restabelecesse continuidade no trabalho intellectual da peninsula; dois processos oppostos adoptou, a viva polemica e a serena exposição erudita.

---

facio se occupa do homenageado); A. Morel-Fatio, *El homenaje á Menéndez y Pelayo*, art.º publ. no *Bulletin Hispanique*, tomo 1.º, Bordeus, 1899, pags. 210-215, e reproduzido no n.º especial da *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, adiante apontado; D. Adolpho Bonilla y San Martin, *Bibliografia de D. Marcelino Menéndez y Pelayo*, Madrid, 1911, 33 pags.; M. Sanguily, *Menéndez y Pelayo*, art. publ. no vol. *Literatura Universal. Paginas de critica*, Madrid. s. d. (1918); D. Gonzalo Cedrún de la Pedraja, *La niñez de Menéndez y Pelayo*, Madrid, 1912, 26 pags.; D. Adolpho Bonilla y San Martin, *La representación de Menéndez y Pelayo en la vida historica nacional — Discurso leido en la sesión celebrada por el Ateneo Científico, Literario y Artistico de Madrid, en honor del insigne maestro, el 9 de noviembre de 1912*, Madrid, 26 pags.; D. Cosme Parpal y Marqués, *Menéndez y Pelayo historiador de la literatura española*, Barcelona, 1912, 119 pags.; D. Andrés González-Blanco, *Marcelino Menéndez y Pelayo (Su vida y su obra)*, Madrid, 1912, 160 pags.; *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos, número dedicado á la memoria de D. Marcelino Menéndez y Pelayo*, Julho-Agosto, Madrid, 1912, 267 pags. (artigos dos srs. Arturo Farinelli, Georges Cirot, A. Morel-Fatio, Rubió y Lluch, Adolpho Bonilla y San Martin, Antonio Gomez Restreppo, Blanca de los Rios Lampérez, José Ramon Melida, A. Paz y Mélia, M. Serrano y Sainz e Manuel Perez Villamil); D. Adolpho Bonilla y San Martin, *Marcelino Menéndez y Pelayo* (1856-1912), Madrid, 1914, 275 pags.; D. Carmelo de Echegaray, *Elogio de Menéndez y Pelayo*, Santander, s. d. (1916), 22 pags. O trabalho do sr. Bonilla, verdadeiramente fundamental, foi reproduzido como introducção do 4.º vol. de *Orígenes de la Novela*, Madrid, 1915, 148 pags.

[1] Veja-se o opusculo do sr. J. A. Galvarriato, *La obra de Adolfo Bonilla y San Martin*, Madrid, 1918, 20 pags.

O valor da cultura hespanhola, queremos dizer, a existencia ou não existencia duma actividade espiritual typicamente hespanhola, a sua apreciação e a medida em que por ella a Hespanha haja contribuido para o capital do saber humano — tem sido objecto de polemicas vivas e que de longa data vêem. Recentemente, o sr. Sainz y Rodriguez, discipulo do eminente Dr. Bonilla y San Martin, já referido, deu no *Atheneu*, de Madrid, uma conferencia subordinada ao titulo *Las polemicas sobre la cultura española*, em que se occupou de algumas dessas controversias, nas quaes um mal entendido cosmopolitismo, muito impregnado de malevolencias politicas, fazia taboa raza das contribuições da mentalidade hespanhola para a cultura geral. Só das quatro principaes se occupou o sr. Sainz y Rodriguez: a primeira, occorrida ainda no seculo XVI, em torno da *Apologia de adserenda hispanorum eruditione seu de viris Hispaniae doctis enarratio,* de 1553, do humanista Alfonso Garcia de Matamoros; a segunda, no seculo XVII, travada em volta de varios escriptos de Quevedo; a terceira originada na summaria apreciação que dessa cultura se fazia na *Encyclopedia* e da resposta que Forner por encargo official lhe oppôs; e a quarta, já no seculo XIX, em que se empenhou Pelayo.

Numa serie de artigos publicados na *Revista de España*, sob o titulo generico de *El Self-Government y la monarquia doctrinaria*, seu auctor, D. Gumersindo Azcárate, havia posto em circulação o juizo extremamente condemnatório de que o Estado hespanhol havia suffocado por completo a actividade scientifica durante três seculos. Antes, em 1873, D. Juan Valera, com todo o seu amor patrio, escrevendo na *Revista Española* a proposito dum volume publicado pelo editor Rivadeneyra, *Obras escogidas de filósofos,* affirmava que não cria na existencia duma philosophia hespanhola. Uma vez mais se punha o problema e á sua discussão todo se deu Menéndez y Pelayo, num grande ardor combativo e apetrechado duma inexhaurivel bagagem de erudição chronologica, episodica e bibliographica. Respondendo a Azcárate, traçou na *Revista Européa* um vasto

quadro da actividade intellectual do povo hespanhol, durante esses mesmos três seculos. E como Manuel de la Revilla, na *Revista contemporanea*, impugnasse a sua doutrina, voltou á discussão com os dois energicos artigos *M. Masson redivivo* e *M. Masson redimuerto*. Este nome de M. Masson, tão conhecido no ambiente intellectual hespanhol, é o do obscuro collaborador da *Encyclopédie Méthodique*, Paris, 1782, Nicolas Masson de Morvilliers, que fechou o seu artigo *Espagne* com a estranha pergunta: «Mais que doit'on à l'Espagne? Et depuis deux siècles, depuis quatre, depuis six qu'a-t'elle fait pour l'Europe?»

Por essa polemica, cujos escriptos constituiram os volumes *La Ciencia Española*, editados em 1876, 1880 e 1887-1888, verdadeiramente se affirmou a reputação do grande critico, e por ella ainda lançou o alicerce fundamental da sua gigantesca construcção, a idéa central da sua obra, que era o grande pensamento de reconstituição da mente do seu paiz, como a que presenceava na Allemanha e na Italia.

Pela erudição exhaustiva, pela segurança do methodo, pela largueza e perspicacia do seu criterio, algumas vezes intuição genial, Menéndez y Pelayo occupa na historia da critica litteraria hespanhola o mais alto lugar, porque á actividade militante, que o levou a abeirar os assumptos seus contemporaneos, alliou o seu esforço de construcção historica, revelando questões e renovando velhas discussões. Espirito philosophico, incessante curiosidade das litteraturas estrangeiras, conciliação da mais alada synthese á mais miuda analyse e a continua preoccupação de considerar os problemas na sua maxima comprehensão, não no seu restricto aspecto regional castelhano ou nacionalista hespanhol—foram as essenciaes caracteristicas de sua actividade litteraria. A curiosidade de tambem devassar a vida mental do estrangeiro e o conceito da civilização iberica, que sempre persistiu em seu espirito, foram para nós, portugueses, e para os povos hispano-americanos fecundamente uteis. Ao discutir um problema de historia litteraria, Pelayo dava-lhe sempre uma extensão muito ampla, a que o conceito da civilização iberica

abarcava: toda a peninsula iberica e a sua expansão colonial. Não havia, por isso, para elle uma litteratura castelhana, uma litteratura portuguesa, uma litteratura catalã e uma litteratura gallega; havia, sim, uma litteratura peninsular. A' unidade geographica a que corresponde determinado matiz da civilização européa, o *iberico*, que Oliveira Martins, [1] em 1879, eloquentemente descreveu e defendeu, devia corresponder uma *unidade litteraria peninsular*. As litteraturas parcellares seriam só differenças linguisticas e regionaes, caracteristicas locaes que cada povo comsigo levára ao separar-se para a vida autonomica, mas que é necessario considerar e integrar para reconstituir o complexo do genio litterario hispanico.

Este pensamento exprimiu-o D. Marcellino logo em 1876, num artigo *Letras y literatos portugueses*, escripto pouco depois duma sua viagem a Portugal e publicado numa revista da sua terra natal, *La Tertulia*, e reproduzido em 1882 no vol. 2.º da *Revista de Madrid*, pags. 20-29. [2] O artigo tem a forma epistolar, porque é endereçado ao grande romancista, D. José Maria de Pereda; é datado de Lisboa, 14 de Outubro de 1876. Nelle faz Pelayo uma especie de revista muito ligeira do conspecto da litteratura portuguesa, com a qual certamente acabava de se familiarizar, e nelle produz assertos, que posteriormente foram

---

[1] Oliveira Martins é auctor muito acceito em Hespanha, principalmente entre publicistas politicos e homens de Estado, de alguns dos quaes me referiram que tinham o seu *Portugal Contemporaneo* como livro de cabeceira. A *Historia da Civilização Iberica* publicou-se em Madrid, em 1894, numa traducção castelhana por D. Luciano Taxonera. O *Guia del estudiante — 1918-1919*, a pag. 323, indica esta obra entre os livros uteis ao estudante de historia. Sobre a *Historia de Portugal* havia escripto longamente e em applauso Emilio Castelar, na *Revista de España*, tomo XCVII, 1884. Essa apreciação foi traduzida para português: E. Castellar, *A Historia de Portugal de Oliveira Martins, versão de Joaquim de Araujo*, Porto, 1884, 88 pags.

[2] Possuimos o texto deste artigo por copia gentilmente feita e offerecida pelo Dr. Sainz y Rodriguez.

invalidados pelo proprio desenvolvimento dos estudos historico-litterarios, nomeadamente os que se referem á litteratura medieval, depois enriquecida pela publicação de monumentos até então desconhecidos, á auctoria do *Amadis de Gaula*, que elle mesmo havia de longamente versar, e á auctoria da *Castro*, hoje indiscutivelmente attribuida a Antonio Ferreira. A revista termina em Garrett e com a promessa de proseguir: «De los escasos y no muy aprovechados discipulos de Almeida Garrett, asi como de los historiadores, novelistas, poetas y criticos que aun viven, apontaré algo en otra carta, ya que esta se vá dilatando más de lo que pensaba». A promessa foi cumprida, pois no mesmo volume de *La Tertulia*, a pags. 257-266, figura outra carta do mesmo titulo, datada de 31 de outubro de 1876. [1] Mesmo assim incompleta e na sua ligeireza digressiva, a primeira carta não pode passar despercebida aos estudiosos de Portugal por formular uma opinião, que a critica moderna tende a tornar concepção de realidade. O pensamento de Menéndez y Pelayo está expresso nas seguintes passagens principaes:

«La literatura portuguesa no es muy conocida em Castilla (y no digo *España*, como muchos, por no incurrir en impropriedad notoria), lo cual no es de estrañar, porque otro tanto acontece con la catalana. Entre nosotros reina mania grande de citar á franceses, ingleses, y sobre todo *alemanes*, nada de lusitanos ni de lemosines. Lo de casa es siempre lo más desatendido é ignorado. Y incluyo en nuestra *casa* a Portugal, porque a despecho de la disgregación de 1640, continúa siendo tierra española, e obedeciendo conscia ó *inconscientemente* á las leyes de la civilización peninsular, que no se alteran por intereses estrechos ni artificiales divisiones de territorio. Si llegara a realizarse la reunión, no deberia adoptar-se para los pueblos unidos el

[1] Obtivémo-la graças á obsequiosidade do sr. D. José Pardo, thesoureiro da Sociedad Menéndez y Pelayo que de Santander nos facultou o vol. de *La Tertulia*. As duas cartas estão hoje ao alcance do leitor português na *Revista de Historia*, vol. 9.º, pags. 127-139, Lisboa, 1920.

nombre desusado de Iberia, sino el tradicional y venerando de *España*, con que en los dias de Camoéns como en el siglo pasado y aun en el presente (Herculano puede atestiguarlo) se ha designado la tierra peninsular. No hay historia de España sin Portugal, no será completa la historia de nuestra literatura que no abrace, como parte integrante, la portuguesa. La diferencia de lenguas no es obstáculo. Si Bernardim Ribeiro, y Juan de Barros, y Camoéns, y Bocaje, y Francisco Manuel usaron el romance galaico, en lengua catalana escribieron Muntaner, Ausias March, Jordi de S. Jordi, y Martorell; en latin Seneca, Lucano y Prudencio; en hablas orientales, Averroes, Maimónides, Ichudá-Ha-Levi, y Aben-Hezra, y sin embargo, todos pertenecen ó deben pertenecer á la historia de la ciencia y del arte españoles, con igual derecho que Fr. Luís de Granada, Cervantes, Lope da Vega e Quevedo. No basta la lengua para constituir literatura aparte.

Al decir esto, sólo entiendo negar la existencia de una literatura portuguesa como distinta de la española, mas no la de una rica y poderosa literatura regional, hermana de la castellana y de la lemosina, igual a ellas en ciertos géneros y en algunos superior. Lejos de mi rebajar los merecimientos de una tan importante y activa porcion de la raza hispano-latina».

O escripto de Pelayo é uma defeza rapida dessa these, a não existencia duma separação real effectiva entre as litteraturas peninsulares. Tal concepção é confirmada pelo conjuncto da historia litteraria regional da peninsula. Sempre que o genio creador illuminou alguma dessas litteraturas parcellares e lhe abriu horizontes novos, nunca a irradiação deixou de se fazer a toda a peninsula, qualquer que fosse a lingua portadora dessa novidade, a portuguesa, a gallega, a catalã ou a castelhana. Dahi uma entre-influencia constante, uma enredada malha de communicações espirituaes, que as susceptibilidades nativistas não conseguem entibiar e que não seriam explicaveis se esses florescimentos regionaes não fossem manifestações parcellares do mesmo genio litterario, fracções integrantes duma unidade

espiritual. Dos Pyreneus a Gibraltar, a despeito das questiunculas que separaram as monarchias christãs da edade media e dos antagonismos das duas nações, que a historia para sempre separou, graças ao predominio e autonomia que os emprehendimentos do Ultramar tambem déram a Portugal, as várias correntes espirituaes que se agitam não são mais do que complicado revolver intimo dum mesmo cerebro de intensa vida. E para estrangeiros tão apodicticamente se affirma essa realidade duma *civilização iberica*, tão uno e flagrante se projecta na historia o parallelismo politico de Portugal e Hespanha que algumas vezes, fazendo por uma especie de daltonismo intellectual dessa uniformidade um erro de perspectiva, só a Castella, parcella maior, vêem e só essa consideram. Dahi resulta que a tradição artistica, scientifica e litteraria de cada um desses povos apresenta lapsos de continuidade inexplicaveis, uma estranha individualidade mental, feita de clarões intensos e de bruscas obnubilações, o que não succederia se essas tradições regionaes fossem tidas como facetas, que realmente são, do genio peninsular, que umas vezes se exprimiu em português, outras em castelhano, outras em gallego e ainda outras em catalão. Em gallego e em português se tem exprimido, quando quer fazer lyrismo amoroso; em português se exprimiu para crear a epopêa dos *Lusiadas*, em castelhano e português, para crear o romance de cavallarias, o theatro, a pastoral e a opulenta historiographia ultramarina; em catalão para aclimatar á peninsula a poesia provençalesca. O proprio Menéndez y Pelayo deixou entrever as consequencias do seu criterio, quando no mesmo artigo escreveu: «Pero el espiritu de ese poema *(Os Lusiadas)* no es sólo *portugués*, es eminentemente *español* porque tendencia y ley general de la raza iberica fué en los ultimos años del siglo XV el extenderse *por mares nunca d'antes navegados*, llevando la fe y la civilisación á los extremos del orbe. Camoéns, como gran poeta *español*, comprendió a maravilla aquel movimiento, y como gran poeta *portugués* acertó sintetizándole en los compañeros de Vasco da Gama, y agrupando en

torno de la prodigiosa empresa toda la historia real y legendaria de la monarquia de Alfonso Enriquez». E mais adeante, a proposito da escassez do theatro português: «La manía de considerar á sus letras como cosa aparte, hace que los portugueses se devanen el seso en la investigación de las causas de la nulidad de su teatro. No hay teatro portugués, ni castellano, ni catalan, hay un teatro *español*, cifra y compendio de las idéas y sentimientos de toda la raza, como lo es Camoéns en la epopeya erudita o de segunda mano. La gloria de haber dado vida a este teatro pertenece geográficamente a la España central. De ella salieron cinco de los maestros, pero entre los discipulos más aventajados figuraron de igual suerte los valencianos Aguilar, Tárrega y Guillen de Castro, que os portugueses Enriquez Gómes, Matos Fragoso y Melo. Aquel teatro fué común, porque respondía á lo que pensaban y creían todos».

Deste modo, deixando de ser consideradas á parte, as litteraturas peninsulares cessam de fornecer aos seus historiadores aquelle cunho estranho de carencia de continuidade, que aponta á gallega até mesmo um auctor, que se empenhou em demonstrar e accordar uma tradição litteraria commum de Portugal, Galliza e Brasil, [1] e que acabamos de ver declarado, ainda que sob um euphemismo, num auctor catalão, cujos sentimentos regionalistas o levaram a organizar o primeiro ensaio duma historia da litteratura catalã: «La literatura catalana, aunque ininterrumpida desde su origen hasta nuestros dias, no ofrece un desarrollo homogeneo, ni en su intensidad ni en su caracter, motivo por

---

[1] Referimo-nos ao sr. Th. Braga, que a pag. XXXV do seu *Parnaso Português Moderno*, Lisboa, 1877, escreveu do gallego: «...por circumstancias politicas nenhum (dos dialectos romanicos da peninsula) perdeu tão cedo a vida litteraria, ficando apenas fallado por um povo desde muito tempo annullado pela absorpção castelhana». O mesmo auctor escreve a pag. LIX: «Portugal, Galliza e Brasil, tão separados pelas vicissitudes politicas, conservam ainda inteira a sua unidade ethnica na tradição litteraria. E' o que pretendemos fazer sentir neste livro».

el cual deben señalarse en ella diversas epocas y periodos». [1] Evidentemente, o que está por detrás deste dizer não é a carencia de homogeneidade, quanto a intensidade e a caracter, mas a falta de logica sequencia, daquelle progressivo desenvolvimento que encontramos na velha litteratura grega e bastante na litteratura francesa. Assim pensamos nós tambem a respeito da litteratura portuguesa, como temos declarado em mais dum lugar, nomeadamente nas *Caracteristicas da litteratura portuguesa.* [2]

Não é demais insistir neste ponto, porque melhor se fará reconhecer a efficacidade do ponto de vista que Menéndez y Pelayo foi o primeiro a defender ostensivamente e a praticar em seus trabalhos. Ha uma tradição dramatica peninsular, mas nenhuma das litteraturas parcellares a possue em toda a sua plenitude, no conjuncto do seu desenvolvimento historico. Castella, o centro geographico da Peninsula, como affirmou Pelayo, teve a gloria de possuir o momento augusto dessa tradição, mas sem a curva de desvio que para dentro da fronteira portuguesa descreve essa tradição, sem se considerar o theatro vicentino, até mesmo essa tradição, considerada a mais opulenta e sequente, seria incompleta e illogica, porque o theatro de Encina, Torres Naharro e Gomez Manrique tinha caracteres estheticos diversos daquelles que, depois do impulso genial de Gil Vicente, ostentou e se encorporaram na tradição peninsular. E quando, em 1609, Lope de Vega condensa uma theoria dramatica na sua apressada exposição *Arte nuevo de hacer comedias en nuestro tiempo*, apresenta uma esthetica theatral que inteiramente se oppõe á do theatro classico, proveniente do renascimento, acclimatado em França, e que já se continha mais do que em germen nos autos

---

[1] V. D. Luiz Nicolau d'Olwer, *Introducción al estudio de la literatura catalana*, publicada na revista *Estudio*, Barcelona, vols. IX e X de 1915. A passagem transcripta encontra-se a pag. 186 do n.º 29.

[2] V. *Caracteristicas de la literatura portuguesa*, traducción por D. Ramon Maria Tenreiro, Barcelona, 1916, ed. de «Estudio».

de Gil Vicente. O comediographo português e o hespanhol eram élos da mesma cadeia. O mesmo theatro vicentino é já caracterizado tão distinctivamente, que ostenta uma evolução em sentido contrario á da comedia classica. [1]

Tambem não seria explicavel que D. Francisco Manuel de Mello, que não foi um genio creador, pudesse da simples leitura do auctor da *Ignês Pereira* receber a suggestão do *Fidalgo Aprendiz*, escripto em 1646, que não tendo a inspiração lyrica nem o alto pensamento vicentino, revela uma arte de compôr mais adextrada. Porquê? Porque entre um e outro havia uma phase dramatica, a de Rueda, Timoneda, Juan de la Cueva e Miguel Sanchez, em que pese á esteril reacção de Artieda, Virués, Argensola e Cervantes.

De sorte que, quando no seculo XIX, na melhor das intenções, Garrett, um dos patriarchas do nacionalismo, quiz reanimar a litteratura dramatica e compôs o seu drama historico *Um auto de Gil Vicente*, affirmando que pretendia «resuscitar Gil Vicente a ver se resuscitava o theatro», encontrou essa anomalia da falta de continuidade, mas dentro do seu estricto nacionalismo, em vez de se ir filiar á tradição peninsular, foi á obra inicial do poeta do seculo XVI. Felizmente, não fez auto vicentino, apesar do seu proposito, fez puro drama romantico, na forma de Victor Hugo e Vigny, e por isso grande exito conseguiu, pois o theatro vicentino, tôsco, indifferenciado e rudimentar, não comportava recursos para determinar uma renascença dramatica, e o que podia offerecer já havia sido aproveitado na formação do theatro poetico hespanhol.

Quando propuzémos como typicas caracteristicas da litteratura portuguesa o cyclo dos descobrimentos maritimos, o predominio do lyrismo, a frequencia do gosto épico, a escassez do theatro, a carencia de espirito critico e philosophico, a separa-

---

[1] V. *Historia da Litteratura classica*, (1502-1580), Lisboa, 1917, pag. 135-136.

ção do publico, um certo mysticismo de pensamento e sentimento e a tendencia para preferir á creação psychologica de caracteres a descripção de aspectos moraes, collectividades, casos e tendencias espirituaes — não deixámos de sentir quanto com tal physionomia a nossa litteratura se apartava das suas irmãs peninsulares, nomeadamente a castelhana, que condensa e põe em circulação as creações locaes. Reconhecemos depois que ellas systematicamente se entreredavam, por contraste, com as que á litteratura castelhana attribue o sr. D. Ramón Menéndez Pidal no seu recente estudo *Algunos caracteres primordiales de la literatura española*, [1] que são, resumidamente, a preferencia das fórmas poeticas menos artificiosas; a tendencia extremamente popular, que se revela no vago da noção de propriedade litteraria, no anonymato de algumas das suas obras-primas e no estranho modo da sua transmissão; a persistencia secular dos themas poeticos; o frequente ascender do popularismo ao nacionalismo; e a austeridade moral e artistica, que faz engeitar a obscenidade e o maravilhoso phantastico. Um povo, que nesta physionomia moral e artistica se confinasse, que só nestes aspectos objectivos e super-individuaes se revelasse em litteratura, só poderia produzir generos communs, que expressassem não o palpitar requintado dos recessos intimos duma alma, mas as grandes vibrações da collectividade, pensaria, sentiria e criaria mais em communidade de que em individualidade, muito ao contrario do que reconhecemos na tradição litteraria de Portugal. Este contraste fixa fronteiras á creação, fronteiras da imaginação mais ou menos correspondentes ás philologicas, mas não limita a transmissão ao conjuncto, do que é especificamente proprio de cada um como mesmo presentemente o demonstram a grande circulação e indiscutivel influencia das obras de Eça de Queiroz nos paizes de lingua castelhana.

Tal concepção duma unidade literaria na peninsula não é

---

[1] V. *Bulletin Hispanique*, tomo XX, Bordeus, 1918.

só um methodo de trabalho, é uma realidade, porque perante o mundo é o conjuncto integro do genio litterario peninsular que se ostenta e affirma, o lyrismo camoneano e antheriano, a epopêa camoneana, o theatro de Calderon e Lope, e não a feição parcellar, como na historia geral é a Peninsula, é a civilisação iberica que se affirma.

E como em si integra facetas das mais variadas, imprevistas e até oppostas dum mesmo crystal, não se dirá que o genio litterario da peninsula não seja dos mais ricos.

Sobre qual seja a explicação destas variantes litterarias locaes, não ousaremos nada affoitar, porque, resida ella na differenciação geographica, historica ou ethnica, cremos que constitue uma especie de metaphysica irreal. Na psychologia collectiva raro se ha passado da observação e descripção; longe vem ainda a explicação.

Reduzido a methodo de trabalho, tal ponto de vista deu ás obras de Menéndez y Pelayo essa vasta comprehensão, que o levou a versar até assumptos brasileiros,[1] essa surprehendente largueza de vistas que tão flagrantemente contrasta com o mutilado das obras de certos auctores, que nas suas fronteiras nacionaes se confinaram e que por isso não aperceberam o conjuncto pleno dos problemas.

Para nós, portugueses, resultou que varias vezes de assumptos nossos se occupou o grande critico, pelo que o seu nome se tornou inseparavel e benemerito da historia litteraria portuguesa. Apontaremos os problemas por elle versados e

---

[1] Ao Brasil se referiu M. y P. em *Horacio en España*, 1.° vol., pag. 290, ed. de 1885, e na 2.ª parte do tomo 8.° da *Historia de las Idéas Estéticas en España*. A elle longamente se referiria no tomo 2.° da *Historia de la Poesia hispano-americana* em appendice para o qual, informa o sr. Bonilla y San Martin, já tinha colligido materiaes; mas a morte impediu-o. Com duas observações de M. y P. sobre a poesia brasileira se abonou num seu escripto o critico José Verissimo. V. *Homens e Cousas Estrangeiras*, 1.ª Serie, Rio de Janeiro, 1902, pag. 205.

diligenciaremos indicar tambem a medida em que elle fez progredir a sua discussão e os avanços posteriores.

A segunda carta de Menéndez y Pelayo sobre a litteratura portuguesa exprime o seu juizo sobre a actividade litteraria sua contemporanea. Caracteriza-se ella por uma certa perplexidade de quem presenciava a dissolução plena do ideal romantico e não se advertiu da pujante litteratura realista que se affirmava e progredia, o que não o impediu porêm de formular observações muito judiciosas e apreciações muito equanimes. Reconheceu a decadencia geral do theatro e suas imitações de peças francesas, [1] a proscripção do verso como linguagem dramatica; a escassez dos estudos philosophicos surprehendeu-o; prestou justiça ao saber linguistico e humanistico de Castilho, que é neste momento um dos genios tutelares da *Revista de Lingua Portuguesa*, do Rio de Janeiro; louvou com calor a Latino Coelho, espirito de eleição, multiplice; mas não conheceu o grande romancista Julio Diniz, cuja breve carreira litteraria a morte cerrára pouco antes, não foi justo para com Camillo, não conheceu Eça de Queiroz, já então auctor do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basilio*, nem a Anthero de Quental, o excelso poeta do *Hymno da Manhã*, e a outros escriptores que após a polemica de 1865-1866 haviam surgido na arena litteraria com passo triumphal: Ramalho Ortigão, João Penha, G. Crespo, João de Deus, Gomes Leal, etc. Porêm, devemo-nos lembrar, Menéndez y Pelayo não se propunha fazer um estudo systematico das letras portuguesas suas contemporaneas, sómente queria registar as suas observações aos amigos da *Tertulia*, com a despreoccupação da correspondencia particular que se improvisa e ao sabôr da penna, sem plano.

A litteratura portuguesa entrava então numa das suas

---

[1] Merece lêr-se o depoimento dum observador que escreveu mais de vinte annos depois de M. y P., J. Gascogne, *Notre exportation dramatique en Portugal*, V. *Revue Bleue*, n.º 5, novembro de 1898, Paris.

phases mais esplendidas, a de mais intensa humanidade da sua evolução oito vezes secular. Que o diga o publico de lingua castelhana com a estima votada a Eça de Queiroz, Anthero, Oliveira Martins, de quem Pelayo foi amigo e repetidamente confessou elevada admiração, Camillo, Guerra Junqueiro, João de Deus, Trindade Coelho, Ramalho e Fialho. Só impressões pessoaes contém essa carta, grato lazer nos intervallos das suas buscas por archivos e bibliothecas para os seus trabalhos magistraes.

I — « HORACIO EN ESPAÑA »

No vasto quadro do desenvolvimento da poesia horaciana na peninsula e sua expansão cultural, que nos traçou nos dois volumes *Horacio en España*, Menéndez y Pelayo deu um amplo lugar a Portugal. A materia desses volumes fôra primeiramente publicada sob a forma de artigos em 1877, na *Revista Europêa*.

Poucos criticos estariam tão bem dotados para tal trabalho, como elle que era tambem um horaciano. Pelayo foi tambem poeta,[1] tendo reunido em 1883 o seu volume de *Odas, Epístolas y Tragedias*, republicado em 1906, no qual se contem uma *Epístola a Horacio*, que é um hymno enternecido ao poeta venusino e a confiança de que uma vez mais elle exercesse

---

[1] Tem tambem seus admiradores este aspecto, menos conhecido em Portugal, da sua actividade litteraria e há até quem declare preferi-lo ao da critica. O eminente auctor dos *Ensayos*, D. Miguel de Unamuno, assim no-lo declarou : «Soy de los que gustan de las poesias de M. y P. y admiro su elocuencia y no su erudición». A primeira publicação dos seus versos fez-se sob o titulo de *Estudios Poeticos*, 1878; neste livro figuram traducções do poema *Cintra*, de Luisa Sigea, e de duas odes de Filinto Elysio. As três peças foram retiradas na edição de 1883. — M. y P. tambem traduziu o soneto de Bocage, *A' memoria de Anarda*, para a *Miscelania cientifica y literaria*, Barcelona, 1875, pag. 85. Graças á gentileza do sr. D. Cosme Parpal y Marqués, professor da Universidade de Barcelona, pudémos reproduzir essa versão a pag. 156 do 9.º vol. da *Revista de Historia*.

uma influencia normativa, reconduzindo ao trilho são a descaminhada poesia moderna. Só com esse intimo conhecimento da poesia horaciana, feito de analyses criticas e de sensibilidade de poeta que muito o amou e tambem o tomava para modelo, seria possivel seguir tão minuciosa e seguramente os vestigios, quantas vezes quasi delidos, do poeta latino.

A respeito da influencia delle em Portugal, Pelayo traçou os dois primeiros quadros e até hoje os unicos: no 1.º volume contem-se um capitulo *Traductores portugueses de Horacio*, de pags. 239 a 290, e no 2.º volume outro *La poesia horaciana en Portugal*, de pags. 203 a 254. No fim do 1.º volume ha um indice geral de traductores, em que figuram 50 portugueses, apontando-se tambem muitos commentadores nossos. Pelayo procurou reunir a maior somma de informações, registando textos ainda manuscriptos e indo até se referir a versões brasileiras. Dessa grande massa de traducções, declarou preferir a das satyras e epistolas de Antonio Luiz de Seabra, o famoso redactor do Codigo Civil, publicada em 1846, e deplorou que não houvesse nenhuma traducção satisfactória das odes.

Posteriormente algumas traducções de poesias horacianas se fizeram em Portugal, todas com grande correcção e elegancia. J. Ramos Coelho fez a versão do *Carmen Saeculare*, muito livre, publicada na *Selecta Nacional*, de Caldas de Aulete, em 1877, no vol. XXXV do *Instituto*, na obra do traductor *Reflexos*, e ultimamente nas *Obras Poeticas*, do mesmo, Lisboa, 1910. L. Callado Nunes na 3.ª parte do seu livro *O meu moinho*, Santarem, 1913, publicou sob o titulo generico de *Echos de Horacio*, traducções de oito odes, uma dellas *Horacio e Lydia*, sob duas formas. E recentemente o sr. Antonio Ferreira, advogado, publicou a formosa collectanea *Horacianas (interpretação de varias odes e epodos de Horacio)*, Ponte do Lima, 1916, em que trasladou quarenta peças, odes, epodos e o canto secular. Um prefacio biographico sobre o poeta venusino e notas explicativas illustram a obra.

O horacionismo em Portugal é uma pagina importante da

historia do nosso humanismo, porque este foi mais latino do que hellenico, e como tal a Horacio tomou entre os seus preferidos modelos, quer como poeta, quer como preceptista.

Seguindo esse filão, Pelayo refere e aprecia no segundo estudo, imitações horacianas desde Sá de Miranda, mais influenciado pelas idéas, pelo que poderemos chamar a philosophia de Horacio, do que pelas formas, até ao advento do romantismo. Divide a sua materia, sem duvida um pouco arbitrariamente, em três capitulos, seculos XVI, XVII e XVIII, e occupa-se de Miranda, Ferreira, Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Fr. Agostinho da Cruz, André Falcão de Rezende, Camões, Fernão Alvares do Oriente, Rodrigues Lobo, Manuel da Veiga Tagarro, D. Francisco Manuel, Garção, Tolentino, Bocage, Filinto, Ribeiro dos Santos, Marquesa de Alorna e outros menores do fim do seculo XVIII e do primeiro quartel do XIX. Pelayo mais duma vez se distrahiu do seu fito principal, seguir a tradição horaciana através da poesia portuguesa, para dar ao seu publico informações geraes sobre a caracteristica das obras de cada poeta, que enumerava; ha no seu estudo qualquer coisa de desconnexo, porque a sua chronologica successão não chega a ser sufficiente vinculo ideal, e de uniforme apreciação que nas varias imitações não notou as razões de preferencia que variaram com os momentos e com os temperamentos poeticos sobre que se exercia o influxo horaciano. Effectivamente, essa imitação de Horacio tem não só uma historia, mas tambem uma evolução differenciadora na forma e na intensidade.

Pelayo ateve-se mais a discriminar os vestigios horacianos em cada poeta, que depois ligava por simples juxtaposição, do que a ver em conjuncto o systema que formavam esses vestigios, desde que nasciam no seculo XVI, com Sá de Miranda e Antonio Ferreira e renasciam no seculo XVIII com Garção e a *Arcadia Lusitana*, exercendo duas vezes funda acção reformadora, como cria o proprio critico, que ainda uma vez esperava que novos alentos Horacio proporcionasse á poesia moderna, segundo confessa na sua inspirada *Epistola á Horacio:*

¡ Vengan dáctilos, yámbos y pirriquios,
caldeados en tu fragua creadora.
¡ Que se entrelazen en vistoso juego
y danzen cual las ninfas desceñidas
que com rítmico pié baten la tierra !
La antigüedad con poderoso aliento
reanime los espíritus cansados ;
y este hervir incesante de la idea,
esta vaga, mortal melancolía,
que al mundo enfermo y decadente oprime,
sus fuerzas agotando en el vacío,
por influjo de nieblas maldecidas
que abortó el Septentrión, ante su lumbre
disípense otra vez.

Seria tambem necessario que houvesse situado a imitação horaciana entre a dos outros modelos latinos, a que se arrimou a litteratura portuguesa classica, Virgilio, Cicero, Tito Livio, Ovidio, Quintiliano, para desse modo se aperceber a relativa proporção, e igualmente cumpriria discriminar o lado dessa imitação horaciana, referente á parte lyrica da sua poesia e á parte preceptiva, á *Epistola ad Pisones*, pois não foi só o calor da sua inspiração poetica que animou e reanimou a poesia portugueza, tambem aos seus ensinamentos theoricos constantemente ella recorreu, umas vezes traduzindo e commentando a *Arte Poetica*, outras condensando em resumos didascálicos a sua essencia, e ainda outras tomando-a para base de novos tratados. Ha, portanto, duas facetas muito distinctas e de extensão variavel, na evolução da poesia horaciana em Portugal, a do lyrico e a do preceptista. E nesta ha ainda que distinguir a imitação directa do proprio texto horaciano e a imitação das imitações francesas e inglesas, Boileau, Pope, Marmontel, D'Aubignac, Dacier e outros.

Ao Horacio, preceptista, se recorreu nos momentos de crise, principalmente no seculo XVIII, na reacção contra a influencia hespanhola. Ainda em 1809, na ante-vespera do romantismo, Filinto Elysio, guardião da pureza linguistica e

espirito essencialmente classico, se occupava do poeta venusino no seu *Discurso ácerca de Horacio e suas obras*, e recapitulava, como que nacionalizando-a, a esthetica classica horaciana na sua epistola *Da Arte Poetica e da Lingua Portuguesa*.

Depois de Menéndez y Pelayo, este thema só foi retomado pelo sr. Theophilo Braga que, no seu livro *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia*, Porto, 1901, a pag. 308-317, referindo-se ao culto de Horacio em Filinto, dá o quadro das traducções — excluindo imitações ou suggestões horacianas — em que se comprehendem varias da *Arte Poetica*. Mas com isso nenhum passo progressivo a questão deu desde que em 1877 Menéndez y Pelayo a versára nos seus artigos da *Revista Européa*, depois reunidos nos dois referidos volumes.

Occupando-nos deste trabalho de Pelayo e havendo nós já affirmado que, no decurso delle, o critico mais duma vez digressa a dar algumas feições litterarias desses poetas horacianos, não queremos deixar de apontar um exemplo, que reveste algumas particularidades de interesse: a passagem que allude á *Castro*, de Ferreira, á controversia da sua prioridade que havia tambem sido attribuida ao dominicano gallego Fr. Jeronymo Bermudez. As duvidas estão hoje dissipadas e o pleito definitivamente resolvido a favor de Antonio Ferreira, por meio de investigações e illações em que não interveio qualquer insensato prurido de chauvinismo. Poderia, pois, o insigne polygrapho uma vez mais pôr as suas duvidas, mas em nosso entender ellas não se poderiam resolver da forma que propunha:

«Por lo demás, no tengo inconveniente en dejar a nuestros vecinos, tan pobres de teatro, la pieza objecto de esta rencilla provincial. Una tragedia clásica más ó menos, sin acción ni movimiento apenas, bien escrita, aunque falta de color, y adornada de lindos córos, en nada acrece ni amengua el tesoro de la literatura dramática castellana, con cuyos despojos hubo siempre bastante para enriquecer á extrañas gentes. No vale la pena de reñir por tan poco. De todas suertes, la *Castro* es

española, y no es cuestion de vida ó muerte el que fuese un gallego ó un portugués su primitivo autor. »[1]

Para a historia do humanismo em Portugal são ainda hoje pouco numerosos os elementos de estudo: Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Do começo, progressos e decadencia da litteratura grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarchia até ao reinado de D. José I*, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. 8.º, Lisbôa, 1823; A. I. Coelho de Moraes, *Memoria sobre a utilidade do estudo da lingua grega e sobre as providencias que têm sido dadas em Portugal ácêrca do estudo da mesma lingua*, Coimbra, 1851, 32 pags.; J. J. da Costa Macedo, *Memoria sobre os conhecimentos da lingua e litteratura grega que houve em Portugal até ao fim do reinado de el-rei D. Duarte*, nas *Memorias da Classe de Sciencias Moraes* da Academia das Sciencias, nova serie, tomo 1.º, parte 1.ª, Lisbôa, 1854, obra muito incompleta que só abraça a epocha do dominio romano na peninsula; *Notices sur les rapports d'Erasme avec Damien de Goés*, no *Annuaire de l'Université Catholique de Louvain*, Louvaina, 1853, reproduzido em folheto, em 1912, pelo benemerito bibliophilo Eugenio do Canto; F. A. Rodrigues de Gusmão, *O estudo da lingua grega é necessario para o perfeito conhecimento da portuguesa*, Lisbôa, 1856, 15 pags., republicado no *Instituto*, vol. 5.º, Coimbra, 1857; Antonio José Viale, *Discurso proemial lido por A. J. V., professor de litteratura antiga no Curso Superior de Letras, no dia da abertura da sua aula*, publicado no *Instituto*, vol. 18.º, Coimbra, 1862, peça de valor historico porque marca a inauguração de nova phase da erudição classica em Portugal, devida á iniciativa do rei D. Pedro V, que fundou e sustentou o Curso Superior de Letras, agora Fa-

---

[1] V. *Horacio en España*, 2.º vol., pag. 303-4. Esta opinião contrasta com a que exprimira em 1873, quando em Barcelona deu uma conferecia sobre *Cervantes considerado como poeta*. Então cria que Bermudez na sua *Nise lastimosa* imitára a Ferreira. V. *Orígenes de la Novela*, tomo 4.º, pag. 6, transcripção pelo sr. Bonilla y San Martin.

culdade de Letras de Lisboa; sr. Th. Braga, *Virgilio na Edade Média*, capitulo dos *Estudos da Edade Média*, Porto, 1870; Régis Dalbeuf, *Étude et enseignement du grec en Portugal. (Notes rétrospectives)*, artigo na *Revista de Educação e Ensino*, vol. 5.º, Lisbôa, 1890; C. Graux, *Notices sommaires des manuscripts grecs d'Espagne et de Portugal, mises en ordre et completées par A. Martin*, em *Nouvelles Archives des missions scientifiques et littéraires*, Paris, 1892; A. J. Gonçalves Guimarães, *O grego em Portugal — historia do estudo desta lingua em Portugal e demonstração da sua utilidade como preparatorio para as sciencias naturaes*, Coimbra, 1893; F. Adolpho Coelho, *O ensino historico, philologico e philosophico em Portugal até 1858*, no *Instituto*, vol. 47.º, Coimbra, 1900; do mesmo autor, *Le Cours Supérieur de Lettres*, Lisbôa, 1900, continuação do artigo precedente, que é tambem reproduzido em francês; *Noticias da Vida de André de Rezende pelo Beneficiado Francisco Leitão Ferreira*, edição muito annotada pelo sr. A. Braamcamp Freire, com numerosas noticias das relações intellectuaes dos humanistas, separata do *Archivo Historico Português*, Lisbôa, 1916, vol. 9.º; sr. J. Leite de Vasconcellos, *Três annos de latim na Faculdade de Letras da Universidade de Lisbôa*, nos *Archivos da Universidade de Lisbôa*, 1915, 1.º vol.; sr. M. Gonçalves Cerejeira, *O Renascimento em Portugal — Clenardo (com a traducção das suas principaes cartas)*, Coimbra, 1917, 2 vols.

O eminente professor Leite de Vasconcellos tem colligidos já muitos materiaes para uma monographia sobre o hellenismo em Portugal. Sendo a nossa tradição humanistica muito mais latina que a hellenica, não deixa de ser para notar a coincidencia de que quasi todos os eruditos, que desse aspecto da nossa cultura se têm occupado, tenham preferido justamente a feição nelle menos predominante. Talvez para promover o avigoramento dos estudos hellenicos. Alguns trabalhos prévios urge executar, como bases essenciaes para esse estudo da historia do nosso humanismo: ordenar methodicamente a bibliographia latina e grega de portugueses, originaes e traducções, impressos

na peninsula e fóra da peninsula; catalogar os manuscriptos portugueses de textos latinos e gregos, que são numerosos; systematizar os estudos criticos portugueses sobre as litteraturas classicas; e organizar uma bibliographia de traducções portuguesas de obras gregas e latinas.

Para o primeiro trabalho apenas temos os informes de Barbosa Machado na sua *Bibliotheca Lusitana*, que comprehende os escriptos em linguas classicas depois excluidos por Innocencio do seu *Diccionario Bibliographico*, e o trabalho do sr. Hugues Vaganay *Bibliographie hispanique extra-péninsulaire — Seizième et dix-septième siècles*, publicado na *Revue Hispanique*, em 1918. Organizámos e publicámos a lista dos estudos criticos portugueses sobre as litteraturas de Grecia e Roma [1] e preparamos uma bibliographia de traducções, aproveitando os materiaes proporcionados por Barbosa Machado, Innocencio e Menéndez y Pelayo, deste nomeadamente ácêrca de Virgilio e Horacio.

Este aspecto da cultura portugueza está longe de ser despiciendo, porque representa um momento de verdadeiro cosmopolitismo intellectual, quando nós, portugueses e hespanhoes, obreiros do novo mundo da Renascença, collaboravamos tambem com brilho nos estudos humanisticos. Bernardes Branco aponta mais de cem professores portugueses em universidades estrangeiras, nesse tempo aureo, nas quaes predominam as hespanholas, Salamanca, Alcalá, Valladolid, Barcelona, Lerida, Sevilha, Saragoça e Santiago.

Apesar do valor destes trabalhos, a que ainda se podem juntar as noticias sobre as antigas livrarias manuscriptas dos paços reaes, esta bibliographia é pequena e não denuncia a sequencia dum plano, cuja primeira phase teria de ser necessariamente a organização dum repertorio bibliographico dos tra-

---

[1] E' um capitulo da *Bibliographica Portugueza de Critica Litteraria*, que acompanha o livro *A Critica Litteraria como sciencia*, pags. 113-118 da 3.ª edição, 1920.

balhos dos humanistas portugueses, publicados pela maior parte, e melhor tambem, fóra de Portugal. Tem, por isso, ainda hoje realidade a lamentação que, em 1890, Brunetière expressava a respeito do seu paiz, que ainda então não possuia alguns subsidios capitaes para a erudição: «Le premier de tous, et le plus indispensable, celui sans lequel on ne saurait écrire le premier chapitre d'une *Histoire de la Critique*, c'est une *Histoire de l'Humanisme.* [1]»

II — «HISTORIA DE LOS HETERODOXOS ESPAÑOLES»

Em 1876 inseriu Menéndez y Pelayo na *Revista Europea*, um pormenorizado plano da historia da heterodoxia hespanhola, a qual se propunha levar a effeito e que veio a ser publicada em três volumes nos annos de 1880 a 1882. Dada a habitual comprehensão attribuida pelo escriptor á palavra Hespanha, esta historia devia ter um vasto alcance espacial e chronologico: comprehenderia todos os factos de heterodoxia averiguada occorridos no territorio da peninsula, desde as primeiras noticias do sentimento religioso até ao momento em que escrevia, segundo o primeiro projecto, depois até 1876, data da promulgação da liberdade de consciencia. Na primeira edição, Menéndez y Pelayo conciliára esta vastidão com a proporção, pois só algumas paginas, seis, dedicava ao quadro da vida religiosa peninsular antes da prégação do christianismo; na segunda edição essas seis paginas desdobraram-se nas 509 paginas que constituem o primeiro volume, de 1911. Esse trabalho, inteiramente novo e organizado já no fim da vida do escriptor, é uma demonstração sem par dos dons de coordenação e systematização do auctor e ao mesmo tempo da flexibilidade do seu espirito, que elle conseguiu adaptar a uma especialidade que não havia sido a sua occupação, em que apenas condensava segundo

---

[1] V. *L'Évolution des genres dans l'histoire de la littérature*, Paris, 1906, 3.ª ed., pag. VIII.

um nexo seu quanto havia de apurado sobre a religiosidade nos tempos pre-historicos e proto-historicos da peninsula. Esses prolegomenos, na nova redacção, que foi tambem a definitiva, desequilibraram certamente a obra quanto ás proporções e quanto á harmonia do seu assumpto. Aproveitando trabalhos portugueses e ao territorio português respeitantes, Pelayo já não pôde utilizar alguns importantes materiaes ultimamente carreados, como a obra do sr. J. Leite de Vasconcellos *Religiões da Lusitania*, só concluida em 1913, [1] da qual portanto só parte conheceu, que não deixou de justamente encarecer, e as importantes investigações do sr. Joaquim Fontes sobre o periodo paleolitico.

Pondo em obra e animando com vistas geraes os elementos até então dispersos pelos trabalhos especiaes dos archeologos, Menéndez y Pelayo, que já vimos como sorria das distincções fronteiriças actuaes applicadas á historia, chocou-se com esse severo ponto de vista da erudição portuguesa. Esse sentimento confessa-o na seguinte passagem: «La riqueza del material prehistórico portugués, y el estar ya recogido y perfectamente clasificado, nos ha detenido más de lo que quisiéramos. Disgraciadamente no podemos decir lo mismo de la Extremadura leonesa y castellana, que á pesar de ser muy rica, según parece, en monumentos megalíticos análogos á los portugueses, no ha tenido hasta ahora ilustrador especial. Leite de Vasconcellos no la incluye en su libro, aunque debiera hacerlo para justificar el titulo de *Religiones de Lusitania*, que no puede aplicar-se sólo á la parte comprendida en el moderno reino de Portugal». E em nota a esta mesma passagem accrescenta: «Esta incuria ó más bien desdén respecto de nuestras cosas, echa a perder muy buenos trabajos de erudición portuguesa, que resultan incompletos porque sus autores se han empeñado en que lo sean. «Não me falta que fazer em Portugal para ter

1 O 1.º vol. foi publicado em 1897, o 2.º em 1905 e o 3.º em 1913.

de ir occupar-me de *paises estranhos*, ainda mesmo quando, como no caso presente, a historia d'elles está intimamente enlaçada com a do meu, e lhe serve de esclarecimento», dice Leite (tomo I, pagina XXIV). Esos *paises extraños* que el Sr. Leite se abstiene patrioticamente de estudiar, sin duda para no contagiar-se de hispanismo, son Galicia y Extremadura.» (Pag. 111).

Acêrca da segurança deste quadro da vida prehistorica peninsular só poderão pronunciar-se os archeologos de profissão, que nós não somos, e esses pela voz do sr. D. José Ramón Melida plenamente o applaudiram [1].

No discurso preliminar, da 1.ª edição, Menéndez y Pelayo concretamente apontou o seu conceito de heterodoxia, na qual fazia comprehender a heresia, isto é, o erro em materia dogmatica, mas sempre sem negar a revelação; os diversos matizes da impiedade, como o deismo, o naturalismo, o pantheismo, o atheismo, etc.; as seitas occultas e illuminadas, a bruxaria, a idolatria, as superstições fatalistas, etc.; e a apostasia. Depois, apontando os três criterios, com que pode ser escripta uma obra de historia da heterodoxia — o indifferente, o heterodoxo e o orthodoxo, — Pelayo confessa-se catholico orthodoxo e declara que desse ponto de vista escreverá a sua historia, que será *parcial* nos principios e *imparcial* quanto aos factos. Não discutiremos aqui o ponto de vista em que se collocou o auctor, ou melhor, que lhe crearam os seus sentimentos religiosos, porque tal discussão levar-nos-hia para além do objectivo deste breve trabalho e porque ella conduzir-nos-hia a um juizo abstracto, quando concretamente considerando a inexcedivel probidade intellectual do historiador ella seria superflua.

A propria these, a cuja demonstração o auctor visava, tor-

---

[1] V. na *Revista de Archivos*, n.º de homenagem, o artigo *La Arqueologia hispana en la « Historia de los Heterodoxos Españoles » de D. Marcelino Menéndez y Pelayo*, pag. 208-215.

na essa discussão descabida: «El genio español es eminentemente católico; la heterodoxia es entre nosotros accidente y ráfaga pasajera» (Pag. 58).

De assumpto português, alêm da encorporação do material prehistorico do solo de Portugal no quadro da vida religiosa da peninsula antes do christianismo, alguma coisa se contém na obra: uma nota, a pag. 18, sobre a historiograghia portuguesa do seculo XVIII, onde se ministram algumas informações sobre o convivio intellectual dos dois reinos; [1] e certamente no 4.º volume ainda não publicado um capitulo sobre o erasmismo em Portugal. Como, porêm, segundo o testemunho do sr. Bonilla y San Martin, o autor nada deixou escripto para os novos tomos da 2.ª edição, e desta ainda não appareceu o 4.º e ultimo, onde se conterá a principal materia portuguesa, teremos de considerar o 2.º tomo da 1.ª edição.

Ahi constitue essa matéria o capitulo 8.º do livro VI, com o titulo geral *El Erasmismo en Portugal. — Damian de Goes*, pag. 129 a 148.

Nelle versa Menéndez y Pelayo o velho thema das irreverencias de Gil Vicente, que alguns auctores vendo-as através do prisma da moderna sensibilidade moral e da dissimulação social não hesitaram em ter como preludios de reformismos, quando eram somente signaes de outros costumes. Os prejuizos democraticos do sr. Th. Braga e sua logica tendenciosa sahem muito mal feridas da exposição do historiador. Faz de seguida referencia a Antonio Pereira Marramaque, vizinho e amigo de Sá de Miranda, ao qual a tradição attribue o papel de divulgar algumas obras heterodoxas, depois prohibidas pelo *Indice expurgatorio*, e entra no principal assumpto do capitulo: o protestantismo de Damião de Goes. Deste chronista, resume o historiador a biographia, salientando a parte della que mais relevava para

---

[1] Transcrevemo-la a pags. 72-73 da *Revista de Historia*, vol. 9.º, Lisboa, 1920.

o seu escopo, viagens no estrangeiro, convivio e correspondencia com Erasmo, Melanchton, Luthero, Pedro Nannio, Fr. Roque de Almeida, figuras do renascimento intellectual, da reforma religiosa e da intriga, em que se viu envolvido. Depois dá uma summula do seu processo no Santo Officio.

Sobre o modo como julga as severas satyras de Gil Vicente contra o clero, cremos que não haverá que disputar. Se ha quem julgue essas satyras apropriados meios para servir o reformismo, bem pensa, mas se daqui conclue para a heterodoxia exaggera. Ellas só seriam possiveis num ambiente não vigiado pelo olho perscrutador da Inquisição, mas estavam muito longe de ser a propria doutrina contra que se ergueu o tribunal, ou outra affim.

Já em 1912, a insigne sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, escrevendo sobre a representação, até então mal conhecida, do *Jubileu de Amores*, em Bruxellas, [1] reduzia a proporções mais modestas e mais verosimeis esses juizos do sr. Th. Braga. «Comprehende-se que as allegorias satyrico-moraes que (Gil Vicente) então concebeu, contivessem reflexos claros de alguns aspectos da lucta inevitavel de ideias que originaram a Reforma e conduziram á contra-Reforma, ao Jesuitismo, ao Concilio de Trento e aos Indices Expurgatórios». Mas o sr. Fortunato de Almeida, em 1917, na parte 2.ª do tomo 3.º da sua importante *Historia da Egreja em Portugal* [2], mais ainda reduz essa opinião, pois considera Gil Vicente sómente como um espirito dado ás irreverencias, que tão usuaes eram em outros auctores coevos peninsulares. Como se vê, é a fórma por que Menéndez y Pelayo pôz a questão que actualmente prevalece. Filiada ou não na corrente protestante, á attitude espiritual do poeta das *Barcas* poderia chegar qualquer espirito independente ou de mais severa moral.

---

[1] V. *Notas Vicentinas*, Coimbra, 1912.

[2] V. § 96, *A Reforma protestante e as irreverencias de Gil Vicente*, pags. 119-126.

Sobre Antonio Pereira de Marramaque apurou a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos mais noticias, mas que nada adiantam sobre a tradição que faz de Marramaque um divulgador de escriptos heterodoxos, porque principalmente se referem ás relações de amizade e de letras que com Sá de Miranda entreteve [1].

Acêrca de Damião de Goes é que a erudição portuguesa fez sensiveis progressos, que se comprehendem muito bem pelo alto lugar que Goes occupa na nossa litteratura historica, pela vida larga de convivio e confraternidade, de mundanismo litterario, permitta-se o dizer, pelo cosmopolitismo vasto e multimodo do seu espirito, pela circumstancia de poder servir de argumento combativo aos adversarios da Inquisição e aos novos proselytos do protestantismo em Portugal, que outra figura de equivalente relevo não podem contar, e até como musico e collecionador duma galeria de quadros.

Na segunda edição da obra, de que só pôde rever o 1.º tomo, Menéndez y Pelayo teria que considerar muitos materiaes para actualizar esse seu capitulo, dos quaes nem todos apontavam directamente ao seu especial alvo, mas de certo modo o esclareciam, por ampliarem o conhecimento da personalidade do chronista.

Longo seria resumir aqui as contribuições dos varios estudos portugueses sobre Damião de Goes, posteriores á 1.ª publicação dos *Heterodoxos*, e deslocado porque equivaleria a intercalar aqui um capitulo sobre o historiador quinhentista. Por isso nos limitaremos a enumerar esses trabalhos: Joaquim de Vasconcellos, estudos varios sob o titulo generico do *Goesiana*, acêrca do retrato por Dürer, da bibliographia, das *Cartas latinas* e das variantes da *Chronica*, publicados na *Archeologia Artistica*, Porto, 1879-81; Sousa Viterbo, *Damião de Goes e Antonio Pinheiro*, no *Instituto*, vol. 42.º, Coimbra, 1895; Gui-

[1] V. *Poesias de Francisco de Sá de Miranda*, Halle, 1885.

lherme J C. Henriques, *Inéditos Goesianos*, 2 partes, Lisboa, 1896 e 1898; Joaquim de Vasconcellos, *Damião de Goes — Novos estudos*, Porto, 1897; mesmo auctor, *Damião de Goes — Novissima série*, Lisboa, 1898; Sousa Viterbo, *Estudos sobre Damião de Goes*, no *Instituto*, vols. 46.º e 47.º, Coimbra, 1899-1900; Antonio Baião, *A inquisição — Damião de Goes e Fernão de Oliveira julgados por ella*, nos *Serões*, Lisboa, agosto de 1906; a reproducção já citada do artigo 1853, sobre as relações de Erasmo com Damião de Goes; a reproducção por Eugenio do Canto do *Elencho das variantes e differenças notaveis* da 1.ª parte da Chronica de D. Manuel; Joaquim de Vasconcellos, *Additamento* a esta reproducção do *Elencho*, nova publicação dum estudo de 1881; Edgar Prestage, *Critica Contemporanea á Chronica de D. Manuel de Damião de Goes — Ms. do Museu Britannico*, no *Archivo Historico*, Lisboa, 1914; Fortunato de Almeida, *Damião de Goes*, § 97 do citado tomo da sua *Historia da Egreja;* em 1917 a nossa *Historia da Litteratura Classica* com a apreciação esthetica da sua obra historica; em 1919 os *Episodios Dramaticos da Inquisição Portuguesa*, do sr. Antonio Baião, vol. 1.º, pags. 31-62; e a biographia que na *Revista de Historia*, vol. 9.º, está publicando o sr. Maximiano de Lemos. [1]

Como se vê, a erudição nacional neste capitulo não esteve ociosa e os materiaes accumulados são hoje já bem mais informadores do que aquelles que Menéndez y Pelayo teve em 1880,

---

[1] O sr. dr. José Maria Rodrigues chama-nos a attenção para a seguinte passagem da obra *The Reformation*, vol. 2.º da collecção *The Cambridge Modern History, planed by the late Lord Acton*, Cambridge, 1903: «Then (D. de Goes) returned by way of Germany, passing through Münster to Friburg, when he stayed some months with Erasmus, and have long conferences with him. After this he was in Italy from 1534 to 1538, with one short interval, during which he came to Basel to tend Erasmus, who died in his arms on the night of July 11-12, 1536. (Pag. 514, *Chapter XII, The Catholic South by the Rev. W. E. Collins.*)

que se cifravam no estudo de A. P. Lopes de Mendonça, *Damião de Goes e a Inquisição em Portugal — Estudo biographico*, publicado nos *Annaes* da Academia Real das Sciencias, em 1858, e a *Historia dos Quinhentistas*, do sr. Th. Braga, de cujo sectarismo cautelosamente se defendeu.

A parte fundamental do capitulo, de que nos occupamos, é baseada no exame directo do processo do Santo Officio, guardado no Archivo da Torre do Tombo, que visitou em 1876. Tambem o processo está hoje publicado pelo sr. Guilherme Henriques nos já indicados *Ineditos Goessianos*.

Superfluo é dizer que os factos são inalteraveis para quem de boa fé os abeire e reproduza; a apreciação é que varia com os sentimentos religiosos do apreciador, não deixando nunca de ser unanime o juizo que faz de Goes a nossa unica grande figura erasmista. Os protestantes tomam-no como patrono; «Seculo de Damião de Goes» chama ao seculo XVI o sr. Eduardo Moreira, que tem publicado na *Revista de Historia* alguns artigos sobre o evangelismo em Portugal.

III — «HISTORIA DE LAS IDEAS ESTÉTICAS EN ESPAÑA»

Em 1883 começou Palayo a publicação desta sua obra monumental, na qual se propôs comprehender a seguinte vastissima materia, por elle mesmo enumerada em advertencia preliminar:

«Para ser completo nuestro estudio, comprenderá pués:

1.° Las disquisiciones metafisicas de los filósofos españoles acerca de la belleza y su idéa.

2.° Lo que especularon los misticos acerca de la belleza en Dios, considerándola principalmente como objeto amable de donde resulta que no podemos separar siempre en ellos la doctrina de la belleza de la doctrina del amor, que llamaremos, siguiendo á Leon Hebreo, *Philographia*, y que, rigurosamente hablando, corresponde á la filosofia de la voluntad y no á la

del entendimiento ni á la de la sensibilidad, que son las facultades que principalmente intervienen en la contemplación y estimación ó juicio de lo bello.

3.º Las indicaciones acerca del arte en general, esparcidas en nuestros filósofos y en otros autores de muy desemejante indole.

4.º Todo lo que contienen de propriamente estético, y no de mechanico y práctico, los tratados de cada una de las artes, las Poéticas y las Retóricas, los libros de musica, de pintura y de arquitectura, etc., etc.

5.º Las idéas que los artistas mismos, y principalmente los artistas literarios, han profesado acerca de su arte, exponiéndolas en los prólogos ó en el cuerpo mismo de sus libros».

Esta longa exposição doutrinal foi feita, como o proprio auctor desvanecidamente confessou, directamente sobre os proprios livros que possuia, e nunca através de extractos ou apontamentos alheios, á excepção da parte relativa á musica. Se accrescentarmos que Pelayo procurou sempre relacionar o desenvolvimento das idéas estheticas em Hespanha com os periodos da historia geral da philosophia, poderemos medir o vasto alcance da obra, que assim se tornou um essencial capitulo da historia da philosophia em Hespanha e uma indispensavel introducção á historia da litteratura hespanhola. Antes de Pelayo, só F. F. Gonzalez abeirára esse districto de estudos, mas sob ponto de vista muito mais restricto, na sua pequena *Historia de la crítica literaria en España*, Madrid, 1867. Sobre nós exerceu a obra de Pelayo innegavel suggestão quando publicámos, em 1910, a nossa monographia sobre a historia da critica litteraria em Portugal. Embora a houvessemos organizado, de olhos postos na *Evolution de la Critique*, de F. Brunetière, donde poderia provir, senão de Pelayo, a seguinte norma de composição?: «Tomando-a sob o duplice caracter de historia dos processos criticos e de historia das idéas de esthetica litteraria, esboçaremos a trajectoria theorica da nossa litte-

ratura e daremos ao problema do methodo uma introducção historica amplamente elucidativa »[1].

Bastantes assumptos portugueses se comprehendem nesta obra.

Cremos que sobre o judeu português Leão Hebreu e os seus *Dialogos do Amor* [2] foi nessa obra que pela primeira vez se fez uma longa exposição critica da sua metaphysica do amor, a Philographia, que é tanto uma concepção esthetica como um systema cosmogonico. Em longas paginas Pelayo condensa a doutrina dos três dialogos, com fidelidade escrupulosa que a cada passo se estriba em transcripções do proprio Abrabanel, procura discriminar as correntes de pensamento que convergem no systema elegante e uno quanto á composição, a despeito da sua heterogeneidade intima, affeitamente lhe marca seu logar na historia do pensamento philosophico e algumas exemplificações dá sobre a influencia dos *Dialogos* como doutrina philosophica em Monillo, Aldana, Calvi e Rebolledo, e como doutrina esthetica e interpretação do amor em Herrera, Camões e Cervantes. A' obra do celebre judeu português classifica Pelayo como «el monumento más notable de la filosofia platonica en el siglo XVI, y aun lo más bello que esa filosofia produjo desde Plotino acá». E mais adeante, apontando as fontes do pensamento dos *Dialogos*, indica: «La importancia de León Hebreo en la historia de la ciencia es enorme, y no bien aquilatada todavia. En el se juntan dos corrientes filosoficas, que habian corrido distintas, pero que emanabam de la misma fuente, es decir, de la escuela alejandrina, del neo-platonismo de las *Eneadas* de Plotino. Léon Hebreo representa la conjunción entre la filosofia semitico-hispana de los Avempace

---

[1] *Historia da Critica Litteraria em Portugal*, pag. 5, 2.ª edição, Lisboa, 1916.

[2] Os *Dialogos do Amor* estão reproduzidos a pags. 278-459 do 4.º tomo de *Origenes de la Novela*, na traducção castelhana de Garcilasso Inga de la Vega, publicada em Madrid, 1590.

y Tofail, de los Ben-Gabirol y Judá-Levi, de los Averroes y Maimónides con la filosofia platonica del Renacimiento, con la escuela de Florencia ».

Nas suas linhas geraes a critica de Menéndez y Pelayo subsiste ainda hoje, apesar de novos trabalhos se terem publicado sobre Leão Hebreu, os de Zimmels, Stein, Solmi, Appel, e Rosi, e entre nós o do sr. Joaquim de Carvalho. Mais alguma pormenorização biographica, nella a provavel presumpção do nascimento em Lisboa, a solução definitiva das duvidas sobre as suas relações com Pico de Mirandola e sobre a sua conversão ao christianismo — se avançam depois de 1884, data do volume da *Historia de las Idéas Estéticas*, que a Leão Hebreu se refere.

O escriptor voltou a occupar-se de Leão Hebreu em 1889, no discurso de abertura das aulas da Universidade, que intitulou *De las vicisitudes de la filosofia platónica en España*, [1] no qual já aproveitou algumas das informações ministradas pelo livro do Dr. Zimmels, *Leo Hebraeus, ein jüdischer Philosoph der Renaissance; sein Leben, sein Werke und seine Lehren*, Breslau, 1886.

Neste novo trabalho, Pelayo não se ateve á doutrina esthetica de Leão Hebreu, mas sim aos fundamentos metaphysicos do seu neoplatonismo, que considera dos mais caracteristicos da Renascença, a par de Miguel Servet e Fox Morcillo, e em que ha muito de Aristoteles, conciliado com o idealismo de Platão por intermedio de Plotino.

Escrevendo em 1918, o dr. Joaquim de Carvalho [2] pôde

---

[1] V. *Ensayos de crítica filosófica*, Madrid, 1892.

[2] O sr. Joaquim de Carvalho tem dedicado os seus esforços a dar realidade e certeza scientifica á expressão « historia da philosophia portuguesa », pois crê que « o genio nacional, como unidade viva e livre, se deveria reflectir na philosophia ». Esse nobre pensamento confessou-o com maior largueza no opusculo *A minha resposta*..., Coimbra, 1919, 18 pags., que foi o seu depoimento no agitado conflicto da Faculdade de Letras de Coimbra com um ministro da instrucção.

condensar quasi tudo que ha modernamente apurado sobre este pensador, se bem que a desarrumada pobreza das nossas bibliothecas e a prohibição da entrada de livros allemães em Portugal o houvessem inhibido de consultar os trabalhos de Zimmels e Appel, como lealmente declara no appendice bibliographico do seu livro *Leão Hebreu, Philosopho.* (*Para a historia do platonismo no Renascimento*), Coimbra, 1918. Com maior individuação pôde marcar as fontes das idéas de Abrabanel, recolhidas ora directa ora indirectamente, da philosophia pre-socratica, platonico-aristotelica, post aristotelica, medieval e do renascimento.

O sr. J. de Carvalho compôs com os materiaes contidos nos *Dialogos* não uma exposição seguida e parallela á do proprio philosopho, sim um systema organico, em que se salientam os pontos de vista particulares, mas em que o amor, peça mestra do pensamento do philosopho, deixa de occupar o lugar central, que Abrabanel lhe déra.

De Francisco Sanches, o auctor do celebre manifesto da duvida systematica *Quod nihil scitur*, acêrca de cuja nacionalidade se tem disputado, tambem se occupou M. y P. no seu discurso de recepção na Academia de Sciencias Moraes e Politicas, de Madrid, em 1891, *De los orígenes del criticismo y del escepticismo y especialmente de los precursores españoles de Kant*, que faz parte dos *Ensayos de Crítica Filosófica*, Madrid, 1892. Registamos este facto porque Sanches tem sido por muitos considerado português, até mesmo por Menéndez y Pelayo, ainda em 1875; *lusitanus* se lhe chama numa inscripção na sala dos actos da Universidade de Tolosa, onde ensinou. Como tal o tiveram os srs. Lopes Praça e Theophilo Braga e, por algum tempo, o Dr. Ricardo Jorge. Por isso nós diligenciámos obter que se fizesse a traducção portuguesa do *Quod nihil scitur*, que realmente o sr. Basilio de Vasconcellos levou a cabo, com notavel exacção e elegancia, nas paginas da *Revista de Historia*, vols. 2.º, 3.º, 4.º e 5.º, 1913-1916. No referido discurso M. y P. apresenta a biographia e a bibliographia e expõe o systema de idéas de Sanches, apenas na medida necessaria para demonstrar como elle é um precursor do moderno scepticismo critico. Para maiores desenvolvimentos indica o trabalho do Dr. Ludwig Gerkrath, *Franz Sanchez*, Wien, 1850.

E' no capitulo relativo á influencia de Leão Hebreu na historia da philosophia que mais progressos se tem feito, graças aos trabalhos de historiographos da philosophia, allemães e italianos principalmente, pois o objectivo de Pelayo fôra sómente apontar o filão dos *Diálogos* correndo na historia das doutrinas estheticas, na poesia erotica e no platonismo, mas sempre a dentro das fronteiras peninsulares. Joaquim de Carvalho, umas vezes de accordo com os criticos estrangeiros, outras limitando-lhes os juizos com seus pontos de vista proprios, aponta a influencia dos *Diálogos*, em proporções differentes, sobre Vives, Patrizzi, Giordano Bruno, Bacon e Spinoza. E se a contribuição, que o sr. J. de Carvalho reduz a «um momento dialectico do amor» é pequena e pouco determinante para a historia da philosophia, é pelo contrario profunda e muito influente para a historia da esthetica litteraria, nomeadamente entre nós, por impregnar o lyrismo camoneano. Se a concepção do amor em Camões, enlevo absolutamente ideal, transporte e absorpção do amador no objecto amado, logo suggere o idealismo platonico, havemos de reconhecer que não seria facil passar do platonismo para os apaixonados sonetos de Camões, sem a intermediaria phase de Leão Hebreu, que fez doutrina esthetica, deu fórma sensivel e relevo predominante ao que em Platão era subalterno e accidental, como elemento dum grande conjuncto, extrahiu todas as suas consequencias dialecticas e mostrou os amplos recursos estheticos que comportava.

Tendo feito no capitulo X passageiras referencias a Antonio Ferreira, vulgarizador nas suas epistolas da poetica classica, horaciana sobretudo, e a Faria e Sousa, a proposito de Herrera, Pelayo torna a occupar-se deste apaixonado commentador de Camões na 2.ª parte do tomo 2.º, a proposito do ataque feito pelo exegeta português aos processos poeticos de Gongora. A investida de Faria e Sousa — de quem o critico hespanhol faz um severo perfil litterario — provocou uma defeza, que da America do Sul veio, o livro hoje rarissimo do Dr. Juan de Espinosa Medrano, intitulado *Apologetico en favor*

de D. Luis de Gongora, principe de los poetas liricos de España contra Manuel de Faria y Sousa, cavallero portugués, Lima, 1694.[1] Nesse livro, Medrano escarnece da critica ingenua do português, que sempre se acurava em buscar mysterios e transcendentes interpretações nas mais communs passagens do texto camoneano, e defende com extremo ardor os desvarios linguisticos de Gongora. Cremos que antes de Pelayo ninguem havia mencionado este episodio polemico entre o estrenuo camoneanista e o longinquo apologista gongorino. E o motivo deste olvido tem sido o de, em Portugal, se considerar Faria e Sousa no restricto ponto de vista nacional, de commentador de Camões, e não no ponto de vista peninsular, considerado do qual elle enfileira num movimento geral de idéas, o da denodada impugnação do gongorismo, ao lado de Pedro de Valencia, Cascales, Jauregui, Lope de Vega e Quevedo.

Occupando-se dos preceptistas das artes do desenho e dos tratadistas e criticos da pintura, Pelayo não deixou de mencionar os trabalhos de Francisco de Hollanda, de quem poucos annos antes já se occupára um seu compatriota, D. Francisco Maria Tubino[2] e de que o illustre critico português, sr. Joaquim de Vasconcellos, já publicára fragmentos.[3] De então para cá a biographia de Hollanda e a critica dos *Dialogos de Pintura Antigua* adiantaram-se consideravelmente, graças aos estudos de varios investigadores, principalmente o sr. Joaguim de Vasconcellos, que acaba de dirigir a primeira edição completa dos dialogos de Hollanda abonada por muitas notas, cartas e retratos[4].

---

[1] Vimo-lo na Bibliotheca Nacional de Lisboa, com o n.º 1.797 p.

[2] V. *El renacimiento historico de Portugal*, no vol. 7.º do *Museo Español de Antigüedades*.

[3] V. vol. 6.º da *Archeologia Artistica*, Porto, 1877.

[4] V. *Da Pintura Antigua — Livro I — Parte Theorica. Livro II — Dialogos em Roma*, Joaquim de Vasconcellos, Porto, 1918. Tem um appendice bibliographico.

Dezasete annos depois Menéndez y Pelayo retomava este assumpto, Francisco de Hollanda e suas obras de critica artistica, com amplo desenvolvimento. Occupando, em 1901, na Real Academia de Bellas Artes, de Madrid, a vaga deixada por D. Manuel Cañete, o escriptor versou no seu discurso de recepção os *Tratadistas de Bellas Artes en el renacimiento Español.* Após um bosquejo das origens da historia da critica artistica, o escriptor analysa os tratados de Hollanda, Céspedes e Guevara. Pela sua prioridade chronologica e pelo seu interesse episodico das noticias pessoaes, deu ao português o mais amplo lugar. Já então o insigne Joaquim de Vasconcellos havia publicado os seus magistraes trabalhos de edição, de critica e de traducção allemã. A estes trabalhos presta Menéndez y Pelayo a mais rendida homenagem, chegando a declarar que nada mais se poderá accrescentar porque «quedan agotadas todas las cuestiones relativas á la vida y escritos de Francisco de Hollanda, á su actividad artistica, á su influencia en las artes españolas, al plan y composición de sus tratados, á los interlocutores de sus *Diálogos*, á las fuentes de su doctrina estética.» (*Estudios de Critica Literaria*, 4.ª serie, 1607, pag. 398). O discurso de Pelayo fixa a attenção menos nas questões de esthetica theorica do que nos proprios sentimentos e opiniões artisticas de Hollanda, nas suas confissões e depoimentos, que dessa alma enamorada de arte fizeram um poderoso testemunho para a vida de Miguel Angelo e da Marquesa de Pescara; elle é a divulgação perante publico hespanhol, do mais culto, das nobres emoções de Hollanda e dos magistraes trabalhos de Vasconcellos. Nenhum dos criticos, o quinhentista e o contemporaneo poderia desejar triumpho maior.

Os escriptos de Hollanda fôram revelados á Europa culta principalmente por Rackzinsky, que delles deu alguns extractos em 1846 na sua muito conhecida obra *Les Arts en Portugal;* a traducção castelhana de Manuel Diniz, contemporaneo do auctor, permaneceu inédita. Foram tidos logo em grande estimação. Modernamente o trabalho de divulgação prosegue:

o sr. Léon Rouanet verteu para francês os *Diálogos*, que publicou em 1911, e o sr. Achille Pellizzari, director de *La Rassegna* e eminente critico hispanisante e lusophilo, emprehendeu uma traducção italiana.

Entre os tratadistas da arte musical, D. Marcellino cita rapidamente o rei D. João IV, auctor da *Defensa de la Musica Moderna contra la errada opinión del obispo Cyrilo Franco*, Lisboa, 1649, obra logo traduzida para italiano. Pelayo refere que em torno do rei português se formou uma pleiade de musicos, como João Soares Rebello, Christovam da Fonseca, Fr. Antonio da Madre de Deus, Fr. Miguel Leal, Almeida, Faria, Fogaça e Fr. Antonio de Jesus, allude ao seu esforço de introduzir em Portugal a opera italiana — que só D. João V, em 1737, [1] com a Companhia Paghetti, conseguiu aclimatar —, allude á preciosa livraria de musica pelo monarcha reunida, mas faz muito ligeira resenha critica do corpo de idéas que dominava a *Defensa*. Este capitulo sobre a esthetica musical foi composto sobre notas e indicações de D. Francisco Asenjo Barbieri, musicographo illustre, porque Menéndez y Pelayo era, como confessou, por desgraça sua, estranho á theoria e á pratica da musica. Será essa a razão mais plausivel de tão rapidamente passar pelos esforços praticos e theoricos de D. João IV em beneficio da cultura musical da peninsula.

Ao tempo da publicação da *Historia de las Ideas Esteticas*, havia já mais elementos de informação sobre D. João IV, os proporcionados por Fétis e compendiados pelo sr. Joaquim de Vasconcellos na obra *Os Musicos Portugueses — Biographia — Bibliographia*, vol. I, Porto, 1870, 289 pags., sob fórma de diccionario, que alcança até á letra *M*. Pelayo não dá noticia

---

[1] Paghetti, que tambem tinha caprichos poeticos, festejou a introducção da musica italiana em Portugal com um soneto congratulatorio, pouco conhecido, *Alla nobilitá di Portogallo in ingrazamiento della generosa assistenza prestata al divertimento musicale nell' anno 1737*. V. Branco, *Portugal e os Estrangeiros*, vol. 3.º, pag. 49.

do escripto que determinou a resposta do real musico e que foi uma carta dirigida por Cyrillo Franco, Bispo de Loretto, a Ugolino Gualteruzzi, publicada na collecção *Letteri Illustri*, do celebre editor Aldo Manucio, Veneza, 1567. A carta é datada de 1549; era portanto bem tardia esta resposta apologetica de D. João IV, um seculo depois da accusação, e se considerarmos que eram pueris e até de phantasia pura as razões allegadas pelo bispo Franco, tambem se nos afigurará superflua a *Defensa*, sob o ponto de vista polemico. O sr. Joaquim de Vasconcellos, cuja obra Menéndez y Pelayo cita, sem que a utilize grandemente, resume as idéas de Franco e as de D. João IV, e enumera mais três escriptos musicaes deste soberano:

Respuestas á las dudas que se puzieron á la missa Panis, quem ego dabo del Palestrina, impresa en el libro quinto de sus Missas, Lisboa, 1654, 20 pags., que tambem se publicou em italiano em 1655, e que é desconhecida nas bibliothecas portuguesas;

Concordancia da Musica e passos da Collegiada dos maiores professos d'esta arte, manuscripta, e *Principios de Musica, quem foram seus primeiros auctores e os progressos que teve*, tambem manuscripta. Estes dois manuscriptos desappareceram.

Posteriormente ainda mais cresceram os materiaes, graças aos trabalhos de Sousa Viterbo [1] e do sr. Ernesto Vieira. A biographia e a bibliographia musical do rei e a historia da sua livraria de musica são hoje melhor conhecidas. Sousa Viterbo conseguiu noticias desta, que alcançam até ao anno de 1692, já em tempo de D. Pedro II. E o sr. Ernesto Vieira, na sua nota-

---

[1] Os numerosos trabalhos de Sousa Viterbo sobre a musica em Portugal vêm enumerados na prestimosa obra do sr. Victor Ribeiro, *Sousa Viterbo e a sua obra — Notas bio-bibliographicas*, Lisboa, 1915, 257 pags. O trabalho que mais informa sobre D. João IV é o que se intitula *A Livraria de Musica de D. João IV e o seu Index — noticia historica e documental*, publicada no tomo IX, parte I da serie *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, Lisboa, 1900.

vel obra, [1] reconstitue-nos as suas origens e dá-nos curiosos informes acêrca da sua formação, baseados em documentos, alguns delles cartas do proprio rei, então ainda Duque de Bragança. Da sua composição riquissima tambem ha hoje conhecimento seguro, ainda que não completo, porque a 1.ª parte do *Index*, publicada em 1649, raridade bibliographica de que só se conheciam os dois exemplares do Archivo da Torre do Tombo, em Lisboa, e da Bibliotheca Nacional de Paris, divulgou-se modernamente por uma edição do sr. Joaquim de Vasconcellos. [2] Essa livraria, cujas especies o sr. E. Vieira computa em mais de 6.000, não mereceu dos soberanos successores os mesmos desvelos e veio a perder-se, segundo se crê, no terremoto de 1755. Entre os serviços prestados á arte musical, o sr. E. Vieira aponta ainda a promulgação do *Regimento e Estatutos do Collegio dos Reys de Villa Viçosa*, que o Duque D. Theodosio II, seu pae, fundára, e que foi um centro de estudos musicaes.

Na 2.ª parte do tomo 8.º, no capitulo 8.º, longamente se occupa Menéndez y Pelayo dos criticos portugueses do seculo XVIII, de pag. 315 a 359. Até então nenhum investigador se havia occupado da historia da critica em Portugal, em globo, nem mesmo individualmente sobre este ou aquelle critico do seculo XVIII. Fomos percorrer a bibliographia portuguesa de historia litteraria e apenas encontrámos um artigo do sr. Ricardo Jorge, datado de 1882, e incluido nos seus *Ensaios Scientificos e Criticos*, Porto, 1886, em que se occupa de Luiz Antonio Verney, e ainda mais sob o aspecto philosophico e pedagogico

---

[1] V. *Diccionario Biographico de Musicos Portugueses — Historia e bibliographia da musica em Portugal*, Lisboa, 1900, 1.º vol., 560 pags., 2.º vol., 460+XXI pags. E' a pag. 501-530 do 1.º vol. que se occupa do rei D. João IV.

[2] V. *Ensaio critico sobre o catalogo da livraria de musica de el-rei D. João IV*, Porto, 1873, XV + 102 + VII pags.

que critico-litterario. Só em 1910 esse assumpto foi versado em Portugal na nossa monographia historica, já citada.

Com erudição magnifica, Pelayo aponta em traços genericos de grande flagrancia a campanha anti-gongorica de Verney e Francisco José Freire, as dissertações criticas de Garção, as de Manuel de Figueiredo, a critica musical do Padre Francisco Bernardo de Lima, na *Gazeta Litteraria*, do Porto, os trabalhos eruditos dos socios da Academia das Sciencias, compendiados nas *Memorias de Litteratura Portuguesa*, prestando justiça aos reaes dotes criticos de Francisco Dias Gomes e Antonio das Neves, que se afastavam da immovel concepção da arte litteraria que os outros auctores coevos tomavam dos preceptistas franceses; occupa-se ainda de Filinto Elysio e do P.e José Agostinho de Macedo.

O quadro está longe de ser completo e até mesmo proporcionado nas suas partes, mas subsiste ainda nas suas linhas geraes e sobretudo a apreciação perdura, porque Pelayo possuiu o excelso dom de fielmente reproduzir e condensar as idéas de outrem. Vinte e tantos annos depois retomavamos esse assumpto e hoje, havendo já ampliado e revisto uma 2.a edição, ainda alguma coisa teremos que accrescentar. Todavia neste assumpto, como em todos que foi o primeiro a versar, Pelayo viu sempre os aspectos essenciaes, distinguiu sempre o secundario do primacial.

E' pois na obra de Menéndez y Pelayo que se encontra a primeira pagina da historia da critica litteraria em Portugal.

A *Historia de las Idéas Estéticas* ficou incompleta; do seculo XIX apenas se publicou a vasta introducção sobre as principaes correntes estheticas fóra da peninsula e mais ou menos determinantes do pensamento dentro desta. Mas o plano dessa parte sobre o seculo XIX foi publicado pelo sr. Bonilla y San Martin. Nelle encontramos a seguinte menção da litteratura portuguesa:

«El romanticismo en Portugal: sus resultados; creación del teatro y de la novela histórica: Almeida Garrett, Herculano,

Soares de Passos, Rebello da Silva, Mendes Leal, Andrade Corvo, Silva Gayo, etc., etc. Posición independiente de A. Feliciano del Castilho: Sus concesiones al romanticismo. — La revista portuguesa *O Panorama*, es alli lo que en Madrid *El Artista*. — Renacimiento de la poesia popular: el *Romancero* de Almeida Garrett, etc., etc.» [1]

IV—«ANTOLOGIA DE POETAS LIRICOS CASTELLANOS»

Em 1890 encetou D. Marcellino a publicação da sua *Antologia de Poetas liricos castellanos desde la fundación del idioma hasta nuestros dias*. Nella se comprehendem, não só os auctores castelhanos de nascimento que poetaram, mas os poetas que em castelhano escreveram, qualquer que fosse a sua nacionalidade peninsular. Menéndez y Pelayo combinou o criterio esthetico, que o levou a recolher as melhores poesias, as de real belleza, e o criterio historico, que o levou a incorporar todas as composições que iniciavam formas metricas, novos generos lyricos, maneiras de estylo ou influencias novas. Assim o declara no prologo, á frente do primeiro volume, depois de traçar uma douta historia critica da anthologia peninsular. A nova *Antologia*, destinando-se a um publico mais vasto que o dos eruditos, dispensou todo o apparato critico de notas, variantes e discussões. Dada a grande diffusão em Portugal da lingua castelhana, que chegou a ser uma segunda lingua litteraria nos seculos XV, XVI e XVII, logo se deprehende que vasta havia de ser a representação portuguesa nesse florilegio: «Pero en el siglo XVI y aun en el XVII la vitalidad del genio portugués fué tanta, que sin menoscabo de su sello peculiar toleró el empleo promiscuo de dos lenguas literarias: al de que nó se eximió el mayor poeta de la raza, si bien sus versos castellanos sean parte muy secundaria de sus obras. Pero no acontece lo mismo

[1] V. pag. 49 da Introducção ao tomo 4.º de *Orígenes de la Novela*.

con otros poetas y prosistas de los más insignes: Gil Vicente, Sá de Miranda, D. Francisco Manuel, de quienes es muy dificil decidir si importan más como escritores portugueses ó castellanos: tan compensados están los méritos de su labor en ambas lenguas». (*Antologia*, tomo VII, pag. CV).

No tomo 2.º figuram as *Coplas del Contempto del mundo*, do infante D. Pedro, filho do martyr de Alfarrobeira; no tomo 4.º vilancetes de João Roiz Castello Branco, o mavioso auctor da *Cantigua partindose* do *Cancioneiro Geral*, de Rezende, e do mesmo Rezende; no tomo 7.º ha dois extensos capitulos sobre a poesia castelhana em Portugal e sobre Gil Vicente; e no tomo 8.º ha amplas referencias a romances populares portugueses ou de assumpto português.

Domingos Garcia Peres havia organizado já um catalogo dos auctores portugueses que escreveram em castelhano, [1] mas estudo critico foi este o primeiro, embora só a poetas e duma limitada epocha se refira.

Depois duma apreciação de conjuncto, talvez um pouco

---

[1] V. *Catalogo Razonado biográfico y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano*, Madrid, 1890, 664 pag. Com este bibliophilo, que foi medico em Setubal, manteve Menéndez y Pelayo aturada correspondencia. Em poder de seu neto, igualmente medico em Setubal, o Dr. Fernando Garcia, existem muitas cartas do polygrapho hespanhol, as quaes pudémos copiar por muita obsequiosidade deste seu actual proprietario, a quem apresentamos o nosso rendido agradecimento. Revelou-nos a existencia desta opulenta collecção epistolar o sr. P.e Antonio do Presepio Moniz, erudito de Ponta Delgada. Está em publicação no *Boletim da Classe de Letras da Academia das Sciencias*. De Garcia Peres existem muitas cartas em poder do sr. D. Enrique Menéndez y Pelayo, irmão do escriptor. Com suas buscas, compras e offertas, Garcia Peres cooperou de modo valioso na formação da Bibliotheca de Santander. Justa homenagem e apreciavel docutação seria a impressão dessas cartas, chronologicamente combinadas. — Quando este artigo estava em provas tivemos conhecimento dum artigo do sr. Jesús de Castilla, *La literatura bilingüe portuguesa*, publicado no *Estudio*, Barcelona, agosto de 1919, pags, 201-226.

severa, do conteúdo poetico do *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rezende, Pelayo refere-se ao Infante D. Pedro, duque de Coimbra, a quem se attribuem alguns versos castelhanos, que não são authenticos, e demora-se a perfilar o filho deste, o não menos infeliz Infante D. Pedro, amigo de D. Alvaro de Luna, a quem foi soccorrer aos campos de Olmedo, onde conheceu o Marquês de Santilhana, que o brindou com as suas obras, e depois rei intruso da Catalunha. D. Pedro é o primeiro escriptor português de lingua castelhana. Affigura-se-nos que Menéndez y Pelayo, fazendo a critica esthetica da obra do condestavel, volta a ser severo, pois nem sempre as transcripções, que della faz, nos provocam a impressão tediosa de monotonia, que aponta. Mereceram-lhe mais sympathia as *Coplas del contempto del mundo*, que são justamente as encorporadas na *Antologia*. Menéndez y Pelayo dá noticia duma obra inédita do condestável, *Tragedia de la insigne Reina Doña Isabel*, primeiramente revelada por Bellermann, em 1840, que passou despercebida ao sr. Th. Braga, a Coroleu é Inglada, a Balaguer y Merino, biographos catalães do principe, e a Garcia Peres, até que, em 1899, veio a ser publicada pela sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos. [1] Passa depois a caracterizar as obras castelhanas de outros poetas bilingues; D. Juan de Menezes, do coudel-mór Fernão da Silveira, Alvaro de Brito Pestana, Duarte de Brito, D. João Manuel, homonymo dum valido de Filippe o Formoso e seu contemporaneo, e Garcia de Rezende, tidos como os principaes.

O seguinte capitulo occupa-se só de Gil Vicente, como principal dos poetas portugueses bilingües do seu tempo. Apesar da modesta qualificação que o critico dá a esse capitulo — uma impressão de leitor aficionado e attento, mas em quem predomina o dilettantismo esthetico — essa apreciação do theatro vicentino é, por muitas razões, fortemente elucidativa para o estudioso. Collocando-se no seu ponto de vista de sem-

---

[1] V. vol. 1.º de *Homenaje á Menéndez y Pelayo*, Madrid, 1899.

pre, não o castelhano, nem o da nacionalidade literaria que estuda, mas o peninsular, Menéndez y Pelayo pôde ver aspectos que ainda não haviam sido vistos ou confessados, pelo menos, á data em que se publicou esse volume da *Antologia*, em 1898. Com calor, que não exclue o sentimento das proporções, o critico exalta o excepcional genio dramatico e lyrico de Gil Vicente, mais duma vez sahindo da exposição critica para o impressionismo devoto de leitor. E' obvio que o estudo esteja atrazado, porque a erudição depois dessa data fez progressos sensiveis a respeito dos varios problemas vicentinos: Theophilo Braga, Antonio Francisco Barata, Vasconcellos Abreu, Brito Rebello, J. Leite de Vasconcellos, Gonçalves Vianna, Sousa Viterbo, Conde de Sabugosa, Stiefel, Braamcamp Freire, Sousa Monteiro, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e Aubrey Bell, seguindo a discussão da identidade do poeta e do ourives e de outros aspectos da sua obra, trouxeram materiaes novos para a biographia e para a interpretação das obras. [1] Menéndez y Pelayo não cria na identificação do poeta e do ourives; o sr. Braamcamp Freire deixou-a definitivamente provada para quem não obedecer a exigentes tendencias de hypercriticismo. [2] A proposito de sua filha Paula Vicente falla da côrte litteraria de D. Maria, em termos vagos, porque só posteriormente se produziram algumas investigações grandemente elucidativas. [3] O seu ponto de vista peninsular reduziu a um irreverente eras-

---

[1] Póde-se ver a bibliographia da critica vicentina, portuguesa e estrangeira, no appendice bibliographico ao nosso trabalho, *Critica Litteraria como sciencia.*

[2] V. *Gil Vicente trovador, mestre da balança*, publicado na *Revista de Historia*, vols. 6.º e 7.º, Lisboa, 1917 e 1918, e em volume autonomo, edição de luxo, em 1919, 518 pags. e 19 estampas.

[3] V. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e as suas donas*, Porto, 1902, e um estudo incompleto de D. Olga Moraes Sarmento da Silveira. *A Infanta D. Maria*, no *Instituto*, vol. 56.º, Coimbra, 1909. Num artigo de resenha bibliographica José Verissimo apontou algumas das novas achegas trazidas pela mono-

mismo a pretensa heterodoxia de Gil Vicente, porque lhe mostrou como taes irreverencias eram por este tempo communs na litteratura castelhana, que mais duma vez se approximou das fronteiras da Reforma, sem nunca as transpôr. Tem a mesma origem o apontar em limites precisos, sem exaggeros, nem generosidades, a influencia indiscutivel de Juan del Encina na primeira phase de Gil Vicente, a do theatro liturgico; o seguir a influencia do poeta português no aragonês Bartolomé Palau, que na sua *Victoria Christi* imitou o *Summario da Historia de Deus*, no desconhecido paraphraseador em castelhano das *Barcas* e em Lope de Vega, que imitou o *Auto da alma* na sua peça *Viaje del alma* e fixou a forma definitiva da dramaturgia creada em esboço por Gil Vicente, após os balbucios de Encina.

Muito mereceria ser traduzido o estudo de Pelayo, que, independentemente do atrazo das informações biographicas e da chronologia dos autos muito alterada pelo sr. Braamcamp Freire, encerra justissimas apreciações, pontos de vista criticos muito fecundos, que, sem attingir as opiniões demasiadas de alguns modernos panegyristas, fazem justiça á creação genial do dramaturgo quinhentista e lhe conferem o lugar que de direito occupa na evolução do moderno theatro. [1]

---

graphia da sr.ª D. Carolina Michaëlis. V. *Uma Princesa Portuguesa* em *Homens e Cousas Estrangeiras*, 3.ª Serie (1905-1908), Rio de Janeiro, 1910. Ha ainda que mencionar o artigo do sr. Victor Ribeiro, *A Infanta D. Maria e o seu Hospital da Luz*, no *Boletim da Associação dos Archeologos Portuguezes*, Lisboa, 1907.

[1] Esta traducção do capitulo de M. y P. sobre Gil Vicente deveria ser illustrada pelo resumo de todos os passos e juizos que em varias obras suas exarou acêrca do comediographo português que lhe foi sempre muito familiar. Exemplifiquemos: em *Bartolomé de Torres Naharro y su Propaladia* compara o merito poetico deste auctor com o do português; no mesmo escripto se refere á influencia do primeiro sobre o segundo; em *Orígenes de la Novela*, tomo 3.º, aponta a influencia da *Celestina* sobre o mesmo. Haveria tambem que considerar as paginas dos *Heterodoxos* sobre as irreverencias vicentinas.

O tomo XII da *Antologia* é um tratado sobre os velhos romances de curso oral, verdadeiro compendio de ethnographia litteraria comparada da peninsula.

Aponta o conteúdo lendario dos *Portugaliae Monumenta Historica;* occupa-se da gesta lendaria do abbade D. João de Montemór, acêrca da qual volta a dissertar no tratado *Orígenes de la Novela;* refere-se ás lendas formadas em torno do rei Pedro I de Castella, que foram tambem attribuidas ao soberano português, seu contemporaneo e homonymo; indica alguns themas portugueses que formam o quadro de romances castelhanos (Ignês de Castro, as victimas da politica do Principe Perfeito, Duque de Bragança e Duque de Vizeu, assassinio da Duqueza de Bragança pelo Duque D. Jayme, seu marido, lendarios amores de Bernardim Ribeiro), e outras questões menores, como a variante portuguesa do romance *Por la matanza va el viejo*, que Garrett publicou e de cuja authenticidade Pelayo duvida, a larga divulgação portuguesa de *D. Gayfeiros* e os cinco lais da Bretanha contidos no Cancioneiro Colocci-Brancuti.

Apontando as obras da litteratura culta, que elaboraram como thema a lenda dos Irmãos Carvajales, Pelayo não indicou o romance de Mendes Leal Junior, assim mesmo chamado *Os Irmãos Carvajales.*

Repetiremos declaração analoga á já feita a proposito da parte prehistorica da *Historia de los Heterodoxos Españoles:* este volume de *Antologia* versa uma especialidade que está fóra do ambito dos nossos estudos e que não será facil comprehender nos dominios da critica litteraria. Não poderemos, por isso, discutir os dominantes pontos de vista de Menéndez y Pelayo nem aferi-los pelos ultimos e mais seguros passos da investigação. Um desses pontos de vista dominantes é a convicção de serem muito poucos os romances originaes portugueses de authenticidade incontroversa. Em mais dum passo da obra o affirma, nomeadamente no que a seguir transcrevemos:

«Un pequeño ramillete puede formarse con los romances

relativos á la historia y tradiciones de Portugal, algunos de ellos populares todavia en comarcas bien lejanas de aquel reino. Con esta popularidad contrasta la ausencia en la poesia portuguesa de toda variante de ellos, y aun de todo conto historico tradicional, fenómeno varias veces observado y que comprueba la escasa originalidad de los romances del país vecino. No es verosimil, por consiguiente, que estos pocos romances históricos fuesen compuestos primitivamente en portugués: algun rastro hubiera quedado de ellos, donde han quedado tantas y tantas canciones novelescas y caballarescas, traducidas del castellano.» (Pag. 284). Até que ponto será verdadeira esta asserção, só o poderão dizer os ethnographos, depois da colheita modernamente feita de tradições populares.

No escorço historico que fez dos estudos das tradições populares em Portugal, desde o seculo XVI até á actualidade, e que incluiu nos seus *Ensaios Ethnographicos*, Espozende e Lisboa, 1891-1910, o sr. dr. J. Leite de Vasconcellos não se occupa de Menéndez y Pelayo e não conhecemos nenhuma critica das opiniões do auctor hespanhol.

Repetidamente se refere Pelayo a Garrett, como colleccionador do *Romanceiro*, mas em termos de severidade muito semelhantes aos proferidos por Theophilo Braga em 1871 na sua estranha obra *Epopêas da raça mosarabe*, e que poderão mesmo attingir a probidade intellectual do auctor do *Frei Luiz de Sousa*. Pelayo não verbera o processo de Garrett, que se permittia corrigir a forma litteraria dos romances, mas systematicamente duvida das informações sobre a proveniencia dos romances que o poeta propõe. Este juizo demasiado severo contrasta grandemente com a opinião hoje dominante em Portugal, onde os ethnographos o consideram como o fundador do estudo scientifico das tradições populares portuguesas. Tal é o juizo de F. Wolf, de Morel-Fatio e do sr. J. Leite de Vasconcellos. Convem não esquecer que muitas das opiniões de Garrett acêrca da nossa novellistica popular têm sido confirmadas por investigações ulteriores e que o processo rigoroso e fiel da co-

lheita do texto, com todas as suas variantes, sem a pretensão de as combinar em busca dum texto mais formoso, foi uma conquista moderna do methodo scientifico, quando esse districto de estudos passou do dilettantismo esthetico para a ethnographia, com sua finalidade e seus processos impessoaes. [1]

Ainda no mesmo tomo da *Antologia*, esclarece o critico um interessante problema das *Trovas que Garcia de Rezende fez á morte de D. Ignês de Castro*, insertas no seu *Cancioneiro Geral*, de 1516.

Segundo sua opinião, as trovas de Rezende teriam sido suggeridas por um romance de Castella, onde os amores e desventuras de D. Ignês de Castro e D. Pedro logo se popularizaram. E esse romance teria sido tambem o inspirador da *Tra-*

---

[1] V. *Ensaios Ethnographicos*, Dr. J. Leite de Vasconcellos, vol. 1.º, capitulo sobre Garrett, pag. 206-221, Espozende, 1911, 2.ª edição. — Começamos a recear que no vizinho paiz Garrett seja mais conhecido como colleccionador do *Romanceiro* do que como grande escriptor e reformador litterario que foi. Ainda recentemente o sr. D. Ramon Menéndez Pidal se lhe referiu para refutar algumas opiniões do poeta sobre o maravilhoso nos romances peninsulares. V. *Bulletin Hispanique*, tomo XX, Bordeus, 1918, pag. 231. M. y P. fez justiça á prioridade de Garrett, como compilador desses dispersos monumentos da litteratura popular. Assim escreve em *El Doctor Don Manuel Milá y Fontanals*: «Fueron Milá y el gran poeta portugués Almeida Garrett los primeros que en la Península publicaron colleciones de romances directamente recogidos de la tradición oral, completando con elas las riquisimas colecciones castellanas, tan conocidas y celebradas desde antiguo, y abriendo nuevo y profundo surco en el estudio del alma colectiva de nuestra raza. El *Romancerillo* catalán, aun considerado en su primera edición, supera grandemente al portugués, no solo por la fidelidad estricta con que reproduce los cantos populares, que Garrett casi sempre alteraba ó refundia conforme a su gosto romántico, sino por presentar buen número de temas poéticos, ya indigenas de Cataluña, ya similares de las canciones de Provenza y de la alta Italia; lo cual no acontece con los romances portugueses, que son por lo comun variantes de los castellanos, cuyas assonancias conservan.» (V. pag. 13-14 dos *Estudios de Critica Literaria*, 5.ª série, Madrid, 1908).

gedia famosa de Doña Inês de Castro, Reina de Portugal, do licenciado Mexia de la Cerda, dramaturgo contemporaneo de Lope de Vega, e de *Reinar después de morir*, de Luiz Velez de Guevara. Esse romance ainda era popular no seculo XVII, sem as alterações depois introduzidas, quando se tornou no romance dos amores de D. Isabel de Lion, segundo o processo systematico de apagar todas as indicações reaes e concretas. O argumento principal apresentado por Pelayo é a approximação estylistica: em Garcia de Rezende, no romance popular, em Mexia de la Cerda e Velez de Guevara ha coincidencias de forma que attestam uma suggestão commum e que têm um sabor pronunciadamente tradicional. Outro argumento é o da propria rubrica do *Cancioneiro Geral:* «trovas á maneira de romance», o que parece indicar a imitação da caracteristica maneira dum romance conhecido.

V — «ORÍGENES DE LA NOVELA»

Muita materia portuguesa se comprehende nesta obra monumental, principalmente no seu primeiro tomo, apparecido em 1905 e que é, como seu auctor o sub-intitula, um «tratado histórico sobre la primitiva novela española». Nelle compendia, discutindo-os um a um, os argumentos adduzidos em favor da auctoria portuguesa da novela do *Amadis de Gaula*. Essa discussão, fundada em solida erudição e vivificada por arguta e imparcial perspicácia, é um typico modelo de processo critico. Nem animosidade, nem inclinação, só o supremo desejo de apurar conclusões verdadeiras.

Os argumentos recolhidos por Pelayo são os seguintes: um passo de Gomes Eannes de Zurara, na sua *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes;* o testemunho do Doutor João de Barros, auctor do *Espelho de Casados.* [1] que o insigne polygra-

[1] V. o recente estudo do sr. Frazão de Vasconcellos, *Ascendencia materna do desembargador João de Barros (auctor do «Espelho de Casados»)*, Lisbôa, 1917, 2.ª edição.

pho confunde com o historiador da *Asia*, seu homonymo; os sonetos archaicos de Antonio Ferreira; a annotação de Miguel Leite Ferreira ás obras de seu pae; as referencias do arcebispo de Tarragona, de D. Luiz Zapata, de Lope de Vega, do P.e Jorge Cardoso, a propria declaração inserta no texto castelhano, publicado por Montálvo e o estribilho das canções de João de Lobeira, que figuram no *Cancioneiro Colocci-Brancuti.*

Todos elles foram pelo critico considerados na sua capacidade demonstrativa e em conjuncto afiguram-se-lhe um apparelho complicado, mas decisivo. E por isso julgou que Lobeira tivesse sido apenas recenseador do texto, o executor da modificação introduzida por desejo de D. Affonso IV, ainda infante, na parte referente a Briolanja, não o auctor, porque ha em Castella noticias do *Amadis*, anteriores a Lobeira. Como a prosa portugnesa houvesse sido, até então, muito pouco cultivada, como forma de arte, e principalmente imitasse a castelhana, Pelayo não julga verosimil que della sahisse a novella, mas com prudente parcimonia opinou do modo seguinte: «Sin decidir este punto linguïstico, que en el actual estado de los estudios no puede resolverse por falta de dados, lo unico que podemos tener por averiguado es la existencia de un *Amadis* peninsular a fines del siglo XIII.»

Esta opinião, formulada depois dum rigoroso processo critico, era já diversa da que incidentemente expressára no tomo IV da *Antologia de poetas liricos castellanos,* em 1893, referindo-se á impossibilidade de ser Vasco de Lobeira o auctor do *Amadis:* «Pero esto nada prueba contra la tradicion constante del origen portugués ó gallego del *Amadis,* que nos inclinamos á tener por muy probable, ya que no enteramente probada». (Pag. XXVIII, nota).

Dos argumentos acima apontados um foi recentemente muito abalado na sua solidez; é o testemunho de João de Barros. Está elle expresso a folhas 32 verso do manuscripto n.º 216 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, *Libro das antiguidades e cousas de Antre Douro e Minho*, composto em 1549, e reza

assim: «E daqui (Porto) foi natural vasco lobeira que fez os primeiros 4. libros do amadis, obra certo mui subtil, e graciosa e aprovada dos gallantes, mas como estas cousas se secão em nossas mãos, os castelhanos lhe mudarão a linguagem, e atribuirão a obra a si.» Neste mesmo anno corrente publicou a Bibliotheca Publica do Porto, na serie iniciada pelo saudoso director Rocha Peixoto, um manuscripto inédito intitulado *Geographia d'entre Douro e Minho e Traz os Montes, pelo Doutor João de Barros*. Na Bibliotheca do Porto ha cinco exemplares da obra, mas todos incompletos. O sr. J. M. Augusto da Costa, que dirigiu a edição, escolheu o n.º 1109, que é o mais antigo e que tem na catalagação do estabelecimento a nota «de que é o original do auctor», o qual viveu no seculo XVI, e recorreu aos outros em casos de incerteza. Ora neste manuscripto agora publicado não ha tal passagem sobre o *Amadis*. Comparando-o com o da Bibliotheca Nacional, a nosso pedido, o sr. Pedro de Azevedo observou que elle conferia em muitos passos, mas divergia completamente em muitos outros, e que era redigido em calligraphia do seculo XVII. Que valor tem pois tal testemunho, como sendo de João de Barros, se no mais antigo dos seus manuscriptos não existe? Só uma ordenação genealogica dos manuscriptos e a sua analyse intrinseca poderão responder cabalmente a esta pergunta. Procuraremos fazê-lo breve, ao rever a nossa *Historia de Litteratura Classica* para nova edição.

Passa em seguida a fazer uma cerrada refutação da imaginosa theoria da formação do *Amadis de Gaula*, architectada pelo sr. Th. Braga, segundo a qual a famosa novela, obra de creação individual, teria seguido o mesmo processo de collectiva formação das epopêas primitivas.

Braga, analysando os mais variados elementos, authenticos e falsos, connexos e desconnexos, vê na formação do *Amadis* as seguintes phases: rudimento agiographico; cantilena anonyma ou lai; forma cyclica de gesta ou poema de aventu-

ras; redacção definitiva. Uma a uma, são estas hypotheses rebatidas por Pelayo.

No capitulo sobre a novela historica mais de passagem se occupa de assumptos portugueses: a gesta do abbade João de Montemór e sua localização em Portugal, por Fr. Bernardo de Brito tida não como lenda, mas historia verdadeira, e o *Livro do Infante D. Pedro de Portugal que andou as quatro partidas do mundo.* Da gesta de Montemór perdeu-se o texto poetico, só existem duas prosificações do fim do seculo XV, uma no livro manuscripto, *Compendio Historial*, de Diego Rodríguez de Almela, e outra em folheto de cordel. A ambas publicou, em 1893, o sr. D. Ramon Menéndez Pidal, a cuja critica inteiramente se atem Pelayo, pelo que apenas resume a lenda e a relaciona com outras. O sr. Pidal, e com elle Pelayo, crêem que a gesta é originalmente leonesa, apesar das affirmações em contrario de escriptores de pouca sisudez historica, como Frei Bernardo de Brito, Fr. Antonio Brandão, que costumava ser mais circumspecto que o iniciador da *Monarchia Lusitana*, e Faria e Sousa.

O livro, da litteratura de cordel, sobre as viagens do Infante D. Pedro, o martyr de Alfarrobeira, é originariamente castelhano. E' de Salamanca a sua primeira edição, anno de 1547; em Portugal circula em traducção, cuja mais antiga publicação conhecida é de 1644. Dessas duas edições, a castelhana e a portuguesa, fez D. Cesareo Fernandez Duro, em Madrid, 1903, uma edição comparativa.

Este curioso e popular livro de cordel envolve dois problemas, o litterario, da sua origem e transmissão, e o historico, da exactidão do seu conteúdo. A ambos se refere Menéndez y Pelayo; o primeiro parece resolvido e o segundo, que mais não é do que o conhecimento da vida e personalidade do celebre Regente do reino, prosegue avançando com posteriores investigações.

A' sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos,[1] que limitou á realidade o roteiro das viagens do Infante, consideravelmente ampliado por Oliveira Martins nos *Filhos de D. João I* — obra que Menéndez y Pelayo conheceu — respondeu Sousa Viterbo, num pequeno artigo,[2] de 1902, que o critico lamentou não ter podido conhecer, e em que algumas pequenas contribuições proporcionou. Nelle responde á affirmação um pouco vaga da sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, de que o infante D. Pedro só entrára na lenda nos ultimos decennios do seculo XVI e primeiros do seculo XVII, com uma passagem do *Tratado dos Descobrimentos* de Antonio Galvão, de 1563, na qual se lhe aponta uma longa trajectoria de viagens, quasi todas de pura phantasia; e indica os nomes de alguns companheiros de viagem do infante, Gomes de Santo Estevam, o polaco Matheus, e Vasco Pires Gante, talvez belga, estes dois só no regresso ao reino. O nome deste ultimo consta duma carta de armas de Affonso V, de 1454, que transcreve.

Modernamente, o sr. Manuel Paulo Merêa, professor de direito, a proposito da publicação do *Tratado da virtuosa Bemfeitoria*, do inclito infante, expôs as doutrinas politicas que dominam essa obra e grandemente esclarecem a sua formação intellectual.[3]

---

[1] V. *Uma obra inedita do Condestavel D. Pedro de Portugal*, em *Homenaje á Menendez y Pelayo en el año vigésimo de su profesorado*, Madrid, 1899.

[2] V. *Um companheiro do infante D. Pedro, o das sete partidas*, na *Revista Militar*, vol. LIV, Lisboa, 1902, pags. 641-9.

[3] V. *As theorias politicas medievaes no «Tratado da Virtuosa Bemfeitoria»*, na *Revista de Historia*, Lisboa, 1919, vol. 3.º, pag. 1-21. — A edição da obra de D. Pedro é de 1910.

Seguiu-se nella o texto dum apographo, que se guarda na Bibliotheca do Porto e não, como se devia, o manuscripto muito mais antigo e illuminado que se conserva na Bibliotheca Publica de Vizeu, que o antigo director deste estabelecimento, sr. Amadeu Silva, não hesita em considerar como o original. V. pag. 151 do *Boletim Bibliographico da Academia das Sciencias de Lisboa*, 2.ª serie, vol. 2.º, fasciculo n.º 1, 1918.

No capitulo sobre a novela pastoril, demoradamente se refere a Bernardim Ribeiro e Jorge de Montemór. Como se vê, o critico perfilhou a opinião tradicional, que faz do romance das *Saudades* ou *Menina e Moça* uma peça pastoril e não cavalheiresca ou, mais exactamente, uma peça mixta. Esta opinião está muito generalizada, mas o singelo exame da obra em conjuncto promptamente indica que não é o aspecto pastoril que predomina. Expõe o que até então havia de seguro na biographia de Bernardim Ribeiro, analysa a primeira e a segunda parte da novela, resume e extracta o texto longamente, dá noticia muito inteirada da forma por que se divulgou a lenda dos amores palacianos do poeta quinhentista, desde Faria e Sousa até Garrett, que a tomou para thema do seu drama historico *Um Auto de Gil Vicente*, e não deixa de alludir á affoita imaginação reconstructiva, que, pairando na mais completa independencia dos documentos, enreda todo um pormenorizado drama de amores, identifica todas as personagens, tudo suppondo explicar cabalmente.

A respeito de Bernardim Ribeiro, não fez Menéndez y Pelayo investigações novas, mas inteirou-se de toda a bibliographia portuguesa a elle concernente, joeirou-a, fez a critica esthetica da *Menina e Moça* e incorporou a obra na historia geral do genero. A seguir, trata da influencia do *Amadis*, referindo-se ao *Palmeirim de Inglaterra*, que considera originalmente composto por Francisco de Moraes, como demonstraram Odorico Mendes, em 1860, o sr. Th. Braga, em 1881, a sr.ª D. Carolina Michaëlis, em 1882, Benjuméa, em 1887, e W. Purser, em 1904 e têm corroborado os modernos trabalhos de Mr. Henry Thomas.

Depois de Menéndez y Pelayo, que principalmente á edição do sr. D. José Pessanha recorreu, foram Bernardim Ribeiro e a sua novela objectos de porfiadas indagações. A vida sentimental de Bernardim e a trama enredada do romance exerceram sobre os investigadores uma attracção de mysterio e é menos em apurar solidas realidades incontroversas do que em interpre-

tar esse mysterio que se acuram certos investigadores. E assim as hypotheses se têm ido acastellando, sem progresso sensivel para a boa critica. A' data em que Pelayo escreveu a obra, de que vimos referindo o conteudo português, já alguns alvitres imaginosos haviam sido propostos, como os do sr. Theophilo Braga, em 1872 e 1892, e de Sanches de Baena, em 1895; só ao primeiro se refere Pelayo, ao de 1872, cujo auctor posteriormente não deixou de retocar e ampliar com novas hypotheses.

Della escreve o critico hespanhol: «Todo ello está muy ingeniosamente combinado, no envuelve ninguna impossibilidad moral, puede parecer hasta verosimil; pero además de ser enteramente gratuito y trabajo de pura imaginación reconstructiva, sin apoyo sólido en ningun documento, tropieza con las fechas generalmente asignadas al nacimiento de Bernardim y á su ida á la corte. Doña Juana já estaba casada en 1516, y parece haber sido una esposa ejemplar.»

O desenvolvimento dos estudos sobre Bernardim foi, nas suas linhas geraes, o seguinte:

Em 1908 o sr. Delphim Guimarães, no seu livro *Bernardim Ribeiro* (*o Poeta Chrisfal*), affirmou que Bernardim e Christovam Falcão eram uma mesma pessoa, escudando-se nos argumentos que enumeramos: 1.º — o nome de Chrisfal seria formado pelas syllabas iniciaes de *chrisma falso* e de chrismas falsos sómente teria Bernardim usado nessa ecloga de Chrisfal que o sr. Guimarães lhe attribue; 2.º — a carta que Christovam Falcão escreveu de Roma a D. João II revela uma instrucção rudimentar, pelo que julga o critico «que não podia ter sido o gentil-homem Falcão, que tão incorrectamente escrevia, o delicado auctor da formosissima ecloga que lhe era attribuida» (Pag. 183); 3.º — as obras dos dois poetas ostentam coincidencias estylisticas demasiadas para se poder considera-las como resultantes da commum formação litteraria ou da suggestão dum sobre outro.

A este alvitre responderam: o sr. Theophilo Braga [1] impugnando-a e agora na boa doutrina, e ainda no mesmo sentido, o sr. Raul Soares, [2] que produziu a mais decisiva argumentação nesta materia, a qual se poderá condensar nas seguintes razões: 1.º — o testemunho de Gaspar Fructuoso (1522-1591) que nas suas *Saudades da Terra* claramente allude a Christovam Falcão como auctor da ecloga *Chrisfal;* 2.º — testemunho semelhante de Diogo do Couto (1542-1616) na sua *Decada VIII*, cap.º 34.º, ed. de 1673; 3.º — o de Faria e Sousa (1590-1649) no seu *Commentario ás Rimas de Camões*, tomo IV, pag. 266; 4.º — o de Antonio dos Reis (1690-1738) no seu *Enthusiasmus Poeticus;* 5.º — o de Diogo Barbosa Machado (1682-1772) na sua *Bibliotheca Lusitana;* 6.º — o do manuscripto genealogico da Bibliotheca Nacional de Lisboa, C-1-18; 7.º — ser a carta de Roma, depois de bem ortographada e bem pontuada, um documento de prosa regular, que de modo nenhum impossibilita o seu auctor de ser bom poeta; 8.º — haver a par de semelhanças e coincidencias de versos uma grande abundancia de differenças estylisticas sufficiente para comprovar serem as eclogas de auctores diversos.

Ao lado do sr. D. Guimarães collocou-se o sr. Silvio de Almeida, de S. Paulo [3]. Desta discussão nasceram os estudos e a polemica dos srs. Braamcamp Freire e Theophilo Braga so-

---

[1] O sr. Th. Braga respondeu no jornal o *Dia* e numa communicação numa associação litteraria, mas a melhor e mais systematica resposta ao sr. D. G. está condensada no estudo que acompanha a sua edição das *Obras* de Falcão, Porto, 1916, edição da Renascença Portuguesa. O sr. D. G. insistiu no seu alvitre com o livro *Theophilo Braga e a lenda do Chrisfal*, Lisboa, 1919.

[2] V. *O Poeta Chrisfal* (*subsidios para o estudo de um problema historico-litterario*), Campinas, 1909.

[3] V. *A Mascara de um poeta* (*Bernardim Ribeiro*) Lisboa, 1913, recopilação, assim como o já referido livro do sr. R. Soares, de artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo.*

bre Maria Brandôa, a do Chrisfal, ou seja sobre os amores de Christovam Falcão [1].

De Bernardim se occupou ainda o sr. Achille Pellizzari [2], mas sob o ponto de vista da influencia poetica italiana na litteratura portugueza. E finalmente o sr. Patrocinio Ribeiro [3] aventou nova hypothese e nós démos uma critica esthetica da novela e das eclogas [4].

Em paginas magistraes, de erudição, de senso critico e de gosto, e até de clareza na ordenação das materias, se occupa Menéndez y Pelayo da *Diana* de Jorge de Montemór, obra castelhana de auctor português, que se incorporou na tradição litteraria de Hespanha e que por ella larga e profunda influencia exerceu nas litteraturas peninsulares, na francesa e na inglesa.

Esta obra é das que suscitam um problema delicado, o da nacionalidade das obras litterarias. Já o versámos um pouco ligeiramente e a proposito da mesma *Diana*, quando ao ordenar o esboço historico do nosso quinhentismo hesitámos tanto em o incluir nesse quadro como em o excluir. Voltando a pensar neste problema — qual o criterio a adoptar quanto á nacionalidade das obras litterarias? — ainda hoje opinamos do mesmo modo: a *Diana* pertence á litteratura castelhana. Buscámos nella formas da sensibilidade portuguesa e não lográmos senão reconhecer que evidentes differenças a *Diana* oppõe á *Me-*

---

[1] V. Sr. Braamcamp Freire, *Maria Brandôa, a do Chrisfal*, art.° no *Archivo Historico Português*, vols. 7.° e 8.°, Lisboa, 1909-1910; sr. Th. Braga, *Maria Brandôa, a do Chrisfal, não foi apeada*, art.° na *Atlantida*, Lisboa, 1916; sr. B. F., *Maria Brandôa, a do Chrisfal*, na mesma revista, 1916.

[2] V. *Bernardim Ribeiro e la Poesia italianeggiante in Portugallo agli inizi del secolo XVI*, capitulo do livro *Portogallo e Italia nel secolo XVI*, Napoles, 1914.

[3] V. *O auctor occulto do Chrisfal*, artigo na *Atlantida*, vol. 6.°, Lisboa, 1917.

[4] V. *Historia da Litteratura Classica*, Lisboa, 1917, cap. IV.

nina e Moça e todo o pastoralismo português, de sorte que nem pode ser tida como uma expressão castelhana do genio português. [1]

Na sua obra, Menéndez y Pelayo conta a biographia de Montemór, recorrendo tambem a Sousa Viterbo, reconstitue a formação espiritual desse castelhanizado escriptor português, dispensa-se de fazer a analyse do entrecho da *Diana* por a considerar cabalmente feita por Dunlop-Liebrecht, Schönherr e Rennert, caracteriza estheticamente a novela e aponta com individuação a sua influencia por meio de continuações, traducções, imitações e até simples suggestões de episodios parcellares do seu argumento na peninsula, na França e na Inglaterra, em Alonso Perez, Gaspar Gil Polo, Jeronymo de Texeda, Antonio Frasso, Pedro de Pineda, Luiz Galvez de Montalvo. Henriquez de Zuñiga, Gonzalo de Saavedra, Frei Bartolomé Ponce, Honoré d'Urfé, Sorel, Segrais, M.me des Houillières, Fontenelle, Florian, Sidney, Googe e Shakespeare. Certamente os maiores triumphos dessa influencia foram o haver inspirado a *Astrée*, de d'Urfé e, por via indirecta, duas peças de Shakespeare, *The Twelfth Night* e *Two Gentleman of Verona;* não a que geralmente se cria tal, *Midsumner Night's Dream*, como opinaram J. C. Dunlop [2] e R. Tobler [3].

Tambem só neste capitulo, das influencias, houve progresso sensivel; Mr. Fischer estudou as relações da *Sireine* d'Urfé com a *Diana*, [4] e M. Jules Marsan, numa monographia notavel, vol-

---

[1] V. o nosso artigo *Do criterio de nacionalidade das litteraturas*, no *Instituto*, Coimbra, 1917, vol. 64.º, reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 2.ª série, Lisboa, 1918.

[2] *History of Fiction*, Londres, 1888.

[3] V. *Shakespeare Sommernachtstraum und Montemayors Diana*, em *Jahrbuch der deutschen Shakespeare-Gesellschaft*, Weimar, 1898.

[4] V. *Honoré d'Urfé's «Sireine» and the «Diana» of Montemayor*, nas *Modern Language Notes*, Baltimore, 1913, n.º de junho.

tou a estudar com desenvolvimento a influencia da *Diana* em França.

Pela extensão e em alguns casos pela profundeza da influencia da celebre novela, póde considerar-se o português Jorge de Montemór um dos motivos que mais contribuiram para a constituição dum novo districto da critica litteraria, a litteratura comparada, de que Texte chegou a expôr alguns principios normativos, especie de theoria. E que a influencia da *Diana* é um dos problemas mais attrahentes das relações litterarias com a peninsula, prova-o a bibliographia extensa desse assumpto, que já em 1895 Mr. Fitzmaurice-Kelly podia reunir.

No 2.º volume da obra, de que nos vimos occupando, *Orígenes de la novela*, apparecido em 1907, após uma referencia breve ao escripto apocrypho *Glosas al Sermón de Aljubarrota*, que pertence ao numero não pequeno das anecdotas satyricas e algumas vezes até injuriosas, que mutuamente portugueses e castelhanos se endereçam, D. Marcellino versa os *Contos e historias de proveito e exemplo*, de Gonçalo Fernandes Trancoso, em Portugal o fundador deste genero litterario e conterraneo do fundador do prophetismo messianico, Bandarra, depois volvido em patriarcha do sebasteanismo. Faria e Sousa e alguns auctores modernos affirmam que o livro de Fernandes Trancoso foi o primeiro do seu genero na peninsula; não é assim, porque teve um predecessor, ainda que um só, Timoneda, que publicou as suas *Patrañas* em 1566. O critico, que repetidamente cita os *Contos tradicionaes do povo português*, do sr. Th. Braga, limita-se a apontar por methodo comparativo as fontes da famosa obrinha de Gonçalo Trancoso e a caracterizá-la estheticamente, que era só quanto podia fazer, visto que a biographia é totalmente des-

---

1 V. *La Pastorale dramatique en France à la fin du XVIe siècle et au commencement du XVIIe siècle*, Paris, 1905. Os capitulos III, IV, V E VII occupam-se da influencia de Montemór. Tem uma bibliographia opulenta e gravuras muito elucidativas.

conhecida e a pequena bibliographia já estava organizada por Innocencio. Esse trabalho da indicação das fontes dos *Contos e historias de proveito e exemplo* é admiravel e constitue talvez a mais segura informação sobre a curiosa collecção novellistica.

O critico considera esta obra mais valiosa que a de Timoneda, porque nella predomina a tradição oral sobre as imitações litterarias de segunda mão, e das duas espécies dá exemplos, ora indicando themas communs a outros povos, conhecidos antes e depois de Trancoso os haver fixado, ora apontando os auctores e as peças delles adoptadas. Esses auctores são, no parecer do critico, o velho Plutarcho, Aviano, Boccacio, com o qual occorrera a notavel coincidencia de tambem escrever durante uma epidemia, no caso português a *peste grande* de 1569, Bandello, Straparola e Giraldi Cinthio. Em seguida, citando Saraiva de Sousa, Manuel Bernardes, Manuel Consciencia e João Baptista de Castro, que nos deixaram escriptos de intenção moral, algumas vezes amenizados com contos «de proveito e exemplo», louva a obra de Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia*, de 1619, onde ha dois curiosos dialogos sobre technica novellistica, que bem podem considerar-se precursores das hypotheses theoricas modernas. E' breve a referencia a Rodrigues Lobo (pags. XCVII-VIII), porque a *Côrte na Aldeia* ultrapassava o limite das suas investigações, que era o apparecimento das *Novellas* de Cervantes.

No mesmo 2.º volume da obra é reproduzido todo o texto de *Los siete libros de la Diana*, de Montemór, e sua continuação por Gaspar Gil Polo.

A introducção ao 3.º volume é totalmente preenchida por uma monographia verdadeiramente exhaustiva sobre a *Celestina*, nome sob que se divulgou a *Tragicomedia de Calisto y Melibea*. Ahi se versam todos os problemas que a obra póde comportar: biographia de Fernando de Rojas, seu auctor, fontes litterarias da obra, influencias que reflecte, sua analyse esthetica intrinseca, sob varios aspectos, bibliographia e varia fortuna da obra,

suas traducções e seu influxo nas litteraturas estrangeiras, imitações e continuações. Foi no capitulo da acção influidora que Menéndez y Pelayo abeirou assumpto concernente á litteratura portuguesa, primeiramente apontando alguns elementos «celestinescos» — releve-se o neologismo que é do critico — no theatro de Gil Vicente, alcovetas que do seu officio e suas proezas se gabam (pag. CXLV-VI); depois affirmando a influencia sobre Jorge Ferreira de Vasconcellos. A proposito, o escriptor indica dois typicos casos que documentam tambem a grande acceitação da obra; levar a Infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel I, para Saboya *una taza de plata con la historia de Celestina*, como refere D. Antonio Caetano de Sousa, e ter sido castigado em 1521 um ferreiro Diogo Lopes, por ser encontrado a ler a *Celestina* a um grupo de mulheres, no mosteiro de S. Francisco, em Bragança, perante o Sacramento. Sobre Jorge Ferreira desenvolvidamente escreveu D. Marcellino, e essas pags. (CCXXXVII-CCXLIII) reunem todas as noticias que se podem grangear acêrca deste auctor quinhentista e suas obras, que o critico compilou dos bibliographos, de dados proporcionados pela sr.ª D. Carolina Michaëlis, como gratamente confessa, e do exame das comedias. E' a *Euphrosina* que mais o interessa, por ser a que trahe mais directa influencia da *Celestina;* della nos dá a historia externa e uma analyse da acção dos caracteres. Da *Aulegraphia* e de *Ulyssipo* faz mais breve menção.

A pag. CCXXXVII, fallando da traducção nem sempre fiel de Ballesteros, suggere á erudição portuguesa o seguinte trabalho: «Hacer la comparación de ambos textos es tarea que peculiarmente incumbe á los eruditos portugueses, así como otra más importante, la de reimprimir críticamente la primitiva *Eufrosina* de las ediciones del siglo XVI, para que sepamos á ciencia cierta cuáles son las variantes que en ella introdujo Lobo.» Infelizmente, as comedias de Jorge Ferreira continuam a ser de extrema raridade e ainda não foram estudadas criticamente como merecem. Só o sr. Aubrey Bell, moderno lusophilo inglês,

acaba de publicar uma edição annotada da *Euphrosina*, [1] sob os auspicios da Academia de Sciencias e prepara outra da *Aulegraphia*.

No mesmo 3.º volume de *Orígenes de la novela* vem reproduzida a traducção da *Euphrosina* por Fernando de Ballesteros y Saavedra, publicada a primeira vez em 1631.

O 4.º e ultimo volume da obra já foi publicado posthumamente sob a direcção do sr. Bonilla y San Martin, que cumpriu com terno acatamento as indicações de Menéndez y Pelayo, que pôde conhecer. Nelle se reproduz uma das três versões castelhanas dos *Diálogos de Amor* de Leão Hebreu, a de Garcilaso Inca de la Vega, Madrid, 1590, que D. Adolpho Bonilla considera a melhor. Em vez da introducção critica de Marcellino, que nada chegára a escrever para ella, esse volume contem a reproducção da admiravel monographia biographica, critica e bibliographica, simultaneamente obra de saber profundo, de erudição inexcedivel e de carinhosa amizade, *Marcelino Menéndez y Pelayo (1856-1912)* um anno antes publicada no *Boletin de la Real Academia de la Historia*.

* * *

Taes são as notas marginaes, que nos suggerem os estu-

---

[1] A *Comedia Euphrosina*, que é sem duvida um dos textos mais difficeis da litteratura portuguesa, constitue o 1.º volume da collecção *Monumentos de Litteratura Dramatica Portugueza*, benemerito emprehendimento da Academia de Sciencias de Lisboa, de iniciativa do sr. F. M. Esteves Pereira. Os outros volumes já publicados são por ora: II, Ayres Victoria, *A Vingança de Agamemnon*, imitação de Perez Oliva; III, Jeronymo Ribeiro, *Auto do Physico;* IV, anonymo, *Auto das Regateiras de Lisboa*. — O sr. dr. José Maria Rodrigues, insigne camoneanista, deu-se ao estudo do obscuro texto da *Euphrosina* e tem muito adiantada a interpretação delle. Do methodo e de algumas das conclusões apuradas informou a Academia das Sciencias, em sessão de 15 de Abril de 1920.

dos portugueses de Menéndez y Pelayo, notas necessariamente incompletas não só pela propria indole dos difficeis assumptos, nunca esgotados, mas tambem porque a obra do insigne polygrapho, sendo tão variada e tão vasta, muitas outras referencias a materia portuguesa, [1] ainda que mais ligeiras, conterá.

Apontámos a forma por que o critico hespanhol ventilou alguns problemas da nossa historia litteraria, assim a popular como a erudita, da nossa historia artistica, scientifica e philo-

---

[1] Para apurar de modo exhaustivo toda a materia portuguesa duma obra tão vasta e tão dispersa, seria necessario dispor dum indice analytico, como o que existe no Centro de Estudios Historicos de Madrid, organizado pelos redactores da *Revista de Filologia Española*, e possuir todas as especies bibliographicas que compõem essa obra, o que não é facil a um estrangeiro. Teremos de aguardar a publicação das suas *Obras Completas*, que está sendo dirigida pelo eminente professor Bonilla y S. Martin, que foi seu intimo confidente. — Apontaremos ainda alguns pequenos elementos portugueses da sua obra, embora nem todos de historia literaria. No discurso de recepção na Real Academia Hespanhola, lido em 1881, M. y P. occupou-se da poesia mystica na peninsula, formosissima pagina de critica esthetica, em que synthetiza uma das feições predominantes da nossa tradição litteraria. Nelle se refere á escriptora portugueza. Sóror Maria do Ceo, no seguinte passo: «Aun fué mayor el nombre de la portuguesa Sor Maria do Ceo, cuyas obras se tradujeron en seguida al castellano (1744). Tenía, sin duda, ingenio no vulgar y más vigoroso que el de Sor Gregoria, y más habil para concertar un plan, pero afeado con todo género de dulzazos amaneramientos. En la novela alegórica de las *Peregrina*, y en la muchas poesías intercaladas en ella, todas relativas al viaje del alma en busca de su divino Esposo; en el auto de las *Lágrimas de Roma*, y en las alegorías de las flores y piedras preciosas, hay brío de imaginación y hasta talento descriptivo y felices imitaciones del *Cantar* de Salomón; pero todo, aun la misma dulcedumbre, en fuerza de repetida, empalaga». (pag. 71 da 1.ª Serie dos *Estudios de Critica Literaria*. 3.ª ed., Madrid, 1915). Outras figuras poderosamente representativas teria o genero para apresentar, mas a brevidade do ensaio não permittiu a sua allegação. O sr. Th. Braga mais se alongára no seu estudo sobre a *Poesia Mystica Amorosa*, que tem um capitulo sobre esse genero em

sophica, e da nossa archeologia, e logo de seguida summariámos os progressos ganhos pela erudição a respeito de cada um. Desse modo tentámos prestar homenagem perante o publico português ao preclaro polygrapho, crédor do reconhecimento dos nossos estudiosos, e perante o publico da lingua castelhana demonstrar que durante os ultimos tempos a erudição portuguesa não esteve ociosa, apesar das circumstancias adversas creadas ao trabalho intellectual pela agitação politica feita de grossaria e incultura.

A obra de Pelayo é duma composição bastante irregular,

Hespanha (V. *Estudos da Edade Media*, Porto, 1870, pags. 135-182, onde se contem muita materia não medieval). Da poetisa Soror Maria Céo divulgou recentemente o sr. Mendes dos Remedios numerosas poesias e prosas na anthologia *Escriptoras de outros tempos*, Coimbra, 1914, pags. 31-120. Do discurso *De la Poesia Mistica* publicou-se uma traducção portuguesa, do Conego Francisco Sanches, erudito professor da Collegiada de Guimarães, na revista *Progresso Catholico*, Guimarães, vol. 8.º, n.º 14, 15 de Maio de 1881. — Na sessão de 3 de Novembro de 1891, da Real Academia de Sciencias Moraes e Politicas, de Madrid, M. y P. tomou parte na discussão do seguinte thema: *Observaciones acerca del vasallaje de los Reys de Portugal á los reys de Léon y Castilla*, como consta do tomo 7.º das *Memorias de la Real Academia de Ciencias Morales y Politicas*, Madrid, 1893. Devemos este informe ao sr. Bonilla y San Martin, que o refere a pag. 129 da sua bibliographia de M. y P. — Em 1897, escrevendo na revista, *La España Moderna*, dum discurso pronunciado na Academia Real de Sciencias Exactas pelo sr. Vallin y Bustillo sobre a cultura scientifica hespanhola no seculo XVI, M. y P, insertou no seu artigo a seguinte passagem referente a Pedro Nunes: ¿Qué sabemos, por ejemplo, del hispano-lusitano Pedro Juan Nunes sino casi lo mismo que supieron Montucla y Bossut, es a saber: que estudió el primeiro la curva loxodrómica; que resolvió un siglo antes que Bernouilli el problema de la menor duración del crepusculo; que dió caracter cientifico al arte de la navegación: que dedujo una formula para calcular la latitud por medio de las alturas del sol y del azimut; que inventó cien años antes de Vernier el famoso aparato para medir fracciones que de su nombre se llama *nonius;* y, finalmente, que compuso en lengua castellana una Algebra, con aplicaciones á la Aritmética y á la Geometria, libro que, impreso en 1567, debe de ser de

não tem o equilibrio e a justeza de proporções, que admiramos nos francezes, mestres da arte de arrumar e expôr idéas com methodo, e que da propria ordenação dum livro fizeram uma arte sobria e logica. Os seus planos, sendo sempre amplos, mais se dilatavam no momento da execução, por uma especie de infinita elasticidade. Isso faz que a reunião da sua bibliographia se tenha tornado difficil, tanto se dispersou e pulverizou a sua assombrosa actividade, e esse trabalho de inventario precisa não só de recolher mas de ordenar, para que appareça em relevo o pensamento central do auctor. Nas reedições alte-

---

los primeros de su genero? Con esto basta para su gloria, pero convendria especificarlo y detallarlo más, indicar y aun transcribir á la la letra los lugares clásicos de sus escritos donde consigna sus descubrimientos; penetrar en el sistema y trabazón de sus obras; estudiar en detalle sus procedimientos como geómetra, analista y astrónomo; y esto todavia no se ha hecho. Su único biógrafo, Ribeiro dos Sanctos, bastante hizo con atender á la parte personal y literária del asunto, puesto que no era matemático, sino elegante poeta, buen humanista y jurisconsulto de profesión.» (V. *Estudios de Critica Literaria*, 4.ª Serie, Madrid, 1907, pag. 305-6). A seguir o escriptor lamenta que então ainda não existisse uma historia integral das mathematicas na peninsula. Pelo que toca a Portugal, a erudição accordou. Um pleiade de investigadores se dedicou á historia das sciencias, e um delles, Rodolpho Guimarães, recentemente fallecido, em especial á historia das mathematicas, designadamente á vida e obras de Pedro Nunes; a primeira esclareceu-se grandemente e as obras são mais conhecidas na sua filiação historica, na sua originalidade e na influencia que exerceram. Os principaes trabalhos de Rodolpho Guimarães são: *Investigações historicas sobre as obras de Pedro Nunes*, Coimbra, 1901, separata do *Instituto*; *Les Mathématiques en Portugal*, Coimbra, 1904, separata do *Instituto*; *Sur la vie et l'œuvre de Pedro Nunes*, Coimbra, 1914, separata dos *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*; *Algumas palavras sobre Pedro Nunes*, Madrid, 1915, communicação ao Congresso Scientifico de Valladolid; *Decreto ordenando a reimpressão das obras de Pedro Nunes*, artigo no *Instituto*, vol. 62.º, Coimbra 1915; *Vida e descendencia de Pedro Nunes*, artigo no *Boletim da Segunda Classe da Academia de Sciencias*, vol. 9.º, Lisboa, 1914-15. Indicaremos ainda dois trabalhos biographicos de outros auctores: sr. Antonio Baião, *O mathematico Pedro Nunes e sua*

rava profundamente os textos e a propria disposição das materias, ás vezes fundamentalmente. E' de ver como é complicada a ordenação dos varios volumes da *Historia de las Ideas Esteticas*. « La ordenación, como se vê, es bastante embrollada » — reconhece o sr. Bonilla. Não compôs uma historia systematica da poesia castelhana, mas pelas dissertações que acompanham os varios tomos da sua *Antologia de poetas liricos castellanos*, deixou-nos de facto o conjuncto dessa historia, como aponta o sr. A. Morel-Fatio; não escreveu uma historia systematica do theatro hespanhol, mas revelou-a totalmente, como

---

familia á luz de documentos inéditos, artigo no *Boletim da Segunda Classe da Academia de Sciencias*, tomo 9.º, Coimbra, 1914-15; sr. Conde de Sabugosa, *A filha de Pedro Nunes*, capitulo do livro *Neves de Antanho*, Lisboa, 1918, pags. 151-173; sr. Fernandes Costa, *O Cosmógrapho Pedro Nunes, D. Guiomar sua filha, e inexactidão da qualidade de poeta que ao primeiro foi recentemente attribuida*, no *Boletim da Segunda Classe...*, vol. 12.º, Lisboa, 1919; Dr. Luciano Pereira da Silva, *Os avós Doutores Pedro Nunes*, dois artigos na *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. 2.º, 1913. Por diligencias de R. Guimarães, a Academia das Sciencias propôs ao governo a reedição systematica das obras de Pedro Nunes e conseguiu a publicação dum decreto nesse sentido, mas os trabalhos ainda não foram iniciados. As investigações já feitas permittiram um mais seguro conhecimento da sua vida, que teve um periodo de permanencia no reino vizinho e da sua familia, a separação da lenda e da verdade historica no episodio da dama da cutilada, a distincção dos dois homonymos, a par duma divulgação maior das suas obras. Como se vê ao programma de trabalhos formulado por M. y P., a erudição portuguesa respondeu pontualmente. — Em 1896 appareceu a traducção castelhana da conhecida obra de Wolf, *Historia de las literaturas castellana y portuguesa*, feita por D. Miguel de Unamuno, com notas e addições de M. y P. Procurámos instantemente esta traducção para conhecermos os additamentos de Pelayo. Não o conseguindo, recorremos a Unamuno que nos declarou com seu insuspeito testemunho que a obra se publicou sem addição ou nota alguma de M. y P., ainda que assim reze a respectiva descripção bibliographica. — Ha ainda informes apreciaveis nas obras menores *Traductores españoles de la* **Eneida** (*apuntes bibliográficos*), Madrid, 1879, reeditada em 1917, e *Traductores de las Eglogas y Geórgicas de Vergilio*, id., e reeditada em 1914.

desenvolvidamente demonstra a sr.ª D. Blanca de los Rios Lamperez, em seu artigo *Menéndez y Pelayo y la Dramatica Nacional;* não legou uma historia da philosophia hespanhola, mas tanto se occupou de tal materia e tantas contribuições produziu que ellas podem ser tidas como a persistente execução dum vasto plano, que o sr. Bonilla y San Martin resume em «tres fines, de *critica* de lo presente, de *reconstitución* del pasado y de *regeneración* para el porvenir». E isto que é senão uma historia sequente, com intuitos pragmaticos?

Não escreveu a sua projectada *Historia del humanismo español*, que desde muito cêdo trouxe em mente, mas que é toda a sua obra, senão essa historia e até a apotheose da cultura humanistica dos povos peninsulares?

Para nós, portugueses, na actual hora da nossa vida historica, certamente pouco feliz, a obra de Menéndez y Pelayo encerra uma lição fecunda, sobre a qual longamente deveriamos meditar. O seu pensamento era a reconstrucção da sua patria, sobre a solida base do espirito historico, com o qual sacou á luz do primeiro relevo muitos e riquissimos thesouros culturaes que jaziam occultos sob a poeira do abandono, era a autonomia da consciencia hespanhola. Elle escreveu que, sem previo conhecimento das obras dos theologos e dos philosophos, não seria possivel conhecer plenamente a litteratura espanhola, e por isso os estudou e impregnou de espirito philosophico toda a sua vastissima bibliographia. Fazendo alta critica ou subalterna recensão de textos, organizando fatigantes repertorios bibliographicos, polemizando e historiando, sempre esse espirito philosophico o dominou, sempre teve presente o seu intuito de acção social, sempre o norteou algum problema, alguma finalidade elevada, a de quem procura o universal no particular.

A sua obra incorporou os trabalhos fundamentaes da erudição hespanhola, de parte da qual foi directamente discipulo, e tornou-se ponto de partida, diremos mesmo viveiro de estudiosos, que para si tomaram partes do grande edificio, para proseguirem na construcção cyclopica que herdaram.

Pela sua obra, a Hespanha occupou nos ultimos trinta annos o lugar hegemonico que lhe compete por direito e dever na cultura hispano-americana.

Sobre este particular escreveu um escriptor colombiano, Gomez Restreppo, algumas linhas insuspeitas: «Para la América española la desaparición de Menéndez y Pelayo tiene triste significación, porque él era un cetro que mantenia nuestra unión literaria com España debilitada por tantos años de aislamiento y por el influjo preponderante del pensamiento y del arte de otros pueblos europeos. [1]

E se reparermos na falta de cultura historica de que enferma a mentalidade nacional, no lugar que occupamos no vasto mundo luso-americano, se reconhecermos como é sophistica e mentirosa a atmosphera intellectual que respiramos, como urge procurar novas fontes de cultura, originaes e sobretudo crystallinas de verdade, teremos extrahido a moralidade que nos convem, da obra de Menéndez y Pelayo.

Em setembro de 1910, na sessão de encerramento do Congresso Internacional de Apologetica, commemorando o centenario de Balmes, pronunciou o escriptor um discurso em que se contêm algumas linhas vehementes, que em Hespanha chamam o seu testamento litterario e que têm plena opportunidade para a mocidade portuguesa:

« Hoy presenciamos el lento suicidio de un pueblo que engañado mil veces por gárrulos sofistas, empobrecido, mermado y desolado, emplea en destrozarse las pocas fuerzas que le restan, y corriendo tras vanos trampantojos de una falsa y postiza cultura, en vez de cultivar su propio espíritu, que es el único que ennoblece y redime á las razas y á las gentes, hace espantosa liquidación de su passado, escarnece á cada momento las sombras de sus progenitores, huye de todo contacto con su pensamiento, reniega de cuanto en la historia los

---

[1] V. *Revista de Archivos*, n.º especial de 1912, pag. 112.

hizo grandes, arroja á los cuatro vientos su riqueza artistica, y contempla con ojos estúpidos la destrucción de la única España que el mundo conoce, de la única cuyo recuerdo tiene virtud bastante para retardar nuestra agonía. ¡De cuán distinta manera han procedido los pueblos que tienem conciencia de su misión secular! La tradición teutónica fué el nervio del renacimiento germánico. Apuyándose en la tradición italiana, cada vez más profundamente conocida, construye su propia ciencia la Italia sabia é investigadora de nuestros dias, emancipada igualmente de la servimdumbre francesa y del magisterio alemán. Donde no se conserva piadosamente la herencia de lo pasado, pobre ó rica, grande ó pequeña, no esperemos que brote un pensamiento original ni una idea dominadora. Un pueblo nuevo puede improvisarlo todo menos la cultura intelectual. Un pueblo viejo no puede renunciar á la suya sin extinguir la parte más noble de su vida, y caer en una segunda infancia muy próxima á la imbecilidad senil». [1]

Portugal tem tambem uma servidão a repudiar, posto que não de ordem intellectual, e a sugestão dum pensamento alheio a abandonar, mas tambem tem que sorrir duma inimizade tradicional, que empobrece a sua vida mental e enfraquece a sua existencia politica. Se a sua mocidade deixar de se formar nos cafés e nos clubs e passar a formar-se nas bibliothecas, como Pelayo já em 1876 recommendava, é de crer que a sciencia e a erudição lhe abram trilhos novos. E então a obra do excelso polygrapho, do dominio da especulação pura remontará a uma esphera mais ampla de acção social, adquirirá imperiosa capacidade determinante...

Lisboa, agosto de 1919.

---

[1] V. *Dos palabras sobre el centenario de Balmes*, Vich, 1910, pags. 6-7. Foi reproduzido no tomo XXIII da *Revista de Archivos*.

Estudos de litteratura contemporanea

VIII — Marcellino Mesquita [1]

A morte recente deste escriptôr, [1] após uma carreira litteraria de mais de trinta annos, intensa e variada, e os juizos, que sobre o conjuncto dessa carreira foram preferidos, legitimam a curiosidade de pedir á critica serena, feita de analyses e de aferição de valores, uma caracterização mais justa da sua physionomia litteraria e um veredictum impessoal.

Sem deixar de fazer tambem romance historico, contos e versos, Marcellino Mesquita deu ao theatro a maior e mais desvelada attenção, pertencendo a uma pleiade de modernos escriptores que pareceram apostados, com sua fecundidade drama-

---

[1] Marcellino Antonio da Silva Mesquita nasceu no Cartaxo, em 1856. Fez em Santarem os seus estudos secundarios e em Lisboa os superiores, formando-se em medicina em 1885. Representou varias vezes em côrtes a sua terra natal. Foi vogal do Conselho da Arte Dramatica e fez jornalismo, nomeadamente na folha de caricaturas *A comedia Portugueza*. Morreu em 1919. Até 1904 a bibliographia de Mesquita está recopilada pelo sr. Alvaro Neves no artigo *Marcellino Mesquita*, publicado na revista *A Chronica*, n.º 125, Lisboa, novembro de 1904.

A serie dos *Estudos de Litteratura Contemporanea* compõe-se dos seguintes artigos:

I—*O sr. Silva Gaio* (publicado no n.º 11 da *Revista de Historia* e reproduzido nos *Estudos de Litteratura, artigos varios*, 1.ª serie, 1917);

II—*O sr. Vieira da Costa* (idem, idem);

III—*Sobre a composição do romance* (publ. no n.º 17 da *Rev. de Hist.* e reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 1.ª serie, e em inglês na rev. *Portugal*, n.º 4, agosto de 1915):

IV—*Sobre a decadencia do romance realista* (publ. no n.º 17 da *Rev. de Hist.*, reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 1.ª serie, e em hes-

tica, em negar a opinião corrente da carencia duma tradição scenica na litteratura portuguesa, em tentar creá-la pelo menos. Pelo exame das obras deste dramaturgo e, a seguir, das dos seus companheiros de esforços, procuraremos determinar a efficacidade dessas diligencias.

Dois aspectos principaes ostenta o theatro de Mesquita: theatro historico, de assumpto português e não português; e theatro contemporaneo. Nenhum destes aspectos se produziu seguidamente e em inteira independencia do outro, antes se intercalam um no outro, segundo a mais varia chronologia, de sorte que em cada um delles se póde observar alguma variação de processos e a natural evolução espiritual do artista. Será, não obstante, de boa pratica fazer a analyse de cada uma dessas facetas do seu theatro, para apontar os caracteres especificos, e fazer no fim uma synthese dos caracteres geraes.

* * *

O romantismo tanto cultivára, entre nós, o theatro histo-

---

panhol na revista *Estudios Franciscanos*, Barcelona, 1917, vol. XVIII);

V—*O sr. Anthero de Figueiredo* (publ. no n.º 18 da *Rev. de Hist.*, reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 1.ª serie, e em vol. independente, edição Aillaud, Alves & C.ª, 2.ª ed., e discutido no artigo do sr. Fernandes Costa, *Anthero de Figueiredo — Chronista de viagens e romancista historico — Carta aberta ao sr. Fidelino de Figueiredo...*, no n.º 23 da *Revista de Historia*);

VI—*O sr. Teixeira Gomes*, (publ. no n.º 21 da *Rev. de Hist.*, reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 2.ª serie, Lisboa, 1918 e discutido no artigo *O sr. Teixeira Gomes e a Critica*, do sr. F. Mira, no jornal *A Lucta*, de 4 de Outubro de 1918);

VII—*O sr. Julio Dantas* (publ. no n.º 26 da *Rev. de Hist.*, reproduzido nos *Estudos de Litteratura*, 2.ª serie, e em vol. independente, ed. A. M. Teixeira, 1919).

VIII—*Marcellino Mesquita*, publicado na *Revista de Historia*, 8.º vol., n.º 31, Lisboa, 1919 e nos *Estudos de Litteratura*, 3.ª serie, Lisboa, 1921.

rico que, de artificio em artificio, de convenção em convenção, conduzira-o a uma decadencia extrema. Devassando todos os momentos agudos, todas as grandes figuras, todos os effeitos heroicos da historia nacional, passou a desempenhar uma funcção vulgarisadora em vez da funcção artistica de crear belleza. Não fazendo interpretação psychologica das personagens, nem interpretação historica dos assumptos, este genero dramatico artificializou-se e facilitou-se sobremaneira. Com a corrente concepção feita de aspectos geraes, — para a idade média o heroismo, a violencia impulsiva e a fidelidade cavalheiresca, para o seculo XVIII a cortezania galante de salão — com uma accessivel erudição para fixar as linhas geraes da intriga, alguns archaismos linguisticos e uma grande accumulação de acção, promptamente se teria um drama historico. E isso mais não era afinal do que um romance de má qualidade, em que o auctor só praticasse como meio de composição o dialogo, esquecendo todos os outros recursos, como a narrativa, a descripção e os retratos. [1] Pretendia-se ensinar historia, má historia, e não agitar um problema moral sob aquella vestidura antiga, não reconstituir uma lucta de caracteres. E sem essa lucta, sem o encontro de personagens de autonoma vida, que oppõem reacções individuaes e que com ellas criam o conflicto, chave da acção, não ha theatro. O drama nasce do embate dos caracteres, agindo por si, provenham elles da estricta observação da vida commum, sejam creaturas de excepção, sejam typos, symbolos e até concepções do auctor, como succede nalgumas peças de Ibsen. No theatro historico, como os romanticos o praticaram, as personagens só valem como elementos dum trama; da sua biographia só conhecemos a parte que no trama intervem, do seu caracter só podemos alguma coisa inferir pelo sentido da sua intervenção. Daqui resulta uma pobreza de vida interior, que reduz esse theatro a uma urdidura entre mane-

[1] V. o nosso artigo *Sobre a composição do romance*, nos *Estudos de Litteratura*, 1.ª serie, Lisboa, 1917.

quins. Silenciosa ou tendenciosa como a narrativa historica é sobre o mobil dos homens, velada como foi a visão dos que a escreveram, que vasto campo de reconstituição moral, de interpretação, de creação de almas não offerecem os horizontes longinquos da historia! Para que o conflicto moral, o encontro de caracteres ou só o embate de motivos no mesmo caracter, decorra com relevo de arte e occupe o lugar primacial que lhe cumpre, duas condições se devem verificar: que a acção se concentre e que as personagens tenham autonoma vida interior. Ora o theatro historico do romantismo procurava abarcar a mais vasta e complicada intriga, para no curto espaço da sua exhibição ministrar uma narrativa de conjuncto, dum reinado ou duma epocha, e as personagens eram para elle só peças obrigadas dessa urdidura. Poder-se-ha oppôr ao nosso pensar que nós contrapomos ao theatro historico do romantismo uma determinada concepção de theatro e que este genero é susceptivel de ser concebido das maneiras mais variadas. Assim será em parte. Mas nós cremos que, quer analysemos o theatro classico grego, quer o theatro classico francês, o theatro de Shakespeare, o de Ibsen e o hespanhol contemporaneo — certamente momentos augustos da historia do genero — sempre encontraremos o drama na vida interior, ainda que esse drama e essa vida interior sejam concebidos de modos muito diversos. Sem essa peça mestra, repetimos, o theatro perderá aquelle caracter de precisão, de intima e indissoluvel unidade, que deve ter, e sem esse liame central esboroar-se-ha, como um muro de pedra secca, a que falte a argamassa, pulverizar-se-ha em elementos accessorios, em scenographia, em indumentaria, em mobiliario, em narrativa, *contará*, mas não *representará*.

Incorporou-se Marcellino Mesquita nesta corrente ou algum processo, alguma innovação technica de aperfeiçoamento introduziu nella? A sua peça de estreia nesse genero, *Leonor Telles*, de 1889, nos dará resposta cabal. Tem ella por protagonista a que Herculano chamou a Lucrecia Borgia portu-

guesa e por assumpto a sua agitada vida de rainha. Em boa verdade, poucos assumptos mais intensamente dramaticos póde offerecer a historia patria do que esse. Viu-o logo Fernão Lopes quando com minucia e realidade descreveu essa vasta e tortuosa intriga; viu-o Herculano quando, sobre uma parte desse periodo, elaborou a sua narrativa *Arrhas por fôro de Hespanha*. O velho chronista do seculo XV e o romancista do seculo XIX foram as unicas fontes de Mesquita; Lopes para a urdidura, Herculano para a capacidade litteraria do thema que elle já havia revelado na sua narrativa. Mas dum e doutro se afastou Mesquita. Affastou-se da pura versão de Lopes fazendo succeder a dura justiça nos revoltosos de Fernão Vasques á arruaça, em introduzir um espia Simão Velloso, em fazer proclamar rei de Portugal ao mestre de Aviz, logo a seguir á morte do Conde de Andeiro, em outros pequenos desvios veniaes e na invenção dos amores de Helena e do mestre de Aviz; de Herculano se apartou principalmente em adoptar um thema mais vasto, não os tumultos capitaneados por Fernão Vasques e a cruel vingança que delles tirou Leonor Telles, mas todo o seu reinado, desde o seu impugnado casamento até á morte de D. Fernando. Não deixou Mesquita, porêm, na parte em que as duas obras coincidiam, de muito vivamente se lembrar de Herculano, principalmente da scena do beija-mão na Sé do Porto, da sua comprehensão dos dois principaes caracteres: Leonor Telles, cruel, ambiciosa, hypocrita sem escrupulos, Fernando, passivamente bom, suggestionavel, dominado inteiramente pela mulher, vivendo numa angustiosa agonia, a da lucta entre o dever, que bem conhecia, e a sua incapacidade molle para delle se desobrigar. Mas apartando-se da unica auctorizada versão historica do seu thema e reportando-se muito á mais bella versão litteraria, que delle corria anteriormente á sua, Mesquita conseguiu renovar o thema e dar-nos um formoso conjuncto dramatico, porque o envolveu todo num veu poetico. Um sopro de lyrismo percorre a peça e dá expressão relevante á dissimulação de

Leonor Telles, á paixão, aos remorsos e soffrimentos de D. Fernando. Peça de grata emoção e de inspirado lyrismo, ella ostenta não só um raro instincto dramatico, mas tambem uma forma poetica de grande belleza. Veremos na sua carreira litteraria que esse dom de movimentar a scena, de enredar uma intriga e nos seus nós prender a attenção será o seu principal merito artistico, mas que não mais attingirá a forte inspiração lyrica de Leonor Telles. Mas sempre que ante nós ponha um thema de proporções heroicas ou de violenta vibração poetica, a sua forma animar-se-ha e o exito scenico será seguro.

Só em 1897, Marcellino Mesquita regressou ao theatro historico com o *Regente*, a que chamou tragedia historica. Este sub-titulo trahe uma opinião do auctor e uma tendencia do seu espirito; porque Mesquita tinha particular pendor para os assumptos de violentos sentimentos, de brusca mudança de fortuna, e porque encontrava esse modo de ser na vida amargurada do austerrimo Duque de Coimbra, appellidou a peça de *tragedia*, sem ver que a tragedia é um genero dramatico de esthetica propria e que um drama historico, porque narra um alto e nobre soffrimento, não póde ser tragedia.

O *Regente* é uma narrativa, resuscita o velho processo romantico de contar em scena, de ensinar historia, de apontar á veneração popular as memorias illustres. Dentro da interpretação corrente, Marcellino Mesquita, com a sua excepcional vocação para o arranjo scenico, conta o arduo periodo da regencia do infante D. Pedro, seccionado nos seus principaes episodios. Deixando de ser uma peça poetica, de relevante arte, os deslises historicos deixam tambem de ser veniaes, pois o destino das obras litterarias de fundo historico, romances ou dramas, que não accendem os corações na commoção das suas bellezas litterarias, é, como noutro lugar apontámos, [1]

---

[1] *Estudos de Litteratura Contemporanea*, artigo VII.

serem joeirados pela erudição severa. A' transformação do proposito, corresponde a transformação do criterio analytico. Na *Leonor Telles* a inspiração poetica do auctor é a chave que abre algumas frestas sobre a alma de Leonor Telles e de Fernando, e mais deste que daquella; é por ella que se animam, sentem e vivem esses protagonistas; é pela falta della que as personagens do *Regente* a automatos passivos se reduzem, conduzidos pelas necessidades da fabula que se conta. Muito heroismo, demasias de orgulho, fidelidade e impulsividade — são os unicos signaes de vida anterior das hirtas personagens do *Regente*. Mas nesse tom grandiloquo e nessa maneira impulsiva, têm ellas vivacidade de movimento e palavras energicas, quanto é preciso para a reconstituição do entrecho e para que o publico vibre, seja embora duma vibração prompta e superficial, que logo se aquieta sem deixar vestigio.

Mais ainda se apressa o regresso ao velho theatro narrativo, que o romantismo cansou, com a peça *O sonho da India*, escripta para o concurso dramatico do centenario do descobrimento do caminho para a India, em 1898. Essa peça seria uma pura narrativa, se sem as mutações dos quadros a exhibição pudesse ser seguida. Como se o espectador espreitasse successivamente por varios oculos de cosmorama, assim vê decorrer uma serie de episodios, os quadros, dum longo conto que a fatal brevidade do theatro não deixa integralmente contar: D. João II em Santarem e as noticias do oriente obtidas nas viagens terrestres e proporcionadas pelos seus conselheiros technicos; o regresso de Pero de Alemquer, após a passagem do cabo da Boa Esperança, e a curiosidade do populacho; Bartholomeu Dias ante D. João II; juizos e opiniões da nobreza; a partida do Restello; scenas da viagem a bordo da nau capitânia, *S. Gabriel*, a revolta da marinhagem e a energia de Vasco da Gama; o descobridor, já de regresso ante D. Manuel I.

Se attentarmos no vasto papel que na peça desempenham as artes subsidiarias do theatro, reconheceremos que este

theatro é para a vista, porque da scenographia vive, e de bem illustrar plastica e coloridamente a versão que todos temos desse acontecimento — a viagem de Vasco da Gama — vem a acceitação em nosso espirito. E' peça sem drama, porque é uma narrativa, e como tal de limitada curiosidade porque nos conta coisas já sabidas.

E' de indole bem diversa a comedia *Peraltas e Secias*, de 1899, em que, á volta dum pequeno entrecho amoroso, anima um quadro de costumes do seculo XVIII. E' duma grande simplicidade a concepção do seculo XVIII, tempos de Maria I, que Mesquita reproduz nessa comedia: peraltas, secias, beatério, futilidade, gulodice e aversão ao espirito revolucionario francês, personificada em Pina Manique. Este modo de avaliar o seculo XVIII alguma coisa tem de unilateral, sectario e de immobilizado principalmente. Nasceu do contraste que o reinado de D. Maria I forma com o anterior, o do predominio de Pombal, e da antipathia que o liberalismo lhe votou. Déram-lhe expressão Pinheiro Chagas, artisticamente, na sua *Morgadinha de Valflor*, de 1869, e doutrinariamente Oliveira Martins, na sua *Historia de Portugal*, de 1882. Nesse juizo condemnatorio, tecido de avida reportagem do burlesco e de leviana generalização, se deteve a critica historica a respeito duma epocha, que sob o ponto de vista intellectual foi mais progressiva que a anterior, tão exaggeradamente engrandecida, e que sob o ponto de vista politico e social alguma coisa mais produziu do que uma revoada de frivolos peraltas e galantes secias. Esse conceito era pittoresco, cheio de recursos comicos, era commodo pela generalização prompta que offerecia e por isso se perpetuou. Marcellino Mesquita não quiz, por certo, offerecer uma nova interpretação desse periodo, no qual, em que pese a Chagas e Oliveira Martins, alguma gravidade e ponderação existiram; não quiz fazer um desses processos de rehabilitação historica, em que o paradoxal Lord Henry Wotton, de Oscar Wilde, não cria, mas que a cada passo se emprehendem, pois um dos distinctivos caracteristicos da historia é o renovar-se a cada

passo, é o principiar sempre sem nunca se perfazer, e é isso até a propria condição da sua existencia. Nada pessoal ha nessa galante comedia *Peraltas e Secias*, que uma vez mais dramatiza a frivolidade elegante da côrte de D. Maria I. Chagas déra o lugar principal aos amores revoltos de Luiz e da Morgadinha, e só a proposito e associadamente nos descrevêra essa sociedade ignara, tyrannizada pelo preconceito; Mesquita inverte as proporções, fazendo da pintura e descripção dessa sociedade o alvo principal da peça e, a proposito, tecendo uma leve intriga de amor entre Guilherme e Carlota, que era necessaria para fio de ligação dos dialogos e episodios que constituem a peça. Sem esse liame, esta pulverizar-se-hia num mundo de pequenas coisas sem finalidade. E' por demais simples e antiquada já a visão do seculo XVIII, que Mesquita exterioriza nesta peça, dissémos. E assim é, não só pelo que já apontámos, mas porque outros são os pontos de contacto de *Peraltas e Secias* com a *Morgadinha*. Ao contraste, entre as idéas modernas de Luiz, pintor viajado, e a sociedade ambiente, corresponde o contraste entre a mentalidade de Guilherme de Menezes e a sociedade de peraltas e secias; a grosseira ignorancia do capitão mór, da *Morgadinha*, corresponde á do desembargador e do marquês de Sande; em ambas as peças ha uns annos, que um poeta festeja com genethliaco e freiras obsequeiam com dôces; em ambas as sympathias do auctor vão para a personagem que encarna o espirito novo. A este respeito a audacia de Mesquita, que livremente inventava á distancia de mais dum seculo da materia, chegou a juntar em duello surdo de ardís Guilherme de Menezes, supposta personificação desse espirito novo, e o Intendente Pina Manique, real personificação do espirito velho, do gregarismo defensivo da sociedade. Diante deste, entôa Guilherme um hymno ao espirito novo, — e esse episodio é a scena mais viva da peça. Mas como havia que o salvar dessa imprudencia e humilhar, no palco ao menos, ao poderoso Intendente, Marcellino Mesquita recorreu ao gasto expediente da carta inesperada, *deus*

ex machina, que inexplicadamente e contradictoriamente revela que Guilherme de Menezes, que num rapto de eloquencia convicta contára a origem da *Marselhesa*, «o hymno da canalha», e se referira em termos ambiguos á prisão dos reis de França, por estes denodadamente se havia batido, fôra ferido e viera a Lisboa numa missão secreta do embaixador da rainha em Paris.

Com materiaes velhos, dispostos habilmente pelo seu instincto dramatico, Mesquita deu-nos mais uma demonstração artistica da summaria concepção corrente do seculo XVIII, côrte de D. Maria I, e os seus esforços juntaram-se aos materiaes de W. Beckford, Rebello da Silva, Pinheiro Chagas, Oliveira Martins e o sr. Th. Braga — que todos em tal opinião se têm immobilizado.

Para surprehender é que, sendo *Peraltas e Secias*, pela sua carencia de emoção intensa, de intriga violenta, uma excepção no conspecto do theatro de Mesquita, sejam tambem uma das suas mais felizes peças. E a explicação é ainda a espontaneidade da destreza scenica do escriptor.

Ao contrario foi infeliz, extremamente infeliz quando, na *Sempre noiva*, pretendeu extrahir o drama da vida de sacrificio heroico, de perseverança austera de D. Isabel Coutinho Caim, constrangida a casar-se com D. Francisco de Carvalho, segundo filho de Pombal, então ainda conde de Oeiras. A prolixidade lenta e a demonstração das gradações da acção por meio de quadros — os grandes inimigos da boa arte dramatica, que na vida moral se confina —, o anseio de tudo contar, tudo explicar e fazer ver, fazem da peça um monotono romance dialogado, daquelles em que o auctor lentamente empurra as personagens, volta atraz ao encontro das que deixou paradas, corre adiante a alcançar as mais adiantadas.

Sente-se em taes obras que o autor, querendo ser fiel e minucioso chronista, se afasta tanto da bôa arte, feita de syntheses e de pessoaes visões, como aquelle desenhador que, longe de produzir aspectos geraes, visasse a tudo fixar, como a photographia. E' por isso a *Sempre noiva* das taes peças em

que o auctor conta, mas, porque se demora excessivamente nos episodios parcellares, em que conta com fatigante monotonia. O drama intimo de D. Izabel occupa um lugar muito parcimonioso no conjuncto da peça. Não tendo o instincto psychologico, como tem o scenico, Mesquita julga ter-nos revelado esse drama contando-nos as lagrimas que ella chorou quando a toucavam para o noivado e um conflito com um marido brutalmente cioso dos seus direitos conjugaes. E' pouco; são factos, acontecimentos, movimento, arranjo scenico, não um drama moral. Marcellino começou o seu romance da *Sempre noiva* com grande antecedencia, nos tempos tranquillos em que ella interrompia os soporiferos estudos de latim, de Rodrigo e Alexandre, o seu amado de sempre, o seu marido após longos annos de heroico esperar; e concluiu muito alêm, nos tempos felizes do casamento com este noivo eleito pelo seu coração. E' assumpto demasiado extenso. Este devia-se confinar no conflicto. Mas Mesquita occupou três longos actos só para nos contar as origens desse conflicto, o casamento constrangido de D. Izabel. A presença repetida do Marquês de Pombal, intervindo no negocio do casamento do filho, muito se preoccupando com elle, tomando a peito essa lucta com a debil Izabel, isolada com o seu heroismo, não será de mau gosto, não amesquinhará Pombal, omnipotente tyranno que ali nada mais é do que um caprichoso casamenteiro?

Na *Margarida do Monte* mais ainda predomina o cunho narrativo e a repetição das concepções correntes, que já apontámos a proposito de outras peças. Esta é uma satyra comica, que dá expressão á opinião feita de D. João v, sybarita, que se abre em intimidades canalhas com toda a côrte e só se preoccupa dos seus serodios caprichos sensuaes com a cigana Margarida; é o retrato dum soberano de opereta, que serviria a um objectivo de propaganda politica, mas que não está de accordo com a serena historia, nem é artisticamente uma concepção de valia. E não é um conceito artistico valioso, porque a *Margarida do Monte* não se eleva alêm da forma fugaz e

incaracteristica duma caricatura, cujo significado se restrinja ao desenho, ao caso que representa, sem qualquer transcendencia symbolica. Numas palavras, que precedem a obra, o sr. Th. Braga como que attribue uma intenção symbolica á peça; não a encontrámos nós, porque, tal como decorre, o entrecho é um caso esporadico, muito individualizado ao ponto de entre personagens reaes se desfiar e de ser localizado no tempo e no espaço, não tem nenhuma generica comprehensão, e porque para a symbologia falta-lhe a perspectiva, a suggestão, o commentario poetico, tudo que faz a belleza das peças da intenção philosophica e symbolica, como *La Vida es sueño*. Graciosa e fluente nas suas redondilhas, *Margarida do Monte* nada mais é, por isso, senão o que seu proprio sub-titulo indica: um episodio cortesão da primeira metade do seculo XVIII.

*

* *

No capitulo de theatro historico, Marcellino Mesquita deixou-nos mais três peças de assumpto não português:

Petronio, de 1901, livremente extrahida do celebre romance de H. Sienckiewicz, *Quo Vadis?*, *Perina*, de 1913, *Phrynéa*, de 1917. Do romance polaco, da sua original composição, do seu bem travado dialogo, do seu interesse dramatico alguma coisa passou á peça de theatro, que com materiaes della extrahidos organizou Mesquita. Petronio, de figura accessoria, torna-se a figura central, porque o proposito do escriptor português já não foi fazer o contraste entre o mundo pagão que ruia e o mundo christão que nascia, em pintar um quadro concentrador de magnos effeitos do Baixo Imperio, mas sómente trazer ao maximo relevo do primeiro plano a typica personalidade, tão original, do auctor do *Satyricon*, em torno do qual, em quadros parcellares ou em descripções engastadas no dialogo, decorre todo o fio dos amores de Lygia e Vinicio. A destreza de Mesquita, para compôr arranjos scenicos, reve-

lar-se-hia melhor noutras peças, cujo fundo elle tomasse directamente duma tradição historica e não já duma obra de arte composta e coroada pelo triumpho, ou quando á observação contemporanea fôra buscar os seus dramas ou episodios tragicos, como já apontaremos. *Petronio* confirma que muito de dramatico se contêm no *Quo Vadis*, e que Mesquita bem o soube ver, extrahir e organizar numa nova composição. Desejando obedecer ao seu pendôr para as situações violentas, Mesquita ideou uma scena nova, da maxima intensidade, o dialogo entre S. Paulo, velho e fraco, personificação do christianismo humilde, e Nero, vigorosa e poderosa personificação do mundo pagão. Essa scena, feita para as platéas, não existia no romance.

Em *Perina* conta um episodio da vida de Aretino e diz em apaixonados e luxuriantes versos como o amor abriu uma janella de claridade, esperança e calor na alma friamente cynica e satanica de Aretino, e a dôr vehemente, o abysmo de desespero que se segue a esse curto sonho.

Phrynéa foi um dos momentos mais felizes do estro poético de Marcellino. A protagonista é aquella celebre cortesã grega do seculo IV A. C., a amante e inspiradora de Praxiteles, a Venus Anadyoméa, de Apelles, a quem se attribue o proposito de reconstruir Thebas, que Alexandre Magno assolára, e que se tornou centro de formação de poeticas lendas. Thema bello, a sua vida dissoluta e opulenta e a aureola lendaria, que a envolve, têm dado materia a Gerôme, Pradier, Robert e Loison, entre outros. Uma das lendas é a defeza que della fez no tribunal o seu advogado Hyperides com o argumento decisivo da exhibição da sua belleza. Na sua forma antiga, essa lenda imputava-lhe o crime de praticar mysterios religiosos secretos, contrarios aos ritos officiaes, e explicava a sentença absolutória dos juizes por estes considerarem no fervor com que Phrynea exercia o culto de Venus, cujas coleras não queriam desafiar. Era pois a superstição a causa da imputação do crime e da absolvição. Mesquita interpretou a lenda do modo mais simples, com intima transcendencia; nesse pequeno episodio, que decorre

seguidamente sem que um incidente perturbe a unidade da impressão, affirma e exemplifica o poder supremo da Belleza.

> ... Diz a eterna experiencia:
> Não ha poder maior, em toda a Natureza,
> Que o poder da mulher... da graça e da belleza!

Conduzida ante o tribunal para expiar os seus crimes, Phrynéa, cortesã de Athenas, divinamente formosa e estonteadora até á fascinação, é accusada pelo advogado do Estado de corromper a mocidade, desvairar a velhice e violar, com a accumulação das seus thesouros e a insolvencia das suas dividas, as leis da Republica. Defende-a com arguta e graciosa eloquencia o advogado Hyperides, ante cuja argumentação se rende o publico. Mas os archontes inaccessiveis ás «graças da Oratoria», vão tranquillamente votar pela condemnação, expulsando-a de Athenas, quando Hyperides recorre ao ultimo e invencivel argumento: ante os olhos deslumbrados dos juizes exhibe a belleza sem par de Phrynéa, núa, inteiramente núa. E os juizes, que haviam resistido á sophistica habil e graciosa de Hyperides, vão fascinados, um a um, por entre exclamações de admiração... depôr as espheras brancas da absolvição.

Formoso e suggestivo no seu significado, este thema toma na versão de Marcellino de Mesquita um grande relevo, graças á simplicidade e unidade da composição, e á nobreza da forma, sobria e elegante.

*
* *

O theatro contemporaneo de Marcellino envolve toda a sua carreira, porque elle a iniciou e cerrou, pela *Perola*, de 1885, e pelo *Grande Amor*, de 1918. Nessa parte da sua bibliographia scenica, Mesquita ora proseguiu na esthetica do romantismo, ora cedeu momentaneamente ás modas e ás correntes de idéas. Nas suas peças historicas não abriu trilho novo a

esse fatigado genero; pela sua *Leonor Telles* mostrou que poderia ter feito theatro poetico, isto é, aquelle theatro que é a dramatização de pessoaes concepções lyricas do auctor, em que, como no *Cyrano de Bergerac*, á erudição historica, á côr local, se substitue uma interpretação subjectiva, em cuja originalidade pessoalissima consiste verdadeiramente a belleza delle, pois o que mais avulta é o muito que de seu espirito, da sua imaginação, das suas concepções moraes e da sua sensibilidade envolve o thema, pretexto apropriado para essa confissão. Mas Marcellino não proseguiu nesse caminho, que tão auspiciosamente encetára. Em *Peraltas e Secias*, fazendo recuar para o campo da historia o processo descriptivo do theatro contemporaneo, impregnado da doutrinação do realismo, fez theatro de costumes, de costumes do seculo XVIII. Mas afóra estas duas esporadicas affirmações, todas as outras peças — *Regente*, *Sonho da India*, *Sempre Noiva*, *Margarida do Monte*, *Pedro o Cruel* — reincidem nos processos antiquados do romantismo, e na sua interpretação portugueza, que nem sempre foi fiel e foi sempre muito simplificada. Não fez, como os romanticos tanto preconizavam, principalmente Victor Hugo, Vigny e Dumas, a conciliação do grotesco e do sublime, os dois aspectos extremos da vida, que o classicismo mantinha nitidamente separados, como objectos de generos diversos, o grotesco para a comedia, o sublime para a tragedia, — conciliação que era verdadeiramente a base esthetica do novo genero do romantismo, o *drama*. Sempre se manteve na clave heroica na maioria das peças, no baixo tom grotesco na *Margarida do Monte*. E esta circunstancia está longe de ser indifferente, antes é claro indicio da preferencia do seu espirito pela materia de alto cothurno. Onde houvesse um grande soffrimento, um grande heroismo, Marcellino Mesquita logo via travada uma empolgante exhibição scenica e facilmente entretecia uma intriga para representar perante um publico sobresaltado a crise suprema desse soffrimento, desse heroismo. Esse é o modo de ser especial do seu instincto dramatico: buscar a grande dôr para a trazer ao re-

levo da scena em pungentes situações. Se houvesse vivido em tempos de gosto classico, ou se simplesmente uma serena objectividade o illuminasse e uma critica perspicaz o guiasse, Marcellino Mesquita teria sido um poderoso poeta tragico. Feliz e mais duma vez verdadeiro mestre na composição da scena violenta do desfecho, da agnição e do exodo, como diziam os theoricos do classicismo, era pelo contrario debil, frouxo, desigual na reconstituição dos antecedentes desse agudo momento. A tragedia classica dava o desenlace ultimo, a crise suprema, os derradeiros momentos duma acção, já madura; e era para essas crises supremas que o instincto dramatico de Mesquita o conduzia. Dahi o contraste entre essa crise, momento augusto dum drama moral, boceta dos mais encontrados sentimentos, e o restante conjuncto de cada peça, miudamente descriptiva, fatigantemente demonstrativa, donde a emoção desertou, por não ter a intensidade psychica da tragedia, quando para um desenlace de tragedia se dirigia. Mesquita tinha, pois, como que uma concepção tragica da vida, e o factor tragico da vida era o amor paixão, o amor sexual com todas as suas consequencias fataes. Ha aqui duas principaes influencias: ha a propria intuição dramatica do escriptor, que desse modo conduzia a sua observação, aquella necessaria escolha de themas que todo o artista tem de fazer, porque a arte é escolha e visão pessoal; e ha a influencia do realismo francês, que, investindo com a romantica idealização do sentimento do amor, das suas torpezas e desvios fez dilecta materia litteraria. O amor sexual, que conduz ao adulterio e a outras formas criminosas, o amor, imperio invencivel dos sentidos, e a morte angustiosa de soffrimento ou o suicidio desesperado, enchem as suas peças de assumpto contemporaneo, a que frequentemente appunha um sub-titulo, que trahia a sua intenção de effeito tragico: na *Perola*, de 1885, *comedia drama*, Antonia, apaixonada meretriz, nova encarnação de Margarida Gautier, morre de dôr do abandono do amante; na *Dor Suprema*, de 1895, *tragedia burguesa*, assistimos á morte duma creança e ao suicidio dos paes, Anto-

nio e Julia; no *Velho thema*, de 1896, *drama*, o adulterio conduz Alice ao suicidio; no *Tio Pedro*, de 1902, *episodio tragico*, o velho Pedro morre de medo á recordação do crime de haver matado o violador da filha; a *Anecdota*, *episodio dramatico*,[1] de 1902, é a descripção vívida duma morte, com que se revela um precoce actor; em *Mentira*, *episodio dramatico*, ha uma morte, supersticiosamente attribuida a um falso juramento duma mãe adultera; na *Voragem*, *tragedia burguesa*, João mata seu pae, quando este se dirigia aos criminosos amores com a nora; nos *Castros*, Alexandre havendo induzido a cunhada ao seu amor adultero, suicida-se; em *Envelhecer* ha um suicidio para evitar um adulterio; nas *Almas Doentes* pae e filha, combinadamente se matam; na *Noite do Calvario* ha um adulterio e um assassinio.

E este amor que ao crime conduz é fatal e irresistivel, é uma paixão cega que aniquilla a vontade e cala a razão. Não sabemos porque existe, como nasceu, é uma semente má que vinga e cresce

> « com a força e a subtil tenacidade
> invencivel das plantas venenosas ».

Quando damos por elle é arvore frondente, precisa espaço, derrue os muros e prosegue até á sua plena expansão, depois... a morte. E é este o systema dramatico de Mesquita. Onde haja uma emoção violenta, um empuxão cruel aos nervos, materia para lamentações afflictivas, para coleras invenciveis, para despertar o terror e a compaixão, está o seu thema, e o seu instincto dramatico prompto compõe uma exhibição scenica. O instincto theatral compõe, mas a imaginação inventa, pois não é á viva materia real, que palpita em torno delle, que vae buscar os seus assumptos, inventa-os, todos são de plena inven-

[1] Traduzida para francês, e sob o titulo *Une Audition*, por Jules Léon de Claranges-Lucote, Lausanne, 1913, 56 pags., ed. illustrada.

ção. No seu tempo esse homem de real talento viveu isolado na composição dramatica, de processos quasi immoveis por improgressivos, á procura na historia e na sua imaginação de sensações violentas, e tanto procurou e inventou, que nos deu uma peça de tres actos, só de lamentações augustiosas, *Dôr Suprema*, em que o effeito produzido, longe de ser a calma emoção esthetica, é o arripiador confrangimento physico; tanto rebuscou, que nos deu scenas macabras e anti-naturaes, como aquella do *Velho Thema*, em que Luiz, friamente, offerece varios venenos a sua mulher Alice para que escolha a sua forma de suicidio e depois a quer forçar a beber um copo de acido cyanhydrico, como aquella nas *Almas Doentes*, em que pae e filha combinam suicidar-se e logo põem por obra o seu accordo.

Joguetes do amor sexual, impulsivo e irresistivel, cuja fatalidade contumaz produz o proprio desespero das suas victimas, as personagens do theatro contemporaneo de Marcellino Mesquita são tão passivas, como as do seu theatro historico. Num longo cortejo de victimas somnambulas caminham todas, obedientes e indifferentes, para o criminoso amor e para a morte ou para o desespero. A tendencia do chamado physiologismo da escola realista, que ao corpo subordinava toda a phenomenalidade psychica do homem, e a educação de medico materialista não fizeram mais do que accentuar esta espontanea propensão do escriptor.

A vida commum, vulgar, região neutra entre o sublime tragico e o grotesco comico, não a viu Mesquita. e esse *commum* era o objecto proprio do theatro, que a doutrinação realista pretendeu fundar. Todo o vasto mundo que esse agitar do banal, do vulgar, do commum, em si contêm, a riqueza immensa, inexhaurivel, occulta sob a placidez tranquilla da superficie dessa vulgaridade, como os thesouros que o mar no seu vasto bojo encerra, tudo desconheceu Marcellino Mesquita, victima passiva, somnambula elle tambem do seu proprio instincto dramatico, do defeito da sua qualidade. Não quiz

moralizar, nem ensinar, ainda que uma vez appareça um *raisonneur*, na *Noite do Calvario*, o Dr. Campos, intimo amigo do protagonista Manuel, que, emquanto este no tribunal é duramente condemnado, em sociedade pontifica trivialidades; não observou; apenas procurou a emoção violenta, e essa mais duma vez a conseguiu plenamente.

Soffrendo, numa receptividade passiva, varios influxos de diversos systemas dramaticos, não os elaborou num systema proprio, curvou-os, assimilou-os como novos meios de trabalho, novos elementos para o seu fito da sensação intensa da crise tragica: do romantismo o drama historico, do realismo a visão unilateral, materialista da alma humana, o thema da fatalidade hereditaria, thema nas *Almas Doentes* tragico até ás raias... do comico. Progressos não os fez; tem uma carreira litteraria, mas não uma evolução differenciadora ou progressiva, sim uma carreira irregular; depois do *Regente*, tão vivido, o *Sonho da India*, tão narrativo e frio; depois de *Peraltas e Secias* a *Sempre Noiva*, tão secundaria. Não curou de crear um estylo seu, porque abandonou a via que a esse fim o conduziria, o theatro poetico, e pouco dado á reflexão e ao estudo mais duma vez deixou escapar deslises de linguagem. [1]

E' uma obra, toda feita de instincto, aquelle instincto dominador que fez a sua fortuna litteraria, mas que tambem lhe impediu progressos e aperfeiçoamentos, lhe não deixou tranquilidade para ser como Eça de Queiroz, incansavel autodidacta, artista sedento de perfeição. A Marcellino Mesquita com justeza se applicam algumas palavras de Alexandre Dumas (filho): « Dans les autres arts on apprend les procédés; dans l'art du théâtre on les devine ou plutôt les a en soi. On ne devient pas auteur dramatique, on l'est tout de suite ou jamais, comme on est blond ou brun, sans le vouloir. » E ainda

---

[1] Algumas das numerosas incorrecções de linguagem, que se patenteiam nas suas obras, devem ser devidas a desleixos de revisão.

as seguintes: «L'auteur dramatique peut avec l'âge acquérir des pensées plus élevées, développer une philosophie plus haute; mais au point de vue du métier, ses premières comédies sont aussi bien construites, quelquefois mieux.»

E na realidade Marcellino Mesquita passou a sua vida litteraria a arrancar de si o theatro que em si trazia, a dar-lhe expressão, a sua expressão excessiva que nada deixa para adivinhar ou interpretar, nada guarda para a dôce voluptuosidade da meditação...

Lisboa, 31 — Agosto, 1919.

José Enrique Rodó [1]

(1872-1917)

Não sabemos quem foi que primeiramente pôs em voga a expressão «americanismo litterario» para designar o aspecto artistico de certo ansioso anhelo das modernas gerações hispano-americanas que dia a dia, sob o impulso de alguns escriptores poderosos, se vae convertendo em realidade. A expressão teve a boa fortuna de ser consagrada como formula concisa e flagrante que registava um dos aspectos do problema essencial para todos os paizes da America latina: crear um theor de vida, typico e individualizado, uma caracteristica personalidade que os defenda das ondas invasoras de estrangeirismo, que incessantemente a emigração lhes leva, e os affirme em autonomia de paridade perante o sempre crescente e sempre expansivo poder norte-americano.

Nestes povos de vida politica, ainda intranquilla, aos quaes não deixa de seduzir a suggestão norte-americana, que Eduardo Prado e Vargas Vila denunciaram, avidos de modernismo e ainda sem vivas tradições politicas ou intellectuaes que os alimentem, os problemas da creação duma consciencia nacional e da solidariedade dos povos de lingua castelhana e portugueza são primaciaes, porque implicam com a propria existencia politica livre, pois a completam e justificam. Como nos individuos, nos povos a autonomia da vida mental, a unidade do caracter, a coherencia das volições e a presença dum objectivo final da

---

[1] Este ensaio foi destinado á revista de Hamburgo, *La Cultura latino-americana*, e lido, sob a forma de conferencia, na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, em setembro de 1920.

existencia, são problemas de muito determinante influxo, porque as soluções que se lhes proponham é que marcam as linhas fronteiras, dentro das quaes se formam as instituições politicas, sociaes e familiares e a vida mental. A presença dessa mentalidade pessoal é que eleva o homem acima da vida vegetativa; ella é tambem que ergue a vida das nações acima da agitação economica, como fim immediato, a complica e dignifica com finalidades mais altas.

Quantos têm escripto sobre os paizes americanos, rebelladas colonias de paizes europeus, de formas de civilização e processos de colonização muito diversos, têm apontado a escassez de originalidade da sua vida mental, a carencia nella duma tradição litteraria principalmente, e o precipitado acolhimento que nelles se faculta á novidade européa, raro joeirada por uma critica sã ou por um defensivo espirito conservador. Isto mesmo tem sido affirmado por aquelles escriptores americanos, que nos aspectos coloniaes lamentavelmente descurados pelas litteraturas metropolitanas, cerzindo-os com a imitação do romantismo francês que lhes deu eloquencia altisona e poetica com que exprimissem seu nascente nacionalismo, viram litteraturas americanas, como se da quebra dos vinculos que á metropole prendiam as colonias adultas, promptamente pudessem surgir caracteristicas feições intellectuaes e como se o nacionalismo pudesse ter alcance retrospectivo. Isto mesmo tem sido apontado a respeito dos proprios Estados Unidos, apesar do seu progresso material ter produzido nalguns observadores a illusão da existencia duma physionomia litteraria yankee.

Modernamente, a ambição de não assimilar só, mas de crear é o constante fito dos pensadores da Ibero-America. Esse thema acode a cada passo nos seus escriptos, sob todas as formas, immoderadas audacias de innovação, na forma e no fundo, mais naquella que neste, rebeldia hostil contra a influencia das antigas metropoles e até o contrario tradicionalismo historico de quem quer por trilhos novos seguir direcção antiga.

Nacionalismo, feito principalmente de negação malevolente contra a velha patria, embriaguez da liberdade recem-conquistada, deslumbramento das bellezas pinturescas da sua paizagem e uma curiosidade de sympathia pelos indios autoctones — constituem a summula das feições predominantes que têm sido attribuidas a essas litteraturas. Taes caracteristicas são transitorias, ou porque restrictamente duma epocha provenham e com ella passem, ou porque contenham recursos limitados, como uma moda ephemera. Rompendo com a tradição litteraria das metropoles, esses povos viram-se perante o impossivel de toda a impossibilidade de reviver os seculos passados para crear uma tradição propria, porque, ingleses, hespanhoes ou portugueses, não lhes era viavel dissipar a atmosphera de anglicismo, castelhanismo ou lusismo em que haviam nascido e se haviam formado. Quizéram despojar-se duma alma para se animar doutra, mas não conseguiram remetter ao silencio da morte a que os seculos lhes haviam insuflado, nem lograram ser Prometheus do seu barro inerte. Daqui a desorientação dos primeiros momentos, a invasão francesa a jorros, os conflictos da inadaptação no cadinho effervescente dessas mentalidades moças e o conclamar longinquo dos espectros que, não sendo possivel destruir, antes se devem escutar...

As origens litterarias desses povos, as suas mais vigorosas raizes nasceram no terreno pouco fecundo dos morbidos exaggeros do gongorismo do seculo XVII, do academicismo rhetorico e encyclopedismo do seculo XVIII, correntes escassas para produzir uma tradição classica, visto que ellas eram já a degeneração do proprio classicismo pelo predominio dos seus defeitos sobre as suas virtudes, e deficientes tambem para justificar alli a reforma romantica. E é de ver como esta, que na Europa no primeiro quartel do seculo XIX fôra a liberdade na arte a investir contra a disciplina classica, logo nestes paizes se exaggerou em anarchicas demasias, pois não tinham classicismo que destruir, nem tradicionalismo medieval e materia lendaria

que accordar, nem se haviam alli verificado as circunstancias que na Europa produziram a psychose do lyrismo.

Nessas nascentes litteraturas o gosto romantico deu por vezes noutro vão formalismo psytaccista, como foram antes o gongorismo e o academicismo. Quando, como no Brasil, além das já citadas, se apontam caracteristicas especificamente litterarias, como seja a maior intensidade sensual do lyrismo amoroso — sendo das outras menos litterarias o indianismo — ellas são difficilmente verificaveis no conspecto da historia, apresentam-se como florescencia occasional e podem estar para a velha litteratura mãe como differenciações regionaes para um grande conjuncto, como o bretonismo e o provençalismo para a litteratura francesa, como o catalanismo, o castelhanismo e o lusismo para o genio litterario iberico.

Americanismo litterario é a tendencia que procura crear, não tantas litteraturas locaes como as republicas ibero-americanas, nada menos de vinte, mas acima dellas e unificando-as uma consciencia hispano-americana, servida por litteratura ora de lingua portuguesa, ora de lingua castelhana, com a qual esses paizes solidariamente se defrontem com a America ingleza, que em si ponha e discuta os mais intimos e mais americanos problemas da sua vida politica e mental, que saiba acrisolar as influencias estranhas, para convenientemente manter e fecundar os typos nacionaes. A creação duma arte litteraria autonoma, fóra de escolas e independente da copia subalterna da europêa, que das condições moraes e sociaes da vida americana se inspire, que della tome seus themas, que idealize a sua natureza e que sobre alicerces americanos faça uma construcção americana — é o alto ideal das novas gerações.

Alguns espiritos de eleição têm cooperado nesse alto pensamento, que com differenças occasionaes e complexidades accrescentadas pelo tempo era já o do grande Bolívar. Com o apparecimento de obras, que elaboram e amalgamam as mais variadas influencias locaes e estrangeiras num conjuncto pessoal e novo, é que essa aspiração se vae realizando.

Ella se executa principalmente glosando e paraphraseando as idéas mestras e os actos capitaes de alguns grandes americanos, extrahindo da sua obra todo o succo de americanismo que contem, mais do que pelo trabalho lento da legião de secundarios trabalhadores, porque homens como Bolivar e Montalvo encarnam heroicamente, no sentido de Carlyle, todos os altos ideaes e aspirações da sua patria americana.

A phase actual desse collectivo movimento, que pretende crear uma patria pela força lenta e invencivel da intelligencia, dessa cruzada tão nobre e augusta que não vemos no vasto mundo outra tão aproveitada, tão suggestiva e convergente nos seus esforços, venham as contribuições da moderna Cuba, da pequena Nicaragua, do vasto Brasil ou do montanhoso Chile, consiste numa attitude de discreta selecção das suas importações intellectuaes. Após a phase de immoderada importação e havendo adquirido uma excepcional capacidade de assimilação intelligente, tomou esse movimento um aspecto critico. Como, chegados a certa altura de prosperidade economica, policiam e fiscalizam a qualidade dos emigrantes que lhes chegam dia a dia, assim esses paizes analysam, decompõem, miram e remiram quanto a velha Europa lhes envia, systema philosophico, doutrina esthetica, obra de arte, investigação scientifica. E' por isso uma feição primacial do espirito americano de hoje a critica, nem sempre sob formas altas, mas afadigada e proba no seu papel de alfandega de idéas. Modernamente, o Brasil produziu alguns nobres espiritos criticos, mais militantes que eruditos, entre elles Silvio Romero, demasiado systematico e prejudicado pela falsa concepção da critica de base anthropologica e ethnographica, que tomou do sr. Th. Braga; Araripe Junior, delicada sensibilidade esthetica e arguto espirito philosophico; José Verissimo, recto e incansavel olheiro á espreita do snobismo insincéro e da «litteratura apressada», mas ás vezes de visão limitada por natas incomprehensões; Nestor Victor, ensaista psychologo, João Ribeiro, philologo, e o grupo de modernos, Ronald de Carvalho, Amoroso Lima,

Jackson de Figueiredo, Andrade Muricy e Tasso da Silveira. Na America hespanhola, criticos ilustres têm militado, como Carlos Arturo Torres, Enrique Piñeyro, Rafael Merchan, Manuel de Sanguily, M. Caro, os irmãos Ureñas e muitos outros. Todos têm feito com lealdade e dedicação dessa critica um pouco subalterna e ingloria de registo dos livros do dia, das idéas da moda, da occorrencia quotidiana, em que no Brasil tem cooperado a nossa illustre D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. E' desadoravel essa critica, mas ella tem na America sua opportunidade e efficiencia. Como na velha Castella a Santa Hermandad, essa critica estabeleceu a tranquillidade e a confiança, condições igualmente indispensaveis á vida mental, onde os pensamentos vadios, os dogmas, os sophismas e as burlas charlatanescas impedem o sereno trabalho. Dessa forma de critica escreveu Menéndez y Pelayo palavras condemnatorias: «Quien vió nunca un estudio de Taine ó de Renan sobre el ultimo drama de M. Daudet ó la ultima comedia de M. Sardou?... Hablar hoy de un sermón y mañana de una zarzuela y al otro dia de un libro de filologia oriental, no puede ser a la postre más que una disipación de espíritu, a la cual no hay temperamento bastante robusto que resista». [1] E assim é. Ella dispersou a attenção de nobres espiritos, como José Verissimo, cuja critica sempre provocada pelo livro recem-chegado tem o caracter de falta de iniciativa intellectual, mas a abnegação que implica torna-a credora de reconhecimentos. E quando daqui a alguns decennios mais se accentuar a existencia duma litteratura ibero-americana, norte e unidade moral dos povos de lingua portuguesa e castelhana, a critica terá ganho a sua mais vasta e gloriosa batalha.

Dum dos obreiros desse americanismo litterario, José Enrique Rodó, nos queremos occupar para apontar ao publico

---

[1] Citação do sr. González-Blanco em *Escritores Representativos de America*, pag. 34.

português, hoje mais incerto nos seus rumos politicos e moraes que o pequeno e longinquo povo para que elle escreveu, as bellezas da sua obra e os seus ensinamentos.

A pequena republica da Banda Oriental do Uruguay, onde nasceu e viveu José Enrique Rodó, a qual para um territorio duplo do de Portugal tem uma população pouco superior a um milhão, não é desconhecida dos portuguezes, porque antes que para ella chamasse a attenção o apparecimento deste eminente critico, já o seu territorio ruidosamente fallára na historia da nossa colonização americana. Foram os portuguezes os primeiros occupadores desse territorio e sobre elle se feriram luctas porfiadas e sangrentas, rivalidades locaes umas vezes, reflexos da politica européa outras, até que as antigas colonias de Portugal e Hespanha, que alli se chocavam, já livres e erigidas em grande imperio e grande republica, entre si concertaram a creação dessa Belgica neutralizada da America, segundo a imagem de Menéndez y Pelayo, que se a geographia, a historia e a ethnographia não explicam plenamente, o equilibrio politico sul-americano cabalmente justifica.

Foi D. Pedro II, quando ainda regente, quem entendeu que a natural fronteira do Brasil era o Rio da Prata, pelo que mandou a D. Manuel Lobo, governador do Rio de Janeiro, que occupasse a margem esquerda ou septentrional daquelle rio. Assim fez este, que em 1678 fundou a colonia do Sacramento, pomo de discordia durante largos annos. No anno seguinte, o governador de Buenos Ayres, D. José Carro, tomou-a, mas logo em 1680 foi compellido a restitui-la. — Declarando-se a guerra da successão de Hespanha, Portugal combateu pela casa de Austria contra Filippe de Anjou. Essa guerra produziu hostilidades no continente da peninsula, bem conhecidas, e ainda nas margens do Rio da Prata. Affonso Valdez, governador de Buenos Ayres, tomou a colonia em 1705, mas em cumprimento do tratado de Utrecht foi-nos ella restituida em 1716. D. Miguel de Salcedo, em 1735, fez baldados esforços para a

rehaver, o que pacificamente esteve o vizinho reino a ponto de conseguir por meio do tratado de Madrid, de 1750, em que as duas nações peninsulares assentaram na cedencia da colonia do Sacramento á Hespanha em troca dos Sete Povos das Missões, do Uruguay. Quando se procedeu á demarcação das fronteiras, em cumprimento do tratado, surgiram difficuldades na sua interpretação e uma sublevação de indios. Não havendo sido cumprido, foi denunciado em 1761.

Quando no anno seguinte, Portugal e Hespanha se envolveram em guerra, por se recusar o primeiro a adherir ao «pacto de familia» dos Bourbons contra a Inglaterra, D. Pedro de Cevallos, governador de Buenos Ayres, atacou de novo a colonia, cujo governador facilmente se rendeu. Concluida essa pequena guerra, na metropole, pelo tratado de Paris, de 1763, neste se estatuiu a devolução da colonia a Portugal. Apesar do tratado, que como todos promettia paz e amizade perpetua entre os signatarios, o estado de guerra neste longinquo territorio cisplatino existiu sempre, com fortuna varia para as armas portuguesas, até que pelo convenio de Santo Ildefonso, de 1777, a Hespanha livremente incorporou nos seus dominios a disputada colonia do Sacramento e as missões do Uruguay, guardando Portugal só a ilha de Santa Catharina. Na guerra de 1801, motivada em varios actos nossos de belligerancia contra a França, á qual então Hespanha se achava ligada pela politica de Godoy, ao passo que na metropole soffriamos não pequenos desaires, entre elles a perda de Olivença, na America do Sul as tropas coloniaes reconquistavam todos os territorios que o tratado de Santo Ildefonso nos levára. Quando se assignou a paz, pelos tratados de Badajoz e Amiens, perdemos na metropole Olivença e no Brasil a colonia do Sacramento, mas conservámos das conquistas alli feitas os territorios do Rio Grande do Sul, ainda hoje incorporados no Brasil.

Em 1811 novas hostilidades surgiram, mas sem consequencias de vulto. Dez annos depois, por deliberação espontanea, os dominios do Uruguay ou Banda Oriental do Prata

annexavam-se ao Brasil, sob o nome de Provincia Cisplatina. Não durou muito tempo esse *modus-vivendi*, porque em 1825 Lavalleja e Fructuoso Rivera invadiram-na e proclamaram a sua independencia sob o protectorado das Provincias Unidas do Rio da Prata. Já então todas as colonias hespanholas se haviam rebellado contra a metropole e pulverizado em republicas numerosas. A America portuguesa mantinha a sua unidade sob o imperio, circunstancia que imprimiu á sua evolução rumo diverso e certamente menos encapellado de luctas civis. [1] A incursão de Lavalleja e Rivera determinou a guerra do imperio brasileiro com a nova Republica Argentina, que terminou em 1828 com a interferencia da Inglaterra. No tratado de paz foi estipulado que a Banda Oriental desfructaria independencia pelo espaço de cinco annos, findos os quaes optaria pelo governo que preferisse, habilidade com que a diplomacia costuma solucionar taes conflictos; fixar um prazo de espera que se destina a acordar o sentimento nacional. Superfluo é dizer que o Uruguay ficou para sempre vivendo como estado independente, que já em 1864-1865 com o Brasil se batia. Como a Belgica na Europa, o Uruguay foi o campo de batalha permanente de dois imperialismos rivaes. Nelle correu muito sangue português.

Nesse territorio da margem septentrional do Prata, mal povoado e longamente convulsionado por guerras e tardiamente libertado de hespanhoes, portugueses, argentinos e brasileiros, a tradição litteraria não poderia ser muito remota, nem opulenta e original. Antes de Rodó, os principaes escriptores uruguayos repetiam com felicidade varia os caracteres estheticos das formas em voga na Europa,

---

[1] V. Sr. Oliveira Lima, *America latina e America inglesa*, Paris-Rio de Janeiro, s. d. (1914?). E' uma serie de conferencias pronunciadas em universidades dos Estados Unidos. Existem traducções inglesa e castelhana. V. tambem o artigo do sr. J. Lucio de Azevedo sobre este livro, na *Revista de Historia*, vol. 3.º, Lisboa, 1914.

principalmente em Hespanha: Acuña Figueroa, Adolfo Berro, Bernardo Berro, Bartholomeu Hidalgo, o patriarcha da poesia «gauchesca» e certamente o mais regionalista desses poetas, Juan Carlos Gomez, Pedro Bermudez e Margariños Cervantes. No fim do seculo passado é que a geração, a que pertenceu Rodó, ergueu a grande brilho a cultura litteraria do Uruguay, geração a que pertenceram Martinez Vigil, Peréz Petit, Herrera y Reissig. [1] A tradição e o ambiente litterario do seu paiz são insufficientes para explicar o apparecimento dum escriptor de tão larga sympathia e humana vibração como Rodó; o seu paiz só lhe offereceu circunstancias e episodios, pretextos occasionaes. Diz até um seu biographo que a viagem á Europa, emprehendida em 1916, em cujo decurso morreu, nada mais foi do que um voluntario exilio para longe dum meio muito diverso da sua sensibilidade. [2] Baldados foram os nossos esforços para alcan-

---

[1] Para obter informações sobre o conjuncto da litteratura uruguaya, suggerimos a consulta das seguintes obras: Menéndez y Pelayo, *Antologia de poetas hispano-americanos*, Madrid, 1893-1895, 4.º vol.; M. y P., *Historia de la Pósia hispano-americana*, Madrid, 1911-1913, 2.º vol.; C. Roxlo, *Historia Critica de la Literatura Uruguaya desde 1810 hasta 1912*, Montevideo, 1912-1913, 5 vols.; V. Pérez Petit, *Letras uruguayas*, resenha da obra precedente na *Revista de America*, vols. 2.º e 3.º, 1912-1913; A. Vasquez Varela, *Apuntes de Historia Literaria recopilados y ordenados de acuerdo con las lecciones de la Universidad de Montevideo*, Madrid, 1913; Hugo Barbagelata e Ventura Garcia Calderón, *La Literatura Uruguaya, 1757-1917*, na *Revue Hispanique*, Paris, 1917, vol. 40.º, pag. 415-542; Hermenegildo Giner de los Rios y D. Juan Givanel y Mas, *Manual de Literatura nacional y estranjera*, tomo 3.º, Madrid, 1917.

[2] José Enrique Rodó nasceu em Montevideo em 1872, de pae hespanhol, de origem catalã, e de mãe uruguaya, de familia antiga e rica, segundo o sr. H. Barbagelata. Naquella cidade fez os seus estudos, não tendo chegado a graduar-se bacharel na Universidade pelo capricho de não querer prestar provas de philosophia, notorio em quem tão arguto espirito philosophico havia de ostentar. Nessa Universidade foi professor de litteratura. Em 1901 trocou a cathedra pela politica como

çar o primeiro escripto de Rodó, *El que Vendrá*, que qualquer que fosse o seu valor intrinseco alguma coisa significaria na evolução dum escriptor, que surgiu na liça já armado e dextro como velho combatente. E' para notar tambem que os seus criticos deram ás peças iniciaes da sua obra attenção muito limitada; o sr. González-Blanco vagamente se lhes refere (pag. 57); Godoy analogamente (pag. 87); e Zaldumbide pouco avança (pag. 76 e seguintes).

Começaremos, pois, a nossa analyse por *La Novela Nueva*.

Foi este ensaio escripto a proposito da obra de Carlos Reyles, *Academias*, que continha uma profissão de fé numa nova arte de reacção anti-naturalista, e constituiu um eloquente applauso a essa tentativa renovadora com que a America se propunha collaborar no vasto movimento de adaptação da litteratura ás ansiedades espirituaes que por toda a parte palpitavam e a que o naturalismo francês já não podia dar

---

liberal moderado. Em 1895 fundou com Perez Petit e os irmãos Martinez Vigil a *Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales*, em que collaborou com assiduidade. Este periodico exerceu influencia consideravel na mocidade escolar. Durante dois annos dirigiu um jornal politico. Gozando de grande prestigio no seu paiz e na America do Sul, tomou parte em muitas solemnidades civicas, que eram affirmações de americanismo espiritual, thema que a sua penna muitas vezes defendeu. Representou em 1905 a imprensa de Santiago do Chile na trasladação dos restos mortaes de Juan Carlos Gomez; em 1906 tomou parte activa na discussão da lei do trabalho, proposta pelo governo e envolveu-se na polemica politica e doutrinaria, de que nasceu o seu opusculo *Liberalismo y Jacobinismo;* em 1907 collaborou na commemoração da tomada das Missões; em 1909 foi eleito presidente do « Circulo de la Prensa » de Montevideo e deu as boas vindas a Anatole France; em 1910 representou o seu paiz nas festas do 1.º Centenario da independencia do Chile. Por encargo do magazine litterario de Montevideo, *Caras y Caretas*, e do jornal *Plus Ultra*, de Buenos Ayres, partiu em 1916 para a Europa, para visitar os paizes em guerra e registar em chronicas as suas impressões. Em agosto de 1916 desembarcou em Lisboa, onde entrevistou o presidente da Republica de então, sr. Machado. O texto

cabal satisfação. A verdade na arte é a sinceridade, que é preciso não confundir com a candura — proclama Rodó —, e essa sinceridade já não a tinha a arte desse ultimo decennio do seculo passado. Este nobre proposito de renovação litteraria enunciado por Carlos Reyles parecerá insensato aos espiritos, que só amam a belleza placida e risonha, tranquillo passatempo que não sobresalta as consciencias nem perturba os ocios; parecerá inopportuno aos espiritos retrogrados ou estacionarios, para quem não ha mais horizontes que os por elles abrangidos; e parecerá punivel aos nacionalistas partidarios do isolamento intellectual, que aos dominios do espirito applicam as mesmas restricções e os mesmos zelos da geographia politica; mas será bemvindo dos que querem viver a vida da sua epocha, vibrando em unisono com os seus sentimentos e as suas aspirações mentaes, custe embora essa identificação a dura prova da dôr, e que verão nesse programma a expressão

---

dessa peça, que se intitula *Una entrevista con el Presidente de Portugal*, está incluido na recopilação posthuma, *El camino de Paros*, pags. 77-84 da 2.ª edição. Após curta demora em Madrid e Barcelona, passou á Italia, onde morreu em 1917, em Palermo, no mesmo hotel em que Wagner concluira *Parsifal*.

A bibliographia dos escriptos de Rodó é a seguinte:

1895 — 1897 — Collaboração na *Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales*, parte da qual foi depois reunida em *El Mirador de Prospero*;

1897 — *El que vendrá* e *La Novela Nueva*, que constituem o 1.º tomo da collecção *La Vida Nueva* e que já haviam sido publicados na *Revista* citada;

1899 — *Ruben Dario*, 2.º vol. da mesma collecção, depois reproduzido como prefacio das *Prosas Profanas*, de Dario;

1900 — *Ariel*, 3.º vol. da mesma;

1906 — *Liberalismo y Jacobinismo*;

1909 — *Motivos de Proteo*;

1918 — *El Mirador de Prospero*;

1916 — 1917 — Collaboração nos jornaes *Caras y Caretas* e *Plus Ultra*;

1919 — *El Camino de Paros*.

eloquente dos anhelos collectivos. A uma nova situação dos espiritos tem de corresponder uma nova arte, ou restringindo-nos ao genero da obra que suggere o ensaio, uma nova forma de romance, que não poderia já ser a do realismo francês, contra a qual reage, nem a que podia offerecer a tradição do romance castelhano. Só no moderno romance castelhano, após a renovação de Pérez Galdóz, encontraria a nova geração profundidade psychologica e signaes das luctas inexoraveis do pensamento moderno.

Procurando depois ver o significado que em relação á vida litteraria da America poderia ter esse problema esthetico do romance moderno, Rodó advoga com calor a opportunidade de com germens poderosos fecundar a juventude espiritual da America, concilia a tendencia de autonomia litteraria com a necessidade de intima communicação com os povos creadores de originalidade na vida mental, insurge-se contra o conceito limitado dos que suppõem que juventude espiritual quer dizer isolamento, regionalismo e despreoccupação dos grandes problemas que na velha Europa encapellam a alma humana e que certas formas de sensibilidade ataquem a *saude litteraria*, como ardorosamente defendeu Nordau.

Estas idéas fundamentaes defende-as Rodó com firme e calma convicção, onde só destaca de quando em quando aquelle tom assertivo de proselytismo ardente, que em Ariel tomará relevo. A belleza deste escripto consiste não na originalidade ou na profundeza dos conceitos, não em analyses penetrantes que não contem, nem em syntheses ousadas a que se não affoita, mas sim no seu estylo, paleta polychromica que dava ao seu pincel todas as tonalidades, inesgotavel thesouro de imagens, qual mais alada, qual mais precisa, todas vindo, côres e metaphoras, convergir no seu escopo supremo: a expressão.

Já então Rodó ostentava algumas feições primaciaes do seu temperamento litterario. Uma dellas é o humanismo vibrante de sympathias e ansioso daquella curiosidade que já o escravo de Terencio orgulhosamente confessava, e que fez delle um apos-

tolo não de verdades absolutas, em que não cria, mas de opportunidades e sinceridades, sempre preparando a alma para o amanhã incerto. A outra feição predominante é o dom de tornar intelligivel e sensivel o abstracto, de reduzir ao nosso minguado mundo das reminiscencias sensoriaes toda a universalidade humana, fosse vaga aspiração, idéa geral ou postura de espirito. Elogiou a sinceridade como criterio de verdade na arte, porque della recebia a arte a sua graça e a sua força, o seu encanto e o seu poder. E' essa sinceridade que impregna este ensaio, no qual encontramos em germen todas as virtudes litterarias, que exornam as suas obras subsequentes, incluindo já o dom das imagens: «Sólo el arte indiferente y glacial puede aspirar a ser el arte inmovil. — Como la renovación incesante del oleaje sobre los abismos del mar, tal la inquietud de las ideas sobre la profundidad constantemente removida del espíritu. He aqui que una ola nueva se levanta. Los vientos que la empujan difunden por todas partes el llamado de una renovación. Con ella avanzan hacia la playa obscura, como sales de sus aguas acerbas, nuestra sensibilidad, nuestro pensamiento, nuestra vida. El arte nuevo, nacido de esas mismas aguas acerbas, ha de ser la espuma que corone la ola». Muitas outras imagens maritimas esmaltam a sua prosa, caracteristico que muito bem salientou o illustre critico cubano, Max Ureña.[1]

*

* *

Felizes os artistas que lograram encontrar para os seus vastos templos de belleza guias tão leaes e de alma tão dotada de sensibilidade esthetica, como o que Ruben Dario teve em Rodó. O estudo que este publicou em 1899 consagrou do mesmo passo o poeta e o critico.

---

[1] V. *Rodó y Ruben Darío*, La Habana, 1918, pag. 14.

Como Rodó, Ruben Dario não é um espirito de formação americana, e a sua poesia não é batalhadora, activa e apaixonada como em geral a do novo mundo, mas sim de delicados cambiantes intermedios, formas e côres suaves, selecções e requintes, daquella aristocracia esthetica que o mesmo Rodó crê que se brazonaria a preceito num cysne. E embora o critico confesse que as suas preferencias propendiam para a arte de pensamento e de lucta, a amplitude da sua sensibilidade e a sua phantasia, « docil á toda poetica sugestión », deram-lhe a comprehensão mais flexivel, que ainda se produziu em critica impressionista sobre esse poeta estranho.

Caracterizando a concepção artistica de Dario, Rodó fá-la decorrer dos dois seguintes postulados: a verdade dos deuses deve inferir-se unicamente da belleza dos templos que se lhes tem levantado; e não ha refinada belleza sem alguma coisa estranha nas suas proporções. Depois faz a sua demonstração emprehendendo a sua viagem através do palacio encantado da phantasia do poeta das *Prosas Profanas*, uma a uma apontando as bellezas que se lhe deparam. Que amavel guia é Rodó! Guia sim, não critico no sentido technico da palavra, não o critico complexo, que sente vivamente, mas tambem vigorosamente raciocina, que desmonta a obra de arte na machinaria de humana invenção com que a belleza divina se produz e occulta, que analysa e descreve para logo explicar e syntheticamente avaliar. Rodó é um critico que faz taboa rasa dos seus processos, porque a toda a dextreza do officio e a toda a sua ferramenta e apparelhagem se sobrepõe a poderosa impulsão da sua personalidade litteraria. E' por isso o seu processo critico muito seu e, portanto, inteiramente estranho á methodologia da disciplina. Elle amplifica os quadros da phantasia do poeta e pelo conducto da emoção esthetica prolonga-os na sua phantasia em novos quadros, glosando os themas que doutra imaginação partem. E se não fôra esse ponto de partida de outrem, seria a sua critica uma nova e livre obra de arte. A s mesmo se pergunta se tal processo de fazer critica será legi-

timo. E a resposta que á sua duvida occorre é a mais cabal porque se trata menos dum processo critico que dum temperamento litterario: «¿Tocar asi la obra del poeta, para describirla como un cuadro, con arreglo á un procedimiento en que intervenga cierta actividad *refleja* de la imaginación, es un procedimiento legítimo de hacer critica? Sólo puede no serlo por la incapacidad de quien lo haga valer».

A requintada imaginação de Ruben Darío requintadas emoções produz. E estas nenhum outro definidor mais delicado poderiam esperar que Rodó. Impressões estheticas das mais incoerciveis e subtís, no seu vago indescriptivel, eram um estimulo creador para a phantasia serena de Rodó, que amava a medida, as proporções e o comedimento da emoção com carinhosos extremos. Vibrar dentro da olympica serenidade, que numa pagina formosa Luiz Garrido descreveu e oppôs ao complicado modernismo, era a esthetica do poeta; descrever essas emoções de quintessenciada belleza em dizeres limitados que tanto contrastavam as formas violentas da expressão litteraria da peninsula e da America latina e que de todos os recursos afanosamente lançavam mão, era o sonho critico de Rodó. E esse fito, plenamente realizado mais duma vez, faz delle um mestre de sensibilidade e de estylo, de medida classica, aquella medida na qual Goethe via a marca dos mestres. São formosos exemplos disso a sua glosa da *Sonatina*, de Darío, a pagina sobre a influencia de Verlaine e as veladas censuras que ao poeta dirige. Sempre quiz fazer sentir a belleza, dando expressão relevante á sua exquisita sensibilidade ante ella, e para isso, a fim de conservar as impressões e reminiscencias suscitadas, até o seu lapis collabora, «o lapis inquieto das suas glosas», secretario dos seus nervos. Porêm deve-se notar, esta graciosa receptividade de emoções e o dom privilegiado de as reproduzir em linguagem não excluem uma alta consciencia critica, que a cada passo se ostenta, unico sello que da erudição guardou; della é signal evidente o trecho em que caracteriza o que chama o classicismo modernista.

Lendo o que D. Juan Valera escreveu sobre *Azul*, presente-se que alguma coisa ficava por dizer e que nem todo o conteúdo de petulancias gentis e affeitezas delicadas do livro se vazára integro no exame do nobre critico. E' que não bastava para aquelle artista de eleição o processo vulgar da analyse, ou havia que, antes de analysar, intensamente sentir e fazer sentir. Isso fez Rodó.

*
* *

A sua serenidade de juizo e o dom da expressão tranquilla mais ainda sobresahem em escriptos cuja materia de certo modo as excluia, pelo seu caracter de proselytismo e de combate, como *Ariel* e *Liberalismo y Jacobinismo*.

Da *Tempestade*, de Shakespeare, aproveitou o escriptor a symbologia que lhe attribue um exegése talvez demasiado arguta. Ariel, o genio da idealidade, patrocina este ensaio que perfigura a lição derradeira dum mestre inspirado, Prospero, nome tambem tomado da tragedia shakespeareana e que volta a occorrer no titulo da recopilação de peças dispersas, *El Mirador de Prospero*. E Caliban, o genio da grossaria e da maldade, frequentes vezes é invocado para as suas imagens de contraste.

Esta lição de idealismo, arrazoado eloquente em prol dos «interesses da alma», sermão laico endérençado ás juventudes americanas, é uma das suas obras mais bellas e mais nobres; bella pelo colorido, pela harmonia, pela fluencia da linguagem e pela elevação da doutrina, e nobre pelo esforço de erguer bem alto o pendão do idealismo, de defender em meio duma civilização hostil e das suggestões do americanismo a cidadella ameaçada da vida interior.

Que a sua voz clamou no momento proprio e que defendeu sentimentos e tendencias que em muitas almas palpitavam, prova-o a larga repercussão de *Ariel*, cujos echos ainda de todo se não extinguiram, verdadeira obra de evangelização em que

formou a sua alma a juventude que com o novo seculo se lançou á conquista dos seus sonhos. [1]

Perante a mocidade hispano-americana, Prospero, que vale dizer Rodó, elogia com calor a juventude dos individuos e dos povos, pelo que de enthusiasmo e de esperança contem, abeira as limitações della, o pessimismo debilitador e o optimismo immoderado e deformador da realidade, e expõe a seguir como deve ser considerada a vida por esses discipulos. Elles deverão tê-la como o desenvolvimento de toda a alma, integral e dirigido a fins humanos, evitando todos os inconvenientes da limitação do espirito, produzidos pelo especialismo, quanto á solidez e á esthetica social, deverão com sollicitude cultivar o jardim secreto da sua vida moral, especie de retiro, como o palacio occulto do bom rei oriental.

Seguem-se paginas encantadoras sobre o parallelismo ethico-esthetico e vigorosas na verberação do utilitarismo moderno. Esse utilitarismo — é o da Norte-America, que principalmente elle visa — deriva de duas causas, pensa Rodó: o desenvolvimento scientifico e a instituições democraticas. Só á segunda causa discute, e essa discussão é um esforço denodado, que faz o seu espirito, essencialmente aristocratico e intellectualista, para conciliar a cultura e o respeito da selecção social com essas instituições democraticas. A democracia seria um ponto de partida, em que se aboliriam as superioridades injustas para chegar ás verdadeiras superioridades. Americano, discipulo da Revolução Franceza, do racionalismo e do positivismo, Rodó faz prodigios de argumentação para accordar os prejuizos da sua educação e do seu ambiente com

[1] José Verissimo deu-se ao trabalho de discutir o realismo deste escripto, chegando a apontar-lhe inverosimilhanças de ordem material, como a existencia dum tal mestre, Prospero, e de taes discipulos, os que em recolhido silencio lhe escutaram a extensa doutrinação. Não pode haver maior discordancia entre o processo de critica e a peça que se critica.

o respeito da vida da intelligencia, que tão vasto lugar occupava entre os seus sentimentos. Sente-se o mesmo esforço demonstrativo, que pungiu a alma generosa de Guyau, quando com suspeitosa exuberancia de provas quiz harmonizar a esthetica e a vida moderna. A sciencia mal interpretada póde algumas vezes prejudicar o espirito poetico e o espirito religioso; assim a democracia, cuja obra vai ainda em meio, póde ás vezes tambem contrariar o espirito de selecção. Impende-lhe, por isso, achar a conciliação definitiva com a aristocracia da personalidade. E o caminho será, não destruir essa democracia, como Renan aconselhava, mas educá-la. A educação popular seria, pois, o grande instrumento das democracias.

Tal opinião é ainda signal dos prejuizos revolucionarios de Rodó, que attibuia á educação um papel soberano, que ella não póde desempenhar, especie de filtro magico que transmudaria a natureza humana. Elle não quiz ver no conspecto da historia como a obra da educação, mais lenta e segura, póde ser num momento destruida pelas influencias sociaes, substituida ou excedida pelo impulso dum homem de genio. Eduquem-se as gerações dum paiz democratico na mais chã concepção da vida; se a natureza inspirar a um homem o genio da vontade invencivel, essas gerações volver-se-hão prompto idealistas e servirão com fé o imperialismo. Não foi a geração educada na burguesa mediocridade da Revolução que serviu aos ideaes de Bonaparte? A necessidade, o accidente historico, a vontade dos homens, o ambiente moral que se respira e as suggestões da imprensa e da politica são agentes de affeiçoamento moral bem mais poderosos que a doutrinação escolar ou as exhortações dos propagandistas e conferentes de educação popular, com todos os seus meios de acção. Uma grande dôr collectiva, a perda das colonias em 1898, e o impulso da guerra de 1914-1918 fizéram surgir a Hespanha moderna, e é para servir os novos ideaes de que a alma hespanhola palpita que se reformam as suas instituições de ensino.

Rodó vê no espirito americano a mais typica representa-

ção do utilitarismo moderno, que nos Estados Unidos se erigiria em typo de civilisação, americanismo. Delle faz uma magistral critica, decompondo-o nos seus defeitos graves e nas suas virtudes innegaveis, e concluindo com logica imaginosa e subtil que esse utilitarismo rasteiro não é senão um estadio que ao idealismo conduzirá. As grandes cidades, cuja vida interesseira e puramente mercantil lhe repugnava e cujas attracções enganosas temia para a juventude a que se dirigia, não eram fins, eram meios para attingir a vida superior. Com que vibrante eloquencia e ungida espiritualidade, Rodó instilla aos seus iniciados o tedio da vida buliçosa e vã, feita de movimento exterior e falha de perspectiva e de finalidades elevadas, e como inspiradamente aponta os valores constantes e fecundos que tornam proficua e crédora da gratidão dos homens uma civilização! Como é ingrato o trabalho de fazer comprehender a belleza a almas rudes, como é ardua a tarefa de demonstrar a verdade da crença ao pagão, assim é penoso dizer a Sancho Pança ou a Gina, parallela creação de Ibsen, que a vida intensa e bella é a que persegue objectivos que perdurem além da morte, é a que illude a certeza da sua limitação com um legado que outros estremecidamente tomem e prosigam. Ama-se a belleza, quando o destino nos dotou com sensibilidade aos seus fulgores; crê-se quando a crença nasceu com a alma ou a tocou a revelação; ama-se a vida interior e crê-se na realidade dos interesses moraes, quando á chamma inextinguivel de Socrates se subordinou a *outra* de Maistre. Devem por esse motivo ser mais prezadas as inspiradas paginas de Rodó, lição de idealismo, curso do que se não ensina.

Presumpções optimistas duma America ideadora cerram essa esplendida symphonia de pensamentos e palavras, tão equivalentemente bellos que mais duma vez parece sentir-se o roçar da idéa na palavra em que se vasa e aninha hermeticamente, para fallar no seu estylo inimitavel.

*
* *

Em 1906, a Commissão de Caridade e Beneficencia de Montevideo ordenou que fossem retirados das paredes das enfermarias do Hospital da cidade os crucifixos que ainda alli arrostavam a crescente secularização do estabelecimento. Como a consciencia religiosa do paiz se susceptibilizasse com tal deliberação, tida pelos que a ordenaram como acto de franco liberalismo e pelos que a condemnaram como signal de grosseira intolerancia, o jornal *La Razón* pediu a Rodó que emittisse a sua opinião sobre a justiça e a opportunidade desse acto. Respondendo, o escriptor apodava o assento da Commissão de Beneficencia Publica de estreito jacobinismo e incomprehensão porque a imagem de Christo perpetuava alli, num estabelecimento de caridade, a memoria sublime do homem — era puramente humano o respeito de Rodó — que fundára a Caridade e operára a mais profunda reforma moral entre os homens.

Esta these de ter sido Christo o fundador da Caridade foi vivamente impugnada pelo Dr. Pedro Dias numa conferencia publica, em que com grande apparato de erudição historica e philosophica pretendeu demonstrar que, antes que Christo contasse as suas parábolas, já a Caridade era instituição humana na longinqua China, na velha India, no Egypto e na Hellade. Rodó deu suas contra-réplicas, publicadas no mesmo jornal, nas quaes com placida analyse refutou um a um os argumentos de Pedro Dias a respeito das origens historicas e antecristãs da Caridade. Investindo *sine odio* contra o sophisma da caridade scientifica, que Dias com exaltado racionalismo oppunha á caridade evangelica, repelliu os sentimentos hostís suscitados pela cruz no seu contendor, que só via um aspecto da influencia desse symbolo, o das violentas perseguições que uma hermeneutica apaixonada delle pôde extrahir. Definiu com

precisão a mentalidade do jacobino e concluiu por esclarecer o conceito de livre pensamento, tão desfigurado pelos embustes dos agitadores politicos.

Esta controversia do *Liberalismo y Jacobinismo* manteve-se sempre num tom resoluto de discordancia, mas na alta esphera das idéas e tambem na craveira das generalidades e vastas syntheses como convinha ao lugar em que decorreu, a imprensa jornalistica, e como exigia a vastidão das materias versadas. Mas a sua linguagem, rica de imagens elegantes e impressivas, a logica humana e sensata de quem applicava a phenomenos historicos criterio diverso do causalismo physico, o dom superior de persuasão e a generosidade das idéas fizéram desse pobre caso local, episodio da intolerancia do Uruguay, uma lição de idealismo e um passo firme no caminho do mutuo acatamento. Rodó exemplificou assim a posição espiritual propugnada em *Ariel* e deu significação geral ao que foi tão particular, tão local, repitamos. Razão tem o sr. Gonzálo-Zaldumbide quando escreve: « *Liberalismo y Jacobinismo* se volvió asi la continuación de *Ariel;* fué Ariel actuando en la liza, puesto por obra en la vida, realizando su evangelio entre los gentiles ». [1]

*

* *

O proposito de doutrinação moral, o *humanismo* de Rodó tem seu momento culminante em *Motivos de Proteo*, obra pela qual o escriptor do Uruguay se filia na grande linha de pensadores moralistas, que vem de Epicteto e Marco Aurelio por La Bruyère, La Rochefoucauld, Emerson, Renan, Guyau e Maeterlinck, os mestres daquella litteratura de analyse da alma humana, psychologos pelo dom de penetração, escriptores pela

---

1 V. *José Enrique Rodó*, Madrid, 1919, pag. 126.

arte com que volvem em belleza as suas observações e moralistas pelo proposito de ensinamento ou pela possibilidade de se lhes extrahir algum.

Os *Motivos de Proteo* contêm a sua philosophia, com razão se diz; philosophia sem applicações praticas, sem qualquer conclusão, tambem se diz, mas já sem razão. Para aquelles, que tomam a philosophia não já como um encadeamento chronologico de systemas, em cujos escaninhos se encaixilhava a verdade e que successivamente uns aos outros se destruiam, mas antes como uma perenne disposição do espirito para penetrar até ao amago das coisas e constantemente, através das idéas feitas, se refazer, os *Motivos de Proteo* contêm toda uma philosophia.

O escriptor, com o espirito cheio da philosophia idealista e creacionista, da litteratura modernista, vibrante de sympathia social, impregnado de quanto represente uma reacção contra o materialismo e a superstição scientifica em philosophia, contra o realismo em litteratura, contra os excessos democraticos, sentindo a convergencia dessas correntes e receando-lhes os excessos, quiz orientar-se nesse mar de idéas, rijamente batido ora pela duvida ora pela esperança, e achar em meio delle um rumo, que apontasse á juventude como apostolo ou novo descobridor. E esse foi o seu grande serviço: de tudo que povôa a mente dum homem de hoje, politica, philosophia, interesses, esthetica, simples sensibilidade, extrahir uma moral menos nova no fundo que na forma. Rodó é o moralista do idealismo moderno, porque foi elle que condensou e organizou as aspirações do seu tempo, tingindo-as fortemente de sentimento para que passassem do retiro dos homens de gabinete para a praça confusa, onde os que confiam esperam o verbo guiador.

Facil será discernir no seu corpo de idéas o que lhe provém deste ou daquelle pensador, mas tudo elle amalgamou com homogeneidade, tornando-se, como flagrantemente diz o sr. G. de Zaldumbide, em «una especie de Guyau sin efusiones, un

Renan sin reticencias transcendentes, un Taine algo flotante y optimista, un Emerson discursivo, un Maeterlinck sin temblor ni angustia, un Macaulay sin dialectica vehemente ni combativa logica, un bergsoniano que se fia clásicamente á la inteligencia... »[1]

A uma formula se reduz o conceito nuclear do seu livro: reformar-se é viver e o homem que plena e intensamente queira viver tem de intervir nessa renovação inevitavel, conjugá-la sob um principio director, com vista a uma finalidade, dar-lhe rythmo e harmonia. Não é uma philosophia da volubilidade nem uma apologia do dilettantismo inquieto, é uma philosophia que quer intensificar ao maximo a vida interior, profunda e complexa, com desvãos, recantos e mais longinquas perspectivas do que crerá aquelle que só dos estimulos externos se determine, para que a alma, no meio da fatal instabilidade das coisas e da sua propria constituição, possa procurar equilibrio, como a bussola na suspensão de Cardan mantem a sua horizontalidade nos encontrados impulsos das aguas. Paginas bellas em que não ha pensamento subtil que não vista uma forma simples e evidente, nem conceito vulgar que se não renove pela expressão plastica que o traduz, parabolas, contos e tradições como pittorescos recursos de demonstração enchem a obra. Quantos desperdicios de energias e vocações terá a humanidade a lastimar, porque se não desceu ao fundo da alma, rica de thesouros ignorados, de vida pujante e inexhaurivel como o mar, quantas das reservas moraes que armazena toda alma o sepulchro não guardou intactas e adormecidas! Quantas vezes carpimos com amargas lagrimas decepções e dôres para as quaes tinhamos na nossa propria alma a consolação, porque ella tem sempre, como a Gallia na resposta de Leuconoe a Trajano, espaço vasto e desconhecido a percorrer, onde maravilhas novas só aguardam que lhes desvendem o

---

[1] Idem, pag. 1.

mysterio! Um mal, que sobre nós passa, deixa-nos sempre na mão uma semente, que nos cumpre fecundar, para que haja continuidade e renovação na nossa vida. Que sejamos novos Colombos dessa America — eis o que nos ensina Rodó.

Como as almas são infinitamente diversas, muito varias são tambem as conclusões que desse estudo intuspectivo se sacam, mas dellas não será, repetimo-lo, o sybaritismo intellectual de quem se limita ao registo egoistico e minucioso do que em si se passa, nem a volubilidade mudaz, nem o dilettantismo que, sem compromisso, de pólo a pólo, percorre o mundo do espirito com um interesse puramente intellectual; será, sim, a preparação para a lucta, para a construcção duma vida nobre e bella: «...yo te hablo del conocerse que es un antecedente de la acción; del conocerse en que la acción és, no sólo, el objeto y la norma, sino tambien el órgano de tal conocimiento, porque, ¿como podrá saber de si cuanto se debe quien no ha probado los filos de su voluntad en las lides del mundo?...; modo de saber de si que no es prurito exasperador; ni deleite moroso, sino obra viva en favor de nuestro perfeccionamento; que no nos incapacita, como el otro, (o de Amiel de que precedentemente fallou) para el ejercicio de la voluntad, sino que, por lo contrario, nos capacíta y corrobora, porque consiste en observarse para reformarse; en sacar todo partido posible de nuestras dotes de naturaleza; en mantener la concordia entre nuestras fuerzas y nuestros propósitos, y descender al fondo del alma, donde las virtualidades y disposiciones que aún no han pasado al acto se ocultan, volviendo de esa profundidad con materiales que luego la acción aplica a su adecuado fin y emplea en hacernos más fuertes y mejores; como quien alza su casa con piedras de la propia cantera, ó quien forja, con hierro de propia mina, su espada.»[1]

---

[1] V. *Motivos de Proteo*, ed. da Editorial-America, 1.º vol., pags. 54-55.

Não se pense em attingir um conhecimento perfeito da propria alma, porque ella é inesgotavel, como o poço da parábola de Hypnos, porque nos homens, «bosques de espessura», como lhes chamou Affonso o Sabio, sempre uma parte do seu ser será irreductivel á disciplina. Conhecida a propria alma e creada a personalidade, não se espere que no percurso duma direcção não haja desvios por atalhos, desanimos perante um ideal, que nos inspira, por sublime, quasi divino que elle seja.

Rodó, que fez um estudo pormenorisado de biographias e caracteres, sua analyse e interpretação, aponta depois alguns dos mais bellos typos da humanidade, Goethe, Alcibiades, Sophocles e apresenta-nos um verdadeiro tratado da vocação; como ella nasce e se cultiva; o que ha nella de individual e de collectivo; as vocações simultaneas e as vocações successivas; as concordes e as contradictorias; a capacidade activa e a capacidade especulativa; o que duma passa a outra que lhe succede; as pequenas causas; a emulação e as decepções; vocações contrariadas e tardias; vocações occultas que a perseverança descobre; o papel do amor, grande unificador e reformador da vida moral; influencia das viagens e da solidão; e casos em que um facto inesperadamente revela a vocação.

Ninguem ainda manuseou com maior mestria essa materia até então dispersa e inorganica das biographias dos grandes caracteres, ninguem com maior intuição, a par de segura informação e sem qualquer apparato didactico, soube extrahir d'ahi um verdadeiro tratado da vocação.

Parábolas, contos, allegorias e lendas esmaltam a obra, em que o seu pensamento flexivel, *proteico*, moraliza com a mais refinada elegancia, juntando ao proposito de edificação moral o effeito da funda emoção esthetica. A resposta de Leuconoe; a parábola do pharol de Alexandria; a allegoria de Peer-Gynt; o escravo Hypnos; a allegoria do navio que parte, se perde de vista e volta carregado de riquezas; o symbolo de

Ajax; a parábola dos sete viandantes; S. Pedro de Alcantara; a resposta de Gorgias e a soledade de Theotimo são formosas narrativas, poderosamente suggestivas, engastadas na obra. [1]

Na vasta galeria de superiores typos de humanidade, que vemos desfilar nos *Motivos de Proteo*, figuram alguns portuguezes: Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, Camões, os missionarios civilizadores do oriente e do occidente, Garrett e Herculano.

*

* *

El Mirador de Prospero contem varios ensaios e pequenos escriptos. As peças maiores são os perfis de Simão Bolívar, de Juan Montalvo, o formidavel adversario do dictador Garcia-Moreno, doEquador e de Juan Maria Gutierrez, o nobre poeta e critico argentino. Notar-se deve que Rodó, que com o leite bebêra o positivismo e que vivêra em democracia, cuja razoura niveladora ceifa todo o respigo alto da personalidade — elle o disse e lastimou em *Ariel* — professe tal culto pelos grandes homens, por aquelles que superiormente vivêram a vida ou se sublimaram em momentos augustos. O positivismo e as concepções politicas delle inspiradas tinham os grandes homens como agentes perturbadores do progresso, que só a turba anonyma realizava, como manifestações na historia do fortuito safaro e do anedoctico pittoresco! Rodó que, como pôde, compôs o seu liberalismo e o seu aristocratismo, viu nos grandes homens

---

[1] No mundo ibero-americano circulam largamente como peças autonomas e um editor reuniu-as em volume, que intitulou de *Cuentos Filosóficos*, na collecção *El convivio*, ed. de Garcia Monje & C.ª, S. José da Costa Rica.

modelos a seguir por aquelles em quem latejar uma vocação e que queiram evitar o desperdicio de capacidades e energias, como Peer-Gynt.

Os *Motivos de Proteo* são uma constante glorificação do *heroico* na historia em muitas das suas formas, e no *Mirador de Prospero* alguns typos são ainda exalçados, como Bolivar, Montalvo, Garibaldi, Rio Branco e Juan Maria Gutierrez.

Os dois ensaios sobre Bolivar e Montalvo são magistraes peças da sua litteratura. Sim, da sua litteratura, porque elles não são biographias particularizadas, com fartos dados chronologicos. Pormenores episodicos, documentação, chronologia, historia geral, tudo que poderia subsidiar o seu proposito, foi por elle utilizado. Mas esses materiaes não transparecem nos ensaios, porque estes não são estudos historicos, nem biographias, são reconstituições psychologicas, interpretações de personalidades. E tudo que lhe serviu, material e ferramenta, desapparece sob a unidade architectonica da obra, encorporada na construcção. Citações, documentos, chronologia á vista seriam alli como a paleta e os pinceis que o pintor prendesse para sempre ao quadro, como o cinzel e o bloco tôsco junto á esculptura.

Do pantheon da humanidade a nenhum numen poderia Rodó mais certeiramente offertar a homenagem da sua prosa excelsa do que a Bolívar, genio peculiarmente americano, libertador e espirito tutelar do novo mundo hispanico, porque elle foi como o escritor affirmou logo á entrada do seu ensaio, portico que annuncia a especie de culto que abriga o templo: «Grande en el pensamiento, grande en la acción, grande en la gloria, grande en el infortunio, grande para magnificar la parte impura que cabe en el alma de los grandes, y grande para sobrelevar, en el abandono y en la muerte, la tragica expiación de la grandeza. Muchas vidas humanas hay que componen más perfecta harmonia, orden moral ó estetico más puro; pocas ofrecen tan constante caracter de grandeza y de

fuerza; pocas subyugan con tan violento imperio las simpatías de la imaginación heroica ». [1]

Vasta é a producção bibliographica sobre Bolivar e o seu tempo, e dia a dia vae crescendo; mas passando da documentação para a critica interpretativa, difficil será exceder a harmonia e comprehensão de grandezas e debilidades dessa figura de excepção no ensaio de Rodó. Pode a erudição progredir preenchendo lacunas e retocando pormenores, mas o historiador ao erguer-se ás operações da synthese constructiva não poderá, sem prejuizo, prescindir da visão moral do critico uruguayo.

O ensaio sobre Montalvo, figura menos poderosa que Bolivar, de muito mais restricto campo de acção e em que predomina o aspecto litterario, é menos psychologico e interpretativo para ser mais descriptivo e analytico. São muito bellas pelo colorido a descripção do ambiente moral de Quito e a analyse incisiva, rica de imagens, da prosa de Montalvo, combativa, social e atauxiada de todas as bellezas de que era susceptivel a lingua castelhana, trabalhada por longos seculos de elaboração litteraria. Nem todos os criticos têm pronunciado sobre esse particular veredictum semelhante ao de Rodó, mas nós não discutiremos aqui essa divergencia porque de Rodó nos occupamos e não de Montalvo. Depois são necessarias circunstancias especiaes para attingir plena sensibilidade artistica numa lingua forasteira.

E' dum interesse mais local e versa uma figura de menor estatura a memoria acêrca de Juan Maria Gutierrez, estrenuo obreiro da cultura litteraria da Argentina. Agora era uma carreira de escriptor e não uma alta personalidade que Rodó queria bosquejar; assim varia tambem o seu processo, já mais

---

[1] Em Madrid publicou-se em 1914 uma obra em que se condensam os principaes juizos sobre Bolivar, os de Montalvo, Marti, Rodó, Blanco-Fonbona, Garcia-Calderon, etc., *Simón Bolivar, libertador de la America del Sur, por los grandes escritores americanos*, prefacio de D. Miguel Unamuno, 542 paga.

didactico. Ahi ostenta a clareza serena da sua visão critica, principalmente nos capitulos em que define o seu conceito de americanismo litterario, sem pruridos de isolamento e phobias, e a tendencia de emancipação do pensamento americano, na qual distinguia dois aspectos dominantes: o sentimento da natureza e o sentimento da historia.

Peças pequenas de radiosa belleza brilham no *Mirador de Prospero*, onde sempre se contêm conceitos argutos de quem, como elle disse de Montalvo, ás suas excellencias litterarias reunia o não aprendido dom magistral de instituir a disciplina da sensibilidade e da mente e formar o conceito da vida. Nesse escrinio contam-se como perolas do mais puro oriente as breves peças *La Gesta de la forma*, *El rat-pick*, *Decir las cosas bien*, *Mirando al mar*, *Mi retablo de Navidad* e *Los que callan*.

Harmonizar, conciliar e pacificar adversarios que na mente revolta dos americanos se digladiavam, dar-lhes um sentido moral, impregnar de sentimento e fé essa idéa mestra para que adquirisse capacidade determinante e impellisse a juventude á conquista do seu mundo una e forte — foi o alto ideal de Rodó. Não o podia servir com mais poderoso dom de apostolado, não a intensidade enganosa de palavras em demasia assertivas, a facil eloquencia dos energumenos politicos, mas a exactidão dos conceitos e a belleza da expressão, que rodeia as idéas mais communs duma aureola de esplendor, a que Platão queria a arte fosse para a verdade.

*

* *

A morte truncou bruscamente a obra carinhosa de formação duma alma excelsa, a que o seu portador queria dar equilibrio e harmonia, plenitude perfeita, e desdobrar em todas as suas possibilidades e genialidades, com aquelle laborioso esforço que nos descreveu em *Motivos de Proteo*. Mas dos primeiros cantos do poema da sua vida póde-se prever quanta belleza o poeta

seu obreiro guardava ainda, no momento do seu auge de maturidade espiritual e quando pelas viagens e pela soledade, como doutrinava, ia receber a directa suggestão das ruinas da civilização hellenica que elle tanto amou e para cuja olympica quietude tanto propendia.

Assim mesmo breve e inacabada, a sua obra una no pensamento, no estylo e no tom, sem o sorriso da ironia, sem a crispação da angustia, sem o gargalhar do comico, só com hymnos de apotheose ao heroismo, a tudo que signifique grandeza, força e belleza, mesmo assim a sua obra é prenhe de ensinamentos para portugueses e brasileiros. O cultivo da vida interior; algumas das mais vibrantes paginas que se têm escripto em rehabilitação da imaginação e do sentimento; o seu desinteresse da acção directa; a sua critica de sympathia; o seu amor enternecido pelo solar da sua lingua, a nobre Hespanha; o affirmar com decidido entôno que havia um progresso moral indefinido, são herança bastante para a juventude luso-brasileira conservar com ternura e criteriosamente cultivar. E ainda o haver triumphado tão soberanamente das limitações do ambiente é exemplo muito para meditar e ponderar para os que, isolados em meios pouco propicios, sentem em si reservas moraes que valorizem.

E para fechar, lembraremos algumas linhas sobre o seu sonho da Ibero-America, em que elle attribue á sua patria do Uruguay, outr'ora theatro de cruentas luctas entre portugueses e castelhanos, o papel de enlaçar num fraternal amplexo essas duas raças historicas:

« Por las virtualidades de su situación geográfica y de sus fundamentos historicos, el Uruguay parece destinado á sellar la unidad ideal y la armonia politica de esta America del Sur, escenario reservado, en el espacio y en el tiempo, para la plenitud del genio de una grande y única raza.

« No necesitamos los sur-americanos, cuando se trata de abonar esta unidad de raza, hablar de una América latina; no necesitamos llamarnos latino-americanos para levantar nos

á un nombre general que nos comprenda á todos, porque podemos llamarnos algo que signifique una unidad mucho más intima y concreta: podemos llamarnos «ibero-americanos», nietos de la heroica y civilizadora raza que sólo politicamente se ha fragmentado en dos naciones europeas; y aun podriamos ir más allá y decir que el mismo nombre de hispano-americano conviene también á los nativos del Brasil, y yo lo confirmo con la autoridad de Almeida Garrett: porque, siendo el nombre de España, en su sentido original y propio, un nombre geografico, un nombre de region, y no un nombre politico ó de nacionalidad, el Portugal de hoy tiene, en rigor, tan cumplido derecho á participar de ese nombre geografico de España como las partes de la peninsula que constituyen la actual nacionalidad española; por lo cual Almeida Garrett, el poeta por excelencia del sentimiento nacional lusitano, afirmaba que los portugueses podian, sin menoscabo de su ser independiente, llamarse también, y con entera propiedad, españoles».

Lisboa, 18 de Abril — 920.

Edgar Prestage [1]

EXPLICAÇÃO

As notas auto-biographicas de Mr. Edgar Prestage, que adiante se publicam, foram escriptas por sollicitação do sr. Conselheiro Antonio Candido e minha, feita numa tarde que juntos jantavamos e em que, no decurso da conversa, a ambos occorreu a curiosidade de saber como nascera no insigne biographo de D. Francisco Manuel de Mello a viva sympathia pelas coisas de Portugal, que têem sido a mais absorvente occupação do seu espirito ha cêrca de trinta annos.

Nessa tarde juntavam-se tres amigos de idades differentes e de educações diversissimas, mas a quem unia um grande amor a este infeliz paiz, a religião do caracter e a paixão da litteratura. A todos pungia uma dôr ainda viva. Antonio Candido, o excelso orador, que tantas vezes, pela sua palavra inspirada, expressou os sentimentos da sua patria e que conheceu as formas mais brilhantes e inebriantes do triumpho, que no antigo regimen occupara as mais preeminentes situações da politica e do funccionalismo, resumia toda a amargura do seu rosario de surprezas, decepções e apprehensões numa discreta phrase, dum comedimento delicadissimo: parece que tenho vivido em dois paizes differentes!

---

[1] Publicado no n.º 4 do vol. 66.º do *Instituto*, Coimbra, 1919, acompanhando as *Notas Auto-biographicas*. Nesta primeira publicação o texto sahiu profundamente errado, por falta de revisão.

Edgar Prestage, inglês, educado num ambiente moral forte, numa sociedade de alta cultura e pletórica de riqueza e prosperidade, orgulhoso dos seus sentimentos religiosos, que lhe não permittem um desfallecimento, participando do desvanecimento da victoria da sua patria sobre o seu maior rival de todos os tempos, de luto recente pela esposa, applicava ao juizo dos homens e dos acontecimentos de Portugal, os litterarios como os politicos, o solido criterio positivo de um espirito saudavel que não tem sympathia pelo lyrio murcho do pessimismo.

Com ambos formava eu singular contraste. Educado numa atmosphera de racionalismo, em meio das suggestões de uma sociedade em crise aguda, tendo-me creado pelo estudo individual uma disposição mental de tradicionalismo, de culto do passado, de desdem do presente e de apprehensão do futuro, que inteiramente contradiz a minha educação e o theor da vida que em torno de mim se vive, eu acabava de recolher de uma aventura politica. Suppondo que em meu espirito se conciliavam a tendencia conservadora e a neophilia progressiva, dei-me a praticar e a defender esse ponto de vista tolerante e eclectico. Aconteceu-me como áquelle viajante audaz e imprudente de Wells, que, ufano dos seus olhos e certo da philosophia do dictado que em terra de cegos faz rei quem tem um ôlho, emprehendeu uma excursão ao paiz dos cegos, donde voltou esbaforido, porque os cegos, surprehendidos do seu procedimento, queriam tirar-lhe aquelles exquisitos orgãos que elle tinha um pouco abaixo da testa e a cuja anormalidade attribuiam a extravagancia do seu proceder...

Afinal, dos tres, o mais novo era tambem o mais desilludido e mais transviado. Guardo desse encontro de dois amigos tão illustres e respeitaveis pelo talento como pelo caracter uma boa recordação. Foi um dos mais edificantes episodios desta operação transcendente, em que eu ando empenhado com persistencia e com methodo, de pôr do direito o meu espirito que ultimamente estava virado do avêsso.

As presentes notas auto-biographicas respondem de um modo cabal e concretamente pittoresco a uma curiosidade muito legitima, em quantos conhecem os trabalhos de Mr. Edgar Prestage, sobre a litteratura e a historia de Portugal: esboços criticos, traducções, conferencias de propaganda, ensino nas Universidades de Manchester e de Londres, investigações originaes que muito têm feito progredir certos districtos dos estudos historicos, nomeadamente a biographia de Gomes Eannes de Zurara, a biographia exhaustiva do nosso inesquecivel polygrapho D. Francisco Manuel de Mello e a historia diplomatica do seculo XVII.

Para inglês traduziu obras ou parte de obras de Zurara, D. Francisco Manuel de Mello, Soror Marianna Alcoforado, Garrett, Rebello da Silva, Anthero de Quental e Eça de Queiroz, principalmente. Curioso seria revelar ao publico português a impressão esthetica despertada em ambientes de tendencias e gostos oppostos ao nosso, como são os de Inglaterra e America do Norte, por essas obras, algumas das quaes são justamente das mais representativas do nosso modo de ser. Percorri algumas das resenhas criticas em revistas e jornaes ingleses e americanos publicadas ácêrca dessas traducções e reconheci que numa formula geral se podem condensar os juizos expressos. As obras, que oppunham ás caracteristicas litterarias do norte o contraste da sua originalidade meridional bem typica, inspiravam interesse e sympathia; as que, pelas influencias nórdicas recebidas por seus auctores offereciam um identico fundo de pensamentos e sentimentos, cansavam pela monotona falta de qualquer emoção nova.

Assim se explicam os juizos verdadeiramente insólitos formulados acêrca de Anthero de Quental, uma das maiores almas poeticas da humanidade. No jornal *The Scotsman*, de 11 de junho de 1894, com grande benevolencia se confessa que a traducção talvez não transmitta a poesia essencial dos sonetos, em que o articulista cria sob palavra, e compara-se o auctor do *Hymno da Manhã* a Henry Vaughan (1621-1695), poeta secun-

dario, de quem o sr. Edmund Gosse escreve que «era um mystico anglicano, delicado, meditativo, ordinariamente bastante entediador, mas tendo de tempos a tempos, durante um ou dois annos, intuições radiosas admiravelmente expressas.»

O articulista de *The Speaker*, de 18 de agosto de 1894, reconhecendo que a sua emoção é profunda e duradoura, lamenta que o «Heine português» engastasse banalidades nos mais artificiosos versos.

O critico da *Cambridge Rewiew*, de 25 de Outubro de 1894, C. E. S., escreve em meio de um extenso artigo: «As such (os sonetos escolhidos), so speak frankly, they are disappoiting. The love sonnets are dull. The pessimistic vein wich succeed, and of course increase to the end, is better; and one sonnet, headed «A Dream», is incontrovertibly fine, though not the finest of those submitted to us in this book. Anthero's claims, if not to be called, as be has been, the Portuguese Heine, are at least very strong indeed».

Mais categorico foi o redactor do *The Tablet*, de 8 de setembro de 1894: «sadder book we have no doubt read». E' logico, por fundo que fira a nossa veneração pelo altissimo poeta.

Na sua carta auto-biographica, dirigida a Wilhelm Storck, elle escreveu: «Os criticos allemães acharão talvez interessante observar as reacções provocadas pela inoculação do Germanismo no espirito não preparado de um meridional, descendente dos navegadores catholicos do seculo XVI».

Pois os criticos ingleses, achando curiosa essa influencia do pensamento do norte sobre um meridional, consideraram a traducção como a restituição do que do norte era, porque de lá proviera, mas através dessa vinda e desse regresso, adulterara-se e transformara-se, e como através da versão não podiam sentir a emoção profunda e a belleza da forma, inexcedivel em lingua portuguesa depois de Camões, acharam que superfluamente se lhes restituia o que lhes não fazia falta, porque

essa modalidade poetica é a typica feição da sua litteratura.

Foram mais concordes as opiniões acêrca das *Cartas* de Marianna Alcoforado, sem que deixasse de ser ventilada a questão da authenticidade dellas, o problema moral que comportam para as consciencias religiosas, do mesmo passo que era reconhecida a vehemencia da paixão e a eloquencia admiravel com que é expressa.

Sobre o *Frei Luiz de Souza* os depoimentos surprehendem pela quasi uniformidade de vistas. O drama garretteano agradou vivamente pela sua estructura classica, pela situação moral que discute, pela grande era historica que implicitamente evoca, pelo christianismo puro que respira e pelo seu cunho tragico.

Mais de uma vez os criticos ingleses e um americano deixaram de analysar para calorosamente louvar. E é devéras notavel a coincidencia de nesses depoimentos se encontrarem, em mais de um ponto de vista, os criticos mais desprevenidos; os nomes de Maeterlinck e Ibsen são referidos pelos articulistas de *Literary World*, *The Daily Chronicle*, *America* e *Morning Post*, como dramaturgos que posteriormente ostentaram alguns peculiares dotes que já admiraram no *Brother Luiz de Souza*, «one of the greatest dramas of nineteenth century».

Estes rapidos exemplos mostram como seria curioso possuir a collecção das resenhas feitas nos paizes de lingua ingleza, acêrca das escrupulosas versões de Mr. Prestage, e, como ao invés do que escrevera Anthero, seria illustrativo saber que reacções opporiam os espiritos do norte não preparados ás obras mais typicas do genio litterario dos descendentes dos navegadores do seculo XVI.

Por curiosa coincidencia, no momento em que escrevo estas linhas de explicação da origem das *Notas auto-biographicas*, o sr. D. José Manuel de Noronha está preparando um estudo de conjuncto, já muito adeantado, sobre a *Obra portuguesa de Mr. Edgar Prestage*. Nesse artigo, seu auctor, que acaba de revelar,

a proposito de Gomes Freire, dotes raros de critico historiographico, certamente porá em relevo as contribuições originaes do sr. Prestage, o rigor do seu methodo scientifico e os seus pontos de vista dominantes. Eu não quero agora ser critico, porque, a respeito deste insigne lusitanofilo, está a tarefa confiada a muito habeis mãos, e porque só pretendo dar uma explicação e publicamente confessar uma muito reconhecida amizade.

De facto, prende-nos uma amizade que já é muito mais que cordeal confraternidade litteraria, porque se fundamenta na identidade de algumas essenciaes ideias mestras em nossos espiritos e nossos caracteres.

A *Revista de Historia*, emprehendimento meu muito dilecto, que ha annos me acompanha através das mais variadas occupações e preoccupações, muito deve á sua dedicação, demonstrada nos seus artigos e na sua propaganda para que se mantenha e progrida essa iniciativa.

Emquanto dirigi a Bibliotheca Nacional, muito me auxiliou nas minhas estereis canseiras com os seus alvitres e com o intimo conhecimento daquella casa, adquirido durante uma longa e assidua frequencia. Em meu relatorio digo qual foi a sua collaboração.

Da evolução dos nossos modernos estudos historicos e litterarios, principalmente da historia da politica diplomatica da restauração, e da vida da nossa Academia das Sciencias, não se apagará já o nome deste inglês, nem os vestigios fundos do seu são espirito critico. E curioso será verificar que este homem, de uma constituição moral admiravel, que ama o caracter como fim ultimo e justificação da existencia, tem-se comprazido em estudar e salientar casos eminentes de virtudes moraes e civicas: a pureza da fé que os revezes não abatem, a dignidade e firmeza no soffrimento, o patriotismo, as altas aspirações intellectuaes, o amor da verdade: Zurara, João Gomes da Silva, D. João IV e os seus embaixadores, D. Antonio de

Sousa de Macedo, D. Francisco Manuel de Mello, Conde de Castello Melhor, Sousa Coutinho, Diniz de Lencastre, etc.

O publico intellectual preza e reconhece devidamente os serviços do escriptor; são signaes dessa justa estima os termos do ultimo parecer academico do sr. David Lopes e o proximo trabalho do sr. D. José Manuel de Noronha.

Eu admiro os trabalhos e muito prézo a nobre personalidade do amigo.

Lisboa, 24 de março de 1919.

Noção de Sociologia [1]

A palavra sociologia deveu a sua vulgarização principalmente a Augusto Comte, que repetidas vezes a empregou no *Cours de Philosophie Positive*, para designar uma sciencia que julgava a tempo de se constituir. Foi, por isso, Comte o fundador da sociologia? Não. Elle mesmo se dizia descendente duma linha de pensadores que remontava á Grecia classica, e investigações posteriores destrinçaram na historia da philosophia antigos vestigios dessa forma de actividade espiritual, isto é, precursores. Mas a este termo — precursores — póde dar-se comprehensão maior ou menor. Ou são precursores todos aquelles que, sem disso mesmo terem consciencia clara ou sem verem o seu alcance, reflectiram sobre uma determinada questão, legando observações só depois confirmadas; ou o são sómente aquelles que, de modo expresso, previram todo o problema, e o deixaram posto, ainda que á distancia de seculos e sem continuidade nas especulações. Num caso e noutro tem a sociologia, moderna actividade scientifica, predecessores, simplesmente elles variam com a comprehensão dada ao termo. Segundo o significado mais amplo, o sr. Squillace cita grande numero de pensadores, como Platão, Aristoteles, S. Paulo,

---

[1] Este escripto fazia parte do capitulo II da nossa brochura *O Espirito Historico*, na edição de 1910, onde oppunhamos á historia a sociologia. Havendo supprimido esta parte na 2.ª edição, de 1915, occorreu-nos ao rever a 3.ª edição, que não seriam despiciendas estas notas provenientes de leituras aturadas e que de certo modo reflectem o estado do problema da constituição scientifica da sociologia, ha doze annos.

Bossuet, Pascal, Condorcet, Saint-Pierre, Meslier e Galiani, e poetas de intuição genial como Dante, Shakespeare e Schiller, aos quaes não hesita em ter como prenunciadores da sociologia. Passando a acceitar o sentido restricto, o mesmo auctor só aponta como verdadeiros precursores a espiritos relativamente modernos, taes como Ibn Kaldun, Machiavel, Vico, Montesquieu, Turgot, Rousseau, Stellini, Ferguson, Hooker, Holbach, Filangieri, Kant, Condorcet, Saint-Simon, Rognosi e Janelli. [1] Por sua vez Durkheim, o sabio professor da Universidade de Bordeus que tanto se tem empenhado na constituição da sociologia, sem préviamente nos esclarecer sobre o sentido attribuido á palavra, mas deixando entrever que opta pelo mais restricto, aponta os seguintes precursores: Aristoteles, Hobbes e Rousseau, que produziram reflexões sobre o objecto da sociologia, mas seguindo as suas pessoaes preoccupações ethicas, expondo as suas construcções ideologicas, o que, na sua aspiração, a sociedade devia ser e não observando o que ella é realmente; Montesquieu, que verificou e reconheceu a funcção do direito e definiu a acção dos climas sobre o temperamento dos povos; e ainda Condorcet que, ao bosquejar o desenvolvimento do espirito humano, se comprouve em confessar a sua confiança optimista no progresso social. [2]

Os economistas franceses propuzéram as primeiras leis sociologicas sobre materia commercial e industrial. Saint-Simon, através dum systema social-politico, desenvolvia algumas flagrantes vistas geraes; finalmente Comte, Spencer e Schäfflle — este ultimo sempre menos lembrado — lançavam as bases da nova sciencia, o que permittia a Durkheim, o primeiro professor official de sociologia em França, affirmar que o determinismo universal era extensivo ao dominio da sociologia.

Foi, portanto, só no seculo XIX que se delimitou com rela-

---

[1] V. *Le Dottrine Sociologiche*, Roma, 1902.

[2] V. *De la méthode dans les sciences.*

tiva precisão este novo campo de investigação scientifica e tambem de especulação philosophica. Para tal exito poderosamente contribuiram duas circunstancias, que muito influiram em toda a mentalidade humana. Foram ellas a systematização unitaria, sob o nome de biologia, de todos os estudos relativos á vida, através das muito variadas manifestações da mesma vida, e a concepção que reinou um momento, da historia ser tambem susceptivel de se constituir em sciencia.

Durante largo tempo, a sociologia conservou recordações do mundo de idéas, sob cujo influxo nascêra. Effectivamente, as primeiras doutrinas fôram essencialmente naturalistas, queremos dizer, procederam por analogia, applicando a essa sciencia a mesma visão e o mesmo methodo da biologia [1]. Nas classificações de doutrinas, de Ward e de Squillace, as doutrinas biologicas da sociologia são numerosas. Tambem antes não fôra mais do que uma especial concepção da historia. Comte attribuia-lhe até um só problema: buscar a lei geral da historia da humanidade, que presidira ao seu desenvolvimento.

No fim do seculo XIX os cultores da sociologia multiplicaram-se. Em Inglaterra Spencer, publicando os seus *Principles of Sociology*, fez escola; e os seus continuadores fundaram a *Society of Sociology*, inseparavel por seus trabalhos da historia das origens desta disciplina. Em França o fomento destes estudos devem-se principalmente a Tarde e a Durkheim, que seguiram direcções muito diversas, a via philosophica e psychologica o primeiro, o methodo objectivo e comparativo o segundo. Em 1893 fundou-se o *Institut International de Sociologie*, e a *Revue Philosophique*, de Th. Ribot, em breve creou uma secção nova para esta especialidade. Desde 1900 que, por iniciativa de Durkheim e Fauconnet, se publica o annuario bibliographico, *L'Année Sociologique*. Na Italia, em 1897, fundou-se a *Rivista Italiana de Sociologia*; na Belgica consti-

---

[1] V. *Contemporary Sociology*.

tuin-se a *Société Belge de Sociologie*, que publica um boletim. Por toda a parte, Allemanha, Hespanha e Estados Unidos se crearam cursos, se tem multiplicado a produção bibliographica e realizado alguns congressos internacionaes. No paiz vizinho a sociologia tem hoje cultores numerosos, que, não contentes com acompanharem e enriquecerem a corrente geral, se esforçam por constituir e demonstrar a existencia duma tradição sociologica peninsular, que remontaria ao seculo XVI. Giner, Azcárate, Santamaria de Paredes, Arenal e Costa são os principaes obreiros da sociologia hespanhola [1].

Em Portugal foi sob a égide da philosophia positiva que nasceram os primeiros estudos desta nova disciplina, que não tem feito grandes progressos. Os primeiros signaes de curiosidade pelos problemas sociologicos fôram as theses de concurso para o professorado da Escola Polytechnica, de Manuel de Arriaga, em 1866, *Sobre a unidade da familia humana debaixo do ponto de vista economico*, e para o Curso Superior de Letras, de Consiglieri Pedroso, pouco depois, sobre a *Constituição da familia primitiva*. Mas essa attenção avultou principalmente por estimulos da philosophia positiva. E n 1878 os srs. Theophilo Braga e Julio de Mattos fundaram a revista *O Positivismo*, cujo titulo era por si só um programma. Nella se publicaram alguns artigos, de inspiração comteana, designadamente os seguintes: Horacio Ferrari, *A selecção racional em sociologia*, vol 1.°; Th. Braga, *Sociologia, esboço deductivo*, vol 2.°; Teixeira Bastos, *Origens da familia*, vol. 1.°, e *Considerações geraes de sociologia*, vol. 4.° Da mesma epocha são dois outros artigos, publicados no *Instituto*, um de Oliveira Martins, *Da natureza e do lugar das sciencias sociaes. Ensaio de classificação de uma das series dos conhecimentos humanos*, vol. 28.°, 1881; outro do sr.

[1] Sobre as origens e progressos da sociologia em Hespanha, vêr a obra do sr. A. Posada, *Literatura y Problemas de Sociologia*, Barcelona, 1902, cap. sobre *La Sociologia en España*.

A. de Paçô-Vieira, *Divisão interna da sociologia*, vol. 30.º, 1883. O sr. Th. Braga publicou em 1884 o seu *Systema de Sociologia*, e em 1907 o sr. J. A. Bentes fez apparecer a sua obra *Sociologia fundamental* (*constituição da sociologia*), que não abria horizontes novos além dos que o positivismo patenteára. Em 1902, pela reforma da Universidade de Coimbra, creou-se na sua Faculdade de Direito, então a unica existente, uma cadeira dessa nova sciencia. Tradição antiga desses estudos parece não ter havido, não está pelo menos discriminada, e moderna vê-se bem que não está creada, pois não bastam para a constituir os factos que apontámos e traducções de obras estrangeiras de vulgarização, que se têm feito.

Sobre o objecto desta sciencia variadissimas são as opiniões dos auctores, chegando Van der Rest a julgar que por emquanto não é possivel delimitá-lo duma maneira clara. Recordando-nos que uma sciencia autonoma se caracteriza pelo seu objecto, pelo seu methodo e pelas suas privativas leis, teremos de reconhecer que a constituição logica da sociologia ainda não proferiu a sua ultima palavra.

Na sua forma mais generica e ao mesmo tempo mais etymologica defini-la-hiamos como a sciencia das sociedades. Mas o ambito da definição é que varia. Nesta formula seriam incluidas todas as outras sciencias sociaes, porque das sociedades, sob varios aspectos, se occupam, taes como a economia politica, as finanças, o direito, a criminologia, a historia, a critica litteraria, etc. Deixamos de lado, por ser muito pouco acceita, a noção que faz da sociologia uma verdadeira philosophia das sciencias sociaes. Segundo tal modo de a conceber, defendido por Kozlowski, a sociologia systematizaria numa vista de conjuncto todos os phenomenos sociaes, parcellarmente analysados e explicados pelas sciencias respectivas, e no momento de se passar a fazer essa revisão panoramica, dar-se-hia uma transformação de methodo, o qual passaria a ser

deductivo e philosophico [1]. Neste caso, resuscitava-se a philosophia da historia, com intuitos teleologicos, que estão inteiramente para além do ambito da sciencia [2].

Comte tinha da sociologia uma noção historica; considerava-a como a coordenação subjectiva das sciencias abstractas, com vista á explicação do desenvolvimento historico da humanidade e ao descobrimento da lei suprema, que a elle presidira. A lei dos três estados, que successivamente a humanidade teria atravessado, mythologico, metaphysico e positivo, quando a analysemos até á sua ultima estratificação, é uma concepção psychologica da historia.

Para Spencer a sociologia tinha por objecto explicar a natureza da sociedade e a sua evolução, considerando-a como um super-organismo ou organização superior de organismos biologicos. Esta doutrina organicista levou ás mais extremas consequencias duma falsa analogia, entre ellas a de se pretender que o progresso social, segundo a metaphora, consistisse na inconsciencia automatica de alguns orgãos sociaes, no exercicio das suas funcções. E — accrescentavam os organicistas — se nas nossas sociedades, o governo ainda não foi reduzido ao minimo de acção e de consciencia, é porque esses organismos são ainda novos. E' Novicow um dos que assim opinam. A theoria biologica, tecido de enganosas metaphoras e de illusorias terminologias, foi bem depressa rebatida, principalmente no Congresso Internacional de 1897, de cujas actas consta o vivo ataque que lhe foi feito.

Para Simmel, na Allemanha, e Bouglé, em França, a sociologia tem por objecto o estudo das formas sociaes consideradas em abstracto, isto é, nos seus aspectos mais geraes e communs, taes como a hierarchia das partes, a sua dependencia

---

[1] V. artigo *L'idée d'une philosophie sociale comme synthèse des sciences historiques et sociales*, na *Revue de Synthèse Historique*, Paris, 1908.

[2] Assim pensava em 1910.

mutua e a differenciação, independentemente das suas concretas variedades, um exercito, uma familia, uma cooperativa, uma companhia de exploração industrial, etc. Para Giddings é o estudo das caracteristicas geraes dos phenomenos sociaes e a determinação das leis geraes da evolução social; para Richard é o estudo da formação e transformação dos laços sociaes; para Durkheim é o estudo objectivo dos phenomenos sociaes, como representações; para Palante nada mais é do que uma psychologia social; e para G. Tarde uma psychologia inter-mental.

A idéa nuclear da maior parte dos indicados conceitos de sociologia é que ella tem por objecto o estudo da sociedade considerada na sua forma mais generica, como entidade *sui-generis*, dependente da existencia de individuos aggregados, mas com propriedades que não existem nelles, recordando a synthese chimica que attribue á combinação peculiaridades desconhecidas nos componentes.

Reunidas pelo phenomeno social elementar — e é aqui que as divergencias se multiplicam — as sociedades comportam-se de uma maneira inteiramente propria, como uma instituição organizada, que por sua vez abraça ainda em seu seio grande numero de instituições. Ora uma instituição é uma formula, á qual os individuos se adoptam, — familia, estado, associação de classe — é uma formula restrictiva e coercitiva, que augmenta o poder individual, mas a si affeiçôa os individuos. Qual é o elemento social? O homem, como individuo. E este é uma consciencia; logo, a sociedade é um aggregado de consciencias, mas com interpenetrações, assumindo um estado novo, a consciencia social.

Portanto a sociedade, psychologicamente, é um novo estado das consciencias individuaes, ao qual estas, isoladas, não poderiam nunca chegar. E assim, quanto á natureza do seu objecto, a sociologia é uma super-psychologia, uma psychologia social, digamos assim. Essa consciencia social tem uma actividade, distincta da das consciencias individuaes, crenças, idéas, desejos, volições que determinam todo o seu mecanismo produ-

ctivo. Este differencia-se por aspectos varios, determinando outras tantas sciencias, economia, finanças, direito, historia litteraria, etc. Porêm, divididos que sejam os varios aspectos da actividade social pelas varias sciencias sociaes parcellares, de que elles constituem o objecto de estudos, alguma coisa fica ainda, que é a formula externa, a condição indispensavel de toda essa productividade: a sociedade. Dentro desta chocam-se ou conjugam-se as instituições, augmenta ou diminue a coalescencia dos individuos e a sociedade perde ou avigora o seu caracter essencial de estado de consciencia collectiva. Este estudo da formação das sociedades, da sua manutenção, evolução e dissolução é justamente que constitue o objecto da sociologia. Vê-se já por aqui uma das peculiares feições que a apartam da historia, com a qual mais duma vez corre o risco de ser confundida: a historia tem por objecto as sociedades, que compõem as duas unidades de civilização, a occidental ou hellenochristã, e a oriental, e as que trouxeram variantes notaveis á civilização, que do anonymato e do olvido as fizessem sahir, a historia compraz-se em registar a acção progressiva dos homens, que dominaram a consciencia social; e a sociologia estuda com igual curiosidade todas as sociedades de todos os lugares e de todos os tempos, e em todos os graus de desenvolvimento, comparando e inferindo conclusões de applicação geral. Difficilmente entra na historia uma sociedade, mas mal se constitue logo entra no dominio da sociologia. Todas as sociedades de rudimentar cultura, que hoje existem em estadio assemelhavel ao das que a historia enjeita, por transcenderem os seus meios de observação — o documento individual — e não servirem ao seu proposito, as sociedades que equivalem ás dos longinquos tempos pre-historicos e proto-historicos — são materia de estudo da sociologia. E' mais extenso o dominio da sociologia. Occorre-nos uma comparação, como recurso explicativo. Emquanto a geographia genetica faz o estudo particular das regiões, a geographia geral systematiza as leis geraes dos phenomenos que modificam a crusta terrestre.

Só a sociologia nos poderá explicar a morte das sociedades, a absorpção dumas pelas outras, a persistencia obstinada dumas, emquanto outras, sujeitas aos mesmos embates, se desaggregam e desapparecem. A historia não poderá dar essa explicação e tentá-lo era desviar-se do seu campo privativo. A sociologia será pois, como a define Durkheim, a sciencia das instituições, da sua genese e do seu funccionamento.

Surge agora um novo problema muito controvertido; qual é o factor gerador das sociedades?

Conforme as theorias sociologicas ou os systemas philosophicos professados pelos auctores, variam os alvitres. São por isso, os factores propostos como essenciaes da mais variada natureza, physica, physiologica, economica e psychologica. São elles, principalmente, a affinidade racial para Gobineau; o ambiente geographico para Ratzel; a symbiose ou sociabilidade organica para Izoulet; a sociabilidade ou psychismo social para Roberty; a adaptação para Spencer; o interesse da especie e o gregarismo para Ammon; a evolução economica para Loria e K. Marx; a consciencia da especie para Giddings; o numero, a densidade e a mobilidade da população para Bouglé; o contracto voluntario para Rousseau; a imitação para Tarde; a synergia para Mazel; o organismo contractual para Fouillée, e ainda outros. Só a via inductiva e comparativa conduzirá á descoberta do phenomeno primario. A sociologia tem procedido de modo inverso á marcha das outras sciencias, tem procurado fixar a sua theoria e methodologia antes de entrar em franca actividade, como para responder ao scepticismo dos que descrêem do seu caracter scientifico. Como a historia estaria atrazada se tivesse aguardado a constituição da sua theoria, que só modernamente tem sido discutida!

Larga é já a bibliographia do methodo sociologico, mas o pouco que de assente se possue nas buscas desta sciencia deve-se menos aos trabalhos theoricos do que ás praticas investigações dos que, sem esperarem pela conclusão ultima dos theoricos, guardam aquella attitude scientifica, que G. Lanson

tem como sendo o verdadeiro methodo das sciencias sociaes, e reservam para mais tarde as especulações sobre essa propedêutica.

A primeira generalidade desse methodo é naturalmente a pratica da inducção. Apuram-se os factos, approximam-se, inventariam-se por similhanças e dissimilhanças, e induz-se a lei. Mas é tambem efficaz a comparação das formas por que se comportam as instituições de typos differentes de evolução; é a approximação das historias nacionaes, dos varios graus de cultura, dos varios typos de civilização. E', pois, um methodo objectivo o da sociologia, porque os phenomenos sociaes, como affirma Durkheim, na sua muito divulgada obra, *Règles de la méthode sociologique*, os phenomenos sociaes são coisas, isto é, são exteriores ás consciencias individuaes. Durkheim quer que elle seja tão objectivo que recommenda mesmo que se não proceda a qualquer investigação, sem que préviamente se tenha induzido uma definição exacta da instituição ou phenomeno, que se pretende estudar, para que o espirito quanto possivel se liberte da vulgar noção preconcebida.

Dada a multiplicidade dos phenomenos sociaes, comprehende-se como serão tambem variadas as sciencias sociaes. Seignobos na sua obra, *La méthode historique appliquée aux sciences sociales*, propôs uma classificação das sciencias historicas, tomando para base os varios aspectos da vida individual e social. Preferiu este autor a designação de sciencias historicas porque a todas é applicavel o methodo historico, e o que ha de essencial no objecto dessas sciencias é a sua transformação no tempo. Taes sciencias são ás que Durkheim, com mais propriedade, designa por sociaes, sem dar predominio a um caracter só. A base de Seignobos tem o grande inconveniente de se poder variar até ao infinito, porque toma os diversos objectos dessas sciencias nos seus elementos primordiaes. Na alinea «habitos intellectuaes» inclue as sciencias todas, mathematicas, physicas, naturaes e mais ainda. E' verdade que as inclue sob o aspecto historico que podem comportar, mas esta

conclusão mal se justifica só pela circunstancia de as variações sociaes poderem ser, por vezes, um factor determinante do desenvolvimento daquellas sciencias, como os descobrimentos dos portugueses e hespanhoes para a geographia, para a botanica e a zoologia descriptivas.

Durkheim prefere acceitar a corrente systematização dos phenomenos, e só daquelles cujo caracter predominante seja o social. Estabelece, depois, o seguinte elencho:

Morphologia social...	Estudo da base geographica dos povos nas suas relações com a organização social;
	Estudo da população, seu volume, sua densidade e sua distribuição pelo sólo;
Physiologia social...	Sociologia religiosa;
	» moral;
	» juridica;
	» economica;
	» linguistica;
	» esthetica;
Sociologia geral....	Estudo do facto social, considerado em abstracto.

De sorte que para este auctor a sociologia não é só uma sciencia substantiva á parte — a sociologia geral — é tambem um conjuncto systematico de varias sciencias sociaes, as enumeradas nas rubricas de morphologia e physiologia. Apesar disso, no seu conjuncto, não alcança todos os ramos das sciencias sociaes. E' mais comprehensiva a classificação de Xénopol exposta em 1901 na *Revue de Synthèse Historique*, mas as diversas categorias propostas por este professor não têm fixidez e independencia, invadem-se mutuamente. A base mais estavel da sua classificação é o seu ponto de partida ou

seja a distincção que faz nitidamente entre sciencias dos factos de repetição e sciencias dos factos de successão.

Estas rapidas considerações mostram que é neste momento ainda impossivel apresentar uma solida classificação.

A noção de lei social só appareceu quando se considerou a sociedade como um producto natural, tambem sujeito ao determinismo que domina o campo das outras sciencias. Foi impossivel até Rousseau, porque até então foi a sociedade tida como uma obra artificial e arbitraria. A phase economica das doutrinas sociologicas marca já um passo progressivo para esta noção; finalmente a phase biologica exprimiu claramente a aspiração de formular leis sociaes.

Até hoje só por generalizações precipitadas se têm formulado leis sociaes. Foi o que fizeram por exemplo Le Bon e Palante. Este segundo auctor chegou a confundir noções differentes. Onde escreve *leis*, deveria entender-se o seguinte pensamento: enunciado de algum factos sociaes, cuja repetição tem sido verificada em periodos de certa identidade, extrahidos pelo methodo comparativo applicado á historia. Tarde dividiu as leis scientificas em três categorias: leis de repetição, de opposição e de adaptação. E applicou a mesma distincção á sciencia social. Que fundamento legitimava esta applicação? Será difficil apontar algum, porque objecções se levantam contra esse arbitrario identificar das sciencias da natureza e das sciencias da sociedade. Primeiramente ha a ponderar que a sociologia não póde ser uma sciencia de formula mathematica, como em tempo se pretendeu, sem considerar a especialidade do seu objecto; depois que a tomar a forma das sciencias naturaes, tem ainda de reconhecer-se o seu especifico caracter. Esse especifico caracter, que nunca poderá ser esquecido, vem a ser que a sociologia não póde, sem se mutilar, abstrahir de que as sociedades são compostas de centros creadores de força, os homens. As sciencias da natureza referem os phenomenos a causas efficientes, mas a sociologia terá de referir os phenomenos

sociaes a causas finaes, considerando a vontade humana creadora duma consciente finalidade. Com tal peculiaridade, poderá a sociologia ser algum dia uma verdadeira sciencia e formular leis? Se para isso bastasse uma categoria de phenomenos sem formular um conjunto de leis, como indispensavel condição, e sómente com propositos scientificos apurar alguns resultados verdadeiros, ella era já uma sciencia pelos trabalhos praticos produzidos. E esta orientação pratica, mais indifferente aos problemas theoricos, é que começa a prevalecer na actividade dos sociologos contemporaneos, como se poderá verificar nos registos bibliographicos de *L'Année Sociologique*. Tem-se proposto tambem que as suas leis sejam de caracter historico ou temporaes, procurando as causas nos antecedentes tambem sociaes. Neste caso a discussão cabe a outro dominio, onde já a fizémos. [1] Tem-se suggerido que sejam geographicas, procurando as causas na densidade da população e outros coefficientes, mas nesta hypothese novamente se chega a factos de natureza identica á dos que se pretende explicar, o que é illogico.

Sendo ainda tão vivas as controversias sobre o objecto, o methodo e as leis da sociologia, póde opinar-se confiadamente que ella tem pouco solidos créditos de sciencia autonoma.

---

[1] V. *O Espírito Historico*, capitulo II.

O thema do «Quixote» na litteratura portuguesa do seculo XVIII [1]

Damos a seguir alguns breves informes sobre duas obras portuguesas em torno deste thema, uma de theatro, outra de satyra politica, que, por serem pouco conhecidas em Hespanha, talvez por figurarem nas obras de escriptores relativamente secundarios, poderão algum interesse offerecer á inesgotavel critica servantina.

Na evolução, nem opulenta nem continua, do theatro português, uma caracteristica phase é representada por Antonio José da Silva [2], tambem chamado o Judeu por ter sangue israelista, circunstancia que duramente expiou; é a phase das

---

[1] Publicado na *Revista de Filologia Española*, vol. 7.º, Madrid, 1920.

[2] Antonio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro em 1705, descendente duma familia hebraica. Quando a alçada do Tribunal da Inquisição se extendeu ao Brasil, sua mãe foi presa por judaizante, e Antonio José acompanhou a familia para Lisboa, ainda muito novo, em 1713. Em 1726, frequentando já a faculdade de canones da Universidade de Coimbra, foi preso pelo mesmo motivo attribuido á mãe. Conduzido em auto da fé, foi reconciliado e posto em liberdade. Em 1729 concluiu a sua formatura, e passou a advogar em Lisboa, com seu pae, até que em 1737 foi de novo preso á ordem do Santo Officio pelo mesmo pretexto de judaizar. No carcere ainda jazia a mãe. Sendo condemnado, foi degolado em 1739 e o seu cadaver queimado. Sobre a sua desgraçada vida compôs o escriptor brasileiro Domingos de Magalhães em 1838 o drama historico em cinco actos *Antonio José ou o Poeta e a Inquisição*, que no Brasil inaugurou o theatro romantico, e Camillo Castello Branco o romance historico *O Judeu*, Lisboa, 1866. O tragico fim da sua existencia e o imprevisto da composição das suas obras têm chamado para Antonio José a attenção de alguns criticos portuguezes e extran-

chamadas « Operas do Judeu », que tivéram a gloria de haver ensaiado, entre nós, formas dramaticas novas, não pela originalidade de cada uma das suas partes, mas pela inesperada combinação em que se alliaram.

Desde Gil Vicente o theatro português ou se manteve nas formas populares do auto, cultivado sem progresso pelos numerosos imitadores do auctor das *Barcas*, descendo cada vez mais para o gosto popular; ou imitou o theatro hespanhol de capa e espada, produzindo os numerosos comediographos castelhanizantes, de que Jacintho Cordeiro foi, por certo, o mais applaudido; ou se comprouve nas grandes exhibições scenicas das tragi-comedias dos jesuitas, em latim, fóra do grande publico, restrictas ao ambiente escolar, para que eram ainda uma pratica pedagogica; ou se deixou penetrar de espirito mystico e de sentimento lyrico, os grandes inimigos do theatro, para produzir as composições de Bernarda Ferreira de Lacerda e outras, a que inteiramente falta o instincto dramatico. O *Fidalgo aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Mello, a

---

geiros, de que indicaremos a seguir alguns trabalhos: Vegezzi-Ruscalla, *Il Giodeo portoghese*, Torino, 1852; Ferdinand Wolf, *Dom Antonio José da Silva, der Verfasser der sogenannten « Opern des Juden »* (*Operas do Judeu*), Wien, 1860, pags. 249-278 do volume XXXIV de *Sitzungsberichte der phil.-hist. Classe der kais. Akademie der Wissenschaften*; Ernest David, *Les Opéras du juif Antonio José da Silva, 1705-1739*; em *Archives Israélites*, Paris, 1880; M. de Oliveira Lima, *Antonio José, o Judeu*, na *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, 1896; mesmo actor, *Aspectos da Litteratura colonial brasileira*, Leipzig, 1896, pags. 109-128; Th. Braga, *Antonio José, martyr do livre pensamento*, Lisbôa, 1904; mesmo auctor, *O poeta Judeu e a Inquisição*, Lisbôa, 1910; Machado de Assis, *Antonio José*, artigo recopilado no volume *Critica*, Paris-Rio de Janeiro, s. d. (¿1910?); Pedro de Azevedo, *A estatua de Antonio José da Silva*, na revista *Limiana*, num. 9, Vianna do Castello, 1913; J. Pereira de Sampaio, *O Judeu*, na revista *A Aguia*, vol. 8.º, Porto 1915; Raúl Brandão, *Theatro de Bonecos*, na revista *Lusa*, volume 3.º, Vianna do Castello, 1919. Delle longamente nos occupamos tambem na nossa *Historia da Litteratura classica* (1580-1756), em preparação.

fecundidade e os triumphos de Jacintho Cordeiro e as tragedias do P.e Luiz da Cruz não bastam para constituir uma tradição dramatica portugueza durante a segunda epocha classica, de 1580 a 1756, nem ella é possivel a dentro das fronteiras nacionaes, em lingua portugueza, sem considerar o conjuncto do genio litterario peninsular [1]. A breve carreira dramatica de Antonio José da Silva trouxe um momento de variação á conturbada historia do theatro português, legando as obras adeante enumeradas pela ordem chronologica da sua representação:

1733. *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança.*

1734. *Esopaida.*

1735. *Encantos de Medêa.*

1736. *Amphitryão ou Jupiter e Alcmena.*

1736. *Labyrinto de Creta.*

1737. *Guerras do Alecrim e da Mangerona.*

1737. *As variedades de Proteo.*

1738. *Principio de Phaetonte* [2].

Foram estas peças representadas no theatro do Bairro Alto e, segundo o testemunho do prologuista, por bonecos ou «bonifrates», como se chamava então a esses minusculos actores mecanicos.

Diz-se no prefacio da compilação das suas obras, diri-

[1] A este assumpto nos referimos quando reproduzimos e commentámos idéas de Menéndez y Pelayo no artigo *Menéndez y Pelayo e os estudos portuguezes*, publ. na *Revista de Historia*, vol. 8.º, pags. 240-277, Lisbôa, 1919.

[2] As obras de Antonio José vulgarizaram-se pela edição de Francisco Luis Ameno, varias vezes reproduzida. Modernamente o Sr. João Ribeiro, do Brasil, publicou o *Theatro completo*, em 4 vols., ed. Garnier, de 1910, e em Portugal o Sr. Mendes dos Remedios publicou em Coimbra, 1905, a *Vida do grande D. Quixote*... e as *Guerras do Alecrim*..., tomos V e VI dos *Subsidios para a historia da Litteratura portugueza*, e o Sr. Francisco Torrinha reproduziu o *Amphitryão*, Porto, 1916.

gido ao «leitor desapaixonado», como era grande a escassez de recursos desses actores: «... saberá desculpar os erros com sinceridade; saberá discernir a difficuldade da Comica em hum theatro, donde os representantes se animão de impulso alheio; donde os affectos e accidentes estão sepultados nas sombras do inanimado, escurecendo estas muita parte da perfeição que no theatro se requer, por cuja causa se faz incomparavel o trabalho de compôr para semelhantes interlocutores, que como nenhum seja senhor de suas acções, não as podem executar com a perfeição que devia ser: por este motivo surprehendido muitas vezes o discurso de quem compõe estas obras, deixa de escrever muitos lances, por se não poderem executar.» Esta declaração, que nem sempre foi bem attendida, revela como a representação scenica das peças do Judeu, em vez de ser um estimulo cooperador e um meio de revelar a expressão, foi uma perniciosa condição que o obrigou a mutilar as suas obras, e faz que esse theatro, sem a menor psychologia, todo de movimento externo, nada tenha de reservado á creação histrionica e possa, por isso, ser plenamente apreciado pela simples leitura. Não deixa todavia de causar admiração que o theatro de bonifrates tivesse attingido capacidades technicas para enscenar tão complicadas «tramoias».

A *Vida de D. Quixote* é, como seu titulo para logo indica, extrahida da novela immortal de Cervantes; as *Guerras do Alecrim e da Mangerona* desenvolvem um assumpto coevo do auctor, que nessa peça fez um ensaio de theatro de costumes; e as restantes obras elaboram themas do mundo da fabula e da mythologia. Na primeira peça, sobre o cavalleiro da Triste Figura e seu escudeiro, o comediographo exteriorizou a maneira por que interpretava a concepção cervantina, tão complexa e simultaneamente tão profunda e obscura no seu intimo sentido que innumeras são as suas glosas, inesgotavel a sua exegése, porque, sendo maxima a sua capacidade de suggestão, uma a uma a ella voltam sem cessar as gerações para a interpretar e paraphrasear, e para della extrahir uma lição moral e esthetica.

Antonio José tambem a seu modo comprehendeu a novela de Cervantes, e nessa comprehensão não havia philosophismos, nem symbolismos, nem imaginosas hermeneuticas; para o infeliz comediographo essa novela mais não era do que um inexhaurivel manancial de comico, e Cervantes o mestre incontestado da graça. O cavalleiro manchego não era um sonhador, de olhos fitos nas estrellas, a cada passo soffrendo dos embates da realidade, era apenas um tresloucado, ebrio dos enredos das novelas phantasticas, uma imaginação densa que encobria o mundo objectivo e que avidamente procurava em volta de si as phantasmagorias que lhe enchiam o espirito; Sancho Pança seria a personificação da boçalidade commodista, mas interesseira, debatendo-se entre as delicias certas da commodidade presente e as negaças dum interesse proximo. Dois typos infinitamente comicos e nada mais.

Deste modo, compondo a sua opera jocosa, Antonio José só quiz espremer mais algum succo de ridiculo, extrahir nova « vis comica » dessa mina inestancavel. Fez um pouco o que cem annos depois, quando já reinavam idéas muito claras no dominio da critica esthetica, realizou Castilho, quando, adaptando o *Avarento*, de Molière, lhe attribuiu coisas, se não verdadeiras, porque o auctor francês as não escrevêra, ao menos verosimeis, porque eram compativeis com as premissas do caracter de Harpagão [1]. Pois bem, o *Quixote*, de Antonio José, é um escorço da agitada vida do cavalleiro manchego, tecido com episodios de creação cervantina e com outros que o escriptor português verosimilmente lhe attribue — verosimilmente quando se parta da sua concepção. Mas Castilho, nessa paraphrase ou amplificação, pelo menos no *Avarento*, manteve o aspecto de abs-

[1] É conveniente não esquecer que Antonio José se propunha fazer uma nova peça litteraria, de sua inteira responsabilidade, e que Castilho declarava fazer uma versão, posto que liberrima. Occupámo-nos desta materia no artigo *As adaptações do theatro de Molière por Castilho*, na 2.ª serie dos *Estudos de Litteratura*, Lisbôa, 1918.

tracção pura da obra-prima de Molière, que é impessoal, inespacial e intemporal; e Antonio José, com visão mais restricta, accrescenta ao *Quixote* materia que era contemporanea delle, paraphraseador. Essa materia contemporanea, limitadamente local, é a scena VIII da parte I, em que o heroe, sollicitado pelo musa Calliope, arremette contra os poetas mediocres que assediavam e queriam desthronar Apollo, satyra litteraria de allusões ao culteranismo então nas vascas, que mais mordentemente será alludido nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona*.

Fóra disto, o processo de Silva consistiu em seleccionar episodios para os reproduzir com a indispensavel condensação, e buscar suggestões para as amplificar exaggerando o comico cervantino até ao baixo burlesco. Assim amplia e carrega as côres da scena da partida de Sancho, o qual deixa por testamento uma extravagante peça dum gosto muito contestavel e que attinge o tom obsceno; inventa o episodio, sem duvida não menos engraçado que o de Harpagão, a ladrar para afugentar os ladrões e não sustentar cães, que é invenção castilhiana — o episodio em que D. Quixote, presa das suas apprehensões contra os encantadores, julga ver no feio escudeiro uma transfiguração magica da sua amada Dulcinea; e amplia as scenas do governo de Sancho na ilha, ou melhor, carrega a força comica das scenas, em que Sancho administra justiça e se insurge contra os cuidados do medico e do cirurgião, que com sua previdente hygiene o impediam de comer.

Não analysaremos as outras peças, porque fazê-lo seria transpôr os breves limites desta nota. Apenas, para completa elucidação, apontaremos os caracteres geraes do systema dramatico que Antonio José da Silva inaugurou com a *Vida do grande D. Quixote*.

As oito peças do Judeu são compostas na mais completa indifferença pela esthetica classica, praticada e theoricamente defendida em França, desprezam de todo o preceito das unidades. A divisão dellas não é tambem a hespanhola; era a que a natureza especial do assumpto reclamava, variando com elle

quanto fosse necessario: tantas scenas quantos lugares, e depois, para commodidade dos espectadores e por necessidade do arranjo scenographico, o apanho dellas em duas partes. A passagem das scenas é marcada, não pelas entradas e sahidas dos actores, mas pelas mutações de scenario. Não é facil dizer, por emquanto, donde proveio esse processo de divisão, sendo até possivel seja expediente proprio do auctor, que seguia uma evolução artistica, em que houve progressos sensiveis, na linguagem e na travação dos dialogos.

Todas as oito peças têm uma personagem permanente, o *gracioso*, que é evidentemente tomada do theatro espanhol: na *Vida de D. Quixote* é Sancho Pança; na *Esopaida* é o proprio Esopo; nos *Encantos de Medêa* é Sacatrapo; em *Amphitryão* é Saramago; no *Labyrinto de Creta* é Esfusiote; nas *Guerras do Alecrim e da Mangerona* é Semicupio; nas *Variedades de Proteo* é Caranguejo; no *Precipicio de Phaetonte* é Chichisbeo.

A complicada machinaria que exigiriam taes peças para a sua montagem em scena, appoia a inferencia de serem ellas representadas por bonecos. «O apparato e fabrica» do theatro para representação da *Vida do grande D. Quixote* reza assim:

«Um carro com varias figuras dentro.

«Uma capoeira sobre um carro, em que irá um leão, que sahe fóra a seu tempo.

«Um carro, em que vem Dulcinéa, e varias figuras.

«Dous cavallos, um de D. Quixote, e outro de Sansão Carrasco.

«Dous burros, um para Sancho-Pança, e outro para uma Saloia.

«O monte Parnaso com as Musas, Apollo e o cavallo Pegaso.

«Um barco.

«Um cavallo, que vem pelo ar, se lhe põe fogo.

«Uma nuvem.

«Um porco.»

Este theatro era para regalo dos olhos, porque os lugares pittorescos e os meios subsidiarios da representação mais duma vez prevaleceriam sobre o proprio entrecho.

¿Em que medida terá contribuido o gosto das tragi-comedias, de grande espectaculo, dos escriptores da Companhia de Jesus, para essa caracteristica do theatro do desgraçado hebreu? Não é facil conjecturá-lo.

Este capitulo das influencias incoerciveis, mas presumiveis, é sempre materia muito arbitraria. A influencia do theatro escolar dos jesuitas deve ter sido restricta e se se tivesse exercido de modo amplo, fóra do ambito dos collegios, não seria para suggerir que se confiassem as grandes exhibições a bonifrates; essa influencia seria então regressiva.

O baixo tom comico é vicentino, a velha chalaça portuguesa, agora accrescentada das invenções do gongorismo, que neste theatro pulula, em jogos e trocadilhos de phrases.

As operas estão entresachadas de minuetes, arias e coros, cuja musica inteiramente se perdeu. Na *Vida de D. Quixote* tambem; o cavalleiro manchego e seu escudeiro, e os demais comparsas da novella de Cervantes ou da paraphrase de Silva, todos cantam. Dessa circunstancia nova lhes proveio o nome de operas. Não discutiremos aqui a proveniencia desse elemento musical e o que se póde conjecturar que tenha sido; noutra parte de espaço o fazemos.

Feita esta summaria descripção da *Vida do grande D. Quixote* e perguntando que representa ella na longa serie de obras suggeridas pela novella de Cervantes, assim restrictamente comprehendida no seu exclusivo aspecto comico por Silva e complicada de novos episodios phantasticos, responderemos que ella é um exemplo mais da diversidade de genios litterarios de Portugal e Castella, porque, fazendo regressar aquelle thema a uma fórma maravilhosa e destituida do sentido de alta satyra, affastou-se daquella systematica eliminação do maravilhoso, que o Sr. Menéndez Pidal tem como um dos

caracteres primordiaes da litteratura hespanhola, e de que o *Quijote* deve ser considerado como o genial momento [1].

A outra composição á volta do thema do *Quijote* é uma simples allegoria, em que aquelle é aproveitado sómente como armação externa para uma satyra por Nicolau Tolentino [2]. Chama-se ella *Quixotada* e pertence á abundante materia poetica, de valor muito variavel, que brotou em torno da figura do marquez de Pombal nos momentos da gloria e nas horas amargas do desagrado real e do desterro, baixa litteratura de lisonjaria, que na prosperidade calára os defeitos enormes do caracter do celebre ministro e que na adversidade calava os meritos e as virtudes relevantes que o haviam engrandecido. Sobre a inauguração da estatua equestre de D. José I appareceram, segundo o testemunho dum colleccionador, 659 composições de variados generos e diversas linguas. Dos versos, em que se moteja a sua quéda, após a morte de D. José, existe uma collecção igualmente abundante na bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa.

---

[1] V. *Algunos caracteres primordiales de la literatura española*, no *Bulletin Hispanique*, tomo XX, Bordeaux, 1918.

[2] Nicolau Tolentino de Almeida nasceu em Lisboa em 1740. Matriculou-se na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Leis, em 1760, mas não chegou a formar-se. Foi professor de Rhetorica em Evora, uma das cathedras creadas pelo marquez de Pombal, e em 1767 despachado para Lisbôa. Em 1781 foi nomeado official da Secretaria de Estado do Reino. Foi dos primeiros socios da Academia das Sciencias de Lisboa, fundada em 1779. Morreu em 1811. — Sobre Tolentino pode-se consultar: J. A. Amaral Frazão, *Vida do poeta Nicolau Tolentino de Almeida*, Lisbôa, 1843; José Torres, *Ensaio Biographico-critico*, que segue as *Obras completas* de Tolentino, Lisbôa, 1861; Visconde de Sanches de Baena, *Memorias de Tolentino*, Lisbôa, 1886; Th. Braga, *Nicolau Tolentino*, no volume *Filinto Elysio e os Dissidentes da Arcadia*, Porto, 1901. As obras de Tolentino foram reunidas a primeira vez em 1801, e reimpressas em 1828 bis, 1836 e 1861. Esta ultima edição, dirigida por José Torres, é a melhor.

A *Quixotada* de Tolentino abre excepção na lista de sarcasmos dirigidos contra o velho marquez, porque é tambem contra os poetas motejadores que elle investe armado da lança e do ardor de D. Quixote:

Espicaça esse animal,
companheiro Sancho Pança;
entremos em Portugal,
e vamos molhar a lança
a pró do triste Pombal.

Poetas principiantes,
já estou em circo raso:
tambem Apollo he Cervantes,
tambem cria no Parnaso
seus cavalleiros andantes.

A nova aventura que D. Quixote vem correr a Portugal, em que

Serão armas na peleja
provado fuzil e isca,
secca e espinhosa carqueja,

é um auto de fé de todas as rimas satyricas, em que falta o estro e sobra o rancor contra o velho ministro. Descreve-nos Tolentino a destruição de todas essas insulsas rimas pelo fogo voraz, tão inexoravel como o que na novella de Cervantes queima os romances de cavallarias, e logo, pela bocca de D. Quixote, se dirige ao decahido marquez, ordenando-lhe que vá até á bella Dulcinea contar o novo prodigio do seu amador. Os versos, que Pombal diria, são nem mais nem menos que nova satyra pungente contra o velho estadista, em que nem se perdôa o seu estylo litterario, nem se calam suspeitas sobre a sua honorabilidade e burlas sobre a sua vida de familia.

Tal é o assumpto dessa allegoria em trinta quintilhas irreverentes na linguagem, mas de grande correcção metrica, como era habitual em Tolentino, mais habil versificador que profundo satyrico, de quem Menéndez y Pelayo escreveu algumas linhas severas [1].

---

[1] V. *Horacio en España*, tomo II, Madrid, 1885, págs. 331-332.

Resposta a um inquerito litterario

Do sr. Alvaro Maia, redactor do *Diario de Noticias*, jornal de Lisbôa, recebemos o questionario a seguir transcripto, com a sollicitação de lhe responder. Assim fizemos, não com o methodo proposto na ordenação dos quesitos, mas sob fórma mais generica, considerando a essencia da doutrina delles em globo e expondo tambem global e quanto possivel impessoalmente o nosso parecer, que foi o reproduzido abaixo.

Questionario:

1.º Dados os symptomas politicos, moraes, religiosos e artisticos, ha uns tempos a esta parte observados na vida nacional, crê V. Ex.ª que se esteja em frente — ou, pelo menos, em vesperas — dum periodo de renovação litteraria?

2.º Na opinião de V. Ex.ª quaes as causas que determinaram o movimento que assignala na litteratura contemporanea?

3.º Quaes as tendencias que mais vincadas se affiguram a V. Ex.ª nas lettras portuguesas de hoje, e, d'entre ellas, quaes as que, na sua opinião, virão a predominar?

4.º Na geração que desponta vê V. Ex.ª valores positivos e capazes de levarem a cabo a referida renovação litteraria?

5.º Parece-lhe a V. Ex.ª que o intenso regionalismo observado nas artes e, nomeadamente, nas lettras, seja uma verdadeira expansão do nosso espirito nacional — assoberbado durante tantos annos por estrangeirismos de toda a casta — ou pura e simplesmente uma manifestação de snobismo?

6.º Nos ultimos mezes soffreu o espirito de V. Ex.ª qualquer transformação? E de que ordem?

7.º Quaes as obras que prepara para o futuro anno litterario? De que tratam? Verso? Prosa?

Resposta: [1]

Ninguem é propheta na sua terra, diz o dictado, e para o confirmar já Christo teve de abandonar Nazareth, lembra o mestre Renan. Quando, porêm, se trate de materia tão delicada por jogar com o amôr proprio dos escriptores, que Paul Lacombe não hesitou em considerar como primacial causa da arte litteraria, e por se referir a phenomenos do espirito incoerciveis, moventes e fugitivos — não se deve mesmo querer sê-lo. Depois, a minha educação critica e as circumstancias do meu tempo atacaram-me as fontes do optimismo e fizeram-me propender para a duvida systematica, pelo menos sobre quanto mane da infinita presumpção humana. E quem duvida não se compraz em prognosticar renovações, mais se deleita em tentar explicar e julgar os factos consummados. Como posso, pois, dizer qual o trilho que no meu parecer seguirão amanhã as letras portuguesas?

A estes motivos geraes e permanentes accresce um occasional. Eu não tenho feito da ultima phase da nossa litteratura e das principaes correntes estheticas estranhas um estudo methodico, como fiz a respeito de outras epochas e como estou preparando acêrca da segunda epocha classica, 1580-1756. Levo publicados já oito artigos da serie *Estudos de Litteratura Contemporanea* e leio quanto posso a moderna bibliographia da arte litteraria, algumas vezes immoderadamente, esquecendo até aquellas sensatas normas que á bôa leitura preceituaram Emerson e Lord Lytton, — mas isso tudo é muito pouco. Será, pois, o que eu diga menos um juizo fundamentado do que uma opinião pessoal, muito contingente.

---

[1] Publicada no *Diario de Noticias*, de Lisboa, em julho de 1920, reproduzida no *Jornal*, do Rio de Janeiro, de 21 de agosto de 1920 e largamente commentada na *Epocha*, de Lisboa, e no *Diario Popular*, de S. Paulo.

*
* *

Não vejo uma renovação ainda; sinto apenas a necessidade della. E desde que as causas existam plenas e integras, ella dar-se-ha, bastando que alguns espiritos se tornem seus mandatarios. Existem ellas?

As causas, que determinam o variar da arte litteraria, são de muito diversas ordens. Os theoricos da litteratura e da critica têm accumulado repertorios abundantes e não os esgotam, porque ao campo da phenomenalidade historica o accidente é constante. G. Renard, sobre todos, apostou-se em fazer uma exhaustiva enumeração. No caso sujeito, poderiamos condensar as causas mais proximamente determinantes em três ordens: litterarias, sociaes internas e geraes externas.

As causas litterarias existem, ha muito porque a epocha realista ha muito se fechou, desde que os seus epigones no romance, na poesia, na historia, na critica social desapparecêram da vida ou cerraram sua carreira litteraria. O realismo morreu de esgotamento, mas não sem que legasse um precioso cabedal de acquisições: alargamento dos motivos, transformação dos estylos, impressionismo descriptivo, curiosidade psychologica e comedimento de emoção. O symbolismo, amalgama incestuoso de sinceridade, paradoxo e neophilia *snob*, que contra a esthetica realista protestou, evoluiu, e os poetas primaciaes desse movimento, que lograram exito, obtivéram-no com a ostentação de virtudes litterarias que não estavam no programma delle: o nacionalismo historico e a pureza da emoção lyrica, simples até á ingenuidade. Deste movimento continuo, feito da influencia de auctores sobre auctores, desta cadeia está pendente a formação dum novo élo.

As causas sociaes internas existem do mesmo modo. O ultimo periodo do regimen monarchico e o periodo republicano, que temos presenceado, a agonia dum modo de ser politico e

moral da sociedade e alvorecer doutro, radical em extremo, alteraram de maneira sensivel a physionomia da sociedade. A cizania sectaria quebrou o gregarismo social, desunin as familias, lançou para o ostracismo, para o exilio e para o desalento certas camadas sociaes, e enthronizou outras que comsigo traziam cambiantes moraes diversos. O *parvenu* da politica e agora o *nouveau riche* da guerra substituiram a aristocracia espiritual do antigo regimen pela onda sempre crescente e avassalladora da vulgaridade. As leis perseguidoras dos sentimentos religiosos, as do divorcio e da investigação das parternidades illegitimas crearam á consciencia individual, perante os problemas religiosos e ethicos, uma situação especifica, muito *sui-generis*.

As causas geraes externas não pódem ser mais avultadas. A divulgação maior de obras já relativamente antigas, mas que ainda pouco têm influido em Portugal, o grande romance russo e polaco, o theatro escandinavo e hespanhol, e o espirito francês moderno, tradicionalista e impregnado de religiosidade e preoccupações moraes, que á Italia Luigi Tonelli revelou — será a primeira. Os progressos da erudição historica, atacando pela base alguns dos prejuizos e dogmas fundamentaes de que se tem alimentado a mente portuguesa, como a superstição da revolução francesa, o materialismo, o positivismo, a phobia religiosa, o mysticismo liberalista entre outros, e a tremenda lição da guerra, terão de algum modo desempoeirado a visão do português culto, que deve começar a pensar que mais do que conquistar liberdades civis, que Spencer resumia numa escravidão perante o Estado, lhe cumpre cultivar a sua vida interior, crear personalidade, obter liberdade economica, a unica verdadeira, e procurar fontes novas para a alimentação do seu espírito. Fontes novas, sim, porque toda a vida de relação da sociedade portuguesa, assim a politica como a intellectual, está dominada por um velho triangulo de prejuizos: a alliança inglesa, a suggestão francesa e a inimizade hespanhola. A alliança inglesa, verdadeira realidade do apologo das duas panellas, a de barro e a de ferro, tem sido a muleta com

que Portugal vem coxeando desde 1640, e umas andas auxiliadoras para a caminheira Albion. Levou-nos á guerra da successão de Hespanha, á guerra originada no *pacto de familia* dos Bourbons, ás colligações contra a França revolucionaria e contra Napoleão, e á recente guerra contra a Allemanha. Nada mais é nem póde ser do que a consequencia de nós temermos velleidades unificadoras de Hespanha, agora puramente imaginosas, e nos obstinarmos em não entrar no nosso systema historico peninsular, de que somos parte integrante e matiz particularista, determinado pelo conjuncto e sobre elle influindo. Num escripto recente sobre Menéndez y Pelayo procurei mostrar, no campo litterario, a fecundidade deste ponto de vista peninsular.

A suggestão francesa faz dos orgulhosos sycambros, como lhes chamou Garrett, os nossos modelos litterarios e politicos. A influencia litteraria mais profunda começou no seculo XVIII com o arcadismo, que contra a hegemonia hespanhola reagiu, abordoando-se aos grandes classicos de França. A magia da revolução de 1789 e todo o desenvolvimento das suas sementes alliaram a essa imitação litteraria a copia politica, o que provocou o celebre dicto de Eça de Queiroz: «Portugal é um paiz traduzido do francês em calão.»

Outras fontes ha que ir buscar, penetrando mais fundo no pensamento francês, naquelles pendores que prenunciam veredas novas; haurindo todo o pensamento hespanhol, que é já vivo, intenso e muito peninsular, muito nosso portanto; concertando-nos com elle para exercer na America Latina o papel que cabe a portuguezes e hespanhoes, o de ministrar *lusismo* e *castelhanismo* com que os typos nacionaes alli se mantenham; e ensaiando conhecer toda a exuberante renovação da consciencia italiana. Da efficacia deste ambicioso programma posso depôr com a minha lição pessoal; desde que comecei a estudar a cultura hespanhola e a italiana, novas fronteiras se abriram ao meu espirito, e o trabalho feito anteriormente affigurou-se-me como mutilado, incompleto. Mais

duma vez tenho declarado que considero urgente que entremos num periodo de curiosidade cosmopolita, importando avidamente e de toda a parte todas as sementes fecundas e deixando ao tempo e ás condições proprias do espirito nacional a sua elaboração lenta e a sua acclimatação. A prata da casa, tradições litterarias medievaes, quinhentistas ou modernas, regionalismo, historicismo, a nada chegará, antes dessa importação.

Espero que a mocidade portuguesa, tão duramente experimentada pela nossa crise politica e pela guerra, e que muito haverá que passar ainda, alcançará a precisa flexibilidade de espirito para se procurar novos pontos de appoio e inteiramente transformar a nossa vida de relação, a politica e a litteraria. Passando dos clubs e dos cafés para as bibliothecas, como Menéndez y Pelayo ensinou á do seu paiz, esta geração nova fará a seu tempo ou provocará na successora o regresso ao nacionalismo, vibrante e forte, e o que de fóra veio, já assimilado, nacionalizado e multiplicado numa potenciação creadora, será a carne da nossa carne.

A guerra, que não considero terminada, tem no seu bôjo enorme todo um mundo de consequencias para desenrolar. Como a Revolução Francesa marca uma phase em todos os dominios, nas fórmas politicas, na economia, na educação, nas artes, no direito e na litteratura, assim a grande guerra a todos os districtos da actividade humana levou e levará modificações largas, progressivas e regressivas, mas sempre muito marcadas. No seculo XVIII o desenvolvimento scientifico precedeu e de certo modo collaborou na Revolução; agora é a guerra que num momento lança a intelligencia, sob o estimulo da necessidade, no descobrimento de applicações scientificas sem numero.

A historia e a critica da guerra constituirão um problema eterno, como a historia e a critica do Renascimento ou da Revolução, não tanto pela qualidade dos seus effeitos como pela sua extensão prodigiosa. E digo que menos pela qualidade dos effeitos, porque não supponho que possa haver transformações

moraes mais profundas e mais progressivas do que as que resultaram do Christianismo, do Renascimento da cultura classica e da Revolução Francesa. Não será possivel seguir senda nova, mas será perdermo-nos na vasta planicie, ou corregos invios... Com as gerações o problema da historia e critica da guerra renovar-se-ha, porque o ponto de vista renovar-se-ha tambem sem cessar.

Mas á litteratura objectiva, que da guerra e das suas consequencias moraes e sociaes se occupe, que a versar as novas condições da vida se applique — oppôr-se-ha a litteratura intima dos que, condensando na sua consciencia o mundo externo, como a convexidade da pequena pupilla reflecte o ceu immenso, se acurarão em arrancar de si mesmos o muito que possuem de novo, intenso e profundo para dizer. Creio que uma litteratura muito objectiva, muito preoccupada das realidades se creará, para o publico vasto que dia a dia chega attrahido por habitos novos de leitura, publico uniforme, monotono, vulgar, que cortará á imaginação as azas da liberdade, profissionalizará o sacerdocio da penna e exigirá acção, movimento, maravilhoso romanesco.

O refugio, o reducto ultimo da vida interior será a cidadella inexpugnavel de alguns espiritos de eleição, obstinados em meio dessas vagas crescentes de banalidade, oasis de meditação e repositorios sagrados de toda a cultura philosophica, de toda a especulação subjectiva. Elles serão os reclusos monges da idade media, como os velhos sabios de Byzancio, que conseguiram no pégo do oceano islamico, que os afogava, salvar o pensamento hellenico, e como elles espalhando-se pelo mundo serão os pollens fecundos que o vento dissemina e um dia surgem floresta densa. Sim, haverá um renascimento, porque vae haver se não uma obliteração, ao menos um ennublamento da cultura, de tudo que é requinte espiritual, fórma superior de viver a vida, de todas as excelsitudes da alma. O americanismo — progresso material e vida exterior de bulicio — e os barbaros que sobre a burguezia se precipitam, muito hão-de demolir.

E, pensando nisto, não posso deixar de sentir augustioso desalento, porque para oppôr a estes barbaros, cujo tôrvo cariz já aponta no horizonte, não ha as seducções duma civilização superior, como outr'ora a romana, nem para lhes quebrar o impeto e rebater as arestas da alma dura a aza cariciosa do christianismo, porque dessa civilização e desse christianismo sahem elles em som de guerra.

Como vê, é amplo e bem pesado de responsabilidades o programma que auguro á geração de amanhã. A' epocha litteraria proxima, typicamente, futuro a funcção principal de extrahir muito do inexhaurivel conteúdo que prenha o ventre da guerra; e duas direcções oppostas, uma crescente popularização e objectividade, e uma requintada subjectividade. Poderá assim simultaneamente prestar o grande serviço de reduzir as distancias mentaes, creando uma media entre cultos e incultos, e póde tambem salvar a civilização, belleza, verdade e virtude.

O idealismo philosophico, o espiritualismo religioso e o amor apaixonado da natureza, nalgumas das imprevistas modalidades que podem comportar, renascerão, e o homem continuará a debater os velhos problemas, qual condemnado do Tartaro, a fazer subir o rochedo de Sisypho, a encher o tonel das Danaides, porque a tudo elle se resigna menos á limitação fatal da sua vida, ephemera e precaria, e do seu pensamento de tão curto alcance... Bemditos sejam esses que se esconderem a meditar, que realizarão o preceito de Descartes, *bene vixit qui bene latuit*, e o de Ibsen, «o homem mais poderoso é o que mais só está»!

*

* *

Pergunta-me V. Ex.ª se nos ultimos annos soffreu o meu espirito alguma transformação e de que natureza?

Que bella pagina eu escreveria se lograsse descrever, peça a peça, movimento a movimento, o mundo revôlto que trago no

espirito! Teria descripto a tragedia dum espirito, que o destino fez confrangida testemunha do ruir tumultuoso dum systema de idéas e sentimentos, e que receia desapparecer entre os escombros, sem ver erguer nova construcção a que se acoite. E' um pouco a torturante situação dos que no fim do mundo helleno-romano nas fronteiras do seu cerebro se confinavam, a divagar, a interrogar a arida especulação e que produziram as variadas doutrinas moralistas. Quando as sociedades se dissolvem, ha sempre quem procure salvar a sua propria alma.

Quem tivesse a inspiração poetica dum Anthero ou a eloquencia dum Ficht e dum Schelling, conseguiria traduzir esse confuso revolver espiritual e extrahiria delle conclusões de ensinamento para uma geração. Mas sentir todos sentem, quando o estudo e a observação lhes déram alguma acuidade vibratil; porém expressar o seu sentir, dizê-lo bem é attributo divino, é uma fórma da propria bondade: «Decir las cosas bien, tener en la pluma el dón exquisito de la gracia y en el pensamiento la inmaculada linfa de luz donde se bañan las ideas para aparecer hermosas, no es una forma de ser bueno?...» — exclama Rodó. Deixe-me, por isso, V. Ex.ª guardar silencio sobre este trabalhado momento da minha vida espiritual, cujo desfecho ainda não prevejo — porque não poderia exprimir com verdade, menos ainda com precisão, o que em mim se passa e porque teria pudôr de o fazer. Que a tyrannia da publicidade seja para mim longanime neste pormenor!

Apenas avançareis que creio que o sentido desse revolver de idéas e sentimentos será, não o de demolição de ideaes queridos e de reconstrucção de abrigos para a alma na carreira enfadonha pelos páramos da especulação, mas só o reapparecimento de velhos espectros, que ha muito suppuzéra para sempre adormecidos, como num palimpsesto o desvanecer-se gradual da escripta moderna e o reavivar da velha graphia, resistente aos tempos e á chimica, como no artificio da sobreposição das imagens nos films...

E' claro que tomo a pergunta de V. Ex.ª como dirigindo-

se ao conjuncto dos problemas essenciaes da intelligencia, cujas solução e combinação constituem a personalidade. O mais seria episodico, como, por exemplo, a influencia das minhas leituras estrangeiras sobre os meus ensaios de critica, uma simples modificação de methodo, de maneira litteraria, como se usa dizer.

*

* *

Trabalho actualmente num volume sobre a litteratura portuguesa que medeia entre a morte de Camões e a fundação da Arcadia Lusitana, 1580-1756. Mas continuamente me interrompo, umas vezes para tomar conhecimento dos muitos livros que recebo e que eu sempre leio, outras para escrever artigos que registem impressões de occasião, que julgo não dever deixar apagar. Nunca, porém, interrompi o meu pobre trabalho sollicitado por amabilidade mais penhorante que a de V. Ex.ª, nem para dizer coisas tão futeis, como as que acabo de confessar á sua benevolencia...

9 de Dezembro de 1919.

Discurso de posse no Instituto Historico e Geographico Brasileiro [1]

SR. PRESIDENTE,
SR. EMBAIXADOR DE PORTUGAL,
ILLUSTRES CONSOCIOS:

Quando em 1913 a vossa penhorante generosidade me acolheu ao vosso gremio, longe estava eu de poder um dia pessoalmente tomar assento no seio de tão douta companhia. E a *Revista do Instituto* consecutivamente registou junto do meu nome o signal indicativo de que eu não havia tomado posse do lugar que tão benevolamente me fizereis entre vós. Esperava que um additamento estatutario me permittisse ser empossado pela simples remessa dum escripto historico, quando um inesperado convite me facultou achar-me hoje entre vós.

Serão, pois, de cumprimento e saudação as minhas primeiras palavras brasileiras, antes de ter a honra de cooperar por algum tempo na normal actividade do *Instituto*.

Saúdo a V. Ex.ª, Sr. Presidente, preclara figura do Brasil tradicionalista, em quem se congregam com brilho desusado as aristocracias do caracter e as do espirito, sentinella vigilante que espreita e estimula os progressos da grande patria brasileira, como patriotismo que não exclue sympathias e indulgencias.

---

[1] Proferido no Rio de Janeiro, em sessão de 29 de Setembro de 1920, publicado no *Jornal do Comercio*, de 30 do mesmo mês e anno, no *Diario Official* n.º 231, de 5 de Outubro de 1920 e na *Revista do Instituto Historico*. Revimos o texto para esta reproducção. Sobre este discurso, publicou o sr. Ronald de Carvalho um artigo, *O Intercambio luso-brasileiro*, no *Jornal*, do Rio de Janeiro, de 3 de Outubro de 1920.

Saúdo a V. Ex.as, eruditos, pensadores e historiographos, que constituis o velho gremio do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, centro depositario das tradições da intelligencia e actividade do Brasil, que nas oito décadas da sua existencia operosa tem sabido conciliar os interesses sagrados da cultura—já alguem fallou com eloquencia dos «interesses da alma» — com as legitimas aspirações do progresso patrio, como se a educação historica houvesse a seus membros dado a mais franca neophilia e a mais destemida curiosidade do futuro.

O labor scientifico do Instituto, cuja *Revista* constitue um dos mais vastos repositorios de material historico da America latina e que com pleno exito levou a effeito certamens intellectuaes como o 1.º Congresso de Historia Nacional de 1914, e prepara neste momento emprehendimentos vastos como o «Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil» e o 1.º Congresso de Historia da America, o labor do Instituto é bem conhecido no meu paiz, onde alguns dos seus mais illustres escriptores se desvaneceram de possuir o seu diploma e o bibliographo Brito Aranha fez correr um seu escorço descriptivo.

Como attesta a vitalidade da vossa intelligencia, creio ver nesse labor a affirmação de um caracteristico, que sempre me pareceu se ostentava no conspecto da vossa cultura: a tendencia corporativa.

O vosso pensamento nasceu sob os arroubos inspiradores da paranetica e affirmou-se sob o influxo do academicismo do seculo XVIII, protelação colonial do que na metropole principalmente avultara no seculo anterior. Quer as almas vibrem em unisono sob o estimulo da voz que do pulpito se ergue, quer as intelligencias serenamente trabalhem em assembléas, é sempre um estado collectivo da consciencia a resultante, synthese moral que comporta virtualidades que não existem nas partes. Tenho a eloquencia por um genero commum, dos que não dispensam essas condições scenicas e moraes da vibração collecti-

va, e não hesitei mesmo em a dizer um genero representativo, num elencho de generos litterarios que em tempo bosquejei.

Percorrendo o quadro das sciencias coloniaes, veremos que alguns caracteres distinctivos apartavam o academicismo brasileiro do da metropole.

Alli as Academias foram, até á reacção arcadica em 1756, predominantemente litterarias, fócos de culteranismo de fórma e tambem de pensamento, em que se poetava segundo os moldes castelhanos e se discutiam puerilidades, que assim classifico ou porque o fossem em si, ou porque estivessem para além dos methodos dialecticos. Com facundia incerta e fortuna varia se houveram essas academias, umas vezes ephemeramente, como a *Academia dos Solitarios de Santarem*, de 1691, e a das *Conferencias Eruditas*, de 1696, outras com mais persistencia, como a *Academia dos Singulares*, de 1628, a mais antiga de que ha noticia, ou a *Academia dos Generosos* (1647-1667 e 1685-1686) certamente a melhor conhecida, cuja historia illustrou recentemente um insigne lusophilo, Mr. Edgar Prestage. De algumas só o vago titulo se conservou, como o da *Academia dos Unicos*, de 1691 (?) e a *Academia Instantanea*, do Porto, dos fins do mesmo seculo. A creação da *Academia Real de Historia Portuguesa*, por D. João v, em 1720, representa uma phase nova, curta, mas brilhante do academicismo, que produziu tambem um élo importante na evolução da nossa historiographia. De facto, esta Academia não desappareceu sem exercer influencia: suggeriu a fundação da Academia Real de la Historia, de Madid, em 1728, e relacionou eruditos portugueses e hespanhoes. Não deixou ella tambem de legar vasto cabedal de materiaes, como contribuições quantiosas para o magno escopo da corporação, a *Lusitania Sacra*, ou historia ecclesiaslica de Portugal; o inicio entre nós da sciencia archeologica e epigraphica com methodo mais seguro que o dos antiquarios quinhentistas, pelo que mereceu louvores ao allemão E. Hübner; o accordar da critica historica com que combateu a inquinação mephitica que no ambiente intellectual haviam creado os chronistas alcoba-

censes; a organização do nosso primeiro balanço da massa documentar, por meio de um inquerito a todo o paiz; e até progressos notaveis na arte da imprensa, para a qual se importou pessoal extrangeiro.

A Academia Real das Sciencias, fundada em 1770, alargou o ambito das curiosidades e funcções das academias, constituindo-se em centro de cultivo das humanidades e de todas as sciencias naturaes, procurando exercer acção social e só engeitando por extranha a esse ambito a pura elaboração artista, do fôro intimo e dos anhelos da inspiração de cada um.

Incorporando-se nesse movimento, a mentalidade do Brasil, onde as condições locaes eram tão especificamente várias das da metropole, soube imprimir-lhe cunho seu. Apraz-me apontar nas vossas academias do seculo XVIII, em sua vida modesta e desajudada, uma maior amplitude e mais declarada intenção pragmatica; nem exclusivamente litterarias como as do seculo XVII em Portugal, nem deliberadamente historicas, como a de D. João V, cujo programma não era applicavel ao Brasil; nem com propositos reformistas como o de Antonio Diniz e Corrêa Garção, que tambem aqui não seriam opportunas; mas já annunciando a curiosidade vasta e multimoda da do Duque de Lafões. Organizar a vida mental da grande colonia, a qual não podia confinar-se no devaneio litterario, antes devia extender seus olhos pelas perspectivas que a historia e a geographia americanas lhes desdobravam e propender para as sciencias e até para as suas applicações praticas, para o fomento, como hoje se diria, — é a inclinação que julgo divisar na *Academia Brasileira dos Renascidos* e na *Academia Scientifica do Rio de Janeiro,* como principaes, cujos programmas de trabalhos são as primeiras manifestações do vosso nacionalismo mental.

Não subscrevo a opinião summaria com que «in limine» alguns historiadores da litteratura de nossa lingua condemnam a actividade dos seculos XVII e XVIII, só com rotula-la pejorativamente de «gongorica». Estudos demorados e desprevenidos deram-me o convencimento de que a eiva do culteranismo (que

é preciso não attribuir só a Gongora) limitadamente maculou os nossos melhores escriptores desses tempos e que mais fundamente imprimiu seu sello no pensamento do que na fórma, mais no mecanismo logico e dissertivo da intelligencia do que na expressão artistica, e mais em generos não litterarios do que nos tradicionalmente acceitos pela esthetica como crystallizações artisticas. E a prova-lo está tambem o vosso associacionismo intellectual, que nos velhos tempos coloniaes produziu os alvores do pensamento e da consciencia brasileira e que no imperio, sob a iniciativa do benemerito Conego Barbosa, produziu o Instituto, centro de nacionalismo e historicismo — e que estreitamente se casam no espirito estes dous pendores delle! — para o qual contribuem quantos no Brasil podem, pelo saber ou pela acção. Obra de eruditos que fazem sciencia e de politicos esclarecidos que o honram e patrocinam desde o nobre Imperador D. Pedro II, o Instituto é um heraldico pergaminho da intelligencia brasileira, e esse typo de sabia associação que no Brasil tanto se multiplica, é verdadeira creação vossa, como na velha metropole entre as instituições de assistencia — relevae-me a heterogeneidade do parallelo! — se distingue a portuguesissima « misericordia ».

Um portuguez illustre, o Padre Gonzaga Cabral, expoz na Bahia, em 1918, em termos incisivos, que inteiramente applaudo, a funcção que ao seu parecer cabe a esses «Institutos» no cultivo e direcção dos estudos historico-geographicos.

Por isso, eu me sinto entre vós tão desvanecido e considero este momento em que me acolheis no Instituto e nos vossos corações tambem, espero-o um pouco, como um momento augusto da minha carreira litteraria, em que Deus me concedeu favor a que jamais aspirei. Disso me inhibiam a severidade critica, que me attribuem e que a mim applico, e a longa distancia de mares, que nos separava.

Não venho ao Brasil — quero esclarece-lo bem desta tribuna que toda a intelligencia brasileira escuta — não venho junto de vós a propagandear allianças, nem a defender inter-

cambios, menos ainda a mercantilizar idéas. Sei de sobra que o Brasil e Portugal seguem suas trajectorias independentes, cada qual correndo a seus destinos, áquelles que as peculiaridades de seu espirito, o acerto ou desacerto de seus homens publicos e a sua boa ou má fortuna lhe marcaram. Sei bem que o Brasil é um vasto mundo de riquezas inexhauriveis, imperio que ainda não prenuncia o integro desdobramento das suas energias e capacidades, tantas se acastellam no horizonte longinquo! Sei que as allianças só são possiveis e fecundas quando as suggere uma reciprocidade de interesses em justa proporção e quando na escala dos valores politicos ambas as partes attingem alturas approximadas. Sei tambem que a cultura scientifica, artistica e litteraria não se diffunde porque agentes divulgadores ponham sua industriosa actividade ao seu serviço. Tudo que ha no mundo, de bom, de justo e de bello se divulgou só por se-lo, com aquella potenciação rapidissima, que é a magia da Verdade, da Belleza e da Virtude, esplendam onde esplenderem, em qualquer latitude e em qualquer lingua. A popularização das idéas por propaganda apostada nunca mereceu o meu applauso nem a minha confiança. Pareceu-me sempre que affrontava a gravidade e a dignidade do trabalho mental. E a confirmar o meu sceptismo está a esterilidade desses esforços de intercambio á sobreposse. Nem a iniciativa Consiglieri Pedroso, de 1910, nem uma sua sobrevivencia, em 1918, deram de si quaesquer fructos uteis. Contra esta ultima protestei eu, na Camara dos Deputados, em nome da dignidade de intelligencia dum povo que não pode ver com indifferença essa deturpação das suas idéas por uma propaganda nem sempre puramente especulativa.

Achei-me em boa companhia, porque o grande Benedetto Croce, um dos meus mestres espirituaes, tambem no Parlamento italiano protestou contra analoga tentativa de fundação de um centro de propaganda franco-italiana. Lerei aqui algumas das suas judiciosas palavras: « Pensar exclusivamente na arte e na sciencia e não já na diffusão da arte e da sciencia é

o unico caminho que póde conduzir áquella diffusão, visto que as creações vivas e fortes se abrem, cêdo ou tarde, o seu caminho no mundo. E se se disser que ás vezes idéas bastante vigorosas, produzidas por um povo, permanecem longo tempo estranhas a um outro, deve-se reconhecer que esse mal se não remedeia por meios artificiaes e que ha que aguardar o desenvolvimento gradual da cultura do paiz refractario e que as experiencias historicas, que elle fôr fazendo e ainda lhe faltem, o ponham em condições de acolher e apropriar-se aquelles productos mentaes». Taes intercambios, propagandeados por quem não contribue, no recolhimento do estudo, para o progresso das sciencias e das lettras, que quer diffundir, ou repetem uma tarefa superflua ou se cansam em esforços sáfaros. Não são pruridos de isolamento e incommunicação que me aconselham este pensar; demasiado tenho confessado o meu cosmopolitismo.

Vós tendes uma infatigavel curiosidade e a necessaria receptividade para acolher quanto de solido a poderosa erudição portugueza — sei já que esta vos interessa bem mais que a nossa imaginação — a erudição portugueza produza, que sujeitaes ao vosso criticismo. Este é hoje uma das feições predominantes do espirito ibero-americano; já o verifiquei a proposito do grande Rodó.

De critica e nacionalismo [1] se compõe hoje o vosso processo seleccionador de quanto a velha Europa vos manda. O que, chegados ao alto gráo actual de prosperidade e emancipação economica, fazeis á immigração, realizaes tambem a respeito das idéas: escolheis e assimilaes. Quereis que essa seiva de energias musculares e capacidades intellectuaes, que em ondas vos manda o velho mundo, seja assimilada e se volva em seiva elaborada para correr no vosso systema vascular, tonificante e poderosa, mas salutarmente, obstinadamente bra-

---

1 Não se allude ao chamado *nativismo* anti-lusitano.

sileira. Essa tendencia de absorvente assimilação é propria dos organismos vigorosos e que abrigam uma personalidade. E como nacionalismo e criticismo se temperam em vós duma ampla curiosidade cosmopolita, permitto-me esperar que o exclusivismo gregario e xenophobo nunca surja a enjeitar a cooperação dos que, nascidos sob outros céus, vos trouxerem a oblata dos seus braços ou da sua intelligencia. Essa tolerancia acolhedora de idéas e pessoas estranhas está demais nas vossas tradições. A vossa independencia e a vossa evolução politica perfizeram-se com calma e generosidade que contrastam flagrantemente a violencia conturbada da America hespanhola. E até a mudança do regimen — ainda o pensava ha pouco relendo o vibrante livro do querido Afranio Peixoto, *Minha terra e minha gente* — teve em vista menos sacrificar á esteril ideologia revolucionaria que cobrar novos vôos e restituir a circulação activa a partes do vosso organismo que crêstes como ankilosadas. Uma voz brasileira das mais austeras, a de Oliveira Lima, já salientou em paginas ponderadas, lidas perante a Sociedade de Geographia de Antuerpia, as contribuições que os estrangeiros, de raça e de lingua, trouxeram á formação da grande patria brasileira. E quanto ás lettras do meu paiz, não posso esquecer que vós sois a parcella maior de nossa lingua, que estremeceis com carinhos devotos, os que Olavo Bilac vasou no seu formoso soneto e eloquentemente se confessam na erudita *Revista de Lingua Portuguesa*, do Dr. Laudelino Freire; não posso esquecer que quanto alli se produz de sincero e forte tem em vós o acolhimento mais terno, prompta como é a vossa admiração ante o justamente admiravel; não poderei esquecer que, neste seculo da vossa independencia que em breve se cumprirá, muitos obreiros das lettras lusitanas vos visitaram ou aqui se estabeleceram afagados com hospitaleira amizade, como Antonio Feliciano de Castilho, José Feliciano de Castilho, Montoro, Zaluar, Xavier de Novaes, Matheus de Magalhães, Vieira de Castro, padre Senna Freitas, Mendes Leal (Antonio), Ernesto Biester, Abel Botelho e muitos outros ainda vivos.

Tal tolerancia intellectual, em que ha muita justiça ao esforço de outrem, muito de bondade e muito de aproveitado patriotismo, só a encontrei ainda em Hespanha, onde muitos litteratos americanos vivem plenamente incorporados na vida cultural do solar de sua lingua, ás vezes mais gasalhadas que em sua patria, — porque, — com graciosa ironia o demonstrou Daudet, — só na politica se não confirma o dictado: «ninguem é propheta em sua terra».

Quero tambem, durante o curto tempo que demorar entre vós, ser um desses muitos estrangeiros que acodem a vos estudar e dar-vos o concurso da sua intelligencia, sem vir a propagandear o que já conheceis ou desadoraes: principiando, como o fiz agora, por vos expôr a maneira por que de longe vos concebia e prezava. Simplesmente, permitti-me a ambição de querer ser um estrangeiro menos estrangeiro que os outros, porque nas altas columnas de antepassados, bem pesadas de responsabilidades que se erguem na determinação de nossas almas, muitos maiores ha, communs a vós e a mim, que luctaram e soffreram com dedicação e heroismo, pela grandeza de nossas patrias então unidas.»

Discurso de posse na Faculdade de Philosophia e Letras, do Rio de Janeiro [1]

Entre vós me apresento, sr. director e srs. professores da Faculdade de Philosophia e Letras do Rio de Janeiro, para tomar e vos agradecer a distincção, com que me honrastes, de professor honorario deste alto instituto.

Como o vosso generoso proposito foi simultaneamente estimular o meu espirito e commover o meu coração, devo confessar que acertastes plenamente.

Vindo ao Rio de Janeiro por convite do secretario do Instituto Historico, sou ha pouco mais dum mês hospede acarinhado do mundo intellectual brasileiro. De quantas formas pudesse revestir a vossa gentilissima hospitalidade, indicio seguro da cordeal confraternização litteraria luso-brasileira, poucas tocariam tão vivamente a minha sensibilidade como a que me arbitrastes, illustres collegas.

De facto é de professor a minha mais cara inclinação, nem sempre militando no ensino, mas ao menos sempre amando doutrinar, suggerir e promover com vista a um proposito nacional e humano, e mais ainda sempre, apesar e através de tudo, buscando alargar meus horizontes com aquelle descontentamento insaciavel, que é unica fundada esperança de que alguem um dia se contente de nós.

Certeira no objectivo a que visou, ella foi tambem, a vossa

---

[1] Publicado com o discurso de recepção, do Dr. Eurico de Goes, na *Revista de Lingua Portugueza*, vol. 2.º, n.º 9, Rio de Janeiro, 1921.

magnanimidade, summamente elegante porque fixou o aspecto preferido da minha actividade litteraria, aquelle esforço vehemente que a inspira e domina, de contribuir para a renovação dos estudos humanisticos e para o progresso do gosto das investigações scientificas do meu paiz.

Bem sabeis em que têm consistido alli essas diligencias e mostraes até que as julgaes com mais benevolencia do que eu, que vi com magua que nem sempre a cooperação e o exito coroaram algumas dellas e que já conto na memoria alguns daquelles mortos, de que falla saudosamente o insigne D. Rafael Altamira, projectos longamente acariciados, sementes viçosas que um halito crestador prompto matou...

Como professor vim ao Brasil, não para ensinar, porque não julgo possuir um só conceito cuja divulgação merecesse a longa travessia que outr'ora fizéram os grandes inspirados da minha patria, mas para prestar entre vós algumas lições de estudioso, que quer exemplificar como as modernas gerações do seu paiz vão trocando pela tranquillidade poeirenta e ingloria das bibliothecas, dos archivos e dos laboratorios o triumpho mais brilhante da politica e do jornalismo.

Como professor me recebeis e me honraes, e me sentaes entre vós com uma camaradagem que me toca e vivamente penhora. Eis por que vos dizia que a distincção, que me concedestes, era do mesmo passo certeira e elegante.

Illustres Collegas:

Quanto as minhas leituras de longe e agora a minha directa observação de perto, ainda forçosamente perfunctoria, têm permittido ajuizar, o Brasil tem como Portugal um problema ponto de partida: o problema da cultura. No meu paiz sobre as velhas bases, oito vezes seculares, que nem os erros dos homens, nem os abalos das circunstancias historicas têm logrado fazer aluir, ha que restaurar e modernizar a um tempo toda a vida mental, matiz particularista do genio iberico, certo um dos mais opulentos e fecundos que ainda lucilaram na terra.

No Brasil ha que fazer uma construcção americana sobre as bases européas e latinas, que dos nossos maiores vos ficaram. Para esse fim, bem o sabeis, não vos poderão bastar a contemplação da natureza e o deslumbramento de vossas grandezas, nem o incessante crescimento de vossas forças economicas. Tudo um povo joven pode improvisar menos uma cultura nacional, obra da força lenta e paciente da intelligencia através dos seculos, processo laborioso, em que cooperam todos os seus recursos, como na constituição e autonomia da vida mental dum homem collaboram toda a sua existencia psychologica, toda a accumulação e estratificação das suas experiencias.

Nesse longo e nobre trabalho intervirá com efficacia um instituto, como o vosso, onde se estimulará a applicação dos methodos experimentaes, a directa familiaridade com o documento historico, onde se versará a polyglottia, onde se cultivarão os estudos classicos e os estudos indianistas, as investigações geographicas e a especulação philosophica, e donde poderá partir o sôpro renovador das vossas bibliothecas e collecções documentares.

Precisamos, os portugueses e os brasileiros, de fundir primeiro nossas ferramentas, de as afiar e adextrar, para a centros como este os constituirmos em viveiros de investigadores mais cuidosos de se volverem em fontes productivas de crystallina lympha que em depositos parados de aguas que outros carrearam.

Desta Faculdade, em que existe engastada uma Escola Normal Superior, partirão revoadas de educadores a instillar espirito novo á população das escolas secundarias, sob as azas tutelares de Ariel, na perfiguração inolvidavel de Rodó.

Permitti que lembre ainda outro titulo que impõe á minha particular sympathia esta escola: é que, por maior que venha a ser a divergencia de nossas trajectorias politicas, esta Faculdade será sempre o nucleo mais forte de lusophilia, o organismo mais poderoso de communicação entre a vossa joven patria e a minha tão annosa. As fontes de vossa historia colonial, os cos-

tados genealogicos de vossa aristocracia e os monumentos da lingua são vinculos insophismaveis, e um centro de estudos historicos e litterarios, como a Faculdade de Philosophia e Letras, não póde commungar no proposito anti-scientifico de expulsar Portugal da historia...

Lembro esta circunstancia, illustres collegas, não para avocar ao meu paiz quaesquer titulos de supremacia mental — não trago sentimentos de rivalidade e porfia para o campo sereno das idéas —, mas sómente naquelle proposito enternecido que me leva a prolongar o ultimo abraço a um amigo que parte e a pretextar recommendações para um momento mais o deter.

Já aventei noutro lugar o meu juizo de que a vós, brasileiros, vos interessará hoje mais a nossa erudição do que a nossa imaginação. E como hoje o nosso titulo de grandeza, afóra o poderio colonial, não é decerto a inquietação politica, que lembra a serodia bohemia dum velho tonto a sacrificar a extinctas illusões, sol de inverno que a ninguem aquece, mas sim a nossa poderosa erudição, que renasce e se fortalece ao contacto fecundo da hostilidade do ambiente —, vós sereis, srs. professores, os conhecedores e propugnadores aqui da parte mais sã da mentalidade portuguesa moderna.

É a essa sciencia, que começa a penetrar nos meios estranhos de alta cultura, nomeadamente os de Hespanha e França, que vós quereis honrar, distinguindo de modo tão singular o ultimo dos seus representantes e num dos seus districtos mais modestos, a critica litteraria.

Guardarei na memoria, em escaninho recolhido, o meu vivo reconhecimento a V. Ex.as, sr. director e sr. professor Eurico de Goes, que tão benevolamente apreciastes esta minha actividade litteraria, e a V. Ex.as, srs. Professores, que sanccionastes esta distincção. Obrigado, muito obrigado.

Disse.

Rio, 19-10-20.

Prefacio ao livro *Quero!* de Candido Ferreira

Se houvesse de ceder ao primeiro impulso, que me suscitou o desejo do auctor do presente livro de contos, de o fazer acompanhar de algumas palavras minhas, certamente pediria escusa, porque nem sou eu pessoa com tal situação litteraria que possa permittir-se dar credenciaes para quem queira ingressar no arduo mundo das lettras, nem creio que um prefácio, qualquer que seja o seu auctor e quaesquer que sejam os seus sentimentos e doutrinas, possa influir no destino duma obra. Mas eu, hoje em meio duma carreira litteraria, algum dia dei tambem meus primeiros passos e não posso esquecer a susceptibilidade receosa e a falta de confiança que sempre acompanham todos os principios e como desalenta tudo que possa ser tido como indifferença. De modo nenhum me é indifferente quem começa com fé e sinceridade e demonstra, como o Sr. Candido Ferreira, dotes admiraveis para um artista litterario: imaginação, emotividade, poder descriptivo, preferencia da belleza do fundo sobre os artificios duma forma rebuscada. E por isso, do meu recolhimento, lhe dirijo palavras amigas de applauso e exhortação.

E'-me particularmente sympathica esta estreia litteraria, porque me faz lembrar que tambem foram contos os meus primeiros tentamens litterarios, ha já mais duma duzia de annos, e o sacrificio que posteriormente fiz das ambições da minha imaginação a outro escopo, o da critica litteraria. Depois dos contos, que enfeixara em dois voluminhos, *Sonatas* e *Humildes*, que felizmente de todo esqueceram, tendo enveredado pela es-

trada, mal percorrida entre nós, da austera critica litteraria, dei-me com afan e com methodo á necessaria preparação espiritual, já deixando á porta do claustro as fogosidades e as expirações da imaginação, já debatendo serenamente os methodos praticos e os problemas theoricos da vida que ia abraçar. Para attingir aquella imparcialidade critica, que só pode produzir a plena indifferença de quem analysando, discutindo, explicando e julgando não se deixa prevalecer dos seus prejuizos litterarios, porque os não tem por não ser da confraria, é mister desistir da pura litteratura de imaginação.

Sainte-Beuve, que é para mim a suprema personificação da critica, descreveu em termos flagrantes o genio critico de Bayle, nos *Portraits Littéraires*, e summamente lhe elogiou essa qualidade preeminente de não ter um estylo litterario seu, uma esthetica, uma maneira de sensibilidade e imaginação, que existindo fatalmente condicionaria o seu gosto e o seu espirito, reduzindo a sua critica á simples aferição dos valores alheios pelos seus proprios. Que faz a inferioridade surprehendente da critica de Victor Hugo e Dumas senão serem elles grandes artistas? Raro é o equilibrio das faculdades creadoras de imaginação e das faculdades criticas, que se admira em Goethe, o proprio genio da objectividade. E por que na critica muito de creação pode haver, para essa outra forma da creação pela intelligencia se deve inclinar quem se aventurar aos trilhos pedregosos desse campo. Não posso deixar de lamentar que Sainte-Beuve seja auctor de *Joseph Delorme* e de *Volupté*, e que Menéndez y Pelayo houvesse poetado.

Revele-me o Sr. Candido Ferreira estes pormenores pessoaes, porque elles visam a justificar a sympathia que inspiram os seus contos, genero de cuja technica intrinseca e de cujas modalidades variadissimas eu conservo grata recordação, de quando velava sobre as obras de Andersen, Maupassant, Zola, Daudet, Gorki, Eça e Camillo, Galdós, Ibañez, Machado de Assis, para lhes arrancar o segredo do triumpho num genero tão facil e tão difficil...

Outros motivos de attracção encontro no livro, de que me occupo, e esses bem mais poderosos, porque provêm delle mesmo e são qualidades eminentes do espirito dum artista e da moral dum escriptor, pois como ha uma esthetica litteraria, ha uma moral litteraria. E são ellas a sinceridade e a bondade, que através das mais commovidas paginas se trahem. Creio firmemente que não ha boa arte, de emoção funda e perduravel, de forte poder suggestivo, sem a magia da sinceridade, na fórma transcendente e augusta que reveste quando se fala verdade a nós mesmos, e sem que a humedeça o «brando leite da bondade humana». Quando o artista mente — e não ha dissimulação bastante enganosa para não ser algum dia desmascarada pelo consenso dos leitores, geração após geração — e de objectivos altos se desinteressa, o seu exito é passageiro, é o fugidio fogo-fátuo da forma, o brilho fallaz das lentejoilas, em que ninguem crê e que prompto se extingue.

Nos contos que ora lança ao mar incerto da publicidade, o Sr. Candido Ferreira mostra uma preferencia bondosa pelos que soffrem, e na descripção e reconstituição do momento supremo duma grande dôr se compraz.

Os seus contos são principalmente momentos angustiosos de grandes dôres, e para no-los fazer sentir o auctor confia mais na propria violencia delles que no amaneiramento da fórma. Não devo deixar de apontar uma circumstancia curiosa, que é a deste escriptor, certamente formado na leitura dos realistas, — que se não satisfazem já plenamente as aspirações novas, ainda não foram cabalmente substituidos — não commungar no vicio de escola, da accumulação dos pormenores, das descripções sobrecarregadas de minucias. Dos realistas herdou certa crueza, mas á sua observação foi buscar os themas e a simples fórma em que os veste, onde mais duma vez ha vigor na concepção e na execução, nomeadamente na peça *Quero!* de fortes tonalidades. Desejo ainda apontar o instincto da proporção, que torna estas pequenas peças equilibradas e harmonicas quanto á composição.

São estas considerações que me inspiram os contos do Sr. Candido Ferreira, de quem desconheço todas as circumstancias pessoaes. Possa elle encontrar na vereda, que vae trilhar, o triumpho verdadeiro para que o predispõem os dotes que apontei, e refugir o falso triumpho e as seducções faceis dum meio litterario restricto e dum publico pouco culto — é o voto sincero dum confrade leal, só mais experiente, porque professou alguns annos mais cêdo e póde assim prevenir aos recem-vindos de que no convento a vida não é tão calma e cordeal como de longe se julga!

Lisboa, 25 de Setembro de 1919.

Sobre a imprensa jornalistica

I

Neutralidade Litteraria [1]

Um recente episodio, comnosco occorrido, trouxe-nos á memoria a iniciativa nobre e intelligente do grande Garrett e os correspondentes esforços de pôr a arte litteraria fóra da politica.

Em 1846, quando era já acceso o fragor da lucta civil, o auctor do «Frei Luiz de Sousa», aggregando a si José Estevam, orador politico, especie de traço de união da politica á litteratura, constituiu um centro de discussão dos problemas litterarios na epocha mais relevantes, entre os quaes avultava o proposito de elevar e dignificar os processos do jornalismo. O nascente gremio realizou regularmente as suas sessões semanaes, até que em outubro as perturbações resultantes do golpe de Estado dispersaram os pacificos raciccinadores. Todavia, o pequeno gremio não passou sem deixar de si um rasto sympathico, que foi a consignação dum grande principio: «a neutralidade politica da litteratura».

De accordo com Garrett, José Estevam apresentou um memorandum, que deveria servir de base aos trabalhos, como que um estatuto provisorio. Constituindo-se uma commissão para o apreciar, della foi relator Garrett, que no principio de se-

---

[1] Publicado no *Tempo*, de 5 de Outubro de 1918, a proposito do artigo do sr. F. Mira, *O sr. Teixeira Gomes e a critica*, inserto na *Lucta*, 4 de Outubro do mesmo anno.

tembro apresentou o seu parecer. Constitue este um curioso documento, que não deve ser esquecido, porque, se as considerações e explicações nelle explanadas se nos affiguram hoje já anachronicas, os sentimentos que o dominam têm a mesma actualidade e são da mesma imperiosa necessidade. Concluia o parecer pela apresentação duma formula de compromisso de honra, que assignariam quantos appoiassem o principio da neutralidade politica da litterattura e o quizessem praticar. Essa formula foi a seguinte:

«Os abaixo assignados, escriptores publicos e homens de lettras, solemnemente declaram que entendem dever ser inteiramente alheio ás questões materiaes e positivas do governo da nação, e ás dos partidos em que ella se divide, o mister das lettras, das sciencias e das artes, e que por isso não reputam quebra do proprio pundonor e lealdade a livre cooperação do escriptor em qualquer publicação periodica, empresa ou sociedade, para fins puramente litterarios, embora o espirito dessas publicações, empresas ou sociedades, represente idéa diversa das suas por questões politicas da actualidade.

Declaram tambem que consideram esta nobre tolerancia como um meio adequado a proteger o desenvolvimento da civilização, e como uma prova de animo generoso; que, finalmente, se honrarão sempre de assim pospôr mesquinhas preoccupações ás conveniencias do progresso moral e intellectual do paiz, não reconhecendo em ninguem o direito de os taxar, a elles e a outros quaesquer escriptores que se associem ao seu pensamento, de mera constancia politica.» Assigna esta formula toda a commissão, que era composta dos nomes prestigiosos de Rodrigo da Fonseca, Visconde de Juromenha, Alexandre Herculano e Garrett.

A «Revolução de Setembro», pela pena illustre de Rodrigues de Sampaio, associou-se á iniciativa e calorosamente a defendeu, mas a iniciativa nobre e generosa esqueceu, como succede de ordinario a todas as grandes idéas no sáfaro ter-

reno de Portugal, paiz onde a cada passo se começa e nunca se acaba.

Mas não é só de se enriquecer de boa litteratura, politicamente neutral como queria Garrett, que o nosso jornalismo precisa; elle tem de deixar de ser a arma pavorosa duma publicidade facil e por anonyma impune; tem de organizar-se em profissão especialisada com sua fórma de recrutamento que offereça garantias moraes e technicas e, no presente momento, de tão transcendente delicadeza para o paiz, tem de deixar de ser um agente de pessimismo, cujo halito tudo cresta e esteriliza. Se acima das estreitas considerações de politica partidaria, da cizania pessoal que uma intolerancia inintelligente cria, quizesse erguer-se a uma mais alta noção de valores sociaes, poderia construir uma escala de apreciação mais justa, de harmonia com uma moralidade de sancções superiores, que o guiaria para altos ideaes, para além dos estados de espirito precipitadamente impressivos dos sentimentos.

Com eloquencia inexcedivel pintaram os estragos do mau jornalismo e implicitamente ergueram um hymno de esperança ao bom jornalismo, Ibsen, Nordau e Eça de Queiroz, cujas bellissimas paginas deveriam formar o breviario de iniciação do jornalista incipiente.

Certamente «O Tempo» irá abrir brecha no pessimismo jornalistico; para isso deverão contribuir quantos o não professem.

II

Jornalismo [1]

O historiador, que um dia de animo desapaixonado abeirar o presente periodo da vida portuguesa, nem prospero nem feliz, para o narrar, explicar e julgar, terá de ter em conta, como uma das suas mais poderosas determinantes, o influxo de certa

[1] Publicado no *Jornal*, de Lisboa, 3 de Dezembro de 1919.

imprensa jornalistica. Esta instituição, que tão vasto lugar occupa na vida moderna e que pretende penetrar em todos os seus dominios, ainda os mais technicos ou os mais reconditos, é como a lingua, que Esopo deu cozinhada de formas varias a Xantho, seu senhor, a melhor coisa e a peior coisa do mundo.

Exercida com probidade, como um sacerdocio — e todas as profissões devem ser amadas e assim desempenhadas — ella é um poderoso agente de orientação, que dá sentido e expressão ás aspirações collectivas e que sobre ellas, por sua vez, beneficamente influe; é o instrumento de vulgarização das especulações dos homens de gabinete e de communicação entre os povos. Pela sua ampla publicidade e sua tão proxima periodicidade, ella faz promptamente dum anonymo um conhecido de todos, exalta o verdadeiro valor e é como o olheiro que espreita o funccionamento da machina da governação publica, prompta a denunciar o entorpecimento ou a avaria de alguma peça.

Ella seria assim o nivelador das differenças intellectuaes, o estimulo de todas as nobres iniciativas, mas tambem o indignado propheta que enxotava os vendilhões da porta do templo. Se a historia é a consciencia dum povo e se existe uma idiosyncrasia collectiva, que é a opinião publica, que James Bryce tão flagrantemente surprehendeu e descreveu, nenhuma fórma mais prompta e tambem mais sufficiente ella tem para se exprimir do que o jornal — que é a um tempo sua causa e seu effeito.

Mas o reverso da medalha é dum cunho bem diverso, tôsco e grosseiro, porque já não é, como o anverso, obra de carinhoso artista enlevado na sua concepção pura de macula, mas sim de imperfeito artifice que das realidades quotidianas se inspirou por copia servil. A facil publicidade, o anonymato e a impunidade para os abusos, que não são taxativamante previstos nas sofismaveis leis, fazem do jornal um agente de dissolução social, porque estimula a vaidade dos vãos, a ambição dos aventureiros, o retrahimento dos bons e superficializa as attenções. Um jornalista, que possua com destreza a technica

do seu officio e alguns empiricos conhecimentos de psychologia das collectividades, póde com algumas penadas dirigir a seu talante a opinião dos seus leitores, para a maioria dos quaes, inculta e suggestionavel, os seus artigos são como suratas do Alcorão para mouros. O sectarismo, a intolerancia, a vaidade, a grossaria moral e a ambição sem escrupulos são os fructos opimos dessa imprensa, que em vez de explicar para congraçar e unir, enreda e calumnia, divide e incompatibiliza. E se nos lembrarmos de que as sociedades humanas não são eternas, ainda aquellas como a portuguesa que contam oito seculos de historia, uma tradição caracteristica e valores consideraveis, que ellas tambem decahem e morrem por causas muito variadas, internas e externas, e que destas são das mais dissolventes a depressão da consciencia social, a intolerancia sectaria, a licença dos costumes e o abastardamento dos caracteres — teremos medido approximadamente a nefasta influencia de certa imprensa.

Espiritos de eleição, que nella militaram e a conheceram de perto, fizeram, não o balofo elogio que lhe tecem os que tudo lhe devem e por isso della dependem, mas o seu perfil sinistro.

Balzac, Ibsen, Max Nordau e o nosso Eça de Queiroz escreveram algumas das suas inspiradas paginas de arte, de doutrina e de critica ironica sobre a imprensa e os jornalistas, que todos que nella trabalham deviam ter bem presentes.

A politica violenta, que desde 1906 tem envenenado a vida portuguesa, e a guerra, que tão fundamente transformou os costumes, lançando o mundo no extremo heroismo e na extrema depravação, tivéram para transmissão dos seus maleficios um instrumento docil e fiel nessa imprensa.

Foi esta convicção que me levou a preparar um projecto de lei, pela qual se profissionalizaria e dignificaria o officio de jornalista, aproveitando os dados da minha observação e a experiencia de alguns paizes mais cultos.

Segundo esse projecto, para exercer a profissão de director,

redactor ou reporter de jornal haveria que satisfazer a determinadas condições de idade, de habilitações intellectuaes e de idoneidade moral e civil, prevendo-se o caso de haver vocações e talentos em autodidactas, os quaes se verificavam facilmente. E' obvio que a collaboração technica dos especialistas era livre; só a redacção typicamente jornalistica — noticiosa, politica, generalidades de administração e economia, registo de livros, commentario das occorrencias diarias, etc. — era sujeita a esta exigencia, visto que é nella que principalmente campeiam os jornalistas anonymos e que é por ella que se exerce a suggestão social.

Todos os artigos e noticias insertos nos jornaes passariam a ser assignados, podendo sê-lo com iniciaes ou signaes convencionaes, desde que previamente o publico soubesse a que nomes correspondessem.

A composição das redacções seria sempre do conhecimento do publico, que tambem seria informado das alterações que viessem a occorrer.

Deste modo o leitor poderia julgar da competencia do jornalista sobre os assumptos de que escrevia e da sua boa-fé, e o homem de bem dormiria tranquillo, sem o sobresalto constante de ver o seu nome na manhã seguinte ennodoado por um inimigo anonymo e sempre impune.

Respeitavam-se os direitos adquiridos e estabeleciam-se sancções para effectivar o seu cumprimento. Mas o Parlamento morreu ás mãos dessa mesma imprensa e a calumnia continuou a cantar a aria do *Barbeiro de Sevilha*, primeiramente um ruido ligeiro, *pianissimo*, logo subindo entoada por mais boccas, *piano*, *piano*, *rinforzando*, crescendo e chegando a côro universal...

E tanto se calumnia dizendo mal falsamente, como dizendo bem, excessivamente bem, dos que o não merecem, porque a inquinação social se dá em ambos os casos.

Por isso amo e detesto a imprensa, como Esopo a lingua que serviu a Xantho...

III

Projecto de lei

Artigo 1.º — Considera-se como exercendo a profissão de jornalista o individuo, cujo mistér consista em quotidianamente recolher informações para as transmittir a qualquer jornal; que regularmente no mesmo collabore e diariamente coordene as informações recolhidas; e o que o dirija — os quaes constituirão três categorias profissionaes: *reporter*, *redactor* e *director*.

Art. 2.º — Para exercer a profissão de jornalista é necessario possuir o respectivo diploma, que é passado gratuitamente pela Secretaria de Estado da Instrucção Publica a todos os individuos que o requeiram e satisfaçam ás seguintes condições:

a) Para *reporter*, ser maior de 21 annos, ter pelo menos exame de instrucção primaria, 2.º grau, e singular de lingua portuguesa, e comprovar annualmente pela fórma prescripta nas leis o seu bom comportamento moral e civil;

b) Para *redactor* ou *director*, ter 25 annos completos, ser diplomado por algum curso superior e comprovar annualmente pela fórma prescripta nas leis o seu bom comportamento moral e civil.

§ unico — Os individuos, que não possuam um curso superior e que pretendam exercer a profissão de jornalista, poderão habilitar-se á obtenção do respectivo diploma por meio de requerimento, que farão instruir com toda a documentação que possa adduzir competencia para esse mister. Constituem documentação acceitavel:

a) Habilitações litterarias e scientificas;

b) Escriptos litterarios e scientificos, originaes ou traduzidos;

c) O exercicio de funcções de natureza intellectual como a de professor, bibliothecario, archivista, analisador de laboratorios.

O processo de habilitação será organizado e informado pela Repartição Universitaria e julgado pelo Secretario de Estado, precedendo sempre consulta do Conselho Superior de Instrucção.

Art. 3.º — Dos vogaes do Conselho Superior de Instrução, de nomeação do Governo, um será escolhido d'entre os individuos que legalmente exerçam a profissão de jornalista.

§ unico — A disposição deste artigo applica-se sómente á primeira e segunda organização do Conselho Superior de Instrucção depois da publicação da presente lei. A' terceira renovação do referido Conselho, depois dessa data, esse vogal passará a ser eleito por uma assembléa composta de delegados dos jornaes diarios.

Art. 4.º — Os individuos, que queiram collaborar nos periodicos com materia da sua especial competencia technica, poderão faze-lo livremente, quando desse limite não transcendam.

§ unico — Em normas circumstanciadas, a Secretaria de Estado da Instrucção Publica fixará os limites que separam a collaboração profissionalmente jornalistica, como a noticiosa, a politica, as generalidades de administração e economia, o registo de livros, o commentario das occorrencias diarias, sob a alçada dos artigos 1.º e 2.º, da collaboração mais especializada, puramente tecnica e da responsabilidade profissional de seus auctores, nos termos do presente artigo.

Art. 5.º — Todos os artigos e noticias insertos nos jornaes serão sempre assignados.

§ unico — E' permittido o uso das iniciaes e dos pseudonymos, como fórma de assignatura, uma vez que haja sido publicado a que nomes essas iniciaes e esses pseudonymos correspondam.

Art. 6.º — Sempre que no corpo redactorial de algum periodico ingresse algum novo elemento, será esse facto communicado ao publico e juntamente os mais essenciaes dados biographicos do novo redactor.

Art. 7.º — O exercicio illegitimo da profissão de jornalista

é punido a primeira vez com a multa de 50$000 para o delinquente e outra igual para o director do jornal; a segunda vez com a multa de 100$000 para o delinquente e outra igual para o director do jornal, a terceira vez com a prisão de ambos que póde ir até três meses. Em todos os casos, o delicto importará a perda dos direitos politicos por um anno.

Art. 8.º — Não podem continuar a exercer a sua profissão, os jornalistas legalmente habilitados que tenham em seus escriptos difamado, injuriado ou prevaricado de qualquer fórma provada pelos tribunaes regulares.

Art. 9.º — As escripturas das sociedades commerciaes para a publicação de jornaes serão publicadas no primeiro numero destes, que appareça depois da assiguatura dellas.

Art. 10.º — E' creada nas Faculdades de Letras uma cadeira de *Jornalismo, sua historia, legislação e moral.* [1]

Art. 11.º — Todos os individuos, que á data da publicação da presente lei exerçam a profissão de jornalista, terão de se habilitar com o respectivo diploma dentro do prazo de 60 dias.

Art. 12.º — São resalvados os direitos adquiridos aos jornalistas, que provem exercer a sua profissão ha mais de um anno.

Lisboa, Sala das Sessões da Camara dos Deputados, em 9 de Janeiro de 1919.

---

[1] V. os programmas e regulamento da *École de Journalisme* que funcciona em Paris.

DOIS PROJECTOS [1]

Crêmos que todo o trabalho deve ser inventariado e registado, ainda que de projecto não passe, certo não para lisonjear pruridos de prioridade, que seriam uma fórma lamentavel de avareza espiritual, mas para recolher opiniões e votos sobre materias, que voltarão a ser ventiladas. Umas vezes esses precedentes serão argumentos favoraveis e fórmas attenuadas de experiencia; outras vezes serão razões para adduzir em contrario duma nova tentativa.

E' neste convencimento que hoje publicamos dois projectos, que visavam a criar em Portugal uma *Junta Promotora de Investigações Scientificas* e a estabelecer um accordo intellectual com o paiz vizinho. Noutros lugares temos confessado nossos sentimentos de hispanofilia e dado delles a justificação, que no fundo é só o desvelo ansioso que nos inspira o destino da patria, cuja vida de relação necessita de ser grandemente modificada.

Para a elaboração do primeiro projecto foi nomeada uma commissão por portaria de 15 de fevereiro de 1918 (Vid. *Diario do Governo*, de fevereiro, 2.ª serie), composta do Prof. Celestino da Costa, do contabilista Abel Dias e do signatario. Sobre uma primeira redacção do Prof. C. da Costa incidiu discussão que produziu o projecto definitivo apresentado ao Governo. Circumstancias poderosas impediram a sua promulgação, que o Ministro da Instrucção, Dr. Alfredo de Magalhães, desejava levar a effeito. Renovámos a tentativa na Camara dos

---

[1] Publicado no *Instituto*, vol. 67.º, Coimbra, 1920.

Deputados, apresentando um novo projecto em que introduzimos algumas modificações.

O texto da convenção luso-hespanhola foi combinado em dezembro do mesmo anno, em Madrid, com o Sr. D. José Castillejo, Secretario da *Junta para Ampliación de Estudios*, e é grandemente similhante ao da convenção hispano-italiana que por esse tempo foi assignada.

Figuram estes projectos entre os mortos do nosso espirito, aquellas desillusões de que falla D. Rafael Altamira: «Aun en la vida de menos zarzales, todo hombre se va dejando, a la vez que desengaños, proyectos e illusiones de actividad profesional que alumbraron durante años la existencia con su engañosa esperanza de realización, y que, al fin, uno a uno, hay que abandonar, porque faltan las fuerzas, porque decae la affición o porque se produce un desvío irresistible en la orientación y el empleo de las energías y lo nuevo entierra a lo viejo, aunque éste tenga más fondas raíces en el espíritu.

«Los escritores y los investigadores saben mucho de esa melancolía que los años van echando sobre ellos ante la consideración de lo que ya es seguro que quedará sin hacer, no obstante el amor con que se acarició la idea de realizarlo. Por muy activos que sean los hombres, siempre tienen más muertos que vivos en esa funcción creadora ó reproductora de su inteligencia» [1].

Sómente neste trecho não está apontado o genero de causa que inutilizou estes projectos...

I

Tendo-se reconhecido a urgente opportunidade de remodelar completamente o serviço de pensões para estudo no

---

1 Vid. Prologo ás *Fuentes de la Historia Española*, de Sanchez Alonso, Madrid, 1919.

estrangeiro, de modo a assegurar ao Estado meios de fiscalização scientifica e administrativa, e a tornar esse serviço mais proficuo;

Sendo indispensavel fomentar o gosto das investigações scientificas originaes em termos que facultem novo systema de recrutamento dos professores de ensino superior, os quaes devem ser quanto possivel seleccionados dentre especialistas auctorizados das sciencias a professar;

Devendo ser completada a obra de revisão dos varios serviços da instrucção publica, recentemente levada a effeito, com a creação de um organismo autonomo que exerça funcção poderosamente propulsora da actividade intellectual;

Considerando nos resultados fecundos que organismos congeneres teem produzido no estrangeiro, nomeadamente o *National Research Council*, dos Estados Unidos da America do Norte, e a *Junta para Ampliación de Estudios é Investigaciones cientificas*, de Hespanha;

Aproveitando os alvitres da commissão especial nomeada por portaria de 15 de fevereiro do corrente anno;

Tenho a honra de apresentar o seguinte projecto de lei:

Artigo 1.º

E' fundado sob o nome de *Junta Promotora de Investigações Scientificas* e com sede em Lisboa, um organismo, com autonomia technica e administrativa que visará aos fins seguintes:

a) promover e auxiliar a investigação scientifica;

b) dirigir e fiscalizar o serviço das pensões de estudo no paiz e no estrangeiro;

c) organizar a representação scientifica de Portugal em congressos e conferencias internacionaes;

d) negociar convenções com os paizes estrangeiros para a permuta de professores e investigadores.

Artigo 2.º

A *Junta* compor-se-ha de quinze membros de livre escolha do Secretario de Estado da Instrucção Publica, dentre os especialistas scientificos de merito demonstrado pela publicação de trabalhos originaes, e com representação dos diversos ramos das sciencias.

Artigo 3.º

A *Junta* elegerá o seu presidente, o seu vice-presidente e o seu secretario.

§ unico. Estas eleições terão de ser confirmadas pelo Governo.

Artigo 4.º

Dois terços dos membros da *Junta* deverão residir em Lisboa.

Artigo 5.º

A *Junta* dividir-se-ha em duas secções:

I. Sciencias da Natureza;

II. Sciencias do Espirito.

Artigo 6.º

Para a execução dos seus fins a *Junta* procurará pôr-se em relação com as seguintes entidades, ouvindo-as e consultando-as, directamente ou por delegados:

a) repartições da Secretaria da Instrucção Publica;

b) senados universitarios e conselhos escolares de escolas superiores, integradas ou não nas Universidades;

c) sociedades scientificas que se filiarem na *Junta*, nas condições que forem determinadas;

d) todos os organismos que visem á investigação scientifica.

Artigo 7.º

A *Junta* terá autonomia technica e administrativa e será pessoa moral, gozando de capacidade juridica para adquirir a titulo gratuito ou oneroso os bens que lhe sejam transmittidos e para os administrar, bem como todas as dotações que receber.

Artigo 8.º

A acquisição dos bens a que se refere o artigo precedente não precisa da approvação do Governo, quando sejam transmittidos livres de quaesquer encargos, sem condições ou obrigações estranhas aos fins da *Junta* e sem impugnação de terceiros. No caso contrario aquella approvação é necessaria; mas esta circumstancia não impede a acceitação provisoria que para logo se poderá effectuar, ficando a definitiva dependente do Governo.

§ unico. A acquisição ou acceitação é sempre com dispensa de quaesquer impostos.

Artigo 9.º

São receitas da *Junta:*

1.º A dotação expressamente inscripta para esse fim no orçamento geral do Estado;

2.º Os rendimentos das suas publicações;

3.º Os rendimentos das propinas de matricula nos seus cursos de seminario;

4.º Os rendimentos do internato para professores e estudantes que venha a fundar;

5.º A percentagem de 20 % das quantias excedentes das varias verbas do orçamento da Secretaria da Instrucção Publica, no fim de cada exercicio, até á importancia de metade da dotação ordinaria da *Junta*.

Artigo 10.º

As receitas da *Junta* terão as seguintes applicações:

a) pagamento de pensões de estudo no paiz e no estrangeiro;

b) bolsas de investigação scientifica, destinadas a subsidiar e tornar possiveis pesquizas originaes, feitas em qualquer instituto, mesmo particular;

c) bolsas de viagens scientificas, representação em congressos, etc.;

d) publicação e distribuição dos trabalhos feitos sob a direcção da *Junta* ou a ella propostos;

e) pagamento do pessoal, despezas de expediente e annexas;

f) quaesquer outras despezas destinadas á consecução dos fins consignados no artigo 1.º

§ unico. Poderão beneficiar das pensões e bolsas estudiosos estrangeiros, quando assim convenha aos progressos scientificos do paiz.

Artigo 11.º

A organização do orçamento geral da receita e despeza da *Junta* é feita na primeira quinzena de junho, segundo as normas fixadas no regulamento.

Artigo 12.º

As pensões de estudo no estrangeiro podem ser concedidas a membros dos corpos docentes das escolas superiores, a graduados dessas escolas, a professores de outros ramos de ensino e a quaesquer individuos que demonstrem cultivar a sciencia.

Artigo 13.º

As pensões serão concedidas nas seguintes condições: todos os annos, em epocha préviamente annunciada, a *Junta* abrirá

concurso documental para pensões. Os candidatos indicarão o objecto dos seus estudos, o local em que pretendam realizá-los e o tempo de que careçam, e enumerarão tambem as suas habilitações e os seus títulos. A *Junta* escolherá os individuos, que devem ser pensionados, arbitrando-lhes o quantitativo das pensões e marcando-lhes duração e condições de prorogação, quando entenda, cumprindo sempre as normas fixadas no regulamento.

Artigo 14.º

Os candidatos serão obrigados a demonstrar á *Junta* que estão nas condições de aproveitar utilmente das pensões, devendo mesmo sujeitar-se á prestação de provas especiais, quando lhes sejam exigidas.

Artigo 15.º

A *Junta* manterá constantes relações com os pensionados, informando-se do andamento dos seus estudos, fiscalizando-os directamente ou por meio dos agentes diplomaticos de Portugal, podendo em qualquer altura fazer cessar a pensão, quando tenha verificado que o pensionado não cumpre as condições a que se obrigou.

Artigo 16.º

Na concessão de pensões a *Junta* attenderá ás condições de fortuna dos candidatos, preferindo em igualdade de circumstancias os menos abastados.

Artigo 17.º

A *Junta* poderá considerar como seus pensionistas *equiparados*, aquelles que á sua custa ou por conta de outras instituições, façam estudos no estrangeiro e queiram sujeitar-se ás normas e regulamentos da *Junta*.

Artigo 18.º

Na concessão das pensões pelos requerentes, a *Junta* terá em vista que os vários ramos da sciencia sejam representados proporcionalmente á sua importancia.

Artigo 19.º

Aos que tiverem terminado as suas pensões e a *Junta* pelas informações recebidas, relatorios ou trabalhos dos candidatos, ache merecedores, será concedido um certificado de aproveitamento, que podem tambem receber os equiparados.

Artigo 20.º

A *Junta* poderá conceder pensões de estudo no paiz a individuos, quer nacionaes, quer estrangeiros, segundo as normas geraes das pensões no estrangeiro e pela fórma e condições que se regulamentarem.

Artigo 21.º

A *Junta* subsidiará a investigação scientifica por qualquer das seguintes fórmas:

1.º Concedendo bolsas de estudo a determinados investigadores para a realização de determinados estudos;

2.º Subsidiando instituições de ensino e de investigação (laboratorios, museus, bibliothecas e archivos), de fórma a permittir a acquisição ou reparação de material, livros, documentos e outras especies;

3.º Subsidiando sociedades scientificas e dando-lhes os meios para que ellas se convertam em centros de estudos dependentes da *Junta*;

4.º Instituindo premios destinados a recompensar investigações scientificas;

5.º Concedendo os meios necessarios para a publicação de trabalhos scientificos dispendiosos.

Artigo 22.º

Os candidatos a bolsas de estudos deverão instruir as suas petições com os documentos justificativos necessarios. A *Junta* fixará o quantitativo das bolsas exercendo sobre os agraciados a necessaria fiscalização, de accordo com os directores das instituições onde o trabalho se realiza.

§ unico. Os antigos pensionistas com certificado de aproveitamento, a que se refere o artigo 19.º, serão particularmente attendidos nos seus pedidos de bolsas de estudos.

Artigo 23.º

A *Junta* promoverá a fundação de centros de estudos naturalisticos, astronomicos, archeologicos, philologicos e historicos, destinados a iniciar na investigação scientifica e a aproveitar as aptidões reveladas nesse genero de trabalhos.

Artigo 24.º

Para effeito da constituição de centros de estudos, poderão filiar-se na *Junta* quaesquer institutos, laboratorios, museus, bibliothecas, archivos, commissões scientificas, escolas, etc.; assim como sociedades scientificas.

§ unico. Por filiação na *Junta* entende-se um termo de accordo com os fins da *Junta* e de compromisso em receber como assistentes livres, dando-lhes facilidades de trabalho, aquelles antigos pensionistas que o requererem e esta achar em condições, sendo ouvida sobre estes pontos a Repartição de ensino publico de que depende a instituição filiada ou a filiar, assim como o respectivo Senado Universitario ou Conselho Escolar.

Artigo 25.º

A *Junta* procurará instituir cursos e conferencias, utilizando os conhecimentos adquiridos pelos seus pensionados e destinados a divulgar os resultados das investigações realiza-

das, a diffundir noções uteis e a chamar o interesse para a obra da *Junta* e o movimento scientifico mundial;

Centralizará o serviço da representação scientifica official de Portugal no estrangeiro, propondo os delegados, dando parecer sobre propostas de outras entidades, concedendo subsidios de viagem e residencia e fornecendo informações;

Instituirá um serviço de informações sobre as organizações pedagogicas e scientificas estrangeiras, de modo a auxiliar as estancias officiaes ou o publico em geral, e será ouvida sobre quaesquer contractos de estrangeiros para as escolas portuguesas;

Organizará missões de estudo no paiz ou no estrangeiro com programma determinado nas condições que se regulamentarem;

Publicará annualmente um relatorio circunstanciado de todos os seus trabalhos, assim como as contas das suas receitas e despezas, que serão sujeitas á approvação do Conselho Superior da Administração Financeira do Estado.

Artigo 26.º

A *Junta* funccionará junto da Secretaria de Estado da Instrucção Publica e terá uma Secretaria assim composta.

1 secretario com a gratificação annual estipulada pelo respectivo Conselho Administrativo;

2 secretarios adjunctos das secções, de funcções gratuitas;

1 official de secretaria e thesoureiro;

1 amanuense-escripturario;

1 continuo.

Artigo 27.º

A *Junta* elaborará o regulamento de todos os seus serviços, o qual será submettido á approvação do Governo, a tempo de entrar em vigor em outubro proximo futuro.

Lisboa e Camara dos Deputados, 4 de agosto de 1918.

II

Convenio relativo al intercambio de profesorado y estudiantes entre España y Portugal

A fin de promover entre España y Portugal el reciproco conocimiento de la lengua, literatura, arte y ciencia y a fin de regularizar el intercambio de profesorado y de estudiantes, los Gobiernos Español y Português convienen lo seguiente:

A

1.° El Ministerio de Instrucción Publica español determinará cada año el número de asistentes portugueses que habrá de necesitar para sus Institutos o Escuelas y comunicará al Ministerio Português cuales sean los establecimientos donde hayan de prestar servicios.

2.° El Ministerio de Instrucción Publica portugués está dispuesto a admittir todos los años en un cierto número de Liceos, Institutos técnicos, Escuelas técnicas, comerciales y normales, y en las Universidades á jóvenes españoles, en calidad de asistentes, para la enseñanza de la lengua y literatura españolas.

3.° Los candidatos españoles para tales plazas deberán, en general, poseer un titulo universitario de Universidad española, o haber hecho el examen para obtenerlo; las plazas en las Escuelas Normales podrán ser ocupadas también por Maestros y Maestras titulados. Los certificados de experiencia

prática en la enseñanza serán considerados como calificación adicional.

4.° Los asistentes portugueses, para ser agregados a Escuelas o Institutos españoles, debrán poseer por regla general el titulo de Licenciados o Doctores en Letras.

5.° Todos los asistentes, tanto portugueses como españoles, a menos que haya arreglos especiales e individuales, se considerarán obligados por un año escolar, o sea de 1.° de Octubre a 31 de Julio en Portugal y de 1.° de Octubre a 30 Junio en España.

6.° Los Assistentes españoles recibirán del Gobierno Portugués como remuneración por sus servicios la cantidad de... escudos abonados en diez mensualidades. Los portugueses recibirán en España ... pesetas abonadas en nueve mensualidades. Los asistentes recibirán de su Gobierno respectivo un abono de ... pesetas o escudos para gastos de viaje de ida y vuelta.

7.° En ambos países, los asistentes estarán bajo la autoridad inmediata del Jefe del Establecimiento a que sean incorporados.

No se les exigirá, por término médio, más de diez y ocho hora semanales de servicio. El exceso requerirá su consentimiento y supondrá una indemnización.

8.° Los asistentes se equipararón á sus colegas del personal docente ordinário del Establecimiento. Se procurará por todos los médios ofrecerles ocasión de entrar en relación con sus compañeros.

9. Los asistentes estarán autorizados para seguir todos los cursos del establecimiento que puedan interesarles. Además, los Jefes de las Escuelas les proporcionarán toda clase de medios para perfecionar-se en la lengua del país.

10.° Toda la correspondencia relativa al cambio de asistentes deberá dirigirse en Portugal á la *Junta Promotora de Investigações Scientificas*, y en España a la *Junta para Ampliación de Estudios*, Moreto, I, Madrid.

11.° El procedimiento será el siguiente: El 15 de Mayo de cada año, lo más tarde, ambos Ministerios se comunicarán mutuamente el número aproximado de plazas vacantes. A base de esa comunicación se cambiará una primera lista de candidatos propuestos para esas plazas. Las notificaciones del nombramiento definitivo de asistentes para los diversos puestos debrán hacerse antes del 31 de Agosto.

12.° Las listas contendrán el nombre y apellido de cada candidato, la edad, titulos, diplomas y cuantas circunstancias se conceptúen de interés.

13.° Cada oficina participará á los candidatos de su país la fecha en que han de entrar en funciones.

14.° Ambas oficinas se comunicarán cuando lo crean conveniente, las observaciones ó representaciones formuladas por los asistentes y por los Jefes de los Establecimientos a que los candidatos estén incorporados y se pondrán de acuerdo para hacer lo posible á fin de satisfacer las reclamaciones fundadas.

15.° Al terminar el curso los Jefes de los Establecimientos enviarán á la oficina de su país una nota acerca del trabajo y la conducta del asistente ó asistentes que tenga á sus órdenes. Estas notas á los cuales añadirá cada oficina las observaciones que juzgue oportunas, se enviarán á la oficina que propuso al candidato.

16.° Todos los candidatos se comprometen á no publicar nada acerca del Establecimiento á que hayan estado incorporados, sin la autorización escrita de la oficina de su país.

B

Para el envio á Portugal de los Profesores, literatos, artistas ó cientificos españoles que el Gobierno Portugués solicite para la enseñanza de lengua, literatura y arte españoles en las Universidades portuguesas en calidad de profesores o lectores y reciprocamente para análogo servicio de personal docente portugués com destino á la enseñanza de las Universidades o

Escuelas Superiores Españolas, se podrán de acuerdo la *Junta para Ampliación de Estudios*, de Madrid, y la *Junta Promotora de Investigações Scientificas*, de Lisboa, y una vez hechas las designaciones elevarán á los respectivos Ministerios las propuestas de nombramiento.

El compromiso de cada profesor ó lector se hará por un período máximo de tres años, y podrá renovarse con consentimiento de ambos Gobiernos.

Sin perjuicio de las prescripciones que la legislación de cada país consagre respecto á los sueldos y derechos del personal de la enseñanza oficial que sea enviado al otro, cada uno de los dos Gobiernos abonará á los profesores que reciba una indemnización mínima de ... mil escudos ó pesetas anuales y á los lectores una indemnización mínima de ... escudos ó pesetas anuales, salvo cuando se trate de un lector que al mismo tiempo desempeñe el cargo de asistente en otro centro de enseñanza, en cuyo caso su indemnización será solamente de ... mil escudos ó pesetas.

Los lectores se hallarán bajo la dirección inmediata del profesor encargado en cada Universidad de las enseñanzas respectivas. Los profesores se hallarán bajo la autoridad de los Decanos de las faculdades y de los Rectores de las Universidades ó Escuelas Superiores á que sean incorporados, cuyo régimen académico se entenderá que aceptan.

Cuando sean llamados por cada uno de los dos países profesores ó científicos del otro para dar cursos breves, conferencias ó enseñanzas de laboratório, el país que los reciba los otorgará una indemnización de ... escudos ó pesetas para viajes, y dietas de ... escudos ó pesetas por el tiempo que dure la invitación que se les haja.

La *Junta para Ampliación de Estudios*, de Madrid, y la *Junta Promotora de Investigações scientificas*, de Lisboa, se pondrán de acuerdo acerca de las necesidades y las recíprocas concesiones que en cada país puedan hacerse á los pensionados, profesores e estudiantes del otro, a fin de someter á sus respe-

ctivos Gobiernos las propuestas para las resoluciones que procedan.

Si el Gobierno Portugués deseara establecer en Madrid un Instituto para el estudio de la lengua, literatura, historia y arte españoles, el Gobierno español, de acuerdo con los representantes designados por el Gobierno Portugués, adoptará las medidas necesarias para elección y cesión de terrenos donde pueda construirse edificio para albergarlo e otorgará facilidades para su instalación.

Garrett e a educação feminina.[1]

Ex.mo Sr. Ministro de Instrucção Pública.

O Conselho Escolar do Lyceu de Maria Pia tem a honra de solicitar de V. Ex.a a substituição do nome actual do seu lyceu, pelo de «Lyceu de Garrett», e como esta sollicitação se fundamenta em motivos, que se lhe affiguram dignos de serem ponderados, toma a liberdade de seguidamente os expôr a V. Ex.a

A pratica de designar os estabelecimentos de ensino com nomes de altas individualidades nasceu duma exigencia da necessidade de distinguir cousas analogas — tambem nestas minimas cousas se verifica o materialismo historico —, e tanto assim foi que ella começou a ser usada, quer no ensino industrial, quer no lyceal, nas cidades onde havia mais duma escola industrial, mais dum lyceu.

E como a apposição desse nome, duma figura distincta, significava uma homenagem e como sempre houve quem aproveitasse em lisonjear os poderosos, tornou-se tal homenagem extensiva aos vivos.

Como porém outra interpretação se veio dar a esse uso, que foi menos a duma homenagem que a dum ensinamento perenne que aos educandos se apontava, foi sendo lentamente relegada a escolha de nomes de vivos e sempre preferida, para patrona das escolas ou dos liceus, uma memoria, em que com

---

[1] Esta representação foi redigida por incumbencia do conselho escolar do Liceu Feminino de Lisboa, publicada no *Diario do Governo* de janeiro de 1918 e deferida pelo decreto do mesmo anno.

alto relevo se destacasse um solido valor moral, intellectual ou activo, e que não devesse o acatamento dos contemporaneos só ao relevo da posição.

Comprehende-se, Sr. Ministro, que tal modo de conceber o patrocinio que se pede a uma grande memoria, quando para sempre se lhe associa o nome dum estabelecimento de ensino publico, não implique indifferença na escolha do nome que convem ao genero de educação que nesse estabelecimento se serve.

Seria desacertado proceder o de querer attribuir o nome dum santo, martyr heroico da fé religiosa, a uma escola onde se professasse, ainda que com pretensos fundamentos scientificos, o atheismo; o nome dum devoto propagandista do pacifismo a uma escola militar; o dum industrial utilitarista a um centro de altos estudos puramente especulativos. Não; tem de haver conciliação entre o nobre intuito de consagrar uma memoria veneravel para a nação, que á mocidade se aponte como exemplo da fórma de superiormente viver a vida, e a qualidade de preparação para a vida que a essa mocidade se ministra.

E' este criterio geral, Snr. Ministro, que norteia o Conselho Escolar do Lyceu de Maria Pia ao pedir a V. Ex.ª a substituição do seu nome actual pelo de — Lyceu de Garrett.

Os professores que compõem esse Conselho exclusivamente se orientam pelo criterio acima exposto, sempre lembrados do caracter educativo da sua missão. Não o movem sentimentos de malevolencia para com a memoria da Rainha Snr.ª D. Maria Pia de Saboya, que seriam improprios da sua cultura espiritual e injustos para a memoria desta Soberana, porque todos prestam homenagem aos sentimentos liberaes dessa nobre Senhora, á sua generosa comprehensão do officio de rainha, derramar em torno de si a consolação da esmola e o conforto da palavra amiga. Todos conhecem o momento augusto que foi na sua vida a sua intervenção a favor das victimas do incendio do Theatro Baquet, no Porto, e todos se lembram da grandeza excelsa que sempre revelou na dôr aquella que inspirou a Fialho de Al-

meida uma das mais vividas paginas da nossa lingua. Perante a sua memoria se curvam reverentes os signatarios, mas, lembrados de que o ensino feminino tem uma missão de educação intellectual, pois visa a desenvolver e criar nas suas educandas uma pujante individualidade com que na vida se affirmem, e de que a lição de bondade e constancia solemne e majestosa em meio dos mais cruciantes soffrimentos, que da memoria da rainha D. Maria Pia se extrahe, não constitue ideal pleno a apontar áquellas, julgam tambem que o patricinio da sua memoria de preferencia deveria ser dado a uma casa de caridade ou a um hospital, a um templo de bondade, a um asylo de soffrimento.

Os professores do Lyceu de Maria Pia desejam trabalhar sob o patrocinio do nome de alguem de sangue português e de educação portuguesa, que amplamente, integralmente, vivesse de modo superior a vida e que a obra, que essa vida grandemente vivida constitue, possa tornar-se fonte instancavel de lições e exemplos. Não se pretende, em casas de educação feminina, como o Lyceu de Maria Pia, exclusivamente afinar ao ultimo apuro de delicadeza o que na alma feminina se contém, a bondade e a arte nobilissima de saber soffrer; pretende-se tambem temperar essas formosas e generosas fraquezas com um pouco de vigor varonil, de espirito combativo e de elevado cultivo da intelligencia, de modo a produzir um valor social, fecundo, ansioso de acção e de influencia.

Tal ensinamento contém-se na vida da rainha D. Maria Pia?

Affoitamente affirmam os signatarios que julgam que não.

Dentro destas idéas os professores do Lyceu de Maria Pia procuraram um nome que não designasse uma virago anachronica, como Brites de Almeida e Densadeu Martins, a exclusiva pratica das virtudes domesticas, como D. Filippa de Lencastre, a embriaguez dum momento de enthusiasmo como D. Filippa de Vilhena, uma nublosa e vaga erudição academica como a Infanta D. Maria e a Marqueza de Alorna; um hypothetico

influxo do sangue português como Leonor da Fonseca Pimentel. Nenhum nome se lhes deparou mais idóneo, que o de Garrett, que até razões de simplicidade e euphonia aconselham.

Não carece de justificação a preferencia a este nome dada pelo Conselho escolar, tão presentes estão na lembrança de todos os portugueses de mediana cultura artistica e educação nacional a sua obra litteraria, que contém algumas das mais eloquentes affirmações do genio português, no poema heroico, no lyrismo, no theatro e no romance. Garrett foi dos derradeiros escriptores, que comprehenderam a propria vida como parte integrante e brilhante no conjuncto da sua grande obra; por isso lhe deu carinhos sollicitos, vaidades de artista, vivendo-a numa plenitude suprema, percorrendo-a em todos os sentidos. Tendo da vida uma concepção esthetica, de busca ávida e incansavel da emoção, e sendo desta uma cruel inimiga a repetição, sempre se comprouve na variedade. Dahi a versatilidade multimoda da sua obra litterária e da sua vida.

Ninguem foi entre nós mais requintadamente airoso no pensamento e no sentimento, nas palavras e nas attitudes, do que esse homem superior, que nas pugnas politicas manteve o sceptro incontestado da eloquencia attica, que de todo o seu ser irradiou um prestigio sem par, que foi no seu tempo o arbitro do bom gosto em litteratura, arte, politica e elegancias. Depois como creador do Conservatorio de Lisboa, onde se formam actrizes e onde se ensina musica, como fundador do Theatro Normal, onde se completa a educação dramatica, como dignificador da arte de representar por meio de recompensas honorificas e como inspirador das reformas de ensino de Passos Manuel, o inaugurador dos lyceus, Garrett, tem na sua obra e na sua biographia um cunho de subtil feminilidade que plausivelmente torna o seu nome para sempre respeitado e amado dos corações femininos, de todos que tem sensibilidade para evocar a sua creação de immortaes typos de mulher. D. Branca, Nathercia, Magdalena, Maria, Alda, Anninhas e sobre todas as tres irmãs Robinsons, aquella sempre viva Joanninha do Valle de Santarem, que não

era da terra, e aquelles vultos inspiradores, brancos véus diaphanos que pousam por sobre as lyricas das *Folhas Cahidas*.

Essa suprema figura tão concorde com o nosso genio nacional, é dum brilho e dum prestigio tão completos, é simultaneamente tão energica e viril, tão delicada e elegante, que sob o seu alto patrocinio podem trabalhar professores e professoras, todos della extrahindo lições, que de olhos postos nella se podem educar mulheres, sejam futuras professoras, medicas ou advogadas, sejam só — pode-se dizer só? — carinhosas mães de filhos.

São estas as razões, Sr. Ministro, por que o Conselho Escolar do Lyceu de Maria Pia, com summo empenho, pede a substituição do actual nome do seu lyceu pelo de Lyceu de Garrett.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho [1]

Passando proximamente o cincoentenário do inicio da carreira litteraria da Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho e sendo essa data commemorada por um grupo de homens de letras e admiradores da illustre escriptora, deseja Sua Ex.ª, o Ministro da Instrucção Publica, que as Escolas Normaes e Secundarias femininas se associem a essa commemoração. Julga Sua Ex.ª que o meio mais adequado a esse objectivo, tanto pela sua viabilidade pratica, quanto pelo resultado que póde produzir — divulgação da obra da Senhora illustre que se pretende homenagear — será a realização de conferencias em que se exalte á população escolar o caracter eminentemente educativo dessa obra.

De facto, difficil seria encontrar em toda a litteratura portugueza, antiga ou moderna, quem tenha conseguido alliar tão estreita e fecundamente o talento e o espirito feminino, quem tenha sabido juntar a virilidade duma distincta energia mental com os encantos brandos da mais delicada feminilidade. « Muito genuinamente mulher para ser só sabia, muito sabia e muito superior ao nivel do seu sexo para ser só mulher », como a propria escriptora diz de Sopha Kovalowsley, ella conseguiu sempre vivificar com as curiosidades incessantes da sua intelligencia o seu espirito de mulher e colorir da ternura de esposa e de mãe, das ansiedades do seu coração vibratil os horizontes

[1] Circular remettida pelo Ministerio da Instrucção Publica aos lyceus femininos e ás escolas normaes primarias, em 13 de março de 1918. Foi reproduzida em varios jornaes.

vastos que o seu talento a cada passo vae perscrutando. E realizar esta feliz conciliação é já fazer obra de educadora.

Foi essa conciliação que levou o seu espirito a propender para a litteratura educativa, já delineando contos moraes, narrativas movimentadas, phantasias infantis, todo esse mundo deliciosamente imaginoso em que se agitam as creanças e onde, por maravilhoso paradoxo, se apetrecham para o mundo real. Foi ainda esse cunho feminino da sua intelligencia que a levou a discutir, com saber e originalidade, alguns dos problemas mais palpitantes da vida moderna, como a educação feminina, o feminismo, a creança, a vida domestica, a vida em sociedade, o casamento, o papel social da mulher, a sociedade feminina, todas as delicadas perspectivas que a vida moderna complicada e egoistica póde offerecer á versatilidade bem dotada do seu talento compassivo.

Foi ainda a compassividade terna do seu talento que a inclinou preferentemente para o estudo e analyse das maiores figuras femininas, as que mais amaram e mais soffreram, as que pelo sentimento ou pelo pensamento viveram a vida dum modo superior. Na longa serie dos seus volumes de ensaios criticos uma vasta e nobilissima galeria de vultos femininos perpassa, qual mais bello, qual mais admiravel: Madame de Lafayette, «Ma soeur Henriette», aquella irmãsinha meiga e doce que foi a companheira de trabalho de Renan, sempre evocada pelo sabio da *Vida de Jesus* num nimbo de saudades; George Sand e Madame Staël, cujas frontes o genio illuminou com a scentelha do fogo sagrado, Aimée Coigny, a Princesa Mathilde, Soror Marianna, George Eliot, a mulher do Carlyle, Pauline de Beaumont, Carlota Brontë, Mathilde Seráo, Lespinasse, Duquesa de Palmella, Rainha Victoria, toda a aristocracia da intelligencia feminina e do coração feminino, que ante nós desfila relembrando a tragedia das suas angustias, o thesouro das suas emoções. E estes perfis moraes são delineados com uma attenção de sympathia e para aquellas que mais apaixonado juizo têm provocado é que preferentemente se volta a

generosidade conciliadora da escriptora, que cheia de dignidade guarda uma circunspecção delicada: nem apologia excessiva de quem glorifica exemplos de capacidade intellectual do seu sexo, nem a severidade condemnatoria para as que a podiam merecer.

Narrando e commentando a agitada vida dessas mulheres illustres, a Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho parece mostrar a convicção de que o soffrimento e o sacrificio sejam condições do viver da mulher; vae indagar o muito que essas mulheres, por alguns incriminadas, soffreram e nessa quantia de soffrimento encontra justificações para a sua clemencia. Os seus artigos sobre figuras femininas são pois artigos de bondosa conciliação.

Vasta e variada é a galeria de obras e auctores, sobre que versam os seus ensaios: perfis, biographias, contos, episodios biographicos, curiosidades, analyses de obras novas, problemas estheticos e actualidades. Essa variedade, que attesta a multimoda constituição do seu talento, foi como que uma janella aberta, do *seu cantinho*, como diz no titulo dum dos seus livros, sobre o grande mundo litterario de além fronteiras e uma meritoria affirmação do cosmopolitismo litterario, que contrasta grandemente com o estricto nacionalismo por outros defendido.

Os maiores auctores da litteratura nacional e das estrangeiras, Gil Vicente, Camillo, Herculano, Eça de Queiroz, Anthero, Ramalho, João de Deus, Pinheiro Chagas, G. Crespo, Renan, Balzac, Ibsen, Chénier, Hall Caine, d'Annunzio, Kipling, Tolstoï, Dostoiewsky, Goncourt, os mais insignes homens de estado, artistas, actores, administradores, quanto constitue uma superior affirmação de personalidade mereceu á Sr.ª D. Maria Amalia Vaz de Carvalho o commentario discreto e flagrante do seu impressionismo, coado através dum gosto litterario subtilmente cultivado.

Os problemas mais modernos, da vida social e da vida litteraria e artistica, tudo mereceu o seu registo, a tudo imprimiu o cunho distincto dos seus pontos de vista, do seu systema de idéas.

E porque na sua obra se ostentam com relevante brilho a energia do pensamento e a flexibilidade dum coração feminino; porque é ella uma longa e selecta galeria de vultos moraes, qual delles mais insinuante e suggestivo, todos trazendo algum ensinamento fecundo; porque nella se ventilam alguns dos capitaes problemas da vida moderna; e porque fazer comprehender e sentir a vida para a idealizar com a creação dum mundo novo é o fim ultimo da arte, é essa sua obra uma lição perenne de belleza da mais determinante influencia sobre os corações moços que della se abeirem...

Julga, pois, Sua Ex.ª, o Ministro, que seria de vantagem que V. Ex.ª fizesse salientar esses caracteres geraes da obra da escriptora eminente, cuja estreia litteraria se commemora no proximo dia 18 do corrente.

Saude e Fraternidade

Ministerio da Instrucção Publica, em 13 de Março de 1918.

O Chefe do Gabinete.

Saudosismo e integralismo[1]

Em Lisboa e Porto quasi simultaneamente surgiram dois movimentos de idéas, o *saudosismo* e o *integralismo*, que, pelo esforço de vigor intellectual que exprimem, pelos seus propositos de acção e por serviços reaes já prestados, são credores de sympatias e applausos.

Um grupo de escriptores moços, á volta do sr. Teixeira de Paschoaes, expõe e defende a doutrina do saudosismo, que não é um simples programma litterario ou uma esthetica, mas toda uma maneira de conceber a vida portuguesa, já interpretando o passado, já analysando e diagnosticando os males presentes e para elles affoita e confiadamente propondo remedios. O saudosismo, que no seu significado etymologico exclusivamente designaria a attitude animica de quem quer passar a vida penando de saudades, não comporta só esse sentido passivo, é antes uma doutrina activa, que sobre razões de ordem historica, ethnica e philologica se pretende fundamentar e se preoccupa de politica interna e externa, de religião, educação e litteratura. A idéa mestra desta doutrina é a necessidade de restituir o genio português á sua nativa pureza, á crystallina fonte de sentimento e pensamento que a *saudade* envolve, guerreando portanto o estrangeirismo, o hespanholismo principalmente, accordando a memoria daquellas figuras mais typicamente nacionaes e dos momentos em que mais peremptoriamente se affirmou

---

[1] Este artigo foi publicado a primeira vez na *Lucta*, de 5 de Dezembro de 1917. Respondeu-lhe o sr. Antonio Sardinha na *Monarchia*.

a individualidade de Portugal, creando uma igreja lusitana autonoma e insuflando na politica pratica e nos politicos esse espirito lusitano – que na saudade tão flagrantemente se exprime.

D'ahi a ansia insatisfeita com que o sr. Teixeira de Paschoaes a cada momento regressa a esse thema, a definição sempre mais precisa ou reveladora de nova faceta do que para elle não é um estado do espirito em lyrico devaneio, mas toda uma concepção da vida e do mundo, todo um programma de realizações praticas.

Nós cremos que o sr. Teixeira de Paschoaes confunde as tendencias do seu espirito e a objectiva realidade. A saudade não é uma concepção nem um programma politico, não tem esse conteúdo riquissimo, que elle em sua suggestiva prosa e em seus versos inspirados se acura de trazer ao relevo distincto da sua arte; a saudade é só um estado de alma, como diriam nossos romanticos avós, em que nos entregamos ao delicioso e discreto prazer de rememorar o que amamos e de crear pelo devaneio uma attenuada repetição, entregues ao delirio da associação das imagens e recordações. E' um estado eminentemente poetico, propenso ao lyrismo e creador de algumas immortaes obras de arte. Sobre elle assentou Souriau o seu systema esthetico e como todo o coração bem formado, que alguma vez experimentou a precaria felicidade e algum momento amou, de saudades penou, em todos os cantos da terra ha saudosistas, em todas as linguas do mundo ha palavas que á saudade exprimam.

Enganou-se Garrett quando, illudido pela belleza euphonica do vocabulo português suppôs a saudade não sabida «das orgulhosas boccas dos Sicambros», como se um fremito de aligeras saudades não percorresse todo o lyrismo de Lamartine e Musset; e tambem, ainda que em boa companhia, se engana o sr. Teixeira de Paschoaes não se lembrando que até a barbara Allemanha de Schiller soube ter saudades, soube poeticamente idealizar a sua *Sehnsucht*. O que realmente se passa no espirito

do sr. Teixeira de Paschoaes é uma preferencia por esse thema litterario, o que faz honra ao seu gosto e, pelos resultados colhidos, tambem ao seu éstro.

Como da saudade sentimento se passa para essa vasta architectura do saudosismo, não é facil explicar, porque coherencia logica e transparente nitidez não são caracteristicas desta doutrina. Se ellas faltam até nas mais geniaes concepções de metaphysica, quando a aza solta da inspiração philosophica livremente vôa!... Tambem não poderemos comprehender por que conduzem o nacionalismo e o historicismo, que o sr. Teixeira de Paschoaes propugna, não ao tradicionalismo politico, mas á apologia da republica e cremos que até do democratismo tal como elle por ahi pesadamente se faz sentir. Parto nebuloso dum espirito de poeta, onde sobra a inspiração lyrica, mas onde escasseia a capacidade philosophica e até o rigor logico, a doutrina do sr. Paschoaes ostenta-se envolta de mysticismo e symbolismo proprios de espiritos que na imprecisão se comprazem.

Mais vivamente palpita de espirito de realidade essa outra doutrina a que seus sequazes chamaram integralismo lusitano. O sentimento inspirador dessa doutrina é o desanimo das democracias, refutadas no campo doutrinario e nas suas praticas exemplificações, e a sua idéa fundamental é o regresso ás antigas bases das sociedades, a tradição e a auctoridade. Essa tradição só a reconhecem os integralistas na organização social do seculo XVIII, principalmente pelo que de medieval nella subsistia; essa auctoridade só a encontram os mesmos no absolutismo monarchico, no poder pessoal e livre do rei. Fazem portanto taboa raza de mais dum seculo de historia patria, acordando serodiamente o paradoxo de José de Maistre, tornando mais cerrado e severo o pensamento de Maurras, seu pae espiritual, como se fosse possivel voltar atraz, para reviver o tempo que passou, mesmo aquelle que foi mal vivido. Não é possivel, como um adulto desilludido e provado pela adversidade não póde regressar á distante infancia, que de longe lhe acena como um eden perdido, embora de boa mente

quizesse sacrificar os ensinamentos dessa mesma desillusão e dessa mesma adversidade.

O saudosismo partiu da litteratura, que quiz renovar para a politica, que preconiza a um tempo tradicionalista e democratica — que consorcio hybrido! —; o integralismo só politicamente se affirmou como programma partidario de acção e declara-se intransigentemente monarchista e anti-parlamentar em um programma coherente, equilibrado e systematico nas suas partes, mas não desdenha envidar esforços de crear uma litteratura que seja a apologetica artistica do seu credo.

Passando uma esponja inexoravel sobre mais de cem anos de vida historica do paiz o integralismo tambem repulsa a interpretação corrente dessa historia e propõe-se refazer de alto a baixo as idéas sobre historia patria. E' desse proposito um exemplo o perfil de Gomes Freire traçado pelo sr. Antonio Sardinha, theorico do grupo, cuja magnifica intelligencia não deve contar esse perfil como a sua melhor demonstração.

Estes dois movimentos de idéas não têm as proporções e o alcance, que seus propugnadores lhes attribuem, nem são indifferentes como podem julgar os espiritos preguiçosos. Em nosso pensar são simultaneamente nocivos e efficazes. São nocivos pela sua attitude de estricto nativismo, sabido como é que a prata da casa é mais que insufficiente para nosso governo, são nocivos pela sua attitude de hispano-phobia, sendo certo que foi sempre em nosso prejuizo que se quebrou a harmonia politica e moral da peninsula iberica e que a Hespanha é hoje um paiz de intensa cultura que muito nos pode ensinar. São efficazes pela coragem moral que demonstram em affirmar principios: o saudosismo pelos serviços prestados á instrucção e á educação por meio de suas publicações, o integralismo pelo acordar de velhos tratadistas portugueses de direito publico, ha muito esquecidos sob o pó dos seculos e pelo ventilar de problemas novos. O tempo dirá qual das influencias ha de prevalecer.

Cultura portuguesa contemporanea [1]

Sim, gostosamente lhe direi algumas impressões sobre a vida intellectual do meu paiz, mais intensa e original do que geralmente se pensa e tambem para o Brasil mais interessante que a sua agitação revolucionaria. Naturalmente limitar-me-hei á pura arte litteraria e aos estudos humanisticos, mais proximos das minhas tendencias.

Da grande geração litteraria de 1865-1866, engrossada depois por elementos de outra proveniencia que se lhe juntaram por identidade espiritual, alguns auctores existem ainda, como os srs. Theophilo Braga, Guerra Junqueiro e Gomes Leal, mas supponho não accrescentarão já a sua gloria. Hoje culmina o grupo, que surgiu no fim do seculo passado, sob a inspiração dos decadentistas franceses, mas que promptamente evoluiu para o nacionalismo, indo por vezes ostentar qualidades inteiramente oppostas ao seu programma. Impregnados a principio do pessimismo nostalgicamente nacionalista de Antonio Nobre, esses escriptores vieram a ser os restauradores dos bons creditos da Patria na litteratura, em reacção contra os satyricos e hypercriticos antecessores. Anthero de Figueiredo, Eugenio de Castro, Julio Brandão, Silva Gaio, Malheiro Dias, Corrêa de Oliveira, Alberto de Oliveira, e tantos outros regressaram aos themas nacionaes de nossa historia, ás bellezas da nossa paizagem e á fonte da inspiração popular, restituiram a

[1] Publicado no *Rio-Jornal*, do Rio de Janeiro, de 22 de setembro de 1920, como entrevista com um seu redactor.

pureza da nossa lingua que o francezismo dos realistas eivára e desempoeiraram as velhas formas metricas, sem menospreço da emoção esthetica e do sentimento, objectivo da obra de arte.

Anthero de Figueiredo, mestre da lingua, é o dilecto chronista das grandes paixões amorosas, registe-as a historia ou presenceie-as elle na vida.

Este nacionalismo toma logicamente um aspecto historico, pois um longo passado é a unica realidade que póde fundamentar ou crear uma personalidade.

Deriva essa tendencia da eterna alternativa de idealismo e positivismo, de aspirações poeticas e praticas realizações, de cosmopolitismo e localismo, de expansão e concentração, em que se cifra a vida do espirito humano. Plausivelmente, este pendor nacionalista tem tambem causas proximas e uma dellas será o velho instincto de contradicção. As perseguições á igreja produziram a reviviscencia do sentimento religioso; a systematica demolição do passado produziu uma resurreição do gosto historico que se patenteia nas obras da geração já alludida, nas de grupos posteriormente apparecidos, como a Renascença Portuguesa, o Integralismo Lusitano e os Novos da Lusitania, e nas de outros auctores que em sua plena independencia não deixam de revelar grande communhão espiritual com esta tendencia. Não posso agora dar a summula destes grupos de estudiosos e idealistas, mas não quero deixar de consignar que todos elles querem fazer litteratura de acção social, todos têm seu programma de restauração das prosperidades da Patria; a Renascença por uma mysteriosa conciliação do radicalismo e do historicismo; o Integralismo pelo restabelecimento da tradição extreme de modernismos.

Penso que posso descrer da efficacidade de seus programmas considerados em globo; mas tenho o dever de reconhecer que no caminho andado esses grupos têm constituido valores, mórmente o Integralismo, um dos mais importantes movimentos de idéas que tem havido em Portugal e tambem das mais nobres affirmações de caracteres. Chefiam esse movi-

mento, que tem uma bibliographia doutrinaria e tambem uma litteratura artistica, Antonio Sardinha, Conde de Monsaraz, Pequito Rebello, Vasco de Carvalho e Hippolyto Raposo.

Pouco antes de sahir de Portugal, fui sollicitado para cooperar num movimento parallelo dentro das formulas republicanas, especie de conciliação do regimen com as antigas bases sociaes de tradição e auctoridade. Ignoro o que se tenha feito. Da politica nem a abstracta theoria já me interessa.

Mas este pendor do espirito para a historia patenteia-se na sciencia com mais relevo e talvez com mais proveito para o publico do Brasil, que em Portugal não póde deixar de ver o relicario do seu nacionalismo. A velha Academia Real das Sciencias (que é preciso não confundir com uma academia quasi homonyma que o regimen tem gasalhado em detrimento daquella), a velha Academia de D. Maria I continua a sua tarefa ingente. Celebrando os centenarios da conquista de Ceuta e da morte de Albuquerque, publicou opulentas collecções documentares e criticas, e manuscriptos inéditos. Os *Portugaliae Monumenta Historica*, que Herculano fundára, proseguem a sua publicação, dirigida por Braamcamp Freire e Pedro de Azevedo. Grupos de trabalhadores revolvem o passado, publicando documentações sepultadas nos archivos ou propondo novas interpretações de velhos assumptos. Esses grupos têm seus orgãos, dos quaes são o *Instituto*, o *Archivo Historico Português* e a *Revista de Historia*.

Os discipulos de J. Leite de Vasconcellos, em volta dos seus ensinamentos, fazem philologia, archeologia, epigraphia folk-lore e ethnographia, e têm tambem seus orgãos como o *Archeologo Português*, a *Revista Lusitana* (irmã mais velha da *Revista de Lingua Portuguesa* de Laudelino Freire), a *Lusa* e *Nossa Terra*. Pela cooperação de desenhadores de talento e pelo maior gosto de seus cultores, a ethnographia toma agora em Portugal um elevado caracter artistico.

Os estudos orientaes têm tambem progredido em meu paiz, cuja historia decorreu depois de Ceuta sempre em proximo

contacto com arabes, indios, chineses e japoneses. São bem conhecidos no Brasil os chefes desses estudos orientaes, Monsenhor Dalgado, sãoskritologo, David Lopes que restaurou o ensino official do arabe, e Esteves Pereira.

A historia da medicina em Portugal tem em Maximiano de Lemos o seu mais notavel cultor, e a astronomia nautica e os fundamentos scientificos das navegações portuguesas foram recentemente esclarecidos com conclusões novas e importantes pelos srs. Joaquim Bensaude e Luciano Pereira da Silva.

Os estudos classicos, grego, latim e suas litteraturas, outr'ora tão brilhantes em Portugal, que ainda na primeira metade do seculo XIX se ostentou uma brilhante pleiade de traductores e exegetas, haviam chegado ultimamente a grande decadencia com a morte de Epiphaneo Dias, Gonçalves Vianna e Gonçalves Guimarães. Deve-se porêm prestar homenagem aos esforços da Faculdade de Letras de Coimbra, que está sendo um verdadeiro seminario de humanistas, como Silva Gaio, Gonçalves Cerejeira, Simões Neves e outros.

A historia da philosophia em Portugal e a historia do direito português, com sólida base de emoção e perspicaz espirito critico, constituiram-nas os professores de Coimbra, Joaquim de Carvalho e Manuel Merêa.

Com a morte de Ernesto Vieira não se suspenderam felizmente os estudos de musicographia, porque Joaquim de Vasconcellos e Moreira de Sá os proseguem; este ultimo publica neste momento uma importante historia geral dessa arte, de que eu trouxe para o Brasil os primeiros exemplares.

Os estudos germanicos, que sempre foram frouxos, são agora cultivados com proficiencia por Gustavo Ramos, Pimentel d'Almeida e João da Providencia de Sousa Costa.

A historia das outras artes tem por principaes representantes ao mesmo Joaquim de Vasconcellos e a Antonio Augusto Gonçalves, verdadeiros chefes de escola, ao dr. Ricardo Jorge, espirito multiplice e a José de Figueiredo, o incansavel revelador da primitiva pintura portuguesa.

O meu collega Fortunato de Almeida restaurou os estudos de historia ecclesiastica, em grande desanimo depois da extincção da Academia Real de Historia, do seculo XVIII, nos quaes tambem coopera Monsenhor J. A. Ferreira; e J. Lucio de Azevedo, excepcional organização de historiador, tem renovado com seu pessoal criterio velhos problemas como o Marquez de Pombal, o Padre Antonio Vieira e a questão dos christãos-novos.

Christovam Ayres, Ferreira Gil e Teixeira Botelho cultivam a nossa historia militar.

Nestes progressos intellectuaes, realizados nas mais desajudadas circunstancias, collaboram estrangeiros, dilectos amigos de Portugal, como a insigne D. Carolina Michaëlis e o meu eminente confrade, Mr. Edgar Prestage, e tambem os padres congreganistas, jesuitas principalmente, que foram expulsos de Portugal e que longe da patria para ella dedicadamente trabalham em Hespanha, na Belgica e no Brasil.

Por certo o Brasil interessar-se-ha por esta actividade, tão rapida e incompletamente bosquejada neste improviso. Ás pessoas que desprevenidamente nos observam neste aspecto é que nós, os homens de letras portugueses, temos por amigos de nossa patria.

Os eruditos hespanhoes vivamente se interessam pela cultura portuguesa. Neste momento se organiza um centro de estudos portugueses, a cuja abertura terei a honra de assistir quando deixar o Brasil.

Introducção a uma anthologia castelhana de litteratura portuguesa [1]

E' muito abundante a bibliographia castelhana de anthologias, como Menéndez y Pelayo evidenciou no prologo da sua, ao fazer como que a historia dos criterios organicos desses florilegios. E' pelo contrario muito escasso o numero de collectaneas de lugares selectos, em que por traducção as litteraturas peninsulares se revelem umas ás outras, não como manifestações culturaes estrangeiras, mas como facetas dum mesmo genio peninsular, que o particularismo regionalista diversificou, mas cuja cohesão a geographia, a ethnographia e a historia conservaram. Como ha uma civilização iberica, ha um genio litterario iberico; as litteraturas parcellares, castelhana, portugueza, gallega e catalã são só differenças linguisticas e regionaes, que cada povo consigo conservou e elaborou ao separar-se para a vida autonoma e ás quaes é necessario considerar e integrar para reconstituir o genio litterario hispanico. Este pensamento norteou sempre a Menéndez y Pelayo e foi pelo preclaro critico exposto logo em 1876 no artigo *Letras y Literatos portugueses*, cartas dirigidas de Lisboa a Pereda e publicadas nesse anno na revista santanderina *La Tertulia*.

A fecundidade deste ponto de vista demonstra-o a obra de Pelayo, que nunca teve por estranhos os assumptos portugueses e que, tomando na accepção mais comprehensiva a expressão «civilização iberica», do vasto conjuncto della se

---

[1] Traduzida para castelhano pelo sr. D. Ramon Maria Ferreira.

occupou, assim no seu fóco peninsular como na sua expansão americana.

O estudo em relação das litteraturas peninsulares e a presença sempre em mente desse ponto de vista, da unidade do genio litterario iberico, mostram que se alguns generos e algumas attitudes espirituaes faltam a cada parcella e outras são de cada uma dellas tão privativas que chegam a formar contrastes, rara será a fórma de sensibilidade esthetica, o genero litterario, a modalidade que não tenha representação nesse grande conjuncto. O lyrismo subjectivo, que não abunda na litteratura castelhana, é caracteristica saliente na portuguesa; se a esta falta o theatro, brilhantemente elle se ostenta na primeira; se a epopêa classica escasseia em Castella, ella culmina em Portugal; ao insulamento moral dos lyricos portugueses oppôe-se a tendencia popularista dos auctores castelhanos. Esta idéa duma synthese guiadora das investigações particulares sobre as litteraturas da peninsula é tanto uma concepção critica como um methodo, e no dia em que ella tenha sido amplamente praticada como norma de trabalho, implicitamente nos resultados obtidos estará feita a sua demonstração. Será então possivel que perante o mundo surja, a par da typica unidade da civilização iberica, a unidade do genio litterario peninsular, expresso ora em português, ora em castelhano, ora em catalão, ora em gallego, e fazendo brilhar facetas de tão diversas refracções que certamente será dos mais multimodos.

*

* *

A presente anthologia propõe-se offerecer ao publico castelhano um florilegio de obras primas da litteratura portuguesa do seculo 19.º, que reflectiu como um espelho as principaes tendencias estheticas do pensamento europeu e como um fóco as irradiou sobre o Brasil, paiz irmão, em cuja cultura sempre

se respira uma atmosphera de *lusismo*, semelhante á de innegavel *hespanholismo*, que reina em toda a America hespanhola.

O collector desta anthologia escolheu para os seus recórtes essa epocha moderna, por algumas razões que se lhe affiguraram ponderosamente decisivas. Havendo que tornar mais familiar do publico castelhano a litteratura de Portugal, sendo applicavel tanto ás massas cultas como ás turmas escolares o sabido preceito pedagogico de partir do proximo para o longinquo, do menos desconhecido para o mais desconhecido, e sendo já bastante amado desse publico Eça de Queiroz, uma das figuras primaciaes do seculo 19.º, julgámos que se poderia com vantagem fazer por esta epocha a iniciação.

Nessa phase da evolução litteraria de Portugal dá-se como que uma synthese das sua feições nacionaes mais especificas com as mais dominantes tendencias geraes, de sorte que ella é ao mesmo tempo uma affirmação nacionalista e cosmopolita, e póde offerecer a um publico não português a emoção do contraste com a sua individualidade e o prazer da concorde identidade por dar expressão com a sua generalidade ás mais relevantes preoccupações desse publico. Sobretudo a terna sympathia, que a imaginação, a ironia e a prosa plastica de Eça de Queiroz teem inspirado no mundo hespanhol, será a justificação principal de se lhe offerecer agora este florilegio de auctores, de alguns dos quaes Eça de Queiroz provém menos por filiação espiritual do que por protesto, e sobre alguns dos quaes poderosamente influiu.

Durante muito tempo foi opinião corrente em Portugal, nas escolas ensinada como doutrina orthodoxa, que era o seculo 16.º a epocha aurea da historia da litteratura nacional.

Não discutindo por agora a pratica de percorrer toda uma evolução litteraria com o estalão do *melhor*, reconheceremos que tal opinião tinha como principal fundamento tradicional a presença de Camões e poderia allegar como fundamento critico o ser o momento mais original porque no seculo 16.º se creou a epopêa e o lyrismo camoneanos, o theatro vicentino,

a novella moderna, o bucolismo neo-classico, a historiographia colonial, as relações de viagens, as narrativas de naufragios, todos esses generos que constituem o que chamaremos cyclo dos descobrimentos. Mas, se mais do que nacionalismo individual, pedirmos valores estheticos perduraveis por humanos, dos que jazem na raiz da escala, como queria Taine, hemos de confessar que o seculo 19.º com justiça disputará a palma ao seculo 16.º E já foi um triumpho da critica que se sahisse do antigo juizo immobilizado e que este problema entrasse no ensino publico, sob a seguinte formula: «Qual a epocha que deve considerar-se de esplendor na litteratura portuguesa: o seculo 16.º ou o seculo 19.º?» [1]

O seculo litterario, que perfiguramos na presente anthologia, é já uma phase de maturidade avançada, que vem no fim duma historia de sete seculos, pois do fim do seculo 12.º são os mais antigos monumentos litterarios conhecidos. Póde seccionar-se essa historia do modo constante do seguinte quadro:

1.ª — ERA MEDIEVAL: (1189-1502) — Desde os primeiros monumentos litterarios até ao inicio da carreira dramatica de Gil Vicente.

A — *Primeira Epocha*: (1189-1434) — Das origens á creação do cargo de chronista-mór do reino.

B — *Segunda Epocha*: (1434-1502)

2.ª — ERA CLASSICA — (1502-1825) — Da recitação do *Auto da Visitação* de Gil Vicente, sua primeira peça, á publicação do poema *Camões*, de Garrett, primeira obra de gosto romantico.

---

1 V. *Litteratura nacional — Programma para o ensino complementar*, sr. Alfredo Coelho de Magalhães, Porto, 1914, pag. 11.

A — *Primeira Epocha* — Até á morte de Camões.
(1502-1580)

B — *Segunda Epocha* — Até á fundação da *Arcadia Lusitana*, que visava a reagir contra o culteranismo e restituir o gosto á sua pura forma classica.
(1580-1756)

C — *Terceira Epocha* —
(1756-1825)

3.ª — ERA ROMANTICA —
(1825 — á actualidade)

A — *Primeira Epocha* — Até á polemica chamada *Questão do bom senso e do bom gosto.* [1]
(1825-1865)

B — *Segunda Epocha* — Até á morte de Eça de Queiroz.
(1865-1900)

---

[1] Polemica travada entre os partidarios do romantismo, grupados á volta de Feliciano de Castilho, e os do realismo, grupados á volta de Anthero de Quental e do snr. Th. Braga. A causa proxima foi a referencia desdenhosa a estes dois escriptores feita por Castilho no prologo do *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas. O nome proveio-lhe duma passagem desse prefacio de Castilho, generalizada depois pelo titulo da carta de Anthero, *Bom Senso e Bom Gosto*. Foi uma verdadeira batalha litteraria. A sua vasta bibliographia de folhetos e artigos é apontada por Innocencio no seu *Diccionario Bibliographico*, vol. 8.º Tem sido comparada esta polemica á questão allemã *Sturm und Drang*, mas sem fundamento porque os significados destes dois episodios são justamente contrarios: a polemica do *Bom Senso e bom Gosto* foi antinacionalista e cosmopolita e quiz estreitar o contacto com as correntes estrangeiras; *Sturm und Drang* pretendia romper com a imitação estrangeira e regressar á tradição litteraria nacional.

*

* *

A litteratura que decorre desde 1189, data presumivel da primeira composição lyrica, até á actualidade, não é uma litteratura inteiramente original, como nenhuma é, mesmo a grega, nem predominantemente original como algumas são, que do proprio movimento interno derivam a sua differenciação; tem acompanhado sempre solidariamente as estrangeiras e dessa solidariedade tem extrahido os seus melhores recursos, embora por si mesma os tenha elaborado em alguns cunhos de originalidade. Póde mesmo affirmar-se que com o isolamento coincidem os momentos de decadencia e com o contacto mais estreito com as geraes correntes de idéas e de gosto se ajustam as phases de mais vivo progresso renovador. De fóra, doutras regiões da peninsula, da Bretanha e da Provença vieram os iniciaes impulsos; da Italia e da Hespanha os germens do Renascimento; da Hespanha a tendencia geral que revestiu no seculo 17.º; da Italia certa modalidade do theatro no segundo quartel do seculo 18.º; da França a esthetica que dominou todo o movimento arcadico; de França, Inglaterra e Allemanha a renovação romantica; de França a reacção critica do realismo; da Allemanha certo gosto da philosophia contemporaneo do realismo; e ainda de França proveio o symbolismo.

A' especial physionomia da vida portuguesa no seculo 16.º se deveu a feição mais typica do classicismo quinhentista, assim correspondendo a phase mais original da historia litteraria á phase mais original da historia politica e social.

Combinando estes elementos e encarando-os no seu conjuncto depois de haverem sido elaborados pelo espirito nacional, surprehende-se uma physionomia propria nessa evolução litteraria, onde como já dissemos faltam aspectos noutras litteraturas peninsulares prevalecentes e sobram outros nellas muito raros, não deixando tambem de haver coincidencias.

São feições caracteristicas dessa physionomia, em nosso pensar, as seguintes: o cyclo dos descobrimentos, o predominio do lyrismo, a frequencia do gôsto épico, a escassez de generos dramaticos, a carencia de espirito critico e de espirito philosophico, a separação do largo publico, a presença de certo mysticismo no pensamento como no sentimento e a fórma diffusa da sua creação psychologica. [1]

Cumpre-nos esclarecer que a proposta destas feições da historia litteraria portuguesa como essenciaes envolve o abandono completo da tradicional maneira de conceber os generos litterarios como realidades em si, quasi especies organicas como queria Brunetière, vivendo duma vida propria; para nós os generos litterarios mais não são do que fórmas de expressão, que o auctor adopta e faz variar infinitamente, consoante os seus sentimentos e a sua imaginação, só dentro dos limites impostos pela propria essencia intrinseca da arte litteraria.

Só emquanto dominou a esthetica classica eram as fronteiras dos generos bem nitidamente limitadas, mas ainda assim como haviam desapparecido as circunstancias sociaes e intellectuaes, que na Grecia e em Roma tinham determinado a formação desses generos, elles prompto transpuzéram essas fronteiras, embréchando-se uns nos outros. O que nós considerámos quando propuzémos determinada caracterização, foi a attitude de espirito do escriptor e o seu escopo em vista, e este é em grande parte independente da fórma extrinseca do genero litterario, em que se exprime; o artista póde crea-los de novo ou confundi-los arbitrariamente e póde até exprimir-se em

---

[1] V. o nosso estudo *Caracteristicas da Litteratura Portugueza*. Existe uma traducção castelhana de D. Ramon Maria Tenreiro, publicada pela Casa Editorial Estudio, Barcelona, 1916. Será curioso approximar das nossas conclusões as do snr. D. Ramon Menendez Pidal no seu excellente estudo *Algunos caracteres primordiales de la literatura española*, no *Bulletin Hispanique*, tomo XX, Bordeus, 1918.

fórmas communs, peças de utilidade, que assim só por coincidencia se tornem artisticas. [1]

Pela caracteristica que designámos como *cyclo dos descobrimentos*, entende-se a existencia dum conjuncto de obras que teem por objecto os descobrimentos maritimos e suas consequencias politicas e sociaes, a qual se verifica no seculo 16.º principalmente.

Esta épocha litteraria do quinhentismo é constituida por três ordens de elementos: *medievaes:* a velha metrica que alguns poetas continuaram a cultivar, em despeito da sua educação classica, as origens e a estructura do theatro vicentino, a historia ordenada por chronicas de reis, á maneira de Fernão Lopes, seu creador, e a novella de cavallarias; *classicos* ou de *imitação italiana:* o theatro classico, comico e tragico, o romance e a ecloga pastoraes, a nova metrica com suas variedades e a epopêa classica; *nacionaes:* o movimento intenso do theatro vicentino, isto é, a intriga que nelle se agita e que reproduz o theor da vida nacional dessa epocha, a historiographia colonial, a maneira camoneana da epopêa classica, generos novos como narrações de naufragios, roteiros e relações de viagens terrestres, que muito têm de arte litteraria.

Por predominio do lyrismo deve entender-se a preferencia dada sempre, em toda a historia da litteratura portuguesa, pelos auctores e pelo publico, á poesia lyrica como genero poetico e como attitude artistica, isto é, a preferente curiosidade de devassar e expôr a propria vida moral, o gosto de patentear toda a alma num relevo de primeiro plano. Nesta interpretação lata ha lyrismo em generos muitos diversos da poesia lyrica, por os dominar esse subjectivismo extremo.

Em todo o desenvolvimento desta litteratura encontraremos sempre mais amados os escriptores que obstinadamente

---

[1] Propuzémos uma classificação de generos na *Critica Litteraria como Sciencia*, Lisboa, 1912. 3.ª edição em 1920.

voltaram ao mesmo sentimento do amor, á confissão pessoal, á expansão da melancholia, da saudade, da dôr contradictoria de amar e aborrecer a vida, não tivessem os seus antecessores esquecido algum rincão escuso, calado alguma modalidade desses eternos sentimentos. Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Camões o genial sonetista, Diogo Bernardes, Andrade Caminha, Agostinho da Cruz, Rodrigues Lobo, Bocage, Corrêa Garção, Gonzaga, Garrett, Herculano, João de Lemos, Soares de Passos, João de Deus, Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Antonio Nobre, Corrêa de Oliveira, Eugenio de Castro e tantos outros formam uma galeria de poetas de intensa vibração, que versando muitos os mesmos themas, raro se repetiram.

E' frequente em Portugal o caso de Félix Anvers levado á immortalidade por um unico soneto; muitos poetas foram salvos do esquecimento por uma pequena peça, quadra que lançaram na circulação, metaphora nova que acharam.

A frequencia do gosto épico revela-se não só na abundancia de materia épica que á litteratura a vida nacional ministrava e no cultivo da epopêa como genero autonomo, mas tambem no tom épico que invade outros generos, como a historiographia, onde mais de uma vez a grandiloquencia heroica quebrou o espirito de justa proporção.

A escassez de teatro é confirmada amplamente pela simples inspecção da historia: do theatro medieval só ha vestigios muito rudimentares e só por via indirecta conhecidos; após a creação do auto de Gil Vicente, logo estagna sem progresso, em fórmas inferiores; o theatro classico do quinhentismo não é quantioso, nem valioso, excepção feita da *Castro*, de Ferreira, que é principalmente um drama lyrico, como de caracter lyrico são as principaes manifestações dramaticas posteriores, que não repitam o comico burlesco de Gil Vicente.

No actual estado da erudição póde affirmar-se que não ha uma historia da philosophia portugueza nem da critica portugueza, muito embora auctores houvesse que com distincção

cultivassem a philosophia e a critica. Com intensidade variavel e com diversidade de processos houve sempre do seculo 16.º até á actualidade episodios criticos e bibliographia critica em quantia, o que nos permittiu organizar uma historia da critica em Portugal, mas esses episodios e essa bibliographia exerceram rara influencia normativa na evolução litteraria e não ostentam cunho nacional. Modernamente igual trabalho, quanto á philosophia, se propõe o prof. Joaquim de Carvalho que, arrostando com uma geral presumpção, procura apontar a nota original que o genio português feriu na philosophia. Certamente, considerando o conjuncto da historia da philosophia peninsular, nella encontraremos algumas contribuições de valor devidas ao genio português, como encontraram Menéndez y Pelayo e o sr. Bonilla y San Martin, mas na litteratura muito pouco passou de preocupações philosophicas.

E' bastante avultada a representação do mysticismo na historia da litteratura portuguesa. E por mysticismo nós entendemos não só a doutrina philosophica que acceita a communicação com a divindade e que, como processo, consiste na indagação da vida interior com o fito de fiscalizar todo o trabalho do espirito, para que elle se não affaste do caminho marcado pelo credo religioso, mas tambem determinado estado das consciencias, em que predomina a confusão das categorias logicas e a invasão do sentimento no mundo do pensamento.

A' presença desse mysticismo, que reveste fórmas muito variadas e que, ainda que pareça muito estranho, foi a principal via por que a litteratura portuguesa communicou com a vida social circumjacente, sob uma fórma soffredora quasi sempre; a esse mysticismo deve esta litteratura algumas das suas mais formosas paginas. Mystica é a litteratura medieval porque o mysticismo domina toda a vida medieval. São obra de mysticismo a agiographia, os escriptos moralistas e alguma parte da historiographia dessa epocha. Mas é principalmente na era classica e na romantica, nos seculos 16.º e 19.º, que esse resaibo mais caracteristico se torna, visto que são ellas

as phases principaes da litteratura de que nos occupamos. A historiographia alcobacense, de que a *Monarchia Lusitana* é a obra central, grande parte da historiographia dos seculos 17.º e 18.º, Fr. Luiz de Sousa, a poesia prophetica, Fr Antonio das Chagas, o theatro de Violante do Ceu, as poetisas dos conventos, os escriptos de edificação moral e religiosa desses seculos, Fr. Amador Arraes, Fr. Heitor Pinto, Fr. Thomé de Jesus, Samuel Usque, que são senão abundantes e frizantes testemunhos desse mysticismo religioso e proselytista ou politico e sebastianista, mas sempre um cunho inilludivel dum commum fundo espiritual? O mysticismo exaltou a imaginação nacional e deu requintes de sensibilidade e elegancias de expressão, que percorrem a mais extensa escala desde a resignação calma ao arroubo cruciante do soffrimento. E se a arte visa principalmente a exprimir a dôr, como a fórma mais bella de sentir a vida e de revelar a personalidade e como inexhaurivel fonte de sentimentos, sem a limitada monotonia dos estados de felicidade, póde bem dizer-se que na lingua portuguesa ella tem alguns dos seus momentos augustos, porque ora no lyrismo amoroso, ora no multiplo mysticismo — em certa medida coincidentes — se traduziram das mais delicadas fórmas da sensibilidade humana.

O mysticismo tornou-se doutrinario e divulgou enganosas interpretações, puras construcções da imaginação. Foi uma dellas o corpo de idéas que os historiographos cistercienses organizaram ácerca das origens da nacionalidade e sua historia — a que se misturava um pouco de má fé, quanto a processos. Pois essas opiniões eram tão perigosamente suggestivas, que foram precisos dois seculos para desannuvear a atmosphera historica dessas phantasmagorias.

Polemicas e votos collectivos de academias, toda uma vasta bibliographia de combate se empenhou nesse trabalho. E ainda em pleno seculo 19.º o mysticismo historiographico ergueu a voz clamorosa contra Herculano.

Nesse derradeiro episodio interveio um arabista hespanhol, D. Pascual Gayangos.

Tão individualizada, esta litteratura não podia populizar-se, porque não traduzia emoções collectivas — e quando algumas vezes o fez personalizou-as o mais que pôde, interpretou-as através do crivo do lyrismo subjectivo, como succedeu com a tendencia sebasteanista, que a litteratura em breve reduziu a complexa doutrina só accessivel a iniciados, como succedeu com a crise politica do fim do seculo 19.º que a litteratura, glosando-a em thema, inteiramente deturpou e exaggerou por uma especie de daltonismo intellectual.

Falha de espirito de objectividade, a litteratura portuguesa não tem grande tendencia para a synthese psychologica, para o estudo dos caracteres e para a creacção dos typos. Tem, não obstante, a sua psychologia, pois não ha litteratura que se possa desinteressar da vida interior do homem, mas sob fórmas menos concentradas, aquellas que são compativeis com as caracteristicas essenciaes, que propuzemos, descripção e idealização de aspectos moraes, collectividades, casos, tendencias espirituaes, em que todos reconhecemos alguma coisa de nós proprios, sem que nenhum de nós seja integralmente representado.

Ninguem negará que no theatro vicentino, no lyrismo de Camões, nas cartas de Marianna Alcoforado, nas *Folhas Cahidas* de Garrett, nos *Sonetos* de Anthero e nos *Simples* de Junqueiro haja muita psychologia, e da mais profunda e subtil, aquella que lhes revelaram a sua estreita solidariedade com as preoccupações do seu tempo ou a sonda penetrante da intuspecção.

*
* *

Ao organizar a presente chrestomatia não visámos a qualquer intenção critica de demonstrar o desenvolvimento histo-

rico de duas épochas litterarias, de exemplificar os caracteres primordiaes propostos acima e menos ainda de evidenciar a evolução artistica de cada um dos auctores; sómente pretendemos offerecer ao publico de elevado gosto um ramilhete das flores, que nesse percurso de setenta e cinco annos se nos affiguraram menos sujeitas á triste condição de brevemente emmurchecerem. Deixámos, pois, de lado o criterio historico, para só nos atermos ao esthetico, que, por mais que o fundamentemos sobre bases impessoaes, é sempre contingente.

Feita sobre o seculo 19.º, a nossa colheita será menos discutivel do que quando a fizemos sobre epochas anteriores, porque é principalmente neste seculo que, na sua grande generalidade, a litteratura portugueza ostenta grande condensação de effeitos, escrupuloso acabamento, algumas vezes requintada execução formal.

Sempre houve, desde o seculo 16.º até ao realismo, grande amor á lingua, á sua pureza e ao seu enriquecimento; abundam os pleitos sobre estylo e muitos foram os auctores que fizeram declarações emphaticas de sacrificar a esse culto da sua linguagem a maior divulgação que lhes daria o uso da castelhana, entre elles Antonio Ferreira e Fr. Bernardo de Brito, como tambem houve os que souberam tornar-se classicos tanto na portugueza como na castelhana. Mas esses desvelos visavam á creação dum estylo uniforme e impessoal, o bom estylo litterario ensinado nas rhetoricas, o que se accordava com a corrente concepção esthetica da Belleza unica dos antigos e o processo unico da imitação destes para a attingir. Os carinhos do artista que visa a crear um estylo seu e que á expressão mais do que á pureza tende, que rebusca, emenda e aperfeiçôa o vestido da idéa, na certeza de que lhe dará relevo maior, são excepções, durante a era classica, com Jacintho Freire de Andrade, Manuel Bernardes, Padre Antonio Vieira, Frei Luiz de Sousa, D. Francisco Manuel de Mello e Mathias Ayres. O culto da lingua, como instrumento de arte, a creação dos estylos individuaes só podia surgir no seculo 19.º, com a

invasão da personalidade do auctor na litteratura, com o romantismo. E ainda, em pleno seculo 19.º, a par de creadores de estylo, tão originaes como Garrett e Herculano, coexistiu Castilho, ultimo abencerragem do estylo classico, unico, impessoal e improgressivo.

Foi contra Castilho e o tradicionalismo obsoletamente intolerante que em 1865-1866 se insurgiu a geração realista.

D'estas duas pleiades litterarias do seculo 19.º, romanticos e realistas, ou, querendo apontar o primeiro numero do seu programma negativo, de adversarios do clacissismo e de adversarios do romantismo, offerecemos algumas formosas paginas, que não ousamos ter como as mais bellas, nem plenamente representativas das obras e dos auctores a que pertencem.

Obras de grande belleza, que não têm o acabamento formal referido, mal se fazem representar pelos trechos recortados, porque nellas nenhuns ha que pela sua equilibrada perfeição, subtilmente cuidada, a elles mesmos se estejam a indicar como mais idoneos para serem incluidos num florilegio de primores; essas obras, que com grande constrangimento tivemos tambem de fazer representar, mais soffrem ás vezes nessa representação do que no olvido injusto em que as deixassemos.

Outras vezes tivemos a felicidade de se nos depararem dessas paginas acabadas, mas ellas eram uma excepção no conjuncto da obra e por isso a não representam cabalmente.

Póde-se fazer algum juizo seguro das *Viagens na minha terra*, ligeiras e digressivas, pelos quadrinhos da disputa entre campinos e varinos, da merenda no valle e pela carta final? Não estão o enterro de D. Luiz e o episodio do violinista Sergio, nos *Gatos*, em inteiro contraste com o conjuncto da obra pamphletaria, dispersiva e violenta? Os exemplos poderiam ser numerosos.

Possa esta despretenciosa anthologia accender alguma curiosidade sobre a vida mental de Portugal que alguma achega assim terá proporcionado para a realização do alto ideal de Menéndez y Pelayo, que no fundo nada mais é do que accordar

aquella intimidade e penetração de culturas, que existiram até ao seculo 18.º e que permittiram a Domingos Garcia Peres a laboriosa elaboração duma prestante lista de escriptores portugueses em lingua castelhana e a Sousa Viterbo eruditas e muito informadoras investigações sobre poesias de auctores portugueses insertas em obras hespanholas e sobre obras hespanholas editadas em Portugal. Posteriormente as duas litteraturas pouco se conheceram, e a lingua castelhana só em Latino Coelho, mestre da prosa portuguesa, teve ainda um cultor de vulto.

Lisboa, 24 de Setembro de 1919.

ADDENDA

Só por lapso não mencionámos a pags. 45-46 deste livro, quando nos referimos a Francisco de Hollanda, o *Diccionario historico e documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores portugueses ou a serviço de Portugal,* de Sousa Viterbo, Lisboa, 1899-1904, em cujo 2.º vol., a pag. 8-20, se inserem 24 documentos sobre Hollanda e sua familia, em grande parte desconhecidos ou pela primeira vez publicados. Viterbo não fez na sua importante obra resenha biographica de Hollanda, porque projectava elaborar uma monographia especial sobre elle, designio que não chegou a realizar.

INDICE

	Pags.
Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses	7
Marcellino Mesquita	81
José Enrique Rodó	101
Mr. Edgar Prestage	133
Noção de sociologia	141
O thema do «Quixote» na litteratura portuguesa do seculo XVIII	155
Resposta a um inquerito litterario	165
Discurso de posse no Instituto Historico e Geographico Brasileiro	175
Discurso de posse na Faculdade de Philosophia e Letras do Rio de Janeiro	185
Quero!, de Candido Ferreira (Prefacio)	189
Sobre jornalismo	193
Dois projectos	203
Garrett e a educação feminina	219
D. Maria Amalia Vaz de Carvalho	225
Saudosismo e integralismo	229
Cultura portuguesa contemporanea	233
Introducção a uma anthologia castelhana de litteratura portuguesa	239
Addenda	254

University of Toronto
Library

DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Rel. Index File"
Made by LIBRARY BUREAU